



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Departamento de Letras e Artes
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS - MEL

GIRLEIDE RIBEIRO SANTOS CUNHA

**EFEITOS DE ANTAGONISMO E RESISTÊNCIA NO ESPAÇO DAS
REDES DIGITAIS: AS TENSÕES SUBJETIVAS DOS DISCURSOS
POLÍTICOS A PARTIR DO MOVIMENTO #ELENÃO NAS HASHTAGS
DO TWITTER**

**Feira de Santana, BA
2024**

GIRLEIDE RIBEIRO SANTOS CUNHA

**EFEITOS DE ANTAGONISMO E RESISTÊNCIA NO ESPAÇO DAS
REDES DIGITAIS: AS TENSÕES SUBJETIVAS DOS DISCURSOS
POLÍTICOS A PARTIR DO MOVIMENTO *#ELENÃO* NAS *HASHTAGS*
DO TWITTER**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para o grau de Doutora em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez

**Feira de Santana, BA
2024**

GIRLEIDE RIBEIRO SANTOS CUNHA

EFEITOS DE ANTAGONISMO E RESISTÊNCIA NO ESPAÇO DAS REDES DIGITAIS: AS
TENSÕES SUBJETIVAS DOS DISCURSOS POLÍTICOS A PARTIR DO MOVIMENTO
#ELENÃO NAS HASHTAGS DO TWITTER

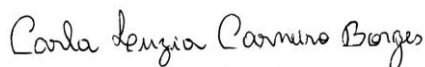
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para o grau de Doutora em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Feira de Santana, Bahia, 27 de março de 2024

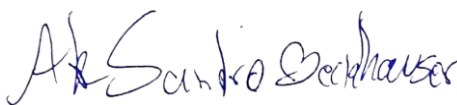
Banca Examinadora:



Orientadora: Profa. Dra. Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)



Profa. Dra. Carla Luzia Carneiro Borges
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)



Prof. Dr. Aleksandro Beckhauser
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)



Prof. Dr. André Luis Gaspari Madureira
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)



Prof. Dr. Gilberto Sobral
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Cunha, Girleide Ribeiro Santos
C978e Efeitos de antagonismo e resistência no espaço das redes digitais: as tensões subjetivas dos discursos políticos a partir do movimento #EleNão nas hashtags do Twitter / Girleide Ribeiro Santos Cunha. – 2024.
204 f.: il.

Orientadora: Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Feira de Santana,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2024.

1. Discurso político. 2. Hashtag #EleNão. 3. Twitter. 4. Antagonismo.
5. Resistência. I. Título. II. Alvarez, Palmira Virgínia Bahia Heine, orient.
III. Universidade Estadual de Feira de Santana.

CDU 801

Dedico este trabalho, *in memoriam*, aos meus pais, Edenice e José, pelo amor incondicional, pelo privilégio de ter tido pessoas incríveis na base de minha existência. Amor eterno.


LINHA DO TEMPO DE #AGRADECIMENTOS

Publicações Respostas Destaques Mídia

 **Girleide** @Gi_Ribeirooo · 1s


A minha Mamady, que , apesar de todo cerceamento vivido , nos ensinou a ousar romper as fronteiras
A minha Mamady , meu amor eterno .
" Se queres partir ,ir embora
Me olha de onde estiver ..."
[#Amoreterno](#) [#admiração](#)

🗨️ ↻ ❤️ 📊 📌 🔗

 **Girleide** @Gi_Ribeirooo · 3d


Aos professores e coordenação do Programa de Pós graduação em Estudos Linguísticos, pelo aprendizado e suporte para que esta pesquisa fosse realizada .
[#Gratidão](#)

🗨️ ↻ ❤️ 📊 9 📌 🔗

 **Girleide** @Gi_Ribeirooo · 3d

A Palmira Heine , pela orientação, pelo trabalho cuidadoso , pelas indicações, por toda paciência, pelos (re) direcionamentos em todo processo da pesquisa .
[#Gratidão](#)

🗨️ ↻ ❤️ 📊 10 📌 🔗


 **Girleide**
@Gi_Ribeirooo







A banca de qualificação formada pelos professores Carla Luzia , Gilberto Sobral e André Gaspari, pelas valorosas contribuições para a pesquisa .
[#Gratidão](#)


23:59 · 24 fev. 24 · 9 Visualizações

📊 Ver atividade do post

🗨️ ↻ ❤️ 📌 🔗

 **Girleide** @Gi_Ribeirooo · 3d
Ao Colegiado de Letras na Uneb , pelo apoio,
pelo suporte para que esse percurso fosse
possível.
[#Gratidão](#)

    35  

 **Girleide** @Gi_Ribeirooo · 3d
Ao professor Antenor Rita Gomes , pela
generosidade em nos ajudar a encontrar /
desencontrar os caminhos , nos
inquietaando nessa busca .
[#Gratidão](#) [#Admiração](#)

 **Girleide** @Gi_Ribeirooo · 2d
A Davi , meu colega de trabalho da Uneb ,
por todos os momentos a mim doados para
auxílio na construção do Projeto e, durante a
trajetória da pesquisa .
[#Gratidão](#) [#Admiração](#)


   2  40  

 **Girleide** @Gi_Ribeirooo · 4d
A Juliana da Silveira , pelo apoio , pelas
indicações de leituras, pelas discussões a
respeito de mídia, discurso e politica . Pelo
acolhimento receptividade , simplicidade .
[#Gratidão](#) [#inspiração](#)







   1  12  

 **Girleide** @Gi_Ribeirooo · 4s
A minha ex-aluna Sara , pelo carinho , pelo
apoio em vários momentos de sufoco
durante os trabalhos .
[#carinho](#) [#gratidão](#) [#afeto](#)

 **Girleide** @Gi_Ribeirooo · 5s

Aos Grupos de Prsquisa GEPEAD(UDFS)
CULT-VI (UNEB), DIFEBA / GEAD (UNEB) ,
pelas possibilidades nascidas a partir dos
trabalhos desenvolvido pelos grupos .
[#GRATIDÃO](#) [#INQUIETAÇÃO](#)

Publicações Respostas Destaques Mídia

 **Girleide** @Gi_Ribeirooo · 0s

A minha amiga e colega de trabalho ,
Belinda , pelo apoio em momentos difíceis
que me ajudaram a trilhar nessa
andarilhagem do doutorado e, da vida .
[#Gratidão](#) [#Carinho](#) [#Respeito](#)

Publicações Respostas Destaques Mídia

 **Girleide** @Gi_Ribeirooo · 1s

A tarciano , meu amor, meu parceiro , pelo
apoio , companheirismo , pelo modo como
nos constituímos nessa caminhada , pela
família construída juntos.
[#Amor](#) [#Respeito](#) [#companheirismo](#)

 **Girleide** @Gi_Ribeirooo · 3d

A minha grande família, pela torcida de
sempre , pelo desafio de nos mantermos
nessa unidade , pelo amor que nos mantém.
[#Amor](#) [#Gratidao](#)

 1   1  19  

Publicações

Respostas

Destaques

Mídia



Girleide @Gi_Ribeirooo · 1s

A minha filha , Marjiore , minha parceira de todos os momentos , somos juntas , a metade que nos falta . Somos a profecia de Mamady, companheiras para sempre .
[#teamo](#) [#gratidão](#) [#admiração](#)



Girleide @Gi_Ribeirooo · 14min

A meu filho , Luquinhas , esse homem determinado naquilo que deseja , meu advogado lindo , que nos enche de orgulho !
[#teamo](#) [#admiração](#)



Girleide @Gi_Ribeirooo · 18min

A meu filhote , Gui , meu menininho , dono de um coração gigante , que nos ensina todos os dias lições de amor , respeito, humildade .
[#teamo](#) [#inspiração](#)



Girleide @Gi_Ribeirooo · 1s

As minhas sobrinhas , Ingrid , Paula e Ludmila , por nossas conversas que nos movem em direção a (re) existência enquanto mulheres , numa sociedade que insiste em silenciar nossas vozes na construção de nossas próprias histórias.
[#Amor](#) [#admiração](#) [#feminismos](#)





Girleide @Gi_Ribeirooo · 11s



A família Piemonte, representada pelos coachs Luddy e Max , pelos momentos de treino que me auxiliaram na renovação das forças para seguir no trabalho , sobretudo , seguir na vida .

[#Gratidão](#) [#Renovação](#)



CUNHA, Girleide Ribeiro Santos. **Efeitos de antagonismo e resistência no espaço das redes digitais: as tensões subjetivas dos discursos políticos a partir da hashtag #EleNão do Twitter.** 2024. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, 2024.

RESUMO

Esta tese tematiza o funcionamento discursivo da *hashtag* #EleNão a partir de discursos políticos em circulação no Twitter. Parte-se da consideração de que a circulação da *hashtag*, sobretudo em contextos eleitorais, permite a construção de um cenário político antagônico em um mesmo espaço de circulação, a partir dos quais é possível descrever os modos de divisão social – neste caso, especificamente, relacionado ao lugar destinado à mulher numa sociedade marcada por ideologias conservadoras. Investiga-se os deslocamentos que os sujeitos usuários comuns (mulheres) produzem a partir de sua participação na formulação e circulação das *hashtags* políticas do Twitter, espaço no qual o discurso político desses sujeitos passa a ser midiaticizado. A análise inicia-se a partir do acompanhamento da circulação da *hashtag* #EleNão e similares em oposição à candidatura e ao posterior governo presidencial de Jair Messias Bolsonaro, algumas das quais fizeram parte dos *Trending Topics* (assuntos do momento) no Twitter, em diferentes períodos dos anos de 2018 a 2022, que permitiu a construção de materialidades com base nas postagens e comentários dessas *hashtags* políticas. A observação do movimento das mulheres a partir da *hashtag* #EleNão realiza-se pelo batimento constante entre teoria-análise-teoria, a partir do qual foram construídas as seções enquanto espaços teórico-analíticos que constituem o *corpus* da pesquisa. Cada seção teórico-analítica diz respeito a um momento singular da reflexão sobre a dimensão discursiva da *hashtag* #EleNão, em um percurso que se realiza a partir da retomada das discussões que elucidam a relação entre discurso e informática empreendidas pelo teórico francês Michel Pêcheux e seu grupo de pesquisadores – cujas formulações e conceitos servem de base para esta pesquisa – e tem por objetivo final a articulação entre as noções e conceitos da Análise de Discurso de base pêcheutiana com o desenvolvimento dos ambientes informáticos, mais especificamente com o funcionamento político da *hashtag* #EleNão no Twitter. Durante as seções teórico-analíticas, analisa-se os efeitos na relação linguagem/sujeito/mundo a partir do funcionamento do digital, busca-se trazer para reflexão as várias possibilidades de expressão que os espaços disponibilizados pela internet fizeram emergir, proporcionando nova forma de organização de coletivos, tomando nesta pesquisa o Twitter como este espaço de enunciação dos sujeitos que utilizam a *hashtag* política como elemento de resistência. Analisa-se a luta histórica das mulheres na busca por igualdade de direitos na ocupação de espaços sociais e políticos. Aborda-se questões relacionadas ao espaço das redes sociais digitais, a construção dos sujeitos e dos sentidos no movimento que se estabelece a partir do encontro entre perfis e pessoas, entre as ruas e as telas. Discute-se, portanto, como estes perfis/corpos são constituídos através de perfis digitais nos quais se constituem as subjetividades *online*, e no âmbito real, fora do digital e deslizam através da *hashtag* #EleNão. Propõe-se, tomando para a cena, nuances das disputas

políticas em torno das *hashtags* no Twitter, *#EleNão* e similares, em oposição a Jair Messias Bolsonaro e, a *hashtag* *#EleSim* e similares, em apoio a Jair Messias Bolsonaro durante as eleições presidenciais de 2018 e no período de seu governo, a partir da mobilização do dispositivo analítico, delineado pelo recorte do corpus, a saber: o antagonismo. Durante todo o percurso do trabalho identificamos formas de lutas, de resistência das mulheres aos discursos que aprisionam, controlam, cerceiam seus corpos, sustentados por aparelhos ideológicos que “dizem” o que é ser mulher. Dessa forma, compreendemos o discurso feminista como a falha que produz rupturas com o discurso estabilizado que a define sob o olhar patriarcal, promovendo mudanças, ressignificações, capazes de perturbar a memória, produzindo novas redes de sentidos através da resistência e antagonismo.

Palavras-chave: Discurso político. *Hashtag* *#EleNão*. Twitter. Antagonismo. Resistência

CUNHA, Girleide Ribeiro Santos. **Effects of antagonism and resistance in the space of digital networks: The subjective tensions of political discourses based on the Twitter hashtag #EleNã**o. 2024. Thesis (Doctorate in Linguistic Studies) - State University of Feira de Santana - UEFS, 2024.

ABSTRACT

This thesis discusses the discursive functioning of the *hashtag* #EleNão based on political discourses circulating on Twitter. It starts from the consideration that the circulation of the hashtag, especially in electoral contexts, allows for the construction of an antagonistic political scenario in the same space of circulation, from which it is possible to describe the modes of social division, in this case specifically related to the place assigned to women in a society marked by conservative ideologies. It investigates the displacements that ordinary users (women) produce through their participation in the formulation and circulation of political hashtags on Twitter, a space in which their political discourse becomes mediatized. The analysis begins by monitoring the circulation of the *hashtag* #EleNão and similar hashtags in opposition to the candidacy and subsequent presidential administration of Jair Messias Bolsonaro, some of which were part of the Trending Topics on Twitter in different periods from 2018 to 2022, which allowed the construction of materialities based on the posts and comments of these political hashtags. The observation of the women's movement based on the hashtag #EleNão takes place through the constant beat between theory-analysis-theory, from which the sections were built as theoretical-analytical spaces that make up the corpus of the research. Each theoretical-analytical section refers to a singular moment of reflection on the discursive dimension of the hashtag #EleNão, in a journey that starts by revisiting the discussions that elucidate the relationship between discourse and information technology undertaken by the French theorist Michel Pêcheux and his group of researchers - whose formulations and concepts serve as the basis for this research - and whose ultimate goal is to articulate the notions and concepts of Pêcheuxian Discourse Analysis with the development of information technology environments, more specifically with the political functioning of the #EleNão hashtag on Twitter. During the theoretical-analytical sections, the effects on the relationship between language/subject/world are analyzed based on the functioning of the digital world, seeking to bring to reflection the various possibilities for expression that the spaces made available by the internet have brought about, providing a new way of organizing collectives, taking Twitter in this research as this space of enunciation for subjects who use the political hashtag as an element of resistance. The historical struggle of women in the search for equal rights in the occupation of social and political spaces is analyzed. It addresses issues related to the space of digital social networks, the construction of subjects and meanings in the movement that is established from the encounter between profiles and people, between the streets and the screens. It therefore discusses how these profiles / bodies are constituted through digital profiles in which subjectivities are constituted online, and in the real sphere, outside of digital and sliding through the *hashtag* #EleNão. It is proposed that nuances of the political disputes around the Twitter *hashtags* #EleNão and similar, in opposition to Jair Messias Bolsonaro, and the hashtag #EleSim and similar, in support of Jair Messias Bolsonaro during the 2018 presidential elections and during his government, be taken into account, based on the mobilization of the analytical devices outlined by the corpus, namely: antagonism. Throughout this work, we have identified forms of struggle, of resistance by women to the discourses that imprison, control and restrict their bodies, sustained by ideological apparatuses that “say” what it is to be a woman. In this way, we understand the feminist discourse as the flaw that produces ruptures with the stabilized discourse that defines it under the

patriarchal gaze, promoting changes, re-significations, capable of disturbing memory, producing new networks of meanings through resistance and antagonism.

Keywords: Political discourse. *Hashtag #EleNã*o. Twitter. Antagonism. Resistance

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Logo da rede social X	42
Figura 2 – <i>Print</i> de tuíte recortado em 2018	48
Figura 3 – <i>Print</i> de tuíte recortado em 2018 (II)	49
Figura 4 – Movimento na rua contra Bolsonaro em 2018	53
Figura 5 – <i>Print</i> de tuíte: manifestações contra o presidente Jair Messias Bolsonaro	67
Figura 6 – <i>Print</i> da imagem da Audiência pública CDHM e CMULHER	71
Figura 7 – <i>Print</i> da Marcha das Mulheres Indígenas	73
Figura 8 – #EleNão em 1º lugar nos <i>Trending Topics</i>	78
Figura 9 – <i>Print</i> de tuíte de hashtags contra Bolsonaro em 2018	80
Figura 10 – Grafo de representação do movimento #EleNão 2018	80
Figura 11 – Representação dos grupos em mobilização das redes	81
Figuras 12 e 13 – <i>Print</i> da imagem: manifestação das mulheres durante o Movimento #EleNão das ruas para as redes	83
Figura 14 – Perfil oficial de Jean Wyllys no Twitter	86
Figura 15 – <i>Print</i> de tuíte de usuário comum no Twitter	86
Figura 16 – <i>Print</i> de tuíte de usuário comum (II)	86
Figura 17 – <i>Print</i> de tuíte de usuário comum (III)	87
Figura 18 – Imagem do Movimento de mulheres nas ruas das cidades brasileiras	88
Figura 19 – <i>Print</i> de tuíte do perfil oficial @ManuelaDavila	90
Figura 20 – <i>Print</i> de tuíte da imagem da Campanha Presidencial de 1989	91
Figura 21 – Quantificação e mapeamento dos processos de interação no Twitter	98
Figura 22 – Quantificação e mapeamento dos processos de interação no Twitter (II)	98
Figura 23 – <i>Print</i> da imagem de tuíte na página oficial de Jair Bolsonaro	99
Figura 24 – <i>Print</i> da interação de um sujeito usuário comum com a postagem oficial de Bolsonaro	100
Figura 25 – Visualização das diferentes práticas da comunicação digital interativa	102
Figura 26 – <i>Print</i> da página do perfil da autora no Twitter	106
Figura 27 – Ícones do Twitter	106
Figura 28 – Imagem recortada das notícias do UOL	108

Figura 29 – <i>Print</i> da imagem do tuíte baseado na <i>hashtag</i> #EleNão: Bolsonaro, as mulheres vão te derrubar!	116
Figura 30 – <i>Print</i> da interação de um sujeito usuário comum com a postagem da página @MidiaNINJA	117
Figura 31 – <i>Print</i> da interação de um sujeito usuário comum com a postagem da página @MidiaNINJA (II)	117
Figura 32 – <i>Print</i> da imagem do tuíte com trecho da entrevista concedida ao Portal Zero Hora	119
Figura 33 – <i>Print</i> da montagem feita com a imagem da presidente Dilma Rousseff	125
Figura 34 – <i>Print</i> da imagem capturada do Twitter: Recado das empoderadas	132
Figura 35 – Demonstrativos da evolução do movimento da <i>hashtag</i> #EleNão	140
Figura 36 – Menções às <i>hashtags</i> contra Bolsonaro	141
Figura 37 – Grafo demonstrativo de batalha de <i>hashtags</i> políticas	142
Figura 38 – <i>Print</i> da página oficial Mulheres Unidas Contra Bolsonaro - MUCB, no Twitter	146
Figura 39 – <i>Hashtag</i> #MulheresContraBolsonaro ocupa lista de <i>Trending Topics</i>	147
Figura 40 – Demonstrativo <i>Trending Topics</i> mundial	148
Figura 41 – Demonstrativo <i>Trending Topics</i> no Brasil	148
Figura 42 – Principais declarações sobre a mulher feitas por Jair Bolsonaro que circularam nas redes	150
Figura 43 – Imagem da página oficial Mulheres com Bolsonaro no Twitter	156
Figura 44 – Recorte da postagem de um usuário comum no Twitter a partir da <i>hashtag</i> #EleSim	158
Figura 45 – Recorte da postagem de um usuário comum no Twitter a partir da <i>hashtag</i> #EleSim	158
Figura 46 – Recorte da postagem feita por um usuário comum na página oficial Mulheres com Bolsonaro	159
Figura 47 – Interação dos usuários comuns na página de apoio a Bolsonaro	160
Figura 48 – Recorte da postagem feita por um usuário comum na página oficial Mulheres com Bolsonaro	161
Figura 49 – Recorte da postagem feita por um usuário comum na página oficial Mulheres com Bolsonaro (II)	161

Figura 50 – Recorte da postagem feita por um usuário comum na página oficial Mulheres com Bolsonaro (III)	161
Figura 51 – Recorte da postagem feita por um usuário comum na página oficial Mulheres com Bolsonaro (IV)	163
Figura 52 – Análise de enunciados entre posição-sujeito antifeminista e feminista	164
Figura 53 – Recorte da postagem feita por um usuário comum na página oficial Mulheres com Bolsonaro (V)	166
Figura 54 – Recorte da postagem feita por um usuário comum na página oficial Mulheres Unidas contra Bolsonaro	168
Figura 55 – Recorte da postagem feita por um usuário comum tomando a <i>hashtag</i> #EleNão	169
Figura 56 – <i>Print</i> da imagem da postagem de um usuário comum a partir da <i>hashtag</i> #EleNão	172
Figura 57 – <i>Print</i> da imagem da postagem de um usuário comum a partir da <i>hashtag</i> #EleNão (II)	174
Figura 58 – <i>Print</i> da imagem da postagem de um usuário comum a partir da <i>hashtag</i> #EleNão (III)	176
Figura 59 – <i>Print</i> da imagem da postagem de um usuário comum a partir da <i>hashtag</i> #EleNão (IV)	179
Figura 60 – Recorte a partir de imagens que cotejam discursos entre #EleNão e #EleSim	181
Figura 61 – Recorte da postagem feita por um usuário comum na página oficial Mulheres com Bolsonaro (V)	183
Figura 62 – Recorte a partir de imagens que cotejam discursos entre #EleNão e #EleSim (II) ...	185
Figuras 63 e 64 – Recortes a partir de imagens que cotejam discursos entre #EleNão e #EleSim (III)	189

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Análise de tuítes relacionados ao movimento de mulheres contra Bolsonaro	51
Quadro 2 – Quadro comparativo de duas versões da música <i>Mulheres</i>	134

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	20
1. DISCURSO E ESPAÇOS DIGITAIS: EFEITOS NA RELAÇÃO LINGUAGEM-SUJEITO-MUNDO	29
1.1 O Twitter como espaço de enunciação dos sujeitos na luta pelos sentidos	36
1.1.1 O ativismo digital no Twitter: entre os discursos políticos midiáticos e os discursos femininos na militância política	40
1.1.2 A <i>hashtag</i> política como elemento de resistência nos processos discursivos	44
2. ELAS SIM, #ELE NÃO: MARCHAS DISCURSIVAS RUMO AO MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA	53
2.1 A resistência esboçando-se no movimento político	58
2.2 Mulheres e resistência: gênero, sexo e movimento político	60
3. O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO #ELENÃO: MOVIMENTO CIRCULAR ENTRE AS REDES E A RUA, ENTRE A MEMÓRIA E A ATUALIDADE	77
3.1 Quem falou primeiro fui eu: o Twitter e suas diferentes dimensões discursivas	97
3.2 O Twitter e seus elementos comunicacionais e discursivos	104
3.3 O feminino entre o <i>online</i> e o <i>off-line</i> a partir da <i>hashtag</i> #ELeção: corpos discursivizados em movimento.....	109
3.3.1 Corposujeito ou corpo do sujeito em circulação nas redes?	110
3.3.2 Corpos violados: o feminino e a tecnologia	114
4. PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DAS <i>HASHTAGS</i> POLÍTICAS NO CONTEXTO ELEITORAL DE 2018	128
4.1 Observações sobre o discurso político feminino no Twitter	129

5. INTERVALO TEÓRICO-METODOLÓGICO E ANALÍTICO: ANÁLISE DE HASHTAGS POLÍTICAS EM CIRCULAÇÃO NAS ELEIÇÕES DE 2018 E SUA RELAÇÃO COM MOVIMENTO <i>ELE NÃO</i>	144
5.1 O antagonismo e resistência como dispositivo de análise das <i>hashtags</i> políticas	152
5.1.2 Sou mulher feminina #EleSim, #MulheresComBolsonaro	156
5.1.3 Sou mulher feminista #EleNão, #MulheresUnidasContra Bolsonaro	167
5.1.4 Cotejando discursos: a constituição da feminilidade entre o #EleNão e o #EleSim	180
CONSIDERAÇÕES FINAIS	193
REFERÊNCIAS	199

INTRODUÇÃO

O discurso feminista e sua relação com o político sempre despertaram meu interesse. Diante de um cenário social de constantes transformações, a luta das mulheres se fez/faz incansável, já que precisa resistir a todo tempo às formas de coerção a que é submetida na sociedade. Propus, então, alguns trabalhos relacionados às questões que tomavam o discurso na perspectiva do feminino e da política. Em 2012, como membro do grupo de pesquisa Cultura Visual, Educação e Linguagens na Universidade do Estado da Bahia-UNEB – Cult-vi, idealizei o projeto de pesquisa **Imagem, discurso e identidade da mulher sertaneja**, que objetivava trazer à tona questões relacionadas aos discursos que veiculavam nas mídias sobre mulher e sertão, e tinha como lócus de investigação, em razão de seu caráter político, o Movimento de Mulheres de Jacobina, uma associação fundada na década de 1980. Não foi possível dar seguimento à proposta de pesquisa, pois, naquele período, por questões administrativas, a Associação fechou as portas. Vale ressaltar que, em momento oportuno, retomarei a proposta para realização da pesquisa, mas certamente serão outros modos de indagação que irão permear esta proposta, em razão de outras inquietações que surgem durante a caminhada enquanto pesquisadora.

Em 2014, conheci um grupo de mulheres que fazem parte da Associação das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu, oriundas de um povoado de Jacobina - BA. Nasce, a partir do conhecimento dessa Associação, o projeto de pesquisa que fora desenvolvido durante o mestrado. As quebradeiras de coco babaçu ficaram conhecidas através de uma reportagem propagada pela mídia tradicional¹ que focava no produto (coco babaçu) no seu aspecto mais pitoresco, silenciando o elemento humano, complexo, os sujeitos, suas histórias, suas origens. Havia ali, a meu ver, o apagamento do sujeito – não coincidentemente, o sujeito mulher.

Ainda no mestrado, durante a participação em um congresso AledBrasil em São Carlos, em 2014, muito me chamou atenção o fato de que, durante a apresentação dos trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores presentes no evento, por muitas vezes foram trazidas para a cena de discussão propostas de pesquisa que acenavam para a figura da então presidente e candidata à reeleição Dilma Rousseff. Os discursos que circulavam apontando para a relação mulher e política e/ou mulher na política passaram a fazer parte de um caminho que fora seguido mais tarde.

¹ Por mídia tradicional entendo os veículos midiáticos de radiodifusão, como: canais de televisão, rádios, jornais impressos.

Importante salientar que, com o crescimento das mídias sociais digitais, percebeu-se que cada vez mais pessoas dos mais variados lugares e das mais variadas classes sociais passaram a compor uma discursividade da/sobre a política nos ambientes digitais. A ampliação dessas relações foi ganhando mais espaço, se fortalecendo no Brasil desde as eleições de 2010, nos protestos ocorridos em 2013, alinhados de forma massiva pelas mídias sociais e digitais, as eleições de 2014, até as eleições de 2018, que pareceu atingir seu ápice no uso desses espaços e que culminaram na realização de vários trabalhos relacionados ao tema. Surge, dessa forma, o princípio de uma trajetória que aponta para uma escuta dessa relação entre mulher, política e mídias sociais digitais.

Após conclusão do mestrado, em 2016, retorno para a universidade, para as atividades da docência, e desde então faço também parte do grupo de pesquisa Difeba, ligado ao Mped – Mestrado Profissional em Educação e Diversidade pela Universidade Estadual da Bahia. Como membro do Difeba, passei a coordenar um grupo de estudos em análise de discurso GEAD. As atividades realizadas pelo grupo foram muito significativas, pois tivemos a oportunidade de dialogar com vários pesquisadores em Análise do Discurso, a exemplo do professor Rodrigo Fonseca, da UFSB, e da minha orientadora no doutorado, a professora Palmira Heine (UEFS), dentre outros, que muito contribuíram para a realização de trabalhos de pesquisas.

Lecionei na graduação, em 2018, a disciplina Texto e discurso, e passamos a discutir várias questões ligadas à efervescência política vivida no país e a relação com as mídias sociais e digitais. Propus trabalhos que estivessem relacionados à circulação dos discursos a partir desse cenário. Com base na proposta, passei a acompanhar as pesquisas desenvolvidas pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo, que teve como idealizador o professor do Departamento de Comunicação Social Fábio Malini, em razão de dispor de muitos trabalhos sobre dados em redes sociais no intuito de identificar controvérsias políticas. Para tanto, conta com um acervo digital dos principais movimentos sociais ocorridos no Brasil e no mundo desde 2012.

A proposta culminou na produção de artigos socializados no final da disciplina pelos estudantes e numa inquietação para mim. Passei a realizar buscas por trabalhos que abordassem as questões relacionadas a mídias sociais e política. Foi em uma dessas buscas que encontrei a tese de Juliana da Silveira, professora do programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL-UNISUL). Não encontrei somente a tese da professora; encontrei a professora através da rede social

Twitter, hoje X, e tive a oportunidade de discutir com ela questões que foram de valor indubitável para que minha proposta de pesquisa do doutorado se tornasse possível.

Ingressei no doutorado em 2020, e no mesmo ano vivemos a crise sanitária da covid-19, que nos fez ressignificar nossas formas de convivência, nos fez ressignificar a vida, no intento de preservá-la. A pandemia nos impediu de mantermos as atividades presencialmente, o que nos fez sentir muito em razão da impossibilidade de estarmos juntos, porém, possibilitou que nos encontrássemos de forma remota – antes, praticamente desconsiderada para muitas práticas. Foi através dessa nova formatação que tive a oportunidade de conhecer (*online*) vários pesquisadores e pesquisadoras em atividades de grupo de estudo, cursos, congressos. Dentre essas atividades, destaco o curso Máquinas Digitais, que muito contribuiu para pensar sobre as *hashtags*, a ideologia e discurso no espaço digital.

O grupo de pesquisa Gepead – coordenado pela professora Palmira Heine –, do qual faço parte, realizou trabalhos de muita relevância para os doutorandos e mestrandos, com a participação de pesquisadores de várias partes do país com temáticas que dialogavam com as propostas de pesquisa do grupo. Mais uma vez, o aspecto remoto possibilitou essa aproximação à distância.

A partir desses diálogos estabelecidos passei a observar como o crescimento dessas mídias – e, com ele, a inscrição cada vez maior de sujeitos usuários comuns – instaurou, nas redes, uma ampliação das relações estabelecidas entre esses sujeitos usuários comuns e os sujeitos políticos-midiáticos. Observei também o funcionamento discursivo do Twitter e, ainda, o modo como as *hashtags* vinham tecendo relações estreitas entre a rede e a rua. Com o ápice e efervescência política para a campanha presidencial em 2018, chamou muito a atenção o lugar que as mulheres ocuparam nesses espaços das redes e das ruas através de ações políticas de contradição aos pronunciamentos de Jair Bolsonaro – na época, um dos candidatos ao pleito –, utilizando-se da *hashtag* #EleNão como elemento agregador de coletivos. As questões relacionadas a redes sociais, mulher e política passaram a fazer parte de minha caminhada de doutoramento e, claro, esta caminhada fez um percurso cheio de desvios, de reformulações, de atalhos de idas e vindas, mas ao final me trouxe até a construção da tese. O meu interesse era pensar a partir do movimento da *hashtag* #EleNão e de seus desdobramentos, os efeitos de sentidos sobre a mulher em materialidades verbais e imagéticas a partir de discursos de antagonismo e resistência e a relação estabelecida com a memória e o esquecimento partindo do processo de subjetivação do sujeito e as movências do dizer.

A importância da *hashtag* se estabelece no trabalho em razão de seu funcionamento tanto do ponto de vista da técnica como também enquanto marca linguística, própria das discursividades *online* que servem de guia para investigação de determinadas regularidades nos discursos. As *hashtags* são dimensões discursivas do Twitter, uma vez que extrapolam o uso individual e estabelecem uma relação singular do sujeito com a língua produzindo sentidos. Reconhecer a *hashtag* política como elemento gerador de sentidos ligados a posições-sujeito permite compreendê-la como um fato da língua, sujeita à falha e ao equívoco, mas também como um fato de discurso que se textualiza em tais condições de produção (Silveira, 2015).

A discussão aqui se situa no contexto mais geral das dimensões políticas, considerando o cenário que fora instaurado no período das eleições presidenciais, o qual está marcado por discursos que enunciam uma polarização (esquerda/direita), estabelecidos por uma arena discursiva. Desse modo, busca-se compreender as transformações que as mídias sociais digitais têm produzido na sociedade contemporânea em meio a esses espaços.

Os espaços de tensão são identificados pela linguagem, pois, como define Lagazzi (1988, p. 23): “Pela linguagem, somos obrigados a nos dizer, a nos identificar. A obrigação de falar é muito forte e só temos o direito de calar quando a palavra nos é recusada ou retirada”. E é esse espaço de fala que nos interessa por apresentar o funcionamento discursivo do Twitter, e o modo como as *hashtags* relacionadas ao movimento *#EleNão* tecem relações entre a tela e o espaço das ruas, considerando o modo como a mulher foi significada entre o espaço público e privado e que assumem novos contornos no contexto da história. O que equivale a dizer que as discussões políticas vão além dos encontros em bares ou mesmo familiares, ganham o mundo através das mídias.

Com base nestas constatações, faz-se necessário indagar sobre de que maneira o estudo dos sentidos em relação à mulher, mobilizados pelo uso das *hashtags* no Twitter baseado no movimento de mulheres *#EleNão*, pode contribuir para uma compreensão da relação que se estabelece entre o sujeito comum, agora também presente nas telas, com os discursos de dominação relacionados à representação da mulher na política. Em que medida esse movimento promove um discurso de resistência e em que medida promove um discurso de dominação? Os movimentos de transformação e resistência se dão a partir dos sujeitos dos discursos, porém, é importante pontuar que o sujeito é produto de uma identificação, de um direcionamento de sentidos no campo dos discursos, a partir de sua inserção nas regularidades e paráfrases das formações discursivas que o

constituem enquanto sujeito. Na medida em que os indivíduos vão sendo socializados, vão se assujeitando a esse direcionamento de sentidos, que não necessariamente formam um todo harmônico e fechado, por isso um indivíduo se subjetiva, ou pode se subjetivar de formas diferentes em diferentes campos do discurso.

Nesse contexto, a tese que busco defender é a de que a *hashtag*, enquanto instrumento tecnodiscursivo e que agrega coletivos, mediatiza o discurso dos sujeitos internautas comuns. Nessa proposta, o sujeito mulher, através da *hashtag* #EleNão, produz deslocamentos significativos, através dos movimentos de antagonismo e resistência, para o campo político-midiático nas conjunturas atuais, sobretudo pela tensão que se estabelece com os campos da política e das mídias tradicionais.

Com o intuito de cumprir com os objetivos propostos para este trabalho, acompanhei o Twitter durante o período da campanha presidencial em 2018, período das eleições e o período de governo de Jair Bolsonaro. A partir desse monitoramento, selecionei tuítes relacionados ao movimento da *hashtag* #EleNão e outras *hashtags* relacionadas ao movimento; além disso, selecionamos algumas páginas do Twitter também formadas em oposição ao governo. Foram ainda mobilizados movimentos de apoio a Bolsonaro tomados pela *hashtag* #EleSim e a página Mulheres com Bolsonaro, no intento de elucidar as ebulições antagônicas marcadas por esse confronto.

A observação do *corpus* construído realiza-se a partir do batimento entre teoria-análise-teoria com base na qual foram elaboradas as diferentes seções deste trabalho e que são frutos dessa reflexão.

Na seção 1, intitulada **Discurso e espaços digitais: efeitos na relação linguagem-sujeito-mundo**, buscamos trazer para reflexão as várias possibilidades de expressão que os espaços disponibilizados pela internet fizeram emergir, proporcionando nova forma de organização de coletivos, tomando nesta pesquisa o Twitter como este espaço de enunciação dos sujeitos que utilizam a *hashtag* política como elemento de resistência. Segundo Dias (2018), o digital se formula, se constitui através da circulação, do compartilhamento, dos comentários, postagens, *hashtags*, ou seja, o discurso digital é formulado na circulação e no uso da língua nos diferentes contextos digitais. Trazemos os conceitos de Pêcheux para discutir as questões relacionadas à linguagem, ao discurso, ao sujeito e às suas formas de subjetivação, além do conceito de memória como proposto por Courtine (1999) – relacionada ao social, ao histórico, instituído como espaço de dizeres que são retomados e atualizados no fio do discurso, em que, ao formular um dizer,

o sujeito retoma ou esquece e silencia outros discursos já constituídos. A partir dessa formulação, trazemos para o cenário de discussões uma reflexão acerca da relação entre o sujeito e o social a partir do digital. Para ampliar esse universo, destacamos a relevância de discutir uma análise de discurso digital com base nos dispositivos metodológicos e teóricos para os discursos nativos da internet criados por Paveau (2021). Dessa relação do sujeito com o social destaca-se o ativismo digital – ou o ciberativismo –, um engajamento político presente nesse espaço digital ou ciberespaço, como forma de luta contra processos de opressão. Assim ocorre com os deslocamentos mediante as ações feministas, que, com o ativismo digital, geram o ciberfeminismo, alinhando elementos das tecnologias digitais às manifestações de seus pleitos, tomando nesta pesquisa a luta das mulheres a partir da *hashtag* #EleNão.

Na seção 2, cujo título **Elas sim, #EleNão: marchas discursivas rumo ao movimento de resistência** remete à luta histórica das mulheres em busca de igualdade de direitos na ocupação dos espaços sociais e políticos, diz respeito a uma proposta de análise relacionada aos movimentos de mulheres que estabelecem uma cena de interlocução, pois se reconhecem enquanto interlocutoras no processo de luta social. “Elas sim” refere-se tanto ao movimento #EleNão como também à II Marcha das Mulheres Indígenas, ocorrida em 2021 – ambos protagonizados por mulheres que transitam entre as redes e as ruas manifestando atos de antagonismo e resistência. Trazemos para a discussão questões relacionadas ao feminismo, que historicamente emergiu como movimento de luta com base em deslocamentos que se deram a partir de conflitos em direção a um movimento social emancipatório. Para uma sustentação teórica tomamos as ideias relacionadas ao feminismo propostas por Garcia (2015) e Tiburi (2022), que propõem uma definição de feminismo como um sistema conceitual e, como tal, promotor de seu próprio conhecimento, implicando numa revolução epistemológica que amplia a discussão sobre feminismo definindo-o como um sistema. Propomos, a partir de tais discussões acerca do feminismo, um percurso relacionado às ideias defendidas sobre a dualidade sexo/gênero tomando os conceitos de Beauvoir (2009), bem como o questionamento dessa perspectiva baseada nas reflexões de Butler (2003), que propõe a construção de uma historicização do corpo e do sexo que vai culminar na dissolução da dicotomia sexo e gênero. Afirmamos, então, que ser mulher, tanto em sua condição biológica quanto em sua constituição simbólica, não é uma condição natural, e sim uma construção naturalizada socialmente. Trazemos, a partir dos estudos de Perrot (2005), um percurso histórico de luta das mulheres por ocupação de espaços políticos estabelecendo, a partir dessas lutas, as relações entre memória e atualidade no

intento de salientar formas de antagonismo e resistência. Pois, ao resistirem a práticas de dominação, a luta das mulheres causa ebulição nas fronteiras relacionadas a forma-sujeito dominante, que traz a dominação masculina para o centro, bem como mexe com as estruturas dos Aparelhos Ideológicos do Estado, quando o próprio Estado é confrontado por essas vozes femininas num espaço de dominação política masculina.

Na seção 3, intitulada **O funcionamento discursivo do #EleNão: movimento circular entre as redes e a rua, entre a memória e a atualidade**, abordamos questões relacionadas ao espaço das redes sociais digitais, à construção dos sujeitos e dos sentidos no movimento que se estabelece a partir do encontro entre perfis e pessoas, entre as ruas e as telas. Iniciamos com a contextualização do surgimento do movimento da *hashtag* #EleNão em resposta às declarações que materializaram efeitos de sentido machistas, misóginos, racistas, homofóbicos e pró-ditadura do candidato Jair Messias Bolsonaro. Apresentamos a rede e a rua instituídas enquanto palco de produção de subjetividades, como espaços de visibilidade para vozes anônimas a partir da *hashtag* #EleNão, materializada de diferentes formas: divulgação do ato, nos cartazes exibidos pelos manifestantes a segurá-los, nos gritos de palavras de ordem ecoado por vozes diversas, nas camisetas, e nos próprios corpos a circular pela cidade. Propomos uma reflexão acerca dos elementos comunicacionais e discursivos do Twitter, bem como seu caráter político, em razão de sua composição discursiva, dos sentidos em circulação na rede, posto que, para a AD, todo sentido é político, já que há uma divisão “entre sentidos permitidos e sentido proibidos” (Orlandi, 2007, p. 93), ocorrida a partir de um efeito ideológico. E é nesse jogo entre interdição e excesso, presença e ausência, resistência e assujeitamento, memória e esquecimento que os discursos são tomados num ponto de tensão entre descrição e interpretação e entre os modos de circulação, visto que, conforme Dias (2018, p. 35), “o modo de circulação também tem um retorno sobre a constituição dos sentidos”. Apresentamos as contribuições da rede para pensar as relações de poder que são estabelecidas entre os discursos políticos, midiáticos e os discursos dos sujeitos-usuários comuns referentes às questões políticas atuais. Apontamos os aspectos que caracterizam o universo *online* e *offline* ou real e virtual, como espaços em que corpos transitam, pois o corpo do sujeito está atado ao corpo social, através de um processo de corporificação, conforme aponta Pelúcio (2015). Discutimos, portanto, como esses perfis/corpos são constituídos através de perfis digitais nos quais se constituem as subjetividades *online*, e no âmbito real, fora do digital, entre o real e o virtual e deslizam através da *hashtag* #EleNão, já que, como define a própria Orlandi (2012) o sujeito

interpelado pela ideologia traz seu corpo também interpelado. Propomos uma reflexão acerca da ressignificação dos corpos pelas ferramentas digitais em diferentes espaços virtuais, o atravessamento do dizível pelo visível, a discursivização do corpo em circulação nas redes. Compreende-se, desse modo, que o corpo do sujeito está atado ao corpo social; isso é constitutivo da subjetividade, pois é parte do processo de significação, não se constitui como algo que lhe é exterior, o corpo não pode ser “[...] tomado simplesmente como uma embalagem, um invólucro”, conforme apontado por Orlandi (2012, p. 86).

Na seção 4, intitulada **Produção e circulação das *hashtags* políticas no contexto eleitoral de 2018**, trazemos à tona nuances das disputas políticas em torno de movimento de mulheres nas redes, tendo como base a investigação dos sentidos relacionados ao feminino/ feminismo e política, partindo do princípio de coletividade como vetor de resistência. Salientamos a impossibilidade de ignorar a dimensão política e histórica da linguagem, pois, para o trabalho realizado em Análise de Discurso, o campo teórico analítico dessa teoria está ligado ao político. Assim, tomamos como base o espaço político com as disputas, os movimentos durante as eleições para presidência da República em 2018, considerando as novas tecnologias da linguagem como esse espaço diferenciado onde ocorrem as interlocuções, os relacionamentos. Elucidamos como as *hashtags* políticas relacionadas aos movimentos feministas no período eleitoral de 2018 – *#EleNão*, *#EleNuncaMais* e *#MulherescontraBolsonaro* – tomaram o espaço das redes, seguiram para as ruas, retornaram para as redes num movimento circular.

Na seção 5, intitulada **Intervalo teórico-metodológico e analítico: análise de *hashtags* políticas em circulação nas eleições de 2018 e sua relação com o movimento *#EleNão***, apresentamos um detalhamento das ações metodológicas para a constituição do arquivo, bem como os recortes realizados neste arquivo para a constituição do *corpus* desta pesquisa, com vistas a atender aos objetivos propostos e aos princípios teóricos e metodológicos que orientam toda a análise. Assim se constituiu o campo de análise, estabelecido pelos discursos presentes no cenário construído pelas *hashtags* no Twitter e sua extrapolação para o espaço das ruas, onde as *hashtags* também ocupam lugar através de cartazes e até mesmo através dos corpos. A partir das considerações metodológicas e tendo em vista as discussões apresentadas nas seções anteriores, os dispositivos mobilizados nessa análise dizem respeito ao funcionamento discursivo do antagonismo e da resistência. Esses dispositivos remetem a uma permanente disputa pelo sentido na sua relação com o silêncio e a memória que atravessa a relação dos sujeitos comuns com os

discursos políticos-midiáticos. Consideramos, desse modo, a mobilização de *hashtags* em apoio a Jair Messias Bolsonaro que se apresentam como embate às *hashtags* *#EleNão* e *#MulheresContraBolsonaro* a partir das *hashtags* *#Elesim* e *#MulheresComBolsonaro*, no intento de elucidar esse movimento antagônico. Tendo em vista o acionamento desses dispositivos, nas análises apresentadas demonstramos como se dão esses processos discursivos na construção e leitura no processo político-eleitoral no Twitter a partir da militância das mulheres contra o governo Bolsonaro.

Por fim, apresentamos as considerações finais da pesquisa buscando arrematar todo o processo construído durante o percurso ora apresentado na trajetória da pesquisa.

1. DISCURSO E ESPAÇOS DIGITAIS: EFEITOS NA RELAÇÃO LINGUAGEM-SUJEITO-MUNDO

A presente pesquisa está relacionada às tensões subjetivas vivenciadas pelas mulheres no espaço das redes sociais em razão do poder de convocação dos coletivos potencializado nas redes, a partir do recorte que propõe uma investigação em relação ao movimento da *hashtag* #EleNão, realizado pelas mulheres no Brasil e em outros países, em razão da força que o movimento adquiriu, motivado como reação aos discursos relacionados à mulher e à (des)ocupação de seu espaço na sociedade pelo então presidenciável Jair Messias Bolsonaro, nas eleições de 2018. Desse modo, a partir do movimento da *hashtag* #EleNão e de seus desdobramentos, pretendemos analisar os efeitos de sentidos sobre a mulher em materialidades verbais e imagéticas, a presença de discursos de antagonismo e resistência e a relação estabelecida com a memória e o esquecimento a partir do processo de subjetivação do sujeito e as movências do dizer.

As várias possibilidades de expressão e os espaços disponibilizados pela internet fizeram emergir um novo cenário que resultou numa nova forma de organização de coletivos. O espaço digital possibilita uma arena propícia a várias interpretações dos atos de disputas dos sentidos, já que se caracteriza como um cenário que faz circular variadas polêmicas, principalmente no que diz respeito ao discurso político. Porém, é preciso compreender que, apesar dessas várias possibilidades de manifestação presentes no espaço digital, a internet não está livre de regulação, há sempre uma tentativa de interdição, de regulação, já que o ideal de transparência também é índice de um vetor de vigilância, o que Shoshana Zuboff (2018) apresenta como Capitalismo de Vigilância, para definir uma nova lógica de acumulação institucionalizada, que tem como seu componente fundamental o *big data*². Assim, chama atenção para a compreensão de que:

Novas possibilidades de subjugação são produzidas à medida que essa lógica institucional inovadora prospera em mecanismos inesperados e ilegíveis de extração e controle que exilam as pessoas de seus próprios comportamentos. (ZUBOFF, 2018, p.58).

Trata-se de uma forma de capitalismo que toma como base a lógica da acumulação, a partir da qual há uma tentativa de apagar os efeitos da ideologia sobre o sujeito. Essa forma de capitalismo produz a ilusão de que todos são livres para administrarem seus próprios negócios, para dizer e

² A autora destaca que o *big data* não deve ser compreendido, simplesmente, como “um objeto, um efeito ou uma capacidade tecnológica”, e que ele “tem origem no social, e é ali que devemos encontrá-lo e estudá-lo” (ZUBOFF, 2018, p.18).

fazer o que pensam sem que sejam controlados por alguém. É o que Grigoletto (2021) vai definir como engodo tecnológico, que ocorre a partir do controle produzido sobre os sujeitos pelos algoritmos das mídias digitais, que buscam, independentemente das filiações ideológicas, os dados individuais ou dados residuais, dos usuários visando o lucro. Numa perspectiva da comunicação digital, importa que a informação circule rapidamente, e o que promove essa circulação é o engajamento. Desse modo, o objetivo é acumular: seguidores, curtidas, compartilhamentos, comentários, *hashtags*. O sujeito é, assim, aliciado, sob a promessa de liberdade, de sucesso, de livre escolha, o que apaga, sobretudo, os efeitos que são próprios do discurso neoliberal, da autoexposição e autoexploração a que são submetidos esses sujeitos.

Há, portanto, uma ação de direcionamento tecnológico em que um dos principais modos de controle usados pelos gestores das plataformas sobre seus usuários ocorre pela modulação das opções e dos caminhos de interação e de acesso aos conteúdos publicados. Conforme Silveira (2018, p, 37), “[...] as plataformas não criam discursos, mas possuem sistemas algoritmos que distribuem os discursos criados pelos seus usuários, sejam corporações, sejam pessoas”. Pêcheux ([1981] 2010) também nos alerta com seu olhar atento, ao apresentar essa luta constante pela tentativa de regulação:

Sobretudo se o essencial do debate informático desse ponto de vista é silenciado: não considerar os procedimentos de interrogação de arquivo como um instrumento neutro e independente (um aperfeiçoamento das técnicas documentais) é se iludir sobre o efeito político e cultural que não pode deixar de resultar de uma expansão da influência das línguas lógicas de referentes unívocos, inscritos em novas práticas intelectuais de massa. Não faltam boas almas se dando como missão livrar o discurso de suas ambiguidades, por um tipo de “*terapêutica da linguagem*” que fixaria enfim o sentido legítimo das palavras, das expressões e dos enunciados. (Pêcheux, [1981] 2010, p. 55, *itálico do autor*).

Assim, pode ser percebido o modo como as relações ocorrem no interior dos discursos em atuação no Twitter (atualmente, modificou-se o nome desta rede social para X), atentando para as condições de produção dos enunciados que ali circulam, pois aquilo que é produzido nos *trending topics* produz um efeito de univocidade dos sentidos, a partir da ideia de que todos estão falando da mesma coisa, numa ilusão de transparência do discurso. Pêcheux apresenta uma defesa no uso do termo discurso para falar da complexidade dessas relações que se estabelecem entre os sujeitos.

[...] o que dissemos nos faz preferir aqui o termo discurso, que implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um “efeito de sentidos” entre os pontos A e B. Podemos, a partir de agora, enunciar os diferentes elementos estruturais das condições de produção do discurso. Fica bem claro,

já de início, que os elementos A e B designam algo diferente da presença física de organismos humanos individuais. (Pêcheux, [1990] 2010, p. 81).

Tendo observado que a internet é um espaço de disputa de sentidos, mas que não é totalmente livre, interessa-nos observar a *hashtag* #EleNão e o seu modo de funcionamento ao possibilitar a circulação de discursos sobre a condição feminina na sociedade. Para isso, recorreremos à Análise de Discurso de vertente pecheutiana. Para essa corrente a materialidade específica do discurso é a língua que, como sistema relativamente autônomo, carrega marcas do funcionamento ideológico e da historicidade que a constitui. Portanto, é importante afirmar que o discurso não é a língua, mas nela se materializa. Courtine (2014, p.32) faz uma distinção entre processo discursivo e língua, assim descrito: “[...] se os processos discursivos constituem a fonte da produção dos efeitos de sentido no discurso, a língua, pensada como uma instância relativamente autônoma, é o lugar material onde se realizam os efeitos de sentido”. É crucial destacar que é através da ideologia que os indivíduos são constituídos em sujeitos. Pêcheux (2009 [1975], p.149) assim define essa relação:

[...] o funcionamento da ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas (Pêcheux, 2009 [1975], p.149).

É preciso salientar que o processo discursivo se constitui no funcionamento da interpelação ideológica como um processo sempre já-lá, o que, em termos discursivos, implica numa discussão teórica a respeito da complexidade dos processos de identificação que configuram as posições-sujeito no discurso, na sua relação constitutiva com as condições de produção, a memória discursiva, a enunciação e o corpo. Assim, nos questionamos que posições-sujeito são mobilizadas a partir da *hashtag* #EleNão. Que embates são constituídos a partir da interpelação dos indivíduos em sujeito na constituição de sentidos sobre a mulher através dessa *hashtag*?

Sabe-se que é através da interpelação ideológica que compreendemos os processos de identificação que constituem o sujeito do discurso a partir de sua inscrição no simbólico e na história. Tais processos são formados por um movimento contraditório de reconhecimento/desconhecimento do sujeito em relação às determinações do inconsciente e da ideologia que estão materializadas nos processos discursivos. Conforme Orlandi (1999), o processo de interpelação

ideológica do indivíduo em sujeito de discurso ocorre a partir de dois movimentos simultâneos e igualmente constitutivos.

Em um primeiro momento temos a interpelação do indivíduo em sujeito pela Ideologia. Essa é a forma de assujeitamento que, em qualquer época, mesmo que modulada de maneiras diferentes, é o passo para que o indivíduo, afetado pelo simbólico, na história, seja sujeito, se subjetive. [...] em um segundo momento teórico, o estabelecimento (e o deslocamento) do estatuto do sujeito corresponde ao estabelecimento (e o deslocamento) das formas de individualização do sujeito em relação ao Estado [...]. Em um novo movimento em relação aos processos identitários e de subjetivação, é agora o Estado, com suas instituições e as relações materializadas pela formação social que lhe corresponde, que individualiza a forma sujeito histórica, produzindo diferentes efeitos nos processos de identificação, leia-se de individualização do sujeito na produção dos sentidos. [...] Uma vez interpelado pela ideologia em sujeito, em um processo simbólico, o indivíduo, agora enquanto sujeito, determina-se pelo modo como, na história, terá sua forma individual(izada) concreta. (Orlandi, 2001, pp.105-107).

Assim, o sujeito na Análise de Discurso não se constitui enquanto origem de seu dizer, não é considerado como sujeito “adâmico”, portanto, ao nascer depara-se com os discursos já prontos, com saberes, com sentidos já instituídos, com o sempre já lá presente no interdiscurso. Este último não é dotado de lacunas, se apresenta totalmente saturado, pois tudo o que já foi dito inscreve-se nele. Ser assujeitado é constitutivo ao sujeito, conforme afirma Pêcheux (2009, p. 141): “[...] o que a tese ‘a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos’ designa é exatamente que ‘o não sujeito é interpelado-constituído em sujeito pela ideologia’”. Desse modo, não há como pensar a existência do sujeito fora da ideologia. O sujeito que Pêcheux convoca a partir de sua teoria é um sujeito que não está na origem do dizer, embora assim acredite, pois é duplamente afetado, pessoalmente e socialmente. Pessoalmente, afetado pelo inconsciente, e socialmente, pela ideologia. Independentemente do sujeito e de sua classe, sempre haverá um processo de realidade mediado pelo simbólico, pela linguagem, pela ideologia.

Importante salientar como o sujeito assim constituído funciona no processo discursivo. Para abordar esse funcionamento é preciso trazer o conceito de Formação Discursiva que corresponde a um domínio do saber e que é constituído por enunciados discursivos que designam um modo de relacionar-se com a ideologia dominante regulando o que pode e deve ser dito (Pêcheux [1975] 2014).

Conclui-se, então, que é na relação do sujeito com a formação discursiva que se estabelece o funcionamento discursivo: “a interpelação do sujeito de seu discurso se efetua pela identificação

(do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)” (Pêcheux [1975] 2014, p.150).

Pêcheux, acrescenta, posteriormente, que esse processo de identificação ocorre pelo viés da forma-sujeito e a descreve como “o efeito do real sobre si mesmo”, “fornece-impõe a ‘realidade’ ao sujeito sob a forma geral do desconhecimento” (Pêcheux [1975] 2014, p.158)

O conceito de forma-sujeito é tomado num primeiro momento como dotado de unidade, o que implica num conceito de formação discursiva fechada e homogênea. Pêcheux, então, introduz uma reconstrução no que diz respeito à questão do discurso na forma-sujeito, conforme descrito em Semântica e Discurso:

Dissemos mais acima que “os indivíduos são “interpelados” em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) por formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhe são correspondentes”. Especificamos também que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina”. Acrescentamos agora, retomando formulações recentes de P. Henry, que essa interpelação supõe necessariamente um *desdobramento*, constitutivo de sujeito do discurso [...]. (Pêcheux [1975] 2014, p.198).

Em se tratando desse desdobramento, nos é trazida a relação entre o “sujeito da enunciação” e “sujeito universal” (ibid. p. 199). O autor mostra, por conseguinte, que esse desdobramento assume diferentes modalidades da tomada de posição, as quais relativizam essa “reduplicação da identificação”.

A primeira modalidade, a qual Pêcheux designou de superposição entre o sujeito do discurso e o sujeito universal da formação discursiva, revela uma identificação plena do sujeito do discurso com a forma sujeito da formação discursiva que afeta o sujeito do discurso, caracterizando o “discurso do ‘bom sujeito’” (ibid. p. 199). A superposição entre o sujeito do discurso e a forma-sujeito manifesta a “unidade imaginária do sujeito” (Pêcheux, 2014, p.150).

Pêcheux relativiza a questão da tomada de posição e acrescenta que essa tomada de posição aponta para a unicidade imaginária do sujeito. Compreende a tomada de posição como uma modalidade que, ao ocorrer, não produz um sujeito dotado de unidade, mas de um efeito-sujeito que se percebe na origem do dizer, portanto, produz seu discurso sob a ilusão da unicidade imaginária do sujeito.

A partir desse imaginário, Pêcheux formula duas outras modalidades de tomada de posição, a saber: a segunda modalidade que ocorre quando o sujeito do discurso, através de uma

tomada de posição, se contrapõe aos saberes da formação discursiva, organizados pela forma-sujeito com a qual o sujeito do discurso se identifica. Essa modalidade é caracterizada pela “tomada de posição”, desta vez em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, confronto, revolta...) com respeito ao que o “sujeito universal” lhe dá a pensar” (Pêcheux, 2014, p.199), conduzindo o sujeito do discurso a contraidentificar-se com a forma-sujeito da formação discursiva que o afeta. É a partir dessa posição que o sujeito do discurso é caracterizado como o mau sujeito, ou seja, aquele que se permite questionar os saberes, não os reduplicar simplesmente, como percebido na primeira modalidade.

A contraidentificação produz tensão da e na forma-sujeito, o que evidencia que a forma-sujeito não é dotada de unicidade, possibilitando, assim, diferentes modos de com ela identificar-se, subjetivar-se. Ocorre, então, que, ao subjetivar-se, quando o sujeito do discurso não se superpõe totalmente à forma-sujeito, há uma identificação parcial que não reduplica de forma plena os saberes da forma-sujeito, o que vai resultar no mau sujeito, naquele que se identifica, mas com reservas, com indagação, com distanciamento, com dúvida. Essa ebulição vai culminar no desdobramento da forma-sujeito, na deriva, na instauração da diferença e da divergência no âmbito da formação discursiva.

A mudança na concepção de forma-sujeito vai determinar, conseqüentemente, a mudança na concepção de formação discursiva, agora não mais dotada de homogeneidade, de fronteiras fechadas, mas de fronteiras porosas em que transitam outros saberes, introduzindo o diferente, o divergente.

Pêcheux apresenta uma terceira modalidade, a qual designa como desidentificação, ou seja, uma tomada de posição que conduz ao trabalho de transformação-deslocamento da forma-sujeito. O que significa dizer que o sujeito do discurso desidentifica-se com uma formação discursiva e sua respectiva forma-sujeito para identificar-se com outra formação discursiva e sua forma-sujeito. No entanto, essa desidentificação não representa a “liberdade” do sujeito do discurso, pois, como salienta Pêcheux,

[...] a ideologia [...] não desaparece; ao contrário, ela funciona de certo modo às avessas, isto é, sobre e contra si mesma, através do “desarranjo-rearranjo” do complexo das formações ideológicas (e das formações discursivas que se encontram intrincadas nesse complexo. (Pêcheux, 2014, p.202).

Importante ressaltar que a desidentificação do sujeito do discurso em relação à formação discursiva em que estava inscrito não representa a liberdade por parte desse sujeito. Desidentificar-se significa não mais estar identificado com determinada formação discursiva porque identificou-se com outra formação discursiva.

A partir da modalidade da desidentificação, podemos afirmar que existe um espaço de manobra para o sujeito do discurso – sobretudo, é preciso compreender que não se trata de submeter-se à ilusão da liberdade, já que o sujeito está sempre identificado a alguma ideologia. O que há são pequenas brechas que indicam que o sujeito tem certa margem de movimentação e, que, em razão disso, não está condenado a permanecer permanentemente identificado com o mesmo domínio de saber.

Assim, o mundo é concebido a depender do modo como os sujeitos são interpelados pela ideologia, o que se dá pelo processo de subjetivação do sujeito, considerando que existe um modo específico do sujeito se relacionar com a ideologia, pois não há uma única forma de interpelação. Para Beck (2012, p. 139) “[...] apesar de atravessado pela memória do dizer, esse processo de subjetivação provoca um efeito de imaginária transparência da realidade, como se o interdiscurso não existisse”, o que sugere ao sujeito do discurso a impressão de que sentido e sujeito são marcados por essa mesma transparência, o que conseqüentemente nega todas as outras formas de existência de outros sentidos e outros sujeitos.

O processo discursivo funciona a partir de um pré-construído, ou seja, um discurso se constitui sempre tendo como base um discurso prévio, corresponde ao “sempre já aí” da interpelação ideológica que designa a realidade e seu sentido em forma de universalidade (Pêcheux, 2009). Ainda segundo o autor:

[...] o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido (Pêcheux, 2014, p. 76).

Em se tratando de sujeito e de discursos, não existe homogeneidade. Uma Formação Discursiva, doravante FD, é lugar de reprodução, de fato, porém, é também espaço de transformação. Os movimentos de transformação e resistência são produzidos pelos sujeitos a partir de sua inserção em determinada FD, fazendo-nos olhar para a heterogeneidade inerente a esse espaço. O Twitter, por agregar vários discursos, é constituído pela relação de diferentes perfis –

que caracterizam lugares sociais diversificados e diferentes posições-sujeitos a partir das quais se enuncia. É a interpelação que põe o sujeito diante do histórico e do simbólico e o determina através da regulação do que pode e deve ser dito por intermédio da ilusão necessária da subjetividade como origem de seu dizer (Pêcheux, 2009).

1.1 O Twitter como espaço de enunciação dos sujeitos na luta pelos sentidos

Diante do fato de que a linguagem é constituída na história e significa a partir de sua dimensão simbólica, e que o Twitter é lócus de heterogeneidade devido às diversas posições – sujeito que ali enunciam –, busca-se compreender como se desenham as lutas pelos sentidos na constituição dos lugares sociais (des)ocupados pela mulher a partir de uma *hashtag*, que é, muito mais do que um elemento da língua, efetivamente, um elemento de discurso. Assim, o *#EleNão*, um dos elementos sobre os quais essa pesquisa irá se debruçar, funciona retomando sentidos do interdiscurso, e constitui-se, portanto, a partir de um acontecimento histórico: a militância das mulheres a partir de 2018 no Brasil no contexto das eleições presidenciais, quando estas se rebelaram contra os dizeres do então candidato Jair Bolsonaro. A *hashtag* *#EleNão* se constitui, desse modo, partindo da arena de militância política e da complexidade que caracteriza o dizer entre rupturas e permanências na atualização e no deslizamento de sentidos sobre o feminino no discurso político.

Em razão das condições de produção dos discursos, dos sentidos que são gerados no processo discursivo, pode-se perceber como os sujeitos são afetados pela história, pela ideologia, pelos lugares sociais que ocupam – lugares esses projetados pelo simbólico. Desse modo, as palavras, os gestos não funcionam por si sós, pois significam a partir da FD em que estão submetidos os sujeitos, podendo significar diferentemente a partir dos lugares ocupados por estes sujeitos, e, como aponta Pêcheux (2009 [1975], p.146-147):

[...] as palavras, expressões, proposições etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas proposições, isto é, em referência às formações ideológicas (no sentido definido mais acima) nas quais essas posições se inscrevem (Pêcheux, 2009 [1975], p.146-147).

Um dizer é resultado de diálogos e duelos, mas, ao ser atravessado por várias FDs, mantém uma unidade controlada pelos saberes da Forma-Sujeito e reguladas pela memória. Desse modo, nosso olhar se voltará para a *hashtag* como parte desses diálogos e duelos, imersos na cadeia de discursos digitais.

Como afirma o próprio Pêcheux, “[...] não há dominação sem resistência: primado prático da luta de classes que significa que é preciso ‘ousar se revoltar’” ([1978], 1997, p.304). Para esta pesquisa, faz-se relevante pensar nesse processo de ousadia e revolta, na luta contra a dominação, já que analisaremos o movimento de mulheres com base na *#EleNão*, que se apresenta como forma de protesto, antagonismo e resistência aos discursos relacionados ao modo de constituição da representação da mulher nos espaços sociais, a partir da posição-sujeito ocupada pelo candidato à Presidência nas eleições de 2018, Jair Messias Bolsonaro. Busca-se então estabelecer uma relação entre a memória e a atualidade, entre o processo parafrástico e polissêmico.

O Twitter é uma dessas plataformas digitais que rompem, de certa maneira, a relação entre o público e o privado. Este último significado historicamente como o lugar legítimo da mulher e aquele como o lugar do silenciamento, do apagamento em relação ao modo como as mulheres foram/são discursivizadas pela memória histórica. Assim, a memória se estabelece como forma reguladora daquilo que pode e deve ser dito e daquilo que não pode e não deve ser dito no domínio de dada formação discursiva. Para Indursky (2011, p.86), “a memória discursiva é regionalizada, circunscrita ao que pode e deve ser dito em uma FD e por essa razão é esburacada e lacunar. Já o interdiscurso abarca a memória discursiva referente ao complexo de todas as FDs [...] é uma memória ampla, totalizante e, por conseguinte saturada”.

Compreende-se, assim, que a memória discursiva está relacionada ao social, ao coletivo, a uma memória que é histórica. A noção de memória definida por Courtine (1999) aponta para uma construção que tem suas bases extraídas e inscritas na sociedade. O autor corrobora com Foucault, cuja concepção é de que o “domínio da memória” atravessa uma esfera social e coletiva de certa cultura e assim a define:

Espaço vertical, estratificado e desnivelado dos discursos [...] séries de formulações marcando, cada uma, enunciações distintas e dispersas, articulando-se entre si em formas linguísticas determinadas (citando-se, repetindo-se, parafraseando-se, opondo-se entre si, transformando-se...). É nesse espaço interdiscursivo, que se poderia denominar, seguindo M. Foucault, domínio de memória, que se constitui a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciativo na formação dos enunciados “pré-construídos”, de que sua enunciação se apropria (Courtine, [1981] 1999, p. 18).

É a partir dessa memória que os dizeres são retomados e atualizados no fio do discurso e, por meio dessa retomada, ao formular um dizer, o sujeito retoma ou esquece e silencia outros discursos já constituídos. Desse modo, o discurso produzido pelo sujeito se estabelece a partir da repetição e, mesmo que traga algo novo, essa novidade estará atrelada à paráfrase que em algum momento desliza para dar origem a outros sentidos.

O digital propicia uma nova forma dos sujeitos se relacionarem. Porém, é importante perceber que, segundo Dias (2018, p. 170):

[...] o digital produz um novo tipo de relação entre o sujeito e o social, uma nova relação das práticas políticas e discursivas que não são da ordem da banalidade. É preciso compreendê-las para além do utilitário dos sistemas aplicativos que facilitam a vida, a circulação dos dizeres e armazenamento das memórias.

Propomos, desse modo, uma reflexão acerca dessa relação entre o sujeito e o social a partir do digital. Quem é o sujeito *on* na sociedade conectada? Compreendemos que há, a partir dessa nova relação estabelecida no digital, uma desestabilização da categoria do sujeito de direito, pessoa humana, juridicamente constituída como sujeito de direito. Há um processo de subjetivação através da constituição do sujeito de dados, um sujeito que passa a ter uma existência no virtual e se constituir como enunciador digital, que é o novo proletário da era digital. Essa relação se estabelece a partir das novas formas de organização social, novas formas de relação de trabalho a partir do digital.

Importante destacar a relevância de se discutir uma análise de discurso digital, que, ainda conforme Paveau (2021, p. 57), “[...] cria dispositivos metodológicos e teóricos que podem dar conta do funcionamento específico dos discursos nativos da internet”. Esses dispositivos tomam como base elementos que caracterizam os discursos digitais nativos, quais sejam:

- a. Composição – Os discursos digitais nativos são constituídos por uma matéria mista que reúne o linguístico e o tecnológico de natureza informática.
- b. Deslinearização – Os discursos digitais nativos podem ser deslinearizados pelos *links* hipertextuais, direcionando o texto-fonte e o leitor para outro discurso, em outra janela do navegador e outra situação de enunciação.
- c. Ampliação – Os discursos digitais nativos apresentam uma enunciação ampliada em razão da conversacionalidade da *web* social, das ferramentas que permitem uma escrita colaborativa num espaço enunciativo único, mas com a identificação de diferentes enunciadoreis.

- d. Relacionalidade – Os discursos digitais nativos estão inscritos numa relação com outros discursos em razão da reticularidade da *web*, com os aparelhos, com os escritores e os (escr)leitores que passa pela subjetividade da configuração das interfaces de escrita e de leitura.
- e. Investigabilidade – Os discursos digitais nativos se inscrevem num universo que nada esquece através do uso de ferramentas de busca e de redocumentação. Essa investigabilidade ocorre devido à situação dos metadados que lhes são interiores (inscritos no código), o que os diferencia dos metadados dos discursos pré-digitais que lhes são exteriores (paratextos).
- f. Imprevisibilidade – Os discursos digitais nativos, por serem parcialmente produzidos ou formatados por programas e algoritmos, tornam-se imprevisíveis para os enunciadores humanos, tanto em seu plano de forma como em seu plano de conteúdo.

Com base nessas características, Paveau (2021) salienta a necessidade da criação de instrumentos de análise ou a adaptação dos instrumentos dos quais já contam a análise de discurso. Para atender a esta modalidade discursiva, a autora define que o objeto da análise deve tomar como base um contínuo entre o linguístico e o extralinguístico, entre as matérias languageiras e seus ambientes de produção. Com base nesse pressuposto, considera a análise de discurso digital como uma ecologia do discurso, ou seja, o discurso digital ligado a seu ecossistema, constitutivamente integrado a seu contexto, analisado a partir de uma integração entre o languageiro e o tecnológico, assim como o cultural, o social, o político, o ético etc.

Pensar práticas políticas e discursivas em circulação no digital como que da ordem da banalidade, da evidência, é tratá-las de modo ingênuo, o que incorre em conceder a elas o lugar da dominação. Importante ressaltar que é preciso nem endeusá-las, nem tampouco demonizá-las. Não podemos, desse modo, estabelecer uma relação de distanciamento com a tecnologia, pois tal postura permite a esta um lugar de dominação. O Twitter é uma rede social cuja constituição se dá, em sua versão gratuita, a partir de postagens de textos curtos, se caracterizando por serem postagens que têm um limite de caracteres e, por isso, são diretas. Nessa rede social é também possível compartilhar fotos e vídeos, além de colocar comentários e computar curtidas. As *hashtags* têm um papel importante nesta rede, já que sumarizam os temas mais comentados nas redes, havendo inclusive rankings que indicam quais as temáticas são mais ou menos trazidas nas

postagens. Ao mesmo tempo, as *hashtags* funcionam de forma a estabelecer redes de sentidos que indicam alianças e embates, o que nos interessa neste trabalho.

1.1.1 O ativismo digital no Twitter: entre os discursos políticos midiáticos e os discursos femininos na militância política

O ativismo é um exemplo de que não se pode banalizar o uso do digital como da ordem meramente do utilitário, pois as ações ativistas assumem novo caráter com o avanço das tecnologias e a utilização das mídias sociais, o que provoca um deslocamento no uso que se faz da linguagem, já que ideias e formas concretas de nos relacionarmos são constituídas conjuntamente pelas novas formas de comunicação.

Portanto, para compreender as formas de ativismo digital e, conseqüentemente, do cyberfeminismo (formas de militância política feministas no ambiente digital), é salutar refletir sobre o conceito de memória discursiva e memória metálica, no intento de compreender os lugares ocupados por cada uma e a relação que pode ser estabelecida entre elas. Segundo Orlandi (2006a, p.26), a memória metálica está relacionada à noção de arquivo, significando acúmulo de dados. Para ela, a memória produzida pelas máquinas pela informatização da linguagem é o que a distingue da memória discursiva, que é constituída pelo esquecimento. Porém, vale considerar a relevância de uma problematização relacionada ao digital, cujos efeitos de sentidos produzidos pelos seus modos de inscrição histórica são os da eficácia e transparência técnica que o significa como algo que não falha, ou seja, somos tomados pelo efeito de transparência do sentido do digital como se ele significasse de forma homogênea, quando, na realidade, o digital é um sentido específico da tecnologia, assim sendo, afetado pelo modo como as tecnologias significaram na história. Somente quando há a possibilidade de interpretar é que a memória metálica se desorganiza na tensão com a memória discursiva produzindo uma memória digital. Esta, segundo Dias (2018, p. 105), seria o lugar onde ocorre a contradição, lugar em que a memória se esquiva da estrutura totalizante da máquina, ou seja, da memória metálica, deslizando do espaço da repetição formal e se inscrevendo no funcionamento do interdiscurso – memória discursiva.

Em se tratando de espaços digitais – e especificamente o espaço que nos interessa, o Twitter –, viu-se que essa rede social tem uma forma específica de funcionamento, permite a produção de textos contendo, no máximo 280 caracteres, além disso, possibilita que qualquer pessoa no mundo possa criar uma conta e interaja. Embora não haja um direcionamento para o conteúdo das

publicações, percebe-se que o uso da plataforma, tem, em grande parte, conteúdos políticos emergentes, como sugere Silveira (2015) em sua abordagem que mostra o sentido político que caracteriza esse *site*. Assim descreve:

De certa forma, as mídias sociais, entre elas o Twitter, mesmo sendo totalmente regida pela lei do mercado, atendem a certa demanda social por “informação” e produzem diferentes maneiras de construir e fazer circular o arquivo político no Twitter, levando a diferentes leituras e diferentes modos de disputa em torno de certas leituras do arquivo político. (Silveira, 2015, p. 40)

Em razão de seu caráter marcado por textos curtos e de rápida circulação, o Twitter tornou-se um *site* marcado pelo ativismo e por intensas discussões políticas. A *hashtag* constitui-se como um recurso importante que pertence à plataforma, pois teve seu início no Twitter e, posteriormente, tomou outros espaços, não só os digitais. O surgimento da *hashtag* está atrelado ao surgimento de palavras-chave, constituindo um espaço de memória que remete a diferentes formações discursivas. Além disso, as *hashtags* podem ser vistas como recursos discursivos que culminam em desdobramentos, articulando um conteúdo a outros disponibilizados em rede, materializando, assim, diferentes domínios de memória por meio de um arquivo digital. Segundo Dias (2018), o digital se formula, se constitui através da circulação, do compartilhamento, de comentários, postagens, *hashtags*, ou seja, o discurso digital é formulado na circulação e no uso da língua nos diferentes contextos digitais.

No ano de 2009, o então Twitter adotou a *hashtag* como um elemento para facilitar a busca e o agrupamento de postagens. Assim, elas passaram a funcionar como *links* cujo objetivo precípua era organizar em listas os *tweets* (*posts*) publicados com o mesmo assunto, e estabelecer, assim, quais os temas mais ou menos abordados no espaço digital. Desse modo, ao se pesquisar pela *hashtag* *#EleNão*, por exemplo, é possível acessar uma espécie de banco de dados que possui postagens, vídeos, fotos que remetem ao movimento político das mulheres no período da eleição de 2018, quando estas se colocaram contra declarações feitas pelo então candidato à presidência do Brasil, Jair Bolsonaro.

Figura 1 – Logo da rede social X



Fonte: Captura de tela da rede social X.

No entanto, o uso da *hashtag* ultrapassa as barreiras do universo digital, produzindo uma materialidade que sinaliza uma prática social distinta que vai se alterando conforme os usuários passam a utilizá-la. Com o advento do ativismo nas redes, o que era de uso restrito do ambiente digital agora passa a fazer parte de manifestações fora dela, e as *hashtags* também passam a ser reproduzidas fora da internet.

Assim, as relações de poder, projetadas num jogo que se estabelece no contexto político do Twitter, contribuem de forma pertinente para se pensar as relações entre os discursos políticos midiáticos e os discursos femininos na militância política. E as *hashtags* políticas, em razão do caráter polissêmico, inerente a todo elemento discursivo, possibilitam diferentes formas de percepção dos fatos políticos-midiáticos tido como oficiais, o que sugere a mediação da interpretação não oficial ou não autorizada que toma espaço de circulação por internautas.

Buscamos, desse modo, compreender os discursos produzidos pelos internautas a partir das postagens no Twitter catalogadas pela *hashtag* #EleNão, além de compreender, ainda, a constituição de sentidos entre a resistência e permanência da militância política de mulheres no ciberfeminismo.

Sujeitos e sentidos são constituídos pela própria existência material de ambientes, como a exemplo do Twitter, e de instrumentos tecnodiscursivos como as *hashtags*; tudo isso aliado a outras técnicas de edição e manipulação de dados, cuja produção e circulação podem ser vistas, portanto, como gestos de interpretação e, muitas vezes, como transformação dos discursos políticos.

Quanto mais complexidade e espaço as tecnologias midiáticas ocupam, maior se torna a possibilidade de deriva, abrindo-se espaço para diversas interpretações dos fatos políticos. Isso porque pensar o discurso e seus modos de funcionamento implica em considerar o caráter complexo da constituição dos próprios sujeitos e os diferentes lugares ocupados por eles, pois há sempre a possibilidade de outras formas de identificação, o que resulta no surgimento do espaço do contraditório. Segundo Pêcheux (2009), o sujeito se identifica em linguagem, base material da ideologia, de modo incompleto, contraditório e, por essa razão, há falhas e resistência.

Discurso, ideologia, noções de contradição e resistência são consideradas enquanto categorias conceituais próprias da teoria discursiva que têm como um de seus princípios o trabalho vinculado aos efeitos de evidência. Na teoria discursiva procura-se descrever a complexidade proveniente do discurso. Assim:

[...] importante lembrar que, conforme Pêcheux, uma teoria materialista dos processos discursivos deve não só denunciar as evidências que constituem a filosofia espontânea das práticas científicas de cunho idealista, mas deve também construir suas próprias categorias conceituais para poder intervir na luta teórica (propondo uma descrição / interpretação materialista do funcionamento simbólico das práticas sociais e políticas) e na luta política (fornecendo elementos para compreender e, portanto, interferir nos processos de identificação /subjetivação que constituem os sujeitos nos coletivos das práticas políticas proletárias. (Zoppi- Fontana, 2005, p.49).

O processo ideológico é constitutivamente contraditório, uma vez que sempre emerge a partir da interpelação, e a ideologia é o ritual que possibilita falhas, furos, dando lugar ao sentido outro. Considerando o contexto político atual, percebe-se que, ainda que haja possibilidades de resistência, de posicionamento antagônico, como pretendemos evidenciar nas análises, há também o poder que luta pela manutenção da dominância, o que se faz dentro da ordem existente. Desse modo, há embates entre sentidos parafrásticos e polissêmicos, o mesmo e o outro, o *#EleNão* como afirmação de que a política é lugar de mulher, mas, em resposta ao *#EleNão*, outros dizeres que corroboram com o lugar da mulher fora da esfera política.

Assim, vale trazer as palavras de Pêcheux (1990, p.19), que nos alerta acerca da relevância de analisarmos essa luta pela manutenção do poder, o que é pertinente para refletir sobre nosso contexto: “se os discursos do nosso tempo com pretensão revolucionária persistem obstinadamente em não compreender esses deslocamentos que trabalham sob sua própria lógica estratégica, tudo leva a crer que eles terminarão por desvanecer-se na proliferação vazia”. É urgente a compreensão dos sujeitos e dos sentidos e os lugares sociais a partir dos quais são construídos os discursos de dominação.

Existe uma relação de contradição entre a ideologia dominante e a ideologia dominada. Reconhecer o lugar de dominado pressupõe uma possibilidade de ação pela tomada do lugar do dominador. Tais posições antagônicas, contraditórias lutam pelo poder dizer e são sustentadas pela incompletude dos sentidos.

A contradição é inerente ao discurso e se caracteriza pelo embate, assim como a interpelação do sujeito é um ritual sempre sujeito à falha, que ocorre desde a sujeição até os movimentos de transformação e resistência que são produzidos por estes, a partir da interpelação ideológica e de sua inscrição em uma formação discursiva que define a heterogeneidade como inerente a esse espaço.

1.1.2 A *hashtag* política como elemento de resistência nos processos discursivos

A *hashtag* funciona tanto do ponto de vista da técnica como da forma de uma marca linguística própria das discursividades *online* que servem para nos guiar na investigação de determinadas regularidades nos discursos. Do ponto de vista da técnica, nos apropriamos do símbolo da cerquilha que remete à *hashtag* e funciona como uma espécie de índice para produzir engajamento nas mídias digitais. Partindo do ponto de vista da marca linguístico-discursiva, temos a junção do símbolo técnico a outras materialidades relacionadas ao verbal e/ou imagéticas para produzir e direcionar sentidos.

Em se tratando do que se considera como sociedade em rede, os acontecimentos relacionados à nossa formação social, sobretudo quando se trata da cena política brasileira, a *hashtag* é tomada de grande repercussão nas redes sociais produzindo polêmicas, sentidos em confronto, gestos de resistência, antagonismo, contradições e silenciamentos que dizem das filiações político-ideológicas dos sujeitos que são manifestas pela linguagem. A *hashtag* surge, então, como elemento de resistência, e concebê-la como tal é compreender o modo de deslocamento dos sentidos em relação à ideologia dominante. Pois entendemos que, no jogo entre sentidos já estabilizados e a tentativa em desestabilizá-los, qual seja, entre o controle e a dispersão, funcionam as *hashtags* como tomada de posição dos sujeitos do discurso.

Sabe-se que o processo de resistência ocorre porque a interpelação ideológica é um ritual com falhas. Assim, ao ser interpelado em sujeito pela ideologia, o sujeito do discurso ocupa um lugar no emaranhado de discursos e, sempre já sujeito, pode resistir. A resistência é constitutiva do processo de subjetivação do sujeito. Mesmo considerando o princípio de reprodução das condições

de produção, inerentes ao espaço discursivo, há um movimento, uma ação, em que o sujeito, mesmo diante de um estatuto de manutenção do mesmo, promove a instauração da diferença, produz a transformação. A ideologia não interpela a todos do mesmo modo, e o processo de interpelação pode gerar o que Pêcheux chama de mau-sujeito, ou seja, aquele que critica os saberes de uma FD, instituindo um afastamento com o sujeito universal, e é aí que se abre o espaço da resistência, ou seja, do sentido outro, através das fissuras na ideologia.

O assujeitamento do sujeito é da ordem do político, do simbólico, da sua inscrição no social, portanto, também da resistência. Ao ser interpelado em sujeito pela ideologia, o sujeito inevitavelmente resiste a outros discursos, pois a condição para tornar-se sujeito ocupante de uma posição no discurso, o que implica resistir a outros, configura em si mesma um movimento de antagonismo e resistência. Assim, o assujeitamento, longe de ser mera sujeição, pressupõe a resistência por instituir-se como elemento fundante.

Como afirma o próprio Pêcheux no final de *Só há causa daquilo que falha* (2009, p.281), “não há dominação sem resistência”. Isso porque não há ritual sem falha, nem ideologia que não seja marcada pela contradição. E é exatamente neste ponto que reside a relação resistência e dominância como dois lados que coexistem, mas não se confundem.

Orlandi (2012, p. 213) afirma que “nos processos discursivos há sempre ‘furos’, falhas, incompletudes, apagamentos e isto nos serve de indícios/vestígios para compreender os pontos de resistência”. A interpelação do indivíduo em sujeito ocorre concomitantemente ao movimento de resistência. Esse é um processo necessário para que novos sentidos sejam instaurados a partir da transformação das práticas.

É fundamental refletir acerca do processo de transformação, posto que a resistência não se constitui, necessariamente, como um movimento que promove a ruptura. Esta só ocorre quando, através da resistência, é produzido um nó, uma trava no ritual que possibilite que o mesmo (reprodução) possa culminar na revolta-revolução-transformação, no sentido outro, na ruptura. Poderíamos, então, pensar em modos de resistência que a definiriam, desde seu lugar como constitutiva do processo de assujeitamento que garantiria a manutenção do mesmo (com base na identificação, a partir do bom sujeito) até a tomada de posição que tem como base a mudança, o deslocamento, o que é da ordem da contraidentificação (o mau sujeito), até culminar na desidentificação.

Considerando as palavras de Pêcheux, podemos afirmar que a circulação das *hashtags* políticas, especificamente a *#EleNão*, base deste trabalho, levantada pelo movimento de mulheres, produz deslocamentos no interior de sua relação com outros sujeitos e no modo como estes se relacionam com o discurso político-midiático, (re) organizando assim o jogo de forças político-partidário na sua relação com uma sociedade hipermidiática. É necessário realçar que a função da *hashtag* ultrapassa o lugar da polêmica, pois esse segmento age como valoroso argumento nos discursos digitais militantes.

No entanto, para que esses sujeitos produzam a transformação através dos movimentos promovidos, cabe a eles compreender a ordem e o estatuto dos deslocamentos que produzem, sem desconsiderar que aí trabalham o sentido, o *non sense*, em um processo contraditório. Isso porque as resistências podem não se encaminhar necessariamente para uma transformação social.

Conforme Pêcheux, o teórico e analista de discurso deve se debruçar sobre os processos de resistência-revolta-revolução em curso para, assim, compreender tais movimentos e promover a sua realização histórica.

Vale trazer à tona várias mobilizações ocorridas nas ruas pelo povo brasileiro desde 2010, em oposição ao cenário político vigente, que podem ser consideradas como formas de revolta em curso. Beck (2015) utiliza o termo revolta por considerar que, nos preceitos Althusserianos, os aparelhos ideológicos não conseguem garantir a manutenção da ordem da desigualdade entre as classes.

É imperativo pensar acerca das questões relacionadas à ideia de resistência para que, desse modo, haja de fato um movimento que se encaminhe para um acontecimento discursivo como nas palavras de Indursky (2005). Isso porque o que caracteriza a resistência é a segunda modalidade subjetiva do sujeito, a contraidentificação, o movimento do mau-sujeito.

Porém, o que parece caracterizar o modo de funcionamento dessa modalidade – “mau sujeito” – nas palavras de Beck e Esteves (2012) é uma posição crítica conformada, considerando que o sujeito se distancia dos preceitos e dos saberes da Formação Discursiva com a qual se identifica, porém, sem engajar-se na sua real superação. Baldini (2012) aponta para uma possibilidade de modificação na identificação dos sujeitos com a ideologia no modo como ela se dá hoje, no capitalismo pós-industrial, produzindo, assim, uma “espécie de clivagem em que o sujeito *sabe, mas finge não saber*” (Baldini, 2012, p.108).

Peter Sloterdijk (1983[2012]) traz em seus estudos a ideia de uma “falsa consciência esclarecida” que define um sujeito capaz de antecipar a crítica e, ao mesmo tempo, persistir em suas práticas. É o cínico moderno que, ainda segundo o autor, se sofisticou diante das interpelações da crítica. Embora possua esclarecimento teórico, o sujeito não está livre da manutenção das relações de dominação, segregação e exploração.

A partir das questões propostas, considero relevante para esta pesquisa ampliar a discussão acerca da resistência, posto que é preciso ir além dela em busca do que propõe o próprio Pêcheux – resistência-revolta-revolução.

Em artigo publicado no *site* “Passa palavra”, Bernardo (2013) propõe uma dicotomia entre as ideias de revolta e revolução. Considera a primeira sob a bandeira do lugar-comum, ou seja, o lugar onde faltam ideias novas, acabando por consolidar a crença de que (só) a agitação culminaria na saída deste lugar-comum. É um movimento que causa ebulição, porém não ultrapassa os próprios limites estabelecidos. Karnal, em uma de suas palestras no *Café Filosófico (online)*, intitulada “O medo à liberdade e a servidão voluntária”, traz para discussão uma citação do ensaio de Boétie com a seguinte fala: “Quem me dá a liberdade me joga num vazio difícil de ser preenchido”. Essa fala apresentada possivelmente corrobora com a definição de revolta apresentada por Bernardo, que a coloca nesse lugar da ordem, apesar dos movimentos.

A revolução, num movimento contrário, opondo-se totalmente à primeira, estaria relacionada à dissolução do lugar-comum. Na análise de discurso materialista, esse movimento de revolta-revolução consistiria no movimento de subjetivação do sujeito, que sai do perfil do “mau sujeito”, aquele que provoca o conflito (a crítica sem rompimento com uma FD), porém se mantém nos limites, nas fronteiras da Formação Discursiva na qual está inscrito para a desestabilização, a desidentificação, o rompimento com os saberes da forma-sujeito, sendo, por isso, o “feio”, aquele que não só quebra o espelhamento com a forma-sujeito, como quebra o espelho do bom e do mau sujeito, fazendo da grande referência, no máximo, uma citação pela qual se passa para dela se despedir.

O “feio” não estabelece (só) uma crítica em relação àquilo que o bom sujeito lhe dá a pensar, mas uma desconstrução/construção que incorpora os cacos do espelho quebrado em uma nova forma e utilidade. Propõe, assim, outra beleza, outro padrão. O sujeito feio subverte as coordenadas ideológicas postas pela “grande referência” de uma ordem, e assim revoluciona as relações de força que eram então predominantes em um determinado campo.

Para maior clareza do que precede, propomos a análise de uma postagem feita no Twitter que subverte a Formação Discursiva patriarcal para exemplificar o processo de desidentificação, o rompimento com a Formação Discursiva que domina o sujeito para a ida até outra Formação Discursiva, o que se institui como uma movimentação, uma deriva dos sentidos estabelecidos.

A partir da postagem no Twitter, podemos considerar o surgimento da *Formação Discursiva feminista* na qual se inscrevem todos aqueles que lutam pela igualdade de direito das mulheres na sociedade. Trata-se de um domínio de saber que surge para se contrapor à *formação Discursiva patriarcal*. Desse modo, correspondem a dois domínios de saber antagônicos que contrapõem duas formas-sujeitos antagônicas, as quais determinam sentidos opostos sobre o direito e papel da mulher na sociedade, sentidos que se contrapõem por exclusão, sentidos que se rejeitam mutuamente.

Estas Formações Discursivas polarizam-se, e esta polarização pode ser percebida a partir da imagem e do enunciado presentes na postagem do Twitter, na página denominada MUCB- Mulheres Unidas Com o Brasil - Mulheres Unidas Contra Bolsonaro, conforme pode ser observado logo a seguir.

Figura 2 – Print de tuíte recortado em 2018



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Conforme consta na postagem, publicada no dia 16 de setembro de 2018, houve 14 republicações, 39 curtidas e 2 comentários, assim descritos:

Figura 3 – Print de tuíte recortado em 2018 (II)



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Consideramos relevante trazer para discussão esses comentários feitos por usuários do Twitter, no intento de salientar o engajamento feminino a partir do ativismo digital, o ciberativismo, um engajamento político emergente desse espaço digital, ciberespaço. Esse engajamento digital feminino, ciberfeminismo, está presente nos dois comentários, através da utilização de *hashtags* políticas que marcaram/ marcam os movimentos dessas mulheres, contra o que representou, para elas, o então presidenciável Jair Messias Bolsonaro. As respostas dadas com base na publicação e a partir das *hashtags* #MUCBvive, #MulheresContraOBolsonaro, #Dia07mulheresderrotarao17, #eleNunca, #EleNao, #EleJamais, #ELENUNCA apresentam-se como forma de junção dos coletivos de mulheres que buscam essa força política nas possibilidades de agrupamento no espaço digital através das *hashtags*.

Voltemos à publicação motivadora de tais comentários. Na materialidade presente na figura 1 consta um enunciado seguido de uma imagem. No enunciado, podemos perceber um embate em torno da luta pelos direitos de existência social, de liberdade das mulheres em sua diversidade, que dá origem ao acontecimento discursivo e sinaliza o surgimento de um novo sujeito histórico e político – o sujeito feminista.

O sujeito feminista se constitui com base numa longa história enquanto movimento social emancipatório. Anteriormente ao acontecimento discursivo que deu origem a esse novo domínio de saber, este sujeito inscrevia-se numa posição-sujeito no interior da FD que a ligava à

forma-sujeito patriarcal e a ela se submetia reconhecendo a restrição dos direitos sociais conferidos à mulher. Desse modo, os saberes relacionados aos lugares sociais conferidos ao homem e à mulher, embora marcadamente heterogêneos se inscreviam em uma mesma FD.

Entretanto, a partir do movimento, inicialmente de desentendimento, conflito, que estaria relacionado ao processo de crítica feito pelo mau sujeito, instaura-se o rompimento com a Formação Discursiva (desidentificação) em que estava inscrito anteriormente e na qual são produzidos os saberes sobre a mulher e a designação de seu espaço na sociedade.

É nesse movimento que começam a surgir novos sentidos. A partir desse rompimento surgem outros saberes, outros sentidos sobre ser mulher na sociedade, sobre seus direitos, e esses novos sentidos marcam uma ebulição, uma forte agitação nas fileiras dos sentidos já sabidos, já instituídos sobre tal questão. Neste cenário serão encenados sentidos outros que vão entrar em linha de colisão com os sentidos da Formação Discursiva patriarcal.

Nessa luta pelos sentidos, o sujeito já não se reconhece a partir dos sentidos instituídos pelo patriarcado que exclui a igualdade de direito das mulheres. Esse movimento apresenta um questionamento contundente e radical que conduz a mulher a desidentificar-se totalmente com os sentidos que circulam nesta Formação Discursiva, historicamente instituída, rompendo com os saberes sobre o lugar e o papel da mulher na sociedade.

A partir desse movimento de desidentificação, os sentidos sobre a questão do lugar e dos direitos da mulher, com os quais este sujeito não mais se identifica, entram em deriva e vão resultar num novo domínio de saber. O enunciado *Eles achavam que éramos fakes, depois tentaram nos derrubar, mas não conseguiram. Estamos juntas, somos diversas e faremos a revolução* ressignifica o sentido de ser mulher, e esse novo sentido vai inaugurar um novo espaço de dizer, vai abrigar novos sentidos sobre o lugar e o direito da mulher, os quais se inscrevem num novo domínio de saber, o das feministas, organizado por saberes de uma nova forma-sujeito.

Temos, então, a caracterização de um novo movimento discursivo: antagonismo e ruptura com a forma-sujeito; saberes excludentes em uma Formação Discursiva historicamente instituída; desidentificação da Forma -Sujeito. Tudo isso vai culminar no surgimento de uma nova Formação Discursiva, conseqüentemente de uma nova Forma-Sujeito que vai provocar movimentação e reordenamento dos sentidos no espaço de memória sobre os saberes que se organizam em torno da questão da mulher e seu espaço social.

Tomando o enunciado em questão poderíamos organizar dois espaços de saberes antagônicos a partir da materialidade presente na postagem, com base nos já ditos sobre a figura feminina.

Quadro 1 – Análise de tuítes relacionados ao movimento de mulheres contra Bolsonaro

Enunciado	Formação Discursiva Patriarcal (saberes organizados pela Forma-sujeito)	Formação discursiva Feminista (saberes organizados pela Forma-sujeito)
<i>Eles achavam que éramos fakes, depois tentaram nos derrubar, mas não conseguiram. Estamos juntas, somos diversas e faremos a revolução</i>	O movimento feminista é uma farsa, portanto, não existe; O movimento feminista é frágil, pode ser destruído; Estão sozinhas, são vulneráveis; O movimento feminista não mudará a realidade das mulheres	O movimento feminista é histórico, existe; O movimento feminista é forte, portanto não pode ser destruído; O movimento feminista está sustentado pela coletividade, pela diversidade; O movimento feminista mudará a versão histórica instituída sobre a mulher

Esse movimento antagônico e excludente está marcado pelo uso da forma pronominal eles, seguido das formas verbais: acharam, tentaram, conseguiram, verbos na terceira pessoa do plural – eles – para marcar um lugar ocupado por quem o sujeito enunciador se opõe. O enunciado segue o movimento de oposição tecendo, marcando o outro lugar, outro lado, através do uso dos verbos: estamos, somos e faremos, verbos na primeira pessoa do plural: nós. Essa

oposição eles/nós vai se delineando durante todo o enunciado, assumindo um ritmo que parece tecer uma costura em zigue-zague, encenar um confronto e, ao final, o sujeito enunciativo aponta para o futuro, como quem propaga uma vitória nesse embate, através do verbo no tempo futuro e convicto: **faremos** a revolução.

A imagem presente na postagem traz as marcas do movimento feminista, o espelho de Vênus na cor lilás e no centro a imagem de várias mulheres, caracterizando a diversidade na construção desse coletivo – Indígenas, pretas, gordas, brancas, camponesas etc. – e a imagem de Rosie³ com o braço flexionado numa demonstração de força, que se tornou símbolo da luta feminista⁴.

Além disso, a imagem corrobora com a instauração de uma subjetivação do sujeito caracterizada pela desidentificação com a forma-sujeito da FD patriarcal, pois instaura, a partir do diverso, da coletividade, a produção de novos saberes, a construção de um novo sujeito histórico, através da ruptura com a Formação Discursiva a quem estava outrora submetido.

Com base nas discussões suscitadas, trataremos, no decorrer do trabalho, alguns gestos de análise de materialidades diversas no corpo de todo o texto (essa escolha foi feita para costurar a teoria e a análise, de modo a considerá-las como dois lados da mesma moeda), como forma de apropriação dos sentidos do caminho que desejamos seguir, ou, quem sabe, do (des)caminho que pretendemos fazer para ilustrar os aspectos teóricos descortinados. Apesar desse caminho ilustrado, teremos, ainda, um capítulo específico para a realização de análise de dados das materialidades em que as discussões serão tomadas com maior aprofundamento.

³ Um pouco mais sobre a história de Rosie pode ser encontrado em matéria do UOL – Disponível em: [Rosie, a Rebitadora: conheça a história por trás do símbolo feminista \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/ultimas-noticias/2022/12/20/rosie-a-rebitadora-conheca-a-historia-por-tras-do-simbolo-feminista). Acesso em: 20 dez. 2022.

⁴ Essa imagem foi criada durante a Segunda Guerra Mundial e exibida em um cartaz por apenas duas semanas, em 1943, na porta da companhia elétrica Westhouse, nos Estados Unidos. Ela resgata uma memória da história de Rosalind P. Walter, uma das primeiras mulheres operárias a trabalhar na indústria armamentista, já que a maioria dos homens se encontrava na guerra. No turno da noite em uma fábrica, ela rebitava chapas metálicas para serem usadas na construção de aviões. Sua história chamou a atenção de um jornalista, que a contou em sua coluna. O texto dessa coluna inspirou, então, a banda Kay Kaiser a escrever a música *Rosie the Riveter*, que fez muito sucesso na época. E, a partir dessa canção, a imagem de Rosie, a rebitadora (como ficou conhecida) foi materializada num cartaz que trazia os seguintes dizeres: *we can do it* (nós podemos fazer isso).

2. ELAS SIM, #ELE NÃO: MARCHAS DISCURSIVAS RUMO AO MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA

“Aquilo que o sujeito não pode falar, ele grita por todos os poros de seu ser.”
Jacques Lacan

Figura 4 – Movimento na rua contra Bolsonaro em 2018



Fonte: Guilherme Santos/Sul21.

Na fotografia acima (Figura 4), temos a apresentação de uma imagem de pessoas em manifestação na rua. Em meio à multidão, percebe-se um cartaz sustentado por uma mulher que tem seu rosto tomado pelo material que sustenta. O enunciado que compõe o cartaz diz respeito à resposta das mulheres a uma fala do presidente Jair Messias Bolsonaro proferida em uma palestra no Clube Hebraica em abril de 2017, quando, ao fazer menção aos filhos, considera que ter tido uma filha, após ter sido pai de quatro homens, foi uma “fraquejada”. O cartaz tomado para essa discussão não assume aqui um caráter meramente ilustrativo, pois nos interessa seu funcionamento discursivo, e como tal constitui-se pela opacidade e pelo atravessamento da história, além de ser o lugar de materialização da ideologia. Para pontuar tal funcionamento, faz-se necessário compreender as condições de produção dos discursos em análise, já que as palavras vão mudar de sentido a partir do lugar de onde são enunciadas. Percebe-se que o enunciado presente no cartaz se

constitui enquanto resposta à manifestação de Bolsonaro, que atribui à mulher o sentido de fraqueza “[...] a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”.

Conforme a teoria pecheutiana, há uma incessante retomada do já-dito que se constitui pela memória, desse modo, os sentidos se formam, se instituem historicamente, mas sempre escapam, como numa espécie de jogo. É com base em todos os já-ditos sobre o que é e/ou como deveria ser a mulher e sua des(ocupação) do espaço na sociedade que se consolida a (re)ação das mulheres frente ao posicionamento do candidato à presidência da República, Jair Messias Bolsonaro, em relação a pautas femininas. Segundo a análise de discurso materialista, toda materialidade carrega em si um conjunto de traços discursivos que a conectam com estes já-ditos. No exemplo em questão há um amálgama entre a mulher e o cartaz, uma vez que o rosto da primeira está coberto pelo segundo, de forma que a imagem do rosto feminino se confunde com a do cartaz, como numa interconexão que indica que as duas coisas são apenas uma. Assim, o corpo aí representado, atravessado pela memória de luta dos movimentos feministas, se constitui como um corpo reivindicador, um corpo que grita e resiste, de modo que corpo e reivindicações do cartaz se constituem de maneira interconectada atravessados pela ideologia feminista.

Retomando agora a imagem presente no cartaz da figura 4, utiliza-se da mesma palavra, “fraquejada”, antes atribuída como sinal de fragilidade, para, numa luta pelos sentidos, mostrar a força delas – “as fraquejadas na linha de frente [...]”. A ideia de plural “as fraquejadas” remete a essa coletividade, essa luta de classe como luta pelos sentidos. Há um deslizamento de sentido relacionado à palavra “fraquejada”, e possibilitado pelo movimento de contradição que é constitutivo do sentido e do sujeito. Assim, “fraqueza” assume o lugar de força ancorada no enunciado “linha de frente”, visto que as palavras assumem lugar do mesmo e do diferente nos processos discursivos a partir do lugar ocupado pelos sujeitos enunciadoreis.

Essa luta de classes, que indica uma revolta em relação à ação do patriarcado para manter a subalternidade da mulher, e o enfrentamento destas mulheres por não aceitarem tal condição, estão marcados pelo uso da palavra “opressor”, que remete à relação opressor / oprimido, no intento de trazer essa luta para a igualdade de possibilidade. Percebemos o discurso de resistência definido por uma Formação discursiva específica, nesse caso, a feminista que se apresenta como antagônica a uma outra Formação Discursiva – a machista. Vale destacar que o suporte onde estão ancorados os enunciados assumem uma cor que historicamente não poderia ser outra senão o tom de rosa/lilás. As duas palavras em destaque – “FRAQUEJADA e OPRESSOR” – ganham essa mesma

tonalidade, sendo a primeira em lilás, e a segunda em tom de rosa. Através da memória discursiva que atualiza os sentidos, essas cores podem ser relacionadas ao universo feminino. A cor rosa/lilás, definida socialmente como representação da figura feminina, a fragilidade da mulher, vai ser deslocada, ressignificada no movimento feminista, como símbolo de luta, que toma como base a greve realizada pelas operárias de uma tecelagem norte-americana, que as levou à morte no dia 8 de março de 1857. Conta-se que os tecidos em que estavam trabalhando tinham essa tonalidade (Garcia, 2015).

O cartaz é finalizado em sua constituição com a imagem de uma mulher, seguida da frase “MARIELLE VIVE”. Este enunciado marca os sentidos de enfrentamento, luta e coragem, posto que a imagem da figura de Marielle Franco está associada a um forte movimento de militância.

O contexto político que marca o período que antecede as eleições presidenciais no Brasil em 2018 faz eclodir vários movimentos de mulheres em razão dos já-ditos sobre elas. Historicamente, as questões relacionadas a gênero sempre designaram os lugares de homem e mulher, numa tentativa de controlar os sentidos instituídos, assim, dominar as subjetividades, levando os sujeitos a ocuparem um lugar naturalizado.

A desigualdade entre os gêneros foi concebida a partir da ideia de um determinismo biológico que conferia características fixas que diferenciavam homens e mulheres, tais como: homens são fortes e mulheres são frágeis, cabendo à mulher o atributo da beleza, da delicadeza e do sentimento, da fragilidade, além da histeria, o que a oporia ao homem, definido por seu caráter de força e majestade, coragem e razão, equilíbrio e inteligência (SOIHET, 1997).

Trazer à tona um breve histórico da luta das mulheres por ocupar espaços na sociedade auxilia na compreensão de uma memória que institui os dizeres sobre sua forma de existência e resistência. Perrot (2005) propõe uma discussão a partir do desconforto, do mal-estar causado aos homens, em razão das conquistas femininas no século XIX. Desse modo, aponta algumas estratégias utilizadas por eles para tentar limitar a força das mulheres ou canalizar o poder por elas demandado, em favor deles, utilizando-se para isso, desde a tentativa de silenciamento, como da exaltação da figura feminina, no intento de escravizá-la, torná-la mais suscetível à dominação. Assim descreve:

O que fazer diante de tal força das mulheres? Ouçamos o Parsifal de Wagner: “A salvação consiste em exorcizar a ameaça que a mulher representa para que uma ordem dos homens triunfe”.

Duas soluções: impor silêncio às mulheres; ou bem torná-las cúmplices dos homens exaltando a Mulher. “A Mulher é uma escrava que é preciso frequentemente colocar no trono” (Balzac)” (Perrot, 2005, p.268)

O século XIX atingiu seu ponto máximo no que se refere à ideia de segregação sexual dos espaços, definindo o lugar de homem e de mulher. Perrot (ibid., p.198- 199) apresenta o que diz um texto operário de (1867) “Ao homem, as madeiras e os metais. À mulher, a família e os tecidos”. Nessa definição de espaços, o funcionamento da ideologia conduz a uma diferenciação de papéis em que homens são discursivizados como os que trabalham e produzem (madeiras e metais), e mulheres como as que se restringem ao ambiente doméstico (família e tecidos). Sabe-se que historicamente, o casamento sempre se estabeleceu como o mais importante – e talvez único – objetivo de vida da mulher, pois, através dele, a mulher atingiria uma forma integral de dignidade social. Há, desse modo, uma corrida pela conquista de um marido, de um protetor. Através do casamento, sairia do domínio paterno e materno, porém, desembocaria, inevitavelmente, nos domínios de um novo senhor – o marido (Beauvoir, 2009).

Muitos são os mitos, as imagens que tentam camuflar a história das mulheres, cujo destino é o universo da repetição, através da fixidez dos espaços. Essas imagens construídas sobre a mulher estão travestidas de desejo e medo dos homens que a contam.

Impulsionada por esse medo e desejo suscitado pelas mulheres, a sociedade do século XIX tece dizeres nos quais tenta defini-las. São assim percebidas, conforme mostra Perrot (2005):

Às vezes é a mulher fogo, devastadora das rotinas familiares e da ordem burguesa, devoradora, calcinando as energias viris, mulher das febres e das paixões românticas, que a psicanálise, guardiã da paz das famílias, colocará na categoria de neuróticas; filha do diabo, mulher louca, histérica, herdeira das feiticeiras de antanho. A ruiva heroína dos romances de folhetim, aquela mulher cujo calor do sangue ilumina a cabeleira e a pele, e por meio de quem a infelicidade chega, é a encarnação popular desta mulher de chamas que deixa apenas cinza e fumaça.

Outra imagem, contrária: a mulher água, fonte de frescor para o guerreiro, de inspiração para o poeta, rio sombreado e tranquilo onde podemos nos banhar, onda lânguida cúmplice dos almoços sobre a relva; mas também, água dormente, lisa como um espelho, estagnada como um belo lago submisso; mulher doce, passiva, amorosa, quieta, instintiva e paciente, misteriosa, um tanto traidora, sonho dos pintores impressionistas. (Perrot, 2005, p. 199-200).

Ainda em Perrot, vimos outra construção da imagem da mulher que a associa à terra, como uma metáfora para designar a ela características como: fecunda, apalpável, penetrável, semeável, além daquela que possui caráter estabilizador, civilizatório, como mulher pautada nas colunas da moral. Muitas são as imagens criadas sobre a mulher, numa tentativa de cristalização dos sentidos

de ser homem e de ser mulher, ainda em relação a um determinismo biológico que impacta na construção dos papéis sociais ocupados pelos diferentes gêneros.

Um dos grandes desafios no processo de luta enveredada pela mulher está relacionado ao estabelecimento de uma caminhada na contramão dessas imagens, marcadas na memória, e que modelam a história a partir de um sentido dicotômico do masculino e do feminino que define aquele como criador, revolucionário; e este como o conservador, submisso.

A luta por fazerem e contarem suas próprias histórias sempre demandou das mulheres muito esforço, pois comumente encontrou no caminho movimentos para aprisioná-las, engessá-las, silenciá-las, numa tentativa de impedi-las de saírem dos espaços domésticos. Para as que se atreveram, que saíram das fronteiras do espaço a elas permitido – o doméstico – viveram a opressão advinda do homem e do patrão. Nas palavras de Perrot:

Relativamente recente, sem tradição, oprimida por uma dominação bicéfala em que o homem e o patrão se apoiam, o proletariado feminino oferece todas as características do exercício industrial de reserva: emprego flutuante, sem qualificação, suas remunerações são inferiores a cerca da metade das remunerações dos homens. Para os operários, o salário feminino representa sobretudo um complemento, temporário, em maior ou menor grau. A mãe de família deixa de trabalhar e todas as monografias de família descrevem como crucial o tempo da maternidade ativa. A operária sofre uma dupla opressão: como mulher e como operária (Perrot 2005, p.156).

Mesmo com o advento da Revolução Industrial, não há, para as mulheres, pelo menos inicialmente, uma mudança significativa no que se refere ao seu assalariamento; o que ocorre é uma extensão de sua servidão, que toma uma dimensão que perpassa do círculo familiar para a fábrica, caracterizada pela falta de qualificação, pela precariedade de emprego e de dependência sexual, já que contratação, gratificação, promoção estão em domínio de uma direção masculina. Essa relação de servidão assola também os proletários desprovidos de direitos sociais, e, de modo mais cruel, as mulheres que, sobretudo, estão sujeitas à exploração daquele que detém a força e, ainda mais, é o patrão para quem tudo é possível.

A situação das mulheres tornava-se ainda mais grave quando, em ato de luta, somavam-se na adesão grevista em busca de direitos trabalhistas, já que as greves femininas chocavam com o que já era considerado incompatível: a feminilidade com a situação de operária. O que se tornava pior para elas era a realização de ações grevistas organizadas por mulheres. Insultadas pela polícia, caricaturadas pela imprensa burguesa, consideradas como loucas, irresponsáveis.

2.1 A resistência esboçando-se no movimento político

Muitos foram e são os obstáculos enfrentados por mulheres na luta por seus direitos. Portanto, fazer parte de organizações sindicais, em razão de seu caráter de mediação entre as relações de trabalho e instituições democráticas, foi de suma importância para as trabalhadoras em busca de cidadania no universo do trabalho. Mesmo cientes de que não seria fácil fazer parte da diretoria dos sindicatos, compreendiam que era preciso percorrer esse trajeto longo em busca de uma socialização política.

Mesmo diante do reconhecimento da importância da mulher como militante ativa, estas tinham suas candidaturas nas diretorias do sindicato tratadas como uma ação imprópria que extrapolaria suas atribuições naturais de mulher. O pensamento de que a inclusão da mulher na representação política ultrapassaria seus limites, sobretudo no que tangia à sua reponsabilidade doméstico-familiar e invadisse um território, ainda de domínio dos homens, era um grande impedimento para que houvesse igualdade nos papéis sociais de homens e mulheres.

Giulani (2018) apresenta o relato de algumas mulheres para evidenciar as dificuldades por elas enfrentadas no que se refere à participação política na diretoria dos sindicatos dos quais destacamos:

Nós tivemos eleição esse ano e a gente teve problemas muito sérios na disputa. Eu acho que as disputas são sadias, são normais, mas entre os homens elas se dão de forma diferente. Eles disputam de uma forma que consideram política, e quando é mulher, quando discutimos, o que [nós] falamos é entendido como fofoca, como quem fala demais, reclama demais. A gente não deixa de reconhecer que recebemos uma educação em que a mulher é submissa, o mundo dela é limpar a casa, lavar, passar, cozinhar. Foi esse mundo que foi guardado pra nós, enquanto o mundo público, de fazer política, ir para a rua, bater bola, é o mundo dos homens. (*operária e dirigente sindical*) (Giulane, 2018, p. 656)

Os sujeitos mulheres na posição de sindicalistas identificam os discursos discriminatórios presentes nos códigos sociais e, desse modo, reagem ao que está tradicionalmente posto, promovendo uma renovação da cultura sindical e, conseqüentemente, uma nova forma de se fazer política. Como pode ser percebido no pronunciamento de outra mulher dirigente sindical, conforme apresentado por Giulane (2018):

A gente vive uma contradição muito interessante. Foi educada pra ser sensível, afetuosa, maternal, isso tudo significa ser servil, aceitar a dominação e achar ótimo. Agora quebramos isso, não queremos mais ser esposas, mães, donas de casa, entrando para a vida pública. Hoje, estamos vivendo um momento que é uma passagem de uma afetividade e sensibilidade que sempre significou dominação para uma afetividade que significa

relações igualitárias e uma participação igualitária no mundo público. (*operária e dirigente sindical*) (Giulane, 2018, p. 657)

Ao longo da história, muitos discursos pautados na legitimação da desigualdade entre homens e mulheres circularam e circulam na sociedade. Discursos marcados pela ideologia patriarcal e regulados pela memória. Porém, como nos lembra Pêcheux, a memória “é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos [...]” (Pêcheux, [1983] 1999, p.56). Toda essa movimentação encena, mostra o espaço ocupado pelo contraditório, pela luta pela regularização.

O feminismo emerge historicamente como movimento de luta, com base nesse deslocamento que se dá a partir dos conflitos em direção a um movimento social emancipatório. Garcia (2015) define o feminismo como:

[...] a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. Partindo desse princípio, o feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social. (Garcia, 2015, p.13).

Tiburi (2022) defende que o feminismo é um sistema conceitual, portanto promove seu próprio conhecimento, o que implica numa revolução epistemológica (Bachelard *apud* Tiburi, 2006) no sentido de aventar mudança de concepção de mundo, e essa revolução culminaria, ainda, numa revolução ético-política (TIBURI, 2022). Tudo isso a partir da ação feminista de colocar “mulher” e “gênero” como categorias de análise, sobretudo propiciando uma compreensão das feministas como agentes éticos e políticos, tais como vêm sendo feitas por mulheres durante séculos de luta em defesa dos seus direitos, de questionamento ao patriarcado, o que dá a elas, ocupando este lugar discursivo, o direito de serem chamadas de feministas, mesmo antes da existência do termo – que só foi empregado pela primeira vez por volta de 1911, nos Estados Unidos (Garcia, 2005).

2.2 Mulheres e resistência: gênero, sexo e movimento político

Para falarmos da questão da resistência no movimento de mulheres, vamos, recorrentemente, trazer o conceito de gênero. Beauvoir (2009) apresenta uma perspectiva dualista na concepção de sexo e gênero. Aquele seria compreendido como algo dado referindo-se à constituição anatômica e fisiológica que poderia ser definido como fixo e natural e, este, como aquilo que é construído culturalmente e posto sob um corpo sexuado.

Atualmente, essa perspectiva dualista é posta em questão, culminando em novas reflexões nas quais tanto sexo quanto gênero se inscrevem culturalmente no mundo, a exemplo de Butler, que propõe a construção de uma historicização do corpo e sexo que dissolve a dicotomia sexo e gênero. Conforme Butler (2003, p. 22), “[...] a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos”, e por isso não daria conta de observar o sexo como um produto cultural. Tomando essa ideia como mote, afirmamos que ser mulher, tanto em sua condição biológica quanto em sua constituição simbólica, não é uma condição natural, mas é sim uma construção naturalizada socialmente.

Perrot (2005), ao apresentar uma reflexão acerca da história dita das mulheres, chama atenção para o resgate do sentido dessa história a partir da análise, desconstrução da diferença entre os sexos na relação com o outro sexo. Assim, defende o gênero como categoria do pensamento e da cultura que vem antes do sexo e o modula. Afirma, ainda, que o corpo tem uma história e, tomando como base os estudos foucaultianos, define o corpo como representação e lugar de poder. Fala sobretudo sobre a identidade como algo que não é estabelecido definitivamente, mas se constitui como efeito instável.

A partir da discussão suscitada a respeito da identidade, mostra o processo de sexualização do gênero a partir do século XVIII:

[...] o gênero se faz sexo, como o verbo se fez carne. Homens e mulheres são identificados por seu sexo; em particular as mulheres são condenadas a ele, ancoradas em seus corpos de mulheres chegando até a ser prisioneiras deles. Assiste-se, então, à biologização e à sexualização do gênero e da diferença entre os sexos. As implicações teóricas e políticas desta mutação são consideráveis. Por um lado, ela tem, de forma latente, novas maneiras de percepção de si e sobretudo a psicanálise (a oposição falo/útero, a definição da feminilidade em termos de falta, de vazio, a “pequena diferença” que é a base do grande diferendo). Por outro lado, ela traz uma base, um fundamento naturalista para a teoria das esferas – o público e o privado – identificadas com os dois sexos, a teoria pela qual pensadores e políticos tentam organizar racionalmente a sociedade do século 19 (Perrot, 2005, p. 470).

Essa compreensão de gênero visto com o revestimento pelo sexo instaura, tomando Foucault como base, “uma biopolítica entre os sexos”. Desse modo, os aspectos relacionados à reorganização política estariam acompanhados por uma redefinição das identidades sexuais.

As formas de compreender o mundo, os lugares sociais, projeções de homem e mulher, os papéis ocupados por estes, as formas de se manifestar dizem respeito ao modo como os sujeitos são interpelados pela ideologia, e é no discurso que essas ideologias são materializadas.

Há uma hierarquia que se estabelece no patriarcado, que marca a desigualdade de gêneros e se constitui como forma de violência materializada nos vários discursos em circulação nas instâncias sociais, o que significa dizer que essa violência nem sempre corresponde somente ao enfrentamento corporal, pois pode ser também caracterizada por lutas simbólicas (Soihet, 1997).

A violência simbólica se apresenta de diversas maneiras e, na construção do que se instituiu como masculino e feminino, homens e mulheres são violentados simbolicamente, para que os papéis socialmente instituídos para ambos sejam reproduzidos. Segundo Bourdieu (1999), a violência não precisa ser física para que se caracterize como tal, assim:

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem essa relação ser vista como natural. (Bourdieu 1999, p. 41).

Assim, definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica é reconhecer como a relação de dominação é histórica, cultural e discursivamente construída a partir de sentidos que definem a diferença entre homens e mulheres como sendo de ordem natural, negando, assim, sua dimensão histórica. O substrato dessa violência simbólica permanece nas relações assimétricas entre os gêneros, em que a passividade deve ser a marca do caráter feminino, para a sustentação de uma sociedade ancorada no patriarcado, ou seja, conforme aponta Garcia (2015), por uma organização “política, econômica, religiosa, social baseada na ideia de autoridade e liderança do homem, no qual se dá o predomínio dos homens sobre as mulheres”.

Neste trabalho, partimos do princípio da compreensão de gênero e de sexo como construções discursivas, como efeito de um processo de interpelação que é marcado por seu caráter complexo e contraditório. Isso significa dizer que não se trata de direcionar a discussão para a

dominância de sentidos normativos, mas descrever os pontos nevrálgicos quando vozes, corpos historicamente silenciados ou interditados entram em cena.

É nesse processo de luta em relação aos discursos dominantes que nos interessa analisar o modo como o sujeito posto no lugar de mulher realiza os movimentos de resistência através do posicionamento desse sujeito frente a tais discursos.

Historicamente, a mulher foi definida, construída como portadora de um corpo frágil, e essa construção estabeleceu papel e lugar específicos para ela na sociedade. Além disso, teve como sustentação o processo relacionado às mudanças vivenciadas por ela, desde a puberdade até a menopausa, como elementos que a enredam, amarram-na, selam seu destino à subalternidade. Como salienta Perrot (2005):

A mulher é, inicialmente, um corpo “fraco”, “com órgãos delicados”, “frágeis”, sujeitos a “indisposições periódicas”, corpo que condiciona seu humor instável. “O organismo feminino está submetido à certa indisposição devido à sua natureza, desde a puberdade até a menopausa [...]” (Perrot, 2005, p. 177).

Cabe ao homem, então, em razão de seu “poder” e “equilíbrio”, ocupar-se dos espaços de dominação, já que, além de frágil, a mulher é tomada de uma inconstância física e emocional. Essa fragilidade, é, por exemplo, vista em diversos gêneros, tais como os contos de fada tradicionais que apresentam em suas tramas a reprodução desses papéis sociais relacionados ao homem e à mulher. A ele é dado o posto de salvador, aquele a quem a mulher sempre esperou para dar-lhe a vida, livrá-la da prisão, salvá-la do perigo. A ela, cabe permanecer na condição de sono profundo para que o homem se mantenha na imanência do poder. Permanecer nessa conjuntura em que os saberes da forma-sujeito estão marcados pelo machismo é manter o ritual ideológico dominante no espaço desta Formação Discursiva patriarcal.

Assim, a construção social da dicotomia homem /mulher designa a ela lugar de sujeição ao homem em razão de um pré-construído que define o que os caracteriza – ou deve caracterizá-los – segundo a ideologia do patriarcado, com base nos já ditos sobre o que os constitui enquanto homem e mulher. E toda essa construção, que é social, histórica, ideológica, é transformada num processo de naturalização que corrobora para a compreensão do processo de dominação como algo comum. O próprio da ideologia é naturalizar uma posição, assim o indivíduo é interpelado como sujeito

livre para aceitar sua submissão. Na abordagem desse processo de interpelação do indivíduo em sujeito, Althusser (1980, [1970] p.113) afirma:

[...] o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para que se submeta livremente às ordens do Sujeito, portanto para que aceite (livremente) a sua sujeição, portanto para que realize sozinho os gestos e os atos da sua sujeição. Só existem sujeitos para e pela sujeição. (Althusser, 1980, [1970], p. 113).

No entanto, existem algumas formas de o sujeito se relacionar com as formações ideológicas dominantes que podem culminar em gestos de contradição, o que não significa que o sujeito deixe de ser interpelado ideologicamente, mas que questione e resista aos saberes da FD. Soihet (1997) também apresenta algumas questões que abordam modos variados de o dominado se relacionar com o processo de dominação:

Por outro lado, a incorporação da dominação não exclui a presença de variações e manipulações por parte dos dominados. O que significa que a aceitação pela maioria das mulheres, de determinados cânones não significa, apenas, vergarem-se a uma submissão alienante, mas, igualmente, construir um recurso que lhes permitam deslocar ou subverter a relação de dominação (Soihet, 1997, p. 12).

Pêcheux nos convida a pensar nessa subversão como forma de resistir, e, para produzir tais formas de resistência, faz-se necessário “começar a se despedir do sentido que produz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido no interior do sem-sentido” (Pêcheux, [1982]1990, p.17) Assim, e com base no furo da ideologia, a resistência se instaura e gera uma desestabilização dos sentidos estabilizados socialmente.

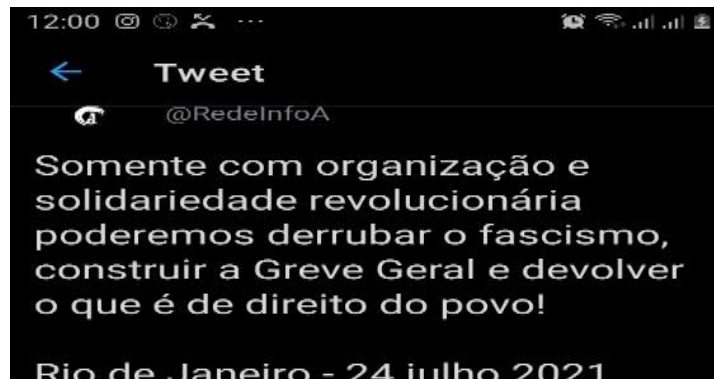
Preende-se, assim, verificar como o sujeito, através de uma tomada de posição, desvia dos efeitos ideológicos, das capturas e filiações da memória e questionam os efeitos da Formação Discursiva dominante através do movimento *#EleNão* realizado por mulheres durante o período das eleições para Presidência da República em 2018.

Isso porque toda forma de repressão vivida pelas mulheres, toda forma de violência culminou em muitas lutas por elas travadas, em prol de ocuparem um lugar numa sociedade em que tivessem voz. Os movimentos feministas se instituem enquanto tomada de consciência sobre qual era/é, de fato, o papel da mulher na sociedade através das lutas pela equidade, que culminaram nas chamadas ondas do feminismo.

Esses movimentos ganharam força a partir do sentido de coletividade que é importante para que outros sentidos ecoem. Partindo desse movimento, e no intento de retomar a discussão

relacionada ao processo de resistência compreendida como ponto inicial para a revolução, trago para reflexão mais um exemplo: uma fala de um perfil @RedeInfoA, do Mídia Ninja⁵, que teve sua postagem no Twitter relacionada ao movimento contra o governo do presidente Jair Bolsonaro em 2021:

Figura 5 – Print de tuíte: manifestações contra o presidente Jair Messias Bolsonaro



Fonte: Captura de tela do perfil @RedeInfoA.

Esse trecho apresenta-se como nota introdutória para divulgação de várias imagens de pessoas nas ruas se manifestando contra as ações do presidente Jair Bolsonaro. Percebe-se, no texto, uma construção que condiciona a “derrubada do presidente” a uma ação anterior presente no enunciado “somente com organização e solidariedade revolucionária”. Em vídeos também gravados do mesmo movimento com chamada nas redes sociais para manifestação nas ruas, mulheres gritam em uma só voz “Marielle é revolução, Marielle é revolução”.

O grito se estabelece como produção material através da elevação da espessura vocal que corporifica a resistência/revolução. O grito atualiza uma memória discursiva que rompe com a imagem da mulher construída num sistema patriarcal que lhe toma a voz. Desse modo, faz-se necessário que esse sujeito, mulher, produza formulações que digam que também tem voz, que precisa ser ouvida. Esse grito traz à tona o nome de Marielle⁶, caracterizando-a como a própria

⁵ Mídia Ninja é a sigla usada para Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação. É uma rede de mídia com atuação em mais de 250 cidades no Brasil. Sua abordagem é conhecida pela militância sociopolítica e identitária, declarando-se ser uma alternativa à imprensa tradicional. O grupo ganhou repercussão internacional na transmissão dos protestos no Brasil em 2013. Atualmente, além das transmissões em fluxo de vídeo em tempo real, pela internet, usando câmeras de celulares e uma unidade móvel, a rede possui um portal de notícias. A estrutura da Mídia Ninja faz uso das redes sociais, como [Facebook](#), [Twitter](#), [Flickr](#), [Tumblr](#) e [Instagram](#) na divulgação de notícias. Informações retiradas da página da [Mídia Ninja no site Wikipédia](#). Acesso em: 18 jul. 2022.

⁶ Durante as eleições de 2016, Marielle Franco foi a vereadora mais votada da cidade do Rio de Janeiro. Sua morte teve um impacto significativo na sociedade brasileira. Ela era uma defensora dos direitos humanos, ativista pelos

revolução. Nesse instante, percebemos que o movimento não apresenta somente o uso da resistência como elemento de luta, mas traz para o cenário outro léxico – Revolução – que parece exercer maior força no campo semântico de luta.

O cenário político, desde o período das eleições de 2018, tem provocado uma efervescência nesses espaços, propiciando, de modo crescente, a participação social através de manifestações de vários coletivos. As mídias ditas alternativas, as redes sociais, a exemplo do Twitter, têm se estabelecido como palco e dado visibilidade aos movimentos, bem como constituem-se como uma arena propiciadora de debates que ocorrem na rede. “Elas sim, #EleNão: marchas discursivas rumo ao movimento de resistência”, título da seção 2, diz respeito a uma proposta de análise relacionada aos movimentos de mulheres que estabelecem uma cena de interlocução, pois se reconhecem enquanto interlocutoras no processo de luta social.

“Elas sim” refere-se tanto ao movimento #EleNão como à II Marcha das Mulheres Indígenas, ocorrida em 2021 – ambos protagonizados por mulheres que transitam entre as redes e as ruas manifestando atos de antagonismo e resistência.

Historicamente, as mulheres carregam vários estigmas que as colocam numa condição de inexistência, de apagamento. Retomando, por exemplo, já-ditos que subjazem à mitologia grega, trataremos como ilustração a narrativa construída através da figura de Medusa que denuncia esse não lugar (des)ocupado pela mulher. A história mitológica conta que Medusa era uma das Górgonas e tinha uma beleza admirada por todos os deuses gregos. Certo dia, foi estuprada por Poseidon no templo da deusa Atenas, que a amaldiçoou transformando seus cabelos em serpentes. Não se sabe se tal ação foi para puni-la ou protegê-la de outros deuses. Perseu, tido como herói, cortou a cabeça de Medusa para utilizá-la como arma. A história descreve Medusa como um monstro, nunca como uma vítima das atrocidades cometidas por seu algoz.

Ainda pautada na mitologia grega, apresentamos também como exemplo dos já-ditos sobre a mulher, a figura de Pandora. A história mitológica apresenta a figura de Pandora como a primeira criação feminina e a origem dos males da humanidade. Zeus foi o criador de Pandora e, segundo a

direitos das mulheres, negras e LGBTQIA+, e uma voz ativa contra a violência policial e a discriminação. Os assassinatos de Marielle Franco e de seu motorista Anderson Silva chocaram o país e geraram protestos em todo o Brasil e no mundo. Muitas pessoas se uniram para exigir justiça e cobrar investigações transparentes. Além disso, o legado de Marielle inspirou outras lideranças a continuarem lutando por igualdade, justiça e mudanças sociais. Seu nome se tornou símbolo de resistência e esperança, e sua história continua a impactar a luta por direitos e igualdade no Brasil.

narrativa grega, essa criação estava vinculada a uma forma de vingança aos irmãos Prometeu e Epimeteu. Isso porque Prometeu roubou o fogo do Olimpo e o deu aos homens. Pandora fora criada por Hefesto, seguido das instruções dadas por Zeus. Além disso, recebeu vários atributos fornecidos por outros deuses, tais como: graça, beleza, sedução, habilidades manuais para fabricar coisas, mente dissimulada e grande capacidade para enganar. Pandora foi ofertada por Zeus como presente a Epimeteu que, encantado, a recebeu de imediato. Tempos depois, Pandora se depara com uma caixa – a “caixa de Pandora” – e, tomada por uma curiosidade incontrolável, abre-a. O que ela não sabia é que na caixa estavam todos os males e que, uma vez escapados, eles se espalhariam por toda a humanidade, sem possibilidade de retorno para a caixa.

O mito de Pandora se entrelaça à história bíblica de Eva, em *Gênesis* no Antigo Testamento. Pois, segundo a narrativa bíblica, tomada pela curiosidade e pelo desejo de conhecer o bem e o mal, Eva teria sido a responsável pelos pecados da humanidade, após ter comido a maçã oferecida pela serpente e tê-la ofertado a Adão, tornando-o vítima da sedução da mulher.

Assim, circulam na sociedade patriarcal as várias Medusas, Pandoras, Evas, consideradas as responsáveis pelos desatinos do homem. Como responsáveis pelo mal da humanidade, recuperado também através do discurso bíblico na figura de Eva, cabe a elas o silêncio.

Para Orlandi (2011), o silêncio é um elemento essencial, assim como o ato de significar. Há um modo de estar no silêncio, dessa forma, o não dizer está ligado à história e à ideologia. Existe uma dimensão do silêncio que o remete ao caráter de incompletude da linguagem, posto que todo dizer possui, inevitavelmente, uma relação com o não dizer. Nessa perspectiva, há a necessidade da apreensão da errância dos sentidos, da vontade de unidade. Porém, o que o caracteriza é a dispersão, a incompletude, o equívoco e o não apreensível. O silêncio tem significância própria, não é apenas um complemento da linguagem. Propõe-se, assim, uma perspectiva de compreensão do silêncio como algo que não se estabelece enquanto coadjuvante no processo de significação.

Orlandi apresenta dois pontos em que o silêncio é presente, a saber, o silêncio fundador, a política do silêncio. Ela assim os define:

O fundador é aquele que torna toda significação possível, e a política do silêncio dispõe as cisões entre o dizer e o não-dizer. A política do silêncio distingue por sua vez duas subdivisões: a) o constitutivo (todo dizer cala algum sentido necessariamente; b) o local (a censura). O silêncio não é ausência de palavras. (Orlandi 2007, p. 102).

Ainda trazendo as palavras de Orlandi para reflexão das questões relacionadas ao silêncio, ela afirma que “impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso”. Partindo desse princípio é que pensamos o processo de silenciamento vivenciado pelas mulheres numa sociedade ainda liderada pela ação masculina. Ou seja, ao considerarmos o silêncio trabalhando nas fronteiras das formações discursivas, percebemos o jogo de contradições do qual ele é constitutivo, o que significa dizer que, nesses espaços fronteiraços, pode acontecer o movimento de resistência. É em meio a esse cenário histórico, ideológico, que as mulheres realizam movimentos que as possibilitam encontrar uma linha de fuga/resistência em relação ao efeito sujeito dominante.

Os movimentos de luta e resistência protagonizados por mulheres corroboram para a construção de outra narrativa, mais feminista, já que desestabilizam os sentidos definidos sobre a figura feminina numa sociedade marcada pelo patriarcado. Os movimentos relacionados à #EleNão e à II Marcha das Mulheres Indígenas denotam as lutas travadas por esses sujeitos em espaços políticos para desestabilizar sentidos pré-definidos sobre seu lugar na sociedade.

Elas, no comando da II Marcha, onde querem chegar? Quem são as mulheres que protagonizaram a II Marcha na capital federal do país? Para responder às indagações propostas, faz-se necessário contextualizar o movimento e suas motivações. Em manifestação contrária ao PL 490, Projeto de Lei que tramita no Congresso Nacional Brasileiro desde 2007, 800 indígenas estiveram acampados em Brasília no afã de pressionar o Congresso a vetá-lo. Esse projeto é massivamente apoiado pela bancada ruralista e foi protocolado em 2007 apresentando uma proposta de alteração do Estatuto do índio (lei nº 6.001), promulgado em 19 de dezembro de 1973.

O PL 490 cria um Marco Temporal em que fica designado que só serão consideradas terras indígenas aquelas ocupadas por eles até 5 de outubro de 1988; além disso, fica proibida a ampliação das reservas indígenas já existentes. Outro ponto que altera a Constituição diz respeito à suspensão do uso exclusivo dessas áreas pelo povo indígena, abrindo espaço, desse modo, para a exploração hídrica, energética, mineração, garimpo, e até mesmo a entrada das Forças Armadas e polícia federal sem que haja a consulta das etnias que habitam o território.

Fica a cargo do Supremo Tribunal Federal (STF) decidir se o Marco Temporal será considerado ou não para definição dos direitos à terra. Nesse ínterim, através da II Marcha, que teve seu início no dia 07 de setembro de 2021, as mulheres indígenas assumem a linha de frente em oposição ao Marco Temporal. Essa marcha tem a caracterização de um cenário

marcado por rituais ligados à cultura indígena. Danças e cantos tomam Brasília num protesto destas mulheres por seus direitos e como forma de acompanhamento do julgamento no STF.

Na abertura da II Marcha das Mulheres Indígenas, a principal liderança da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), Sônia Guajajara, apresentou o tema do evento do ano de 2021, **Reflorestar mentes**, e declarou:

Nós somos resistência, mas também somos beleza. É com este espírito de luta, de força, de coletividade e de resistência que estamos aqui juntas para fazer este chamado ao mundo para reflorestar as suas mentes, reflorestar pensamentos, reflorestar corações, porque só assim nós vamos reflorestar os nossos territórios. É por isso que nós somos as mulheres originárias reflorestando mentes para cura da terra. (Transcrição de fala de Sônia Guajajara na Abertura da II Marcha das Mulheres Indígenas, 07/09/2021).

O tema apresentado pelo movimento das mulheres indígenas, “Reflorestar mentes”, faz uma analogia entre a terra e a mente humana, considerando esta como terreno devastado, destruído, que carece de reflorestamento. Propõe-se, então, esse reflorestamento por aquelas podem fazê-lo – as mulheres originárias. Aquelas que são parte da terra, portanto as únicas que demandam dessa cura.

Logo de início, a fala da representante das mulheres indígenas as define como guerreiras, através de pronunciamentos como: “nós somos resistência”, “espírito de luta, de força, de coletividade...”. É nesse coletivo – “estamos aqui juntas para fazer este chamado ao mundo” – que são manifestas as ações que resistem, que ousam ocupar o espaço do inconcebível em meio ao saturado, possibilitando novos preenchimentos rumo a uma transformação social.

Dentre as questões apontadas através do tema do evento percebe-se o modo como os sentidos transitam entre as ideias de resistência e beleza: “nós somos resistência, mas também somos beleza”. De acordo com Orlandi (2007), em Análise de Discurso não se trabalha com a língua em si, mas com ela funcionando em relação à historicidade. Portanto, analisamos que o uso da conjunção adversativa *mas* sugere que há uma oposição entre o sentido de luta, que se dá através da resistência, e o sentido de beleza construído como algo que se mantém ligado ao padrão dominante. Tem-se, então, uma negociação de sentidos, para que um não se constitua como negação do outro. Isso em razão do já-dito, já-sabido, de uma memória que regula os sentidos de ser mulher. Poderíamos assim definir algumas possibilidades através de paráfrases: *Ou se é bonita / ou se é guerreira/ a guerreira não é bonita/ a mulher indígena não é bonita.*

No pronunciamento há um chamado que vem da coletividade das mulheres indígenas, um chamado para o mundo, proposto no enunciado, como forma de advertência para a situação

atual da destruição da terra. A proposta inicial é a de reflorestar mentes, pensamentos e corações. Essa ação seria uma tentativa de se fazer entendida/vista/ouvida, já que não existe uma interlocução entre aqueles que representam o Estado e os indígenas. A II Marcha ganha o espaço das redes e das ruas, no intento de, a partir das mídias sociais, iniciar um processo de interlocução, que, mesmo marcado pelo dissenso, estranhamento, repúdio, apresenta-se como a possibilidade dessas ações políticas. A marcha para as ruas objetiva ganhar visibilidade, vislumbra a construção de um espaço de diálogo. Porém, como escreve Almeida (2014, p. 15), no prefácio da obra de Spivak intitulada *Pode o subalterno falar?* “[...] esse espaço dialógico de interação não se concretiza jamais para o sujeito subalterno que, desinvestido de qualquer forma de agenciamento, de fato, não pode falar”. Spivak apresenta o lugar de subalternidade da mulher, que a impede de falar e, mesmo quando tenta fazê-lo, não encontra os meios para se fazer ouvida. Assim descreve: “Se no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (2014, p.85).

Muitos espaços de tensão são instaurados a partir das lutas para se fazer ouvir. Essas lutas são identificadas na e pela linguagem, pois, como define Lagazzi (1988, p.23): “Pela linguagem, somos obrigados a nos dizer, a nos identificar. A obrigação de falar é muito forte e só temos o direito de calar quando a palavra nos é recusada ou retirada” – e acrescentaria ainda: ou quando palavra e sujeito não são reconhecidos enquanto tais. E é nesse movimento de tensão, de luta pelos sentidos que são construídas as respostas, que assumem um posicionamento de luta, de resistência, nesse caso específico, contra o Marco Temporal.

Célia Xakriabá, membro da organização da II Marcha Nacional das Mulheres Indígenas, afirma: “Na luta a gente até passa perfume, mas se banha com proteção! Não lutar com a mesma arma do inimigo, não significa que estamos desarmados”. Percebe-se nessa assertiva a presença de dois sentidos – um que funciona pelo silêncio e outro que está no dito, pois elas se armam, mesmo que de forma diferente.

O Estado age de modo a desconsiderar as pautas de luta das minorias, desconsiderando-as, negando-lhes as particularidades de suas necessidades, numa tentativa de escamotear as diferenças que são constitutivas dos coletivos. Como aponta Lagazzi (1988, p.21):

Se por um lado constatamos a tentativa do Estado em abafar as diferenças e particularidades dos indivíduos, na busca do cidadão comum, mediano, completamente absorvido pela “massa”, observamos, por outro lado, a permanência da *hierarquia de*

poder entre as pessoas, uma hierarquia de *autoridade*, constitutiva do próprio Estado (grifos da autora). (Lagazzi, 1988, p. 21).

Essas ações denotam o modo de funcionamento da ideologia que, como define Athusser (1980), não representa o espelho da realidade, mas as relações imaginárias dos sujeitos com suas condições reais de existência.

Há, desse modo, através da ideologia dominante, uma tentativa de estabilização dos sentidos que, na verdade, se constitui exatamente na possibilidade de construção do lugar do equívoco, da resistência: “Não lutar com a mesma arma do inimigo não significa que estamos desarmados”.

Nessa luta contra a PL 490, as mulheres indígenas seguem suas pautas de luta pela vida, contra a violência sofrida. Essa opressão de raça é tão estruturante quanto a opressão de gênero, posto que a casta dominadora quer manter os oprimidos em seu lugar, ou seja, no lugar de dominação.

Então ocorreu, no dia 09 de setembro de 2021, na Câmara dos Deputados, uma audiência pública conjunta com as Comissões CDHM e CMULHER, dentre outras, para discussões relacionadas a violações e violências contra as mulheres indígenas. Estas denunciaram violações sofridas contra seus territórios e corpos e ocupam o espaço da Câmara dos Deputados como lugar legitimado, e se constituem através da linguagem enquanto sujeitos de direito de suas ações de luta.

A imagem presente na figura 6 representa esse momento em que, através das representações dos corpos, do modo como se apresentam, pode-se observar o modo como se constitui a movimentação dessas mulheres, que resistem ao que está posto pela ideologia dominante, que restringe o lugar que pode/deve ser ocupado por elas, espaço que as cerceiam.

Figura 6 – *Print* da imagem da Audiência pública CDHM e CMULHER



Fonte: Captura de tela de página no Twitter.

São os ditos sobre os espaços destinados à mulher na sociedade patriarcal que se rompem ao vermos corpos de mulheres indígenas ocupando um espaço político e, nesse caso específico, os dizeres sobre a necessidade de luta da mulher indígena, que, através de um movimento de recusa à ideologia dominante, se desvia da Formação Discursiva que indica que lugar de mulher não é nos movimentos sociais, nas lutas e na política.

O espaço presente na imagem é o da Câmara de Deputados, composta por bancadas, microfones, cadeiras. Ocupando o lugar, temos mulheres usando cocares, pintura nos seus rostos, colares com penas, todas com o braço direito estendido, algumas segurando um chocalho com a mão que está estendida. Muito diferente do que se afirma na história tradicional, os cocares, pinturas e penas não simples adornos: são marcas identitárias que constituem sentidos para esses corpos. O corpo da mulher indígena é um corpo marcado pelas tintas e constituído pelas lutas por visibilidade e respeito. Em sua grande maioria, as mulheres indígenas estão usando uma blusa de cor vermelha, que traz estampada na sua parte frontal elementos do movimento de luta dessas mulheres. Há na imagem a figura de uma mulher que está de frente para as demais, como que assumindo o lugar de liderança, trajada também de cocar na cabeça, blusa igualmente vermelha, braço estendido e chocalho na mão.

Tomamos, então, o corpo como discurso presente no movimento das militantes da II Marcha Nacional das Mulheres Indígenas. O corpo significa, configura-se enquanto espaço

simbólico, portanto, é da ordem da incompletude. Assim, corpo e linguagem constituem-se como lugares de resistência do sujeito, onde efeitos de sentidos se constroem e se dissimulam. Portanto, os elementos corporais considerados neste estudo, sobretudo a pintura, os cocares etc., inscrevem esses sujeitos mulheres no sentido histórico de mulheres indígenas, retomando e fazendo ecoar a memória histórica sobre ser indígena no Brasil. Esses elementos não são estéticos, mas elementos de filiação identitária, que diferenciam o corpo da mulher indígena do corpo da mulher não indígena.

Cabe salientar que a imagem é aqui compreendida enquanto discurso, ao passo que esta reclama sentidos, já que estes não estão dados, contidos nela. Assim, nesse jogo entre os elementos que habitam a superfície da imagem (rede parafrástica) e os que permeiam esse solo de significados (rede polissêmica) é que devem ser instauradas as análises. Pêcheux (1990) assim descreve esse jogo:

Através das estruturas que lhe são próprias, toda língua está necessariamente em relação com o ‘não está’, o ‘não está mais’, o ‘ainda não está’ o ‘nunca estará’ da percepção imediata: nela se inscreve assim a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível (Pêcheux, 1990, p.8).

Partindo desse princípio de análise, entende-se que o espaço assumido na Câmara dos Deputados pelas mulheres indígenas remete a um rompimento com as fronteiras do dizível no que se refere ao lugar que pode/deve ser ocupado por essas mulheres.

As indumentárias são apresentadas como reafirmação da identidade, bem como uma demonstração de disposição para a luta por seus direitos no espaço político. Na imagem, o posicionamento do braço direito remete à ideia de força, de chamada para a batalha; a cor vermelha presente nas blusas usadas pelas mulheres indígenas pode ter várias representações – segundo a região de onde se origina o povo indígena, contudo, em geral simboliza o sangue, a guerra, a força e a proteção, o que vai representar, nesse contexto de luta, de oposição dessas militantes, em oposição aos sentidos que se pretende cristalizar pela ideologia dominante.

E é nessa luta pelos sentidos, nesse embate social e político, nas posições ideológicas que as contradições tomam corpo, desvinculando-se da unidade ideológica.

O movimento das mulheres, mesmo que de lugares de luta diferentes, objetiva a emancipação, a participação política, bem como o desmascaramento de ações que naturalizam a violência contra a mulher.

As instituições sempre cumpriram o papel de estabilizar os sentidos, de torná-los transparentes através dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). Segundo Garcia (2015, p. 106):

Tanto a normalidade quanto a alteridade se constroem a partir das Instituições, uma vez que uma de suas funções é assegurar a homogeneidade, criar as regras que regem o normal e o anormal, o bem e o mal, o são e o patológico; o diferente (a diferença) fica fora da teorização, sem palavras e não somente inaudível, mas também invisível. Como a palavra impressa é frequentemente patrimônio do grupo dominante e usada para forçar a invisibilidade cultural, as vozes dos grupos dominados se encontram relativamente ausentes destas narrativas.

Importante salientar que, quando se trata do sujeito e de discursos, não há uma relação de homogeneidade; esta só existe num plano imaginário, posto que a formação discursiva é lugar de reprodução, mas também de transformação.

Essa transformação ocorre a partir de movimentos, de contradições, de conflitos nas fronteiras das formações discursivas que culminam numa ação de resistência. Pêcheux elenca algumas ações como estratégias de resistência:

[...] não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens, não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo, //falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras. (Pêcheux, [1982] 1990, P.17).

No movimento feminista, uma aliança mais progressiva entre as relações de classe, gênero e raça fortalece a luta das mulheres, já que o sentido de coletividade precisa reverberar no espaço social.

Figura 7 – Print da Marcha das Mulheres Indígenas



Fonte: Captura de tela de página no Twitter.

Na imagem da figura 7 temos um recorte que remete às ações do movimento nas ruas. Voltamos a afirmar que tomamos a imagem como discurso, já que, enquanto objeto simbólico, produz sentidos (Orlandi, 2012). Portanto, a imagem e suas discursividades são afetadas pela memória discursiva – memória esta que se constitui pelo esquecimento, para que o sujeito tenha a impressão de ser a origem do dizer.

Na imagem, em destaque, aparece a figura de uma mulher com uma criança no colo, braço direito apontando para o alto, uso de pinturas no rosto, cocar na cabeça, e na mão um chocalho, instrumento utilizado nas cerimônias religiosas e de guerra. Há a repetição de alguns elementos presentes na imagem da figura 4, como a mão levantada e a expressão facial que remete à luta, as pinturas do corpodiscurso. Tais repetições indicam um espaço de memória que tende a constituir sentidos de luta e reivindicação. O movimento do braço estendido aponta para uma memória marcada por histórias de lutas, de enfrentamento das minorias. Com seu braço esquerdo segura uma criança, supostamente sua, e, na cabeça dessa criança, consta uma faixa com o enunciado “Fora Bolsonaro”, o que lança luz sobre o elo entre o movimento das mulheres indígenas e o movimento de mulheres baseado na *hashtag* #EleNão.

Essa luta é, pois, uma prática discursiva de resistência. Dela decorrem gestos de retomada e espaços de memória que produzem os necessários deslocamentos de sentidos para que outras gerações tenham acesso à memória histórica e social dos processos de dominação sofrido pelos povos indígenas. Ao se insurgirem, os sujeitos mulheres que praticam gestos de resistência se constituem como sujeitos que reivindicam direitos, políticas públicas etc. e, de certa forma, em guardiões da memória, sujeitos que obedecem ao impulso de resistir.

A imagem enseja gestos da memória discursiva, através da retomada, repetição, regularização da tensão histórica vivida pela batalha dos indígenas contra os colonizadores europeus, em defesa de suas terras. Temos, nesse caso específico trazido através da imagem, o deslizamento de sentidos, posto que as mulheres assumem a linha de frente dessa nova versão da batalha, e a luta, nesse caso específico, é contra as ações de representantes da política brasileira.

Importante ressaltar que não há sentido pronto e acabado, o que há são produções simbólicas; portanto, o que temos são leituras a partir de uma posição. Tampouco há como controlar a memória, por mais que se tente, pois sempre haverá uma lacuna, uma marca de seu desaparecimento.

Embora haja uma tentativa em silenciar toda história de massacre, de extermínio do povo indígena, através do silenciamento de sua história, as marcas da memória sempre encontram um lugar para ressurgir, para significar.

Na imagem percebemos um movimento de atualização da memória através da representatividade da luta das mulheres indígenas no campo político, e a associação dessas mulheres a outros movimentos feministas. Elas lutam por suas terras e por espaço no Congresso Nacional.

A memória é constituída pela repetição exposta em discursos em circulação em que sentidos são regularizados, porém, a força de se repetirem pode acabar por modificar o sentido de modo que as redes discursivas de formulação, formadas a partir de um regime de repetibilidade, passam a receber novas formulações que, ao mesmo tempo em que vão se reunindo às já existentes, vão atualizando as redes de memória.

Percebemos, através da imagem em análise, uma memória posta numa relação entre atualidade e permanência dos discursos sobre a mulher. A criança no colo traz à tona a questão da maternidade atravessando a constituição feminina – nesse caso específico, da mulher indígena, já que, mesmo saindo de seus espaços preestabelecidos e ocupando outros, não se destituem da total responsabilidade em cuidar da sua criança.

Na imagem, a mulher utiliza um braço para manifestar o protesto, e o outro para acolher a criança em seu corpo. Essa dupla função parece simbolizar essa memória entre o que se atualiza, no que diz respeito à militância feminina, e a permanência que constitui essa mulher indígena como aquela a quem é devida toda a responsabilidade sobre a criança. A própria roupa utilizada por ambos (mãe e filho) parece fundir-se como se eles fossem uma só pessoa.

Ao fundo, na mesma imagem, aparece um cartaz sustentado por uma mulher indígena com o enunciado que corrobora com a proposta de serem mulheres originárias. Temos o emprego do verbo reflorestar, na sua forma nominal – gerúndio – reflorestando, o que sugere a ideia de continuidade temporal. Como assevera Pêcheux, um sujeito do discurso produz sentidos a partir de uma posição dada numa conjuntura dada. Nesse contexto, o sujeito mulher indígena, aí representado, propõe uma ação de reconstrução daquilo que foi destruído, fazendo ecoar a memória que institui a ideia de cuidado com o meio ambiente por parte dos povos originários, mas também a desloca, uma vez que a imagem da mulher aí presente rompe com estereótipos da FD colonizadora, trazendo a ruptura dos sentidos de indígena como passivo.

As lutas travadas pelos movimentos #EleNão e a II Marcha das Mulheres Indígenas encontram um elo que as ligam, as unem numa ação de resistência às práticas do governo do presidente Jair Messias Bolsonaro. Portanto, falamos sobre a II Marcha das Mulheres Indígenas a fim de trazer elementos da rede de constituição de sentido de resistência das mulheres em movimentos sociais que circundam a culminância do movimento #EleNão. Sobretudo, consideramos que esses materiais podem nos possibilitar uma visão de formas de resistência, nos permitindo observar e analisar, na materialidade da língua, também presente nas imagens, nos corpos-discurso, fatos sociais relevantes para a inscrição de um acontecimento vivido em uma memória coletiva, compartilhada por uma comunidade.

Esses movimentos, ao resistirem a tais práticas de dominação, reforçam, causam ebulição nas fronteiras relacionadas a forma-sujeito dominante, que traz a dominação masculina para o centro, bem como mexem com as estruturas dos Aparelhos Ideológicos do Estado, quando o próprio Estado é confrontado por essas vozes femininas num espaço de dominação política masculina. Retomando o que diz Pêcheux (2009, p.281), “não há dominação sem resistência” e, ainda, “é preciso ousar pensar por si mesmo”, assim compreendemos que na resistência um dizer e suas rupturas funcionam simultaneamente. Em termos discursivos, a resistência é a possibilidade de, ao dizer outras palavras no lugar daquelas que seriam prováveis, deslocar os sentidos esperados.

Propomos essa discussão aqui no intento de elucidar as experiências das ações, das lembranças das conquistas, das lutas, bem como de servir como espaço de registro dos conhecimentos acumulados por parte desses movimentos sociais para que não caiam nos esquecimentos, nem sejam sufocados por políticas de silenciamento (Orlandi, 2007).

3. O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DO #ELENÃO: MOVIMENTO CIRCULAR ENTRE AS REDES E A RUA, ENTRE A MEMÓRIA E A ATUALIDADE

PRIMAVERA FEMINISTA

Uma manhã, eu acordei

E ecoava: ele não, ele não, não, não

Uma manhã, eu acordei

E lutei contra um opressor

Somos mulheres, a resistência

De um Brasil sem fascismo e sem horror

Vamos à luta, pra derrotar

O ódio e pregar o amor (2x)

(Letra de Simone Soares e Flavia Simão, parodiando *Bella Ciao*, canção símbolo da resistência italiana ao fascismo)

Com o objetivo de melhor evidenciar a proposta de nosso objeto de estudo, pretendemos, nesta seção, abordar questões relacionadas ao espaço das redes sociais digitais, à construção dos sujeitos e dos sentidos no movimento que se estabelece a partir do encontro entre perfis e pessoas, entre as ruas e as telas.

O movimento *#EleNã* surge durante o período de eleição presidencial de 2018. A campanha teve seu início nas redes sociais, principalmente num grupo criado no Facebook, intitulado Mulheres unidas contra Bolsonaro, que em apenas doze dias contou com a adesão de mais de dois milhões de mulheres. Essa página foi alvo de ataques cibernéticos que a deixaram fora do ar. Nesse episódio, *hackers* praticaram a mudança do nome da mobilização, com vistas a favorecer o militar reformado de ultradireita. Tais ações contribuíram para que a campanha de Bolsonaro no Twitter comemorasse a adesão de mulheres que eram favoráveis a ele.

Como forma de reação, a partir do Facebook, o movimento de mulheres ocupou outros lugares com outras frentes e redes. Essa unificação teve como elo a *hashtag #EleNã*, como forma de resposta às declarações que materializaram efeitos de sentido machistas, misóginos, racistas,

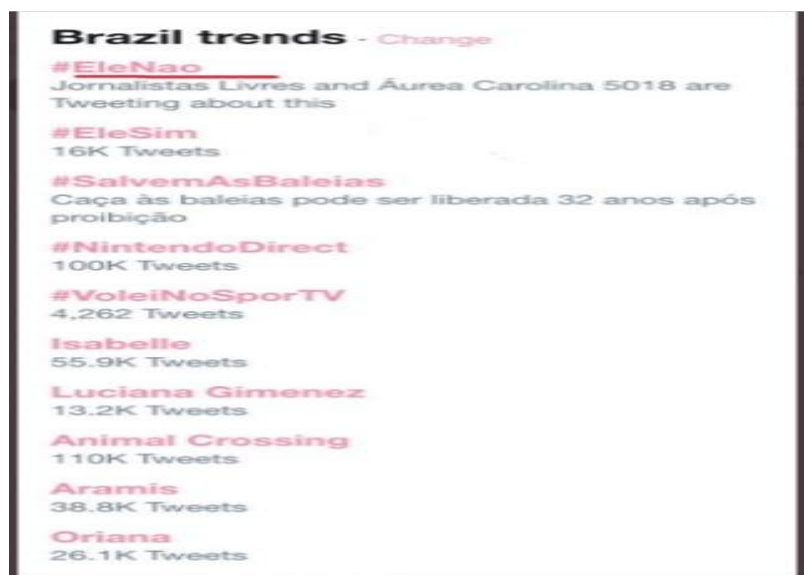
homofóbicos e pró-ditadura do candidato Jair Messias Bolsonaro. Assim, essas mulheres impulsionaram um movimento de resistência a tais efeitos de sentido.

De acordo com dados analisados durante os dias 12 e 24 de setembro de 2018 pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da FGV (FGV DAPP), o volume de tuítes gerados com o movimento *#EleNão*, contrário ao candidato à presidência Jair Bolsonaro, representou 1 milhão do total de 1,6 milhão de menções no Twitter. No dia 13 de setembro de 2018, a hashtag *#EleNão* ocupou o primeiro lugar nos Trending Topics. Segundo Silveira (2020, p.6), os Trending Topics são:

organizados sob a lógica midiática de um “top 10” ou “os mais comentados”, instaura uma forma singular de leitura afetando, conseqüentemente, o modo como os temas/episódios/acontecimentos são significados. Embora não seja possível determinar cada uma das variáveis que o algoritmo estabelece para nos dizer quais tuítes podem/devem ser considerados “pertinentes sobre uma questão”, é possível considerar que o conjunto de variáveis está organizado a partir do princípio de midiatização dos dizeres. Em outras palavras, a midiatização é o modo como aquilo que é listado nos trending topics apaga, em certa medida, a heterogeneidade do arquivo, uma vez que o efeito que aí se produz é o de que “todos estão falando dessas mesmas coisas” ou, pelo menos, de que são os assuntos mais importantes para a maioria dos sujeitos-usuários.

Esse efeito de homogeneidade de arquivo está assim representado nos Trending Topics do dia 13 de outubro de 2018.

Figura 8 – *#EleNão* em 1º lugar nos *Trending Topics*



Fonte: Captura de tela do Twitter compartilhada pela @MidiaNINJA em 13 de setembro de 2018.

Temos, entre os assuntos mais comentados, a *hashtag* #EleNão no topo da pirâmide, seguida pela *hashtag* #EleSim, o que vai desenhando o cenário polarizado vivido nesse período e que se estende até os dias atuais.

O movimento que ganhou força nas redes sociais transbordou e inundou as ruas através de vários movimentos em protesto ao candidato à presidência, Jair Messias Bolsonaro. O período que precedeu as eleições de 2018 foi marcado por essas lutas que levaram às ruas milhares de mulheres decididas a manifestarem ações antagônicas ao que representava o governo do então candidato.

O site BBC News⁷ apresenta a avaliação de especialistas sobre as manifestações ocorridas no dia 30 de setembro de 2018, assim descrita:

A manifestação #EleNão em repúdio ao candidato a presidente Jair Bolsonaro, que se espalhou por cidades brasileiras neste sábado, foi a maior manifestação de mulheres na história do Brasil. Foi também uma das maiores manifestações contra um candidato, independentemente das mulheres. As afirmações são de Céli Regina Jardim Pinto, autora do livro *Uma história do feminismo no Brasil* e professora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Segundo o G1⁸, 114 cidades tiveram manifestações contrárias a Bolsonaro. Esses atos tomaram não só cidades no Brasil, alcançaram também cidades do mundo, como Nova York, Lisboa, Paris e Londres. Em se tratando do Brasil, as maiores manifestações aconteceram em São Paulo e no Rio de Janeiro. O G1 ainda apresenta uma estimativa do número de presentes no ato, de cerca de 100 mil pessoas no Largo da Batata, em São Paulo, e 25 mil na Cinelândia, no Rio, no momento de maior intensidade da manifestação.

A *hashtag* #EleNão passa a ser utilizada no âmbito político a partir do mês de setembro de 2018, quando das vésperas das eleições, como pode ser ilustrado com a postagem desse perfil de sujeito comum, sujeito anônimo, ou seja, que não está relacionada a nenhuma figura pública reconhecida e que soma no conjunto anônimo de vozes que ecoam, circulam nas redes.

⁷ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013> Acesso em: 21 jun. 2024.

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/09/29/manifestantes-fazem-atos-a-tarde-contrario-e-favor-de-bolsonaro.ghtml> Acesso em: 21 jun. 2024.

Figura 9 – Print de tuíte de *hashtags* contra Bolsonaro em 2018



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Nesta postagem do Twitter, observam-se as *hashtags* que mostram o movimento das mulheres: *#MulheresContraBolsonaro*, seguida do movimento *#EleNã* e *#Eleições2018*, no intento de fazer circular a oposição a que se propunham em tais atos.

O movimento *#EleNã* ganhou bastante força nas redes sociais. O Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura – Labic apresenta um grafo com uma representação do movimento a partir das curtidas e *retweets* dos assuntos mais falados do dia 29 de setembro de 2018.

Figura 10 – Grafo de representação do movimento *#EleNã* 2018



Fonte: Perfil @labic no Twitter.

Temos no centro do grafo a *hashtag* *#EleNã* com maior evidência em razão do crescimento exponencial das visualizações, curtidas e dos *retweets*. Importante perceber outras *hashtags* presentes no grafo como que formando um fio de sustentação para o *#EleNã*. Aparecem, então: *#elenunca*, *#mulheresunidascontraBolsonaro*, *#desafiounidasnasruas*, *#democraciasim*, *#dia29nasruaselenão*, *#mulheresnapolítica*, dentre outras *hashtags* que se mantêm num processo constante de interlocução com base em posicionamentos que textualizam um movimento de

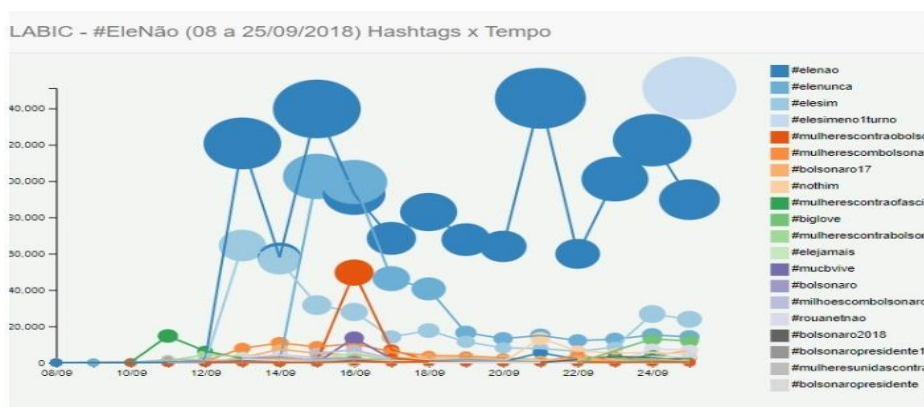
resistência a partir de uma rede de significações que trazem a mulher para o centro dessas interlocuções.

Houve uma tentativa de silenciamento do movimento, porém, sem êxito, pois ele foi a todo tempo se ressignificando, renascendo, como a Hidra de Lerna – personagem da mitologia grega, corporificada na figura de um dragão e com inúmeras cabeças de serpente; quando se cortava uma cabeça, cresciam duas em seu lugar.

De acordo com o jornal El País de 30 de setembro de 2018, o *#EleNão* quis mostrar que seria possível construir uma coalizão mais transversal que possibilitasse o atravessamento das bolhas das redes sociais, o que teria como base o rechaço das mulheres a Bolsonaro. O jornal apresenta ainda um dado do Datafolha, também do dia 30 de setembro, que aponta que 52% do eleitorado feminino rejeitava Jair Bolsonaro, e que a outra porcentagem mantinha a liderança do candidato.

Em estudos realizados pelo LABIC, no que diz respeito ao impacto na mobilização das redes com os dados coletados, especialmente no Twitter, entre os dias 5 e 25 de setembro de 2018, apontam como a movimentação dessa rede social serviu como termômetro para ativação e identificação dos grupos que foram mobilizados.

Figura 11 – Representação dos grupos em mobilização das redes



Fonte: Perfil @labic.

Foi observado pelo Labic que no dia 12 de setembro de 2018, dia em que o grupo de Mulheres contra Bolsonaro chegou a 1 milhão de participantes, ocorreu o primeiro pico de citações às *hashtags* contra o então candidato Jair Bolsonaro, sendo elas: *#elenao*; *#elenunca*; *#elejamais*; *#mulherescontraobolsonaro*.

Assim, o movimento feminista ganha maior visibilidade e participação, percebida através de uma escalada crescente. Essa escala pode ser observada desde 2011, quando ocorreu a primeira Marcha das Vadias, passando pela chamada Primavera Feminista no final de 2015, momento no qual as mulheres protestaram contra Eduardo Cunha e a PL 5.069/2013 – que dificultava o atendimento a mulheres que sofreram violência sexual –, seguindo rumo aos protestos de setembro de 2018. Porém, fatos como o impeachment da primeira presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, seguido do resultado da eleição de 2018, desenham aquilo que Susan Faludi (2001) chamava de *backlash*, entendido como um contra-ataque às conquistas femininas.

Esse contra-ataque tem sua materialização a partir do movimento que também ocupa o cenário em 2018, pautado na organização de mulheres que apoiaram o militar reformado com a *hashtag* #EleSim. Esse processo antagônico se dará como nas palavras de Indursky (2002), num encontro que ocorre num lugar-fronteira que se “constrói no desentendimento”, o que explica o litígio que se mantém entre ambas as partes, sujeitos que não se reconhecem como interlocutores. Nesse lugar ocorre a luta pelos sentidos, pelo político. Orlandi (2008, p. 9) define que a linguagem se materializa, assim como a memória se atualiza na formulação, e que “formular é dar corpo aos sentidos”.

Importante considerar que, durante os governos de Lula e Dilma, as mulheres de baixa renda se tornaram titulares de programas como o Bolsa Família e o Minha Casa, Minha Vida; a Secretaria de Políticas para as Mulheres ganhou *status* de Ministério e desenvolveu programas como Mulher Viver sem Violência, além de construir 27 Casas da Mulher Brasileira, no intento de auxiliá-las no enfrentamento contra a violência sofrida. No governo Dilma foram sancionadas a Lei do Femicídio e a PEC das Trabalhadoras Domésticas. Menicucci (2018) afirma que:

Houve de fato uma agenda de gênero incorporada às políticas de Estado nas áreas de saúde, educação, assistência social, em políticas para o empoderamento econômico das mulheres e profissionalização das mulheres negras, em políticas desenhadas para ampliar o acesso das meninas a carreiras em que os homens predominam, em um conjunto robusto de medidas para tornar efetivo o combate à violência contra as mulheres. (Menicucci, 2018, p. 77).

É tomando esse cenário que apresenta uma conquista rumo à cidadania das mulheres que Menicucci (2018, p.66) denuncia o golpe patriarcal, afirmando que “nesse caldeirão de interesses, é preciso enfatizar a dificuldade em aceitar que o poder era exercido por uma mulher”. A ocupação das ruas, os movimentos realizados pelas mulheres durante as eleições de 2018, representam uma

reação destas ao contra-ataque conservador, “de muitas localizações sociais emergem vozes que deixam claro que as mulheres não aceitam essa restrição à sua condição de cidadãs. Os golpes que se recolocam desde a deposição se dão em meio a conflitos, o jogo continua a ser jogado” (BIROLI, 2018, p.81). O reconhecimento de que essa reação é devida às mulheres transparece nos movimentos intensos que tomam as redes sociais.

Desse modo, além do movimento das mulheres, em seu posicionamento político, ganhar muita repercussão no espaço das redes sociais, o que possibilitou maior adesão de pessoas a este movimento, a luta feminina contra Jair Messias Bolsonaro ganhou também de forma intensa o espaço das ruas. A rede, assim como a rua, se institui enquanto palco de produção de subjetividades, e ambos se apresentam como espaços de visibilidade para vozes anônimas. Esse movimento que se estabelece das redes para as ruas com a *hashtag* #EleNão se materializou de diferentes formas: nas chamadas de divulgação do ato, nos cartazes exibidos pelos manifestantes a segurá-los, nos gritos de palavras de ordem ecoado por vozes diversas, nas camisetas e nos próprios corpos a circular pela cidade.

Figuras 12 e 13 – Print da imagem: manifestação das mulheres durante o Movimento #EleNão das ruas para as redes



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Essas imagens foram extraídas do Twitter quando das manifestações ocorridas nas ruas no dia 29 de setembro de 2018. Participaram do evento os sujeitos identificados com as convocações feitas pelo movimento feminista nas redes. Dito de outra forma, a “fraquejada” demonstrava sua força nas ruas e, ao fazê-lo, dava voz aos corpos silenciados que transitavam pela cidade. Em outras palavras, os sujeitos mulheres ressignificavam a palavra fraquejada, demonstrando força no movimento.

O enunciado *#EleNão* se estabelece enquanto acontecimento enunciativo, diferente do funcionamento de *on a gagné*, proposto por Pêcheux (1983b), que indica um deslocamento do campo esportivo para o campo político, e que provoca uma ruptura do sentido nas suas redes de formulações. Beck (2020, p.347) estabelece uma reflexão em relação ao posicionamento político do brasileiro e o evento trazido por Pêcheux, e assim descreve:

Quase quatro décadas depois, no outro lado do Atlântico, mais precisamente nesta comunidade imaginada, às vezes designada o país do futebol, não seríamos todos espectadores (do “vedetariado” político, dos influenciadores digitais) e seguidores ou, melhor/pior ainda, torcedores (com nossa participação-passiva devidamente repartida pelas bolhas de filtro). (Beck, 2020, p.347).

Para compreender a ressignificação da palavra fraquejada a partir do movimento *#EleNão*, é preciso compreender o funcionamento da memória. Ela funciona no discurso por um processo de regularização discursiva, que pode ser rompido por acontecimentos discursivos. Em *#EleNão*, há uma retomada de um espaço de memória, funcionando, como define Pêcheux, como um “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (Pêcheux [1983b] 1997, p. 17) e, a partir desse ponto de encontro, nesse espaço de memória, há uma ruptura na rede de formulações que provoca uma “desregulação” e a perturbação da “rede de implícitos” (Pêcheux, [1983] 1999, p.53). Portanto, a memória não pode ser compreendida, como nas palavras de Pêcheux, como “uma esfera plena”. O que temos são dizeres já ditos que sustentam o dizer, promovendo o retorno de sentidos e, ao mesmo tempo, permitindo que dizeres outros se inscrevam em novas redes de filiações, os quais geram uma “perturbação da rede de implícitos”.

Jair Messias Bolsonaro foi autor de vários pronunciamentos considerados machistas, misóginos, preconceituosos. Em 2020, foi alvo de ação civil pública pelo Ministério Público Federal em razão de falas avaliadas como desrespeitosas e declarações discriminatórias⁹. Destacamos uma dessas falas em que Bolsonaro, em 2018, ao referir-se a uma jornalista diz: “Ela [repórter] queria um furo. Ela queria dar o furo...”, pronunciamento recebido com muitos risos por seus apoiadores.

Pode ser percebido a partir deste enunciado um modo de construção da imagem de uma mulher submetida ao desejo masculino através de um corpo subjugado a esse desejo. Esse modo

⁹ Matéria da CNN, “Bolsonaro é alvo de ação do MPF por falas sobre mulheres”. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-e-alvo-de-acao-do-mpf-por-falas-sobre-mulheres>. Acesso em: 14 jun. 2024.

de dizer promove a construção de um cenário que, a partir dos já ditos sobre o lugar legitimado para sua ocupação, fragiliza o posicionamento da mulher na ocupação de seu novo espaço, através da utilização da espetacularização do ridículo em relação a ela.

Em abril de 2019, o referido político afirmou que “o Brasil não pode ser o paraíso do turismo gay”, e que “Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade”. Em se tratando das mulheres trabalhadoras, Bolsonaro defendeu a ideia de que deveriam ganhar menos, já que podem gozar de seis meses de licença maternidade: “Quem vai pagar a conta? É o empregador”, disse.

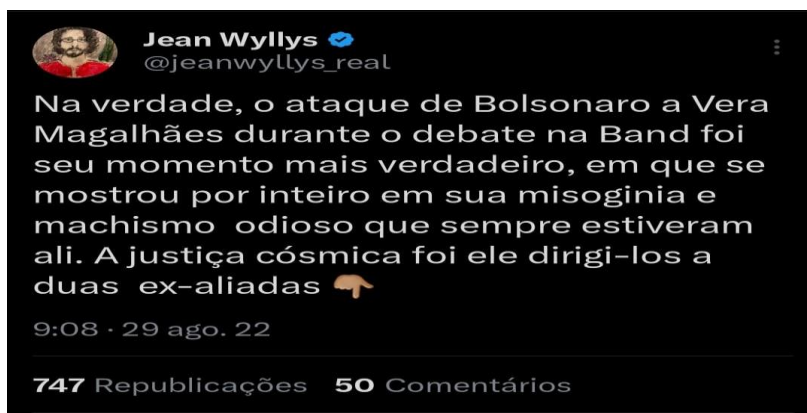
Em vários pronunciamentos Bolsonaro dirigiu-se a repórteres femininas ordenando-lhes que se calassem, quando indagado sobre assuntos polêmicos: “cala a boca” foi o que disse em 2021 para a repórter Laurene Santos, da TV Vanguarda, afiliada da Rede Globo de Televisão, após ser questionado sobre o fato de ter chegado ao local sem usar máscaras, conforme exigido por uma lei do estado de São Paulo, como medida de enfrentamento à pandemia de covid-19.

Mesmo na corrida eleitoral em 2022, enquanto candidato à reeleição, em debate realizado com os candidatos pela emissora de televisão BAND, Bolsonaro, ao ser indagado pela jornalista Vera Magalhães, da TV Cultura, a respeito da cobertura vacinal no Brasil, assim se manifestou: “Vera, não podia esperar outra coisa de você. Você, eu acho que você dorme pensando em mim. Você tem alguma paixão por mim. Você não pode tomar partido de um debate como esse, fazer acusações mentirosas a meu respeito. Você é uma vergonha para o jornalismo brasileiro, mas tudo bem. Não pedi a tua opinião. Não pedi a tua opinião. Olha só, já está apelando.”¹⁰

Muitas são as reações com base nesses pronunciamentos ligados diretamente à figura feminina. Trazemos algumas delas em que mostram a tensão, o conflito na rede social Twitter, considerando que, para a Análise de Discurso, tais aspectos são constitutivos da linguagem. As postagens que seguem tomam como referência a primeira publicação que se pronuncia em oposição à postura de Bolsonaro em relação à repórter Vera Magalhães durante o debate. A partir dessa publicação, outras surgem como resposta para endossar a oposição, e outras para apoiar a postura de Bolsonaro.

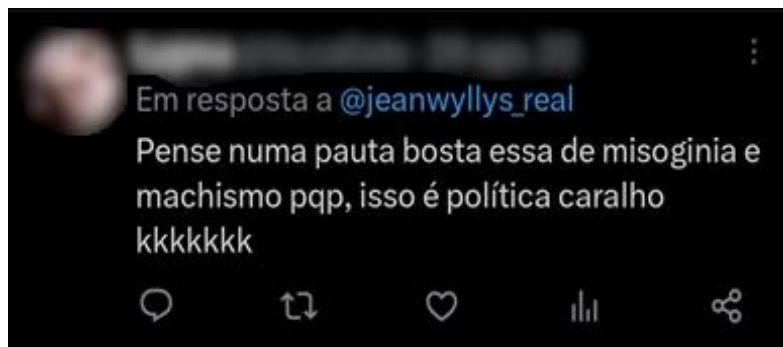
¹⁰ Informação disponibilizada em matéria “Bolsonaro tem histórico de atitudes agressivas contra mulheres” Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-tem-historico-de-acoes-agressivas-contra-mulheres/> Acesso em: 14 jun. 2024.

Figura 14 – Perfil oficial de Jean Wyllys no Twitter



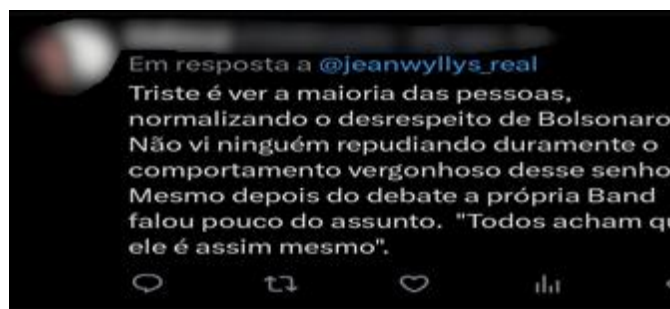
Fonte: Captura de tela no Twitter.

Figura 15 – *Print* de tuíte de usuário comum



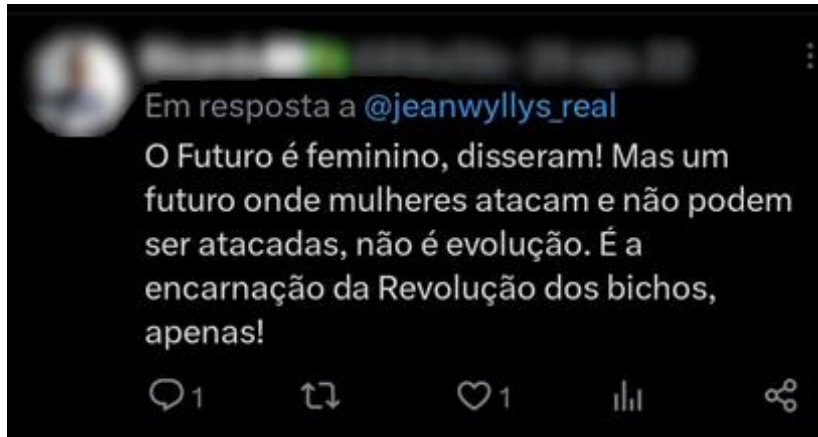
Fonte: Captura de tela de perfil no Twitter.

Figura 16 – *Print* de tuíte de usuário comum (II)



Fonte: Captura de tela de perfil no Twitter.

Figura 17 – *Print* de tuíte de usuário comum (III)



Fonte: Captura de tela de perfil no Twitter.

Percebemos nas postagens uma retomada via paráfrase de dizeres sobre a mulher. Palavras como misoginia e machismo estão presentes em quase todos os enunciados como forma de contestação dessa prática ou como negação de que elas existam, afinal, para aqueles que negam, há um sentido de evidência relacionado ao modo como a mulher pode e deve ser vista, tratada, compreendida e que está dentro dos saberes da forma-sujeito da Formação Discursiva patriarcal. De igual modo, para aqueles que contestam há o sentido de absurdo em relação ao modo como pode e deve ser vista a mulher, pois ultrapassa as fronteiras dos saberes de uma formação discursiva feminista. Estamos, então, falando de sentidos antagônicos, luta pelos sentidos nessa arena discursiva.

O movimento de mulheres pautado na *hashtag* *#EleNão* se constitui a partir dos dizeres sobre a mulher, regularizados por uma memória patriarcal que sofre deslocamentos, conflitos, rupturas a partir do surgimento de novas redes de filiações.

Portanto, o movimento *#EleNão* surge como embate, provocando o conflito com os dizeres sustentados por Jair Messias Bolsonaro e por seus seguidores sobre a mulher. Elencamos, do Twitter, algumas respostas do movimento para esses dizeres. Essas respostas entram em ebulição em 2018 e se mantêm durante todo o tempo em que Jair Messias Bolsonaro governa o Brasil como Presidente da República.

Figura 18 – Imagem do Movimento de mulheres nas ruas das cidades brasileiras



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Na rede, manifestam sua trajetória de luta por uma participação social efetiva, luta pela vida das mulheres. A publicação na figura 15 resgata da história o engajamento das mulheres numa participação contra a ditadura para fortalecer a luta atual pela democracia, lembrar para não esquecer. Esse resgate pode ser visto no enunciado a partir do dêitico **hoje**, seguido de “**pela democracia**” e o dêitico **também**, antecedido por “**a 50 anos atrás**”, e seguido por “**estivemos nas ruas manifestando contra a ditadura**”. Observamos as marcas temporais **hoje** e **a 50 anos** [sic] **atrás**, que apontam dois momentos em que pode ser estabelecido, como nas palavras de Pêcheux ([1983b] 1997), um ponto de encontro entre uma memória e a atualidade. O resgate da história de luta contra a ditadura, o que traz para a cena os dizeres sobre este momento, dentre eles, a necessidade de lutar contra o regime militar que atentava contra a liberdade, contra a vida, e que as mulheres estavam lá, naquele período, fazendo parte desse processo. Tal dizer toca na atualidade como forma de regularização discursiva, significando o momento vivido pelo movimento das mulheres através da *hashtag* *#EleNao* como forma de impulsionar, fortalecer a luta pela democracia, ou seja, a preservação dos direitos conquistados e a conquistar.

Na publicação seguinte temos uma tira do Armandinho, o menino de cabelo azul criado pelo ilustrador e cartunista brasileiro Alexandre Beck. Antes da apresentação da tira, há um enunciado que parte do princípio da força da coletividade dos sujeitos mulheres como mecanismo

para “salvar o Brasil”. Tal enunciado sugere, desse modo, a condição de perdição em que poderia se encontrar o país, caso Jair Messias Bolsonaro fosse eleito, já que se tratava de um período pré-eleitoral. Na tira, mantém-se o discurso da relevância do coletivo de mulheres, como visto nos enunciados do segundo e terceiro quadros. No segundo quadro, o enunciado consta de uma indagação feita por um dos personagens da tira por não compreender, o que fica posto, também, em sua expressão facial, a razão da caminhada coletiva de personagens femininas: “O que será que elas podem fazer?”; no terceiro quadro, o personagem Armandinho, o menino de cabelo azul, responde com uma expressão de admiração e crença na ação das personagens femininas: “Unidas – Ahh... tudo”.

Vimos o funcionamento da memória a partir da locução verbal **podem fazer**, que vai construindo um sentido de mulher considerando o que não podem, não devem fazer essas mulheres, especificamente quando este poder fazer está relacionado ao movimento político. Tal construção justifica a incompreensão do personagem no segundo quadro, posto que escapa aos já-ditos sobre o não lugar de ação da mulher. É no terceiro quadro que há o rompimento dos dizeres de silenciamento, de engessamento do movimento feminino através do uso do pronome indefinido **tudo**, que sugere a impossibilidade de definir, limitar o campo político de atuação das mulheres, quando, unidas, se propuserem a lutar.

Figura 19 – *Print* de tuíte do perfil oficial @ManuelaDavila



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Importante salientar que o texto não é uma construção independente, já que as palavras e os enunciados produzem uma superfície textual, como uma espécie de película que se forma nas águas, aparentemente tranquilas. Assim, outras palavras, outros enunciados lhe subjazem nas

profundezas dessa aparente tranquilidade. Isso significa dizer que toda e qualquer materialidade traz consigo traços discursivos que a liga a outros dizeres anteriores e exteriores a ela mesma. É o que foi designado por Pêcheux de pré-construídos, que assumem a função de elos invisíveis que conectam a materialidade à discursividade.

Essa relação entre a materialidade e os discursos oriundos da exterioridade culmina numa reflexão acerca de discurso e repetibilidade. Courtine e Marandin (1981, p.28), afirmam que “há repetições que fazem discurso”. E, conforme aponta Achard (1999[1983] p. 11-17), a repetição em análise de discurso implica a retomada de uma memória que foi regularizada.

Essa retomada, nas palavras de Indursky (2011, p. 67-69), remete a uma memória discursiva e se apresenta para o sujeito do discurso imbuída da ordem do não sabido, de um saber anônimo. Para Pêcheux:

[...] o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido. (Pêcheux, 2014[1969], p. 76).

Partindo do princípio do acontecimento discursivo, é indubitável compreender as relações estabelecidas entre esse acontecimento e os discursos que o precedem, ou seja, a relação entre aquilo que Pêcheux denominou de matéria-prima e os sentidos que foram introduzidos. Esses sentidos podem ser reforçados ou deformados a partir do modo como ressurgem para os ouvintes.

Tomando como base o enunciado constante na *hashtag* #EleNão e a ideia de memória e atualidade, considerando a memória como a matéria-prima e a atualidade como a retomada desses sentidos primeiros, percebemos no campo político um ponto de encontro entre memória e atualidade, visto que, na eleição presidencial de 1989, circulou uma formulação muito parecida, denominada *Nelle, não*. Tal formulação remete ao contexto de disputa eleitoral entre Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Collor de Melo, no ano de 1989. Essa foi a primeira eleição depois da redemocratização do país.

É nesse cenário que surge o movimento em oposição ao candidato Fernando Collor de Melo. A formulação *Nelle, não* não trazia a *hashtag* tanto por não haver, naquele período, as redes sociais digitais, quanto pelo fato de o símbolo # não ter a funcionalidade que assume hoje.

Figura 20 – Print de tuíte da imagem da Campanha Presidencial de 1989



Fonte: Captura de tela no Twitter.

Esta imagem, com data de sua postagem do dia 08 de outubro de 2018, foi retirada da página de um usuário comum do Twitter. Na formulação do enunciado, *Nelle, não*, o “Nelle” é composto por duas letras l, que remetem à grafia do nome do candidato Collor– um na cor amarela e o outro na cor verde, fazendo alusão às cores da bandeira do Brasil. Importante ressaltar o sentido do verde e amarelo presentes no enunciado como forma de luta pelo país que vive sua primeira eleição direta após a ditadura, que também fazem retomar na memória a ideia nacionalista e fascista que traz o amor à pátria como mote de suas atuações. Assim, é importante destacar o sentido do verde e amarelo como símbolo de movimentos nacionalistas, patrióticos que retomam os movimentos dos militares, além de estar relacionado ao movimento dos partidos de direita. Esse símbolo, verde e amarelo, tomou grande proporção durante a campanha política de Jair Messias Bolsonaro, de tal modo que o uso da camisa verde e amarela e o uso da bandeira brasileira durante as eleições de 2018, seguida pelas eleições de 2022, indicavam que ali estava um eleitor de Bolsonaro, o que significou para o povo brasileiro, especificamente para aqueles que não se identificavam com a direita, a desapropriação de tais símbolos.

Propondo uma análise da família parafrástica do enunciado em questão *Nelle, não*, poderíamos dizer “não vote em Collor”, ou, ainda, tomando como base o adesivo que apresenta o nome de Lula, compondo o mesmo espaço, mesmo suporte, como forma de apoio ao candidato, poderíamos ainda propor outro deslizamento de sentido assim descrito: *não vote em Collor, vote em Lula*. No período Collor, o mote principal era a caça aos marajás, sob o manto de que o governo seria implacável contra a corrupção, o que não ocorreu na prática, uma vez que casos de corrupção envolvendo o referido político foram amplamente denunciados na imprensa.

Estamos diante de condições de produção diferentes, assim como são diferentes os referentes, porém temos formulações que se aproximam, isso porque as condições sócio-históricas

também são muito próximas. Assim, a repetição como espaço de memória faz ressoar sentidos que se inserem na luta política entre direita e esquerda, que tanto no período Collor quanto no período Bolsonaro retoma ideias de criminalização de movimentos sociais e luta contra corrupção (apesar das denúncias de corrupção do próprio governo) para fazer ecoar os ideais da direita e justificar a exclusão das pautas sociais.

Orlandi (2009, p. 39) apresenta uma reflexão em relação às condições de produção nas quais os discursos são produzidos a partir de alguns fatores, dentre eles as relações de sentidos, ou seja, a autora assevera que “[...] não há discursos que não se relacionem com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros”. Temos, nos dois momentos – 1989 e 2018 –, contextos de eleições presidenciais cujo cenário protagoniza ações de resistência da esquerda em detrimento da direita. É um movimento que culmina em ações antagônicas *Ele Não/ Ele Sim; Nelle, não/ Nelle, sim*, estabelecendo relações de força que, ainda segundo Orlandi, revelam que “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”. Vale salientar algumas questões importantes para a compreensão dos lugares ocupados pelos sujeitos nessa arena discursiva. Embora tenhamos atentado para as relações de sentido e de força trazendo para um contexto eleitoral a ideia de polarização ocorrida entre a esquerda e a direita, vale destacar que o movimento de mulheres *#EleNão* ganhou motivação como luta contra os sentidos de misoginia em circulação oriundos da posição-sujeito ocupada por Bolsonaro, ou seja, o que as uniu não foi filiação política esquerda/direita, mas a ideia de ser um movimento apertidário.

A eleição ocorrida em 1989 foi a primeira em caráter de eleição direta para a Presidência da República após o período da ditadura militar. Era desejo do povo brasileiro que não mais estivessem no poder pessoas que representassem o autoritarismo dos anos de chumbo. Era ainda almejado que houvesse um representante disposto a lutar contra a corrupção. Fernando Collor de Melo, então, levanta a bandeira de “caçador de marajás” e vence as eleições para Presidência da República nesse ano.

Quase 30 anos depois, em 2018, vivenciamos no Brasil um cenário que evocou discursos nacionalistas, anticorrupção, antissistema já sustentados outrora por Fernando Collor de Melo e retomados durante a campanha de Jair Messias Bolsonaro. Campanha que também tomou como base o discurso relacionado à dissolução da velha política e, conseqüentemente, a emergência de uma nova política.

Collor foi deposto do cargo de Presidente da República em setembro de 1992 por denúncia de corrupção. Em relação a Bolsonaro, há uma incidência de várias denúncias de corrupção envolvendo sua família e cúpula.

Bolsonaro foi alvo de várias manifestações contrárias a ele, em razão de ações que atingiram instituições democráticas do país, bem como em razão das constantes declarações baseadas em discursos racistas, misóginos. Tais ações são marcadas por um efeito de naturalização de seu posicionamento através do riso de seus apoiadores com base em suas declarações. Diferentemente do riso promovido pelos gregos na Antiguidade que buscavam, na junção da ironia com a retórica crítica, questionar a lógica que orientaria as superstições, a moral e a política, esse tipo de humor atua como uma “comédia do reconhecimento” que busca reforçar o consenso, e não criticar a ordem estabelecida (Safatle, 2008). Propomos deslocar o humor proposto por Safatle para pensá-lo no âmbito discursivo, pelo seu atravessamento, como forma de identificação e resistência.

As declarações de Bolsonaro, revestidas de tom humorístico, serviram como mote para o fortalecimento de discursos de resistência produzidos, a exemplo do *#EleNão*. A retomada sócio-histórica das condições de produção dos discursos evidencia a forma como o acontecimento discursivo, aqui relacionado à candidatura e eleição de Bolsonaro, vem perturbar a memória. Para Pêcheux:

A memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjecturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa “regularização” e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior (Pêcheux, [1983b] 1999, p. 52).

Na formulação *#EleNão* o acontecimento enunciativo provoca essa interrupção na rede de memória, que, como posto por Pêcheux, desmanchando, desregulando, deslocando os implícitos associados à rede anterior. Desse modo, o *#EleNão*, além de atualizar a memória do *Nelle, não*, sugere uma espécie de repetição vertical em que as palavras se repetem, possibilitando a deriva dos sentidos e a manutenção de outros.

Assim, *Nelle, não* desliza para *#EleNão*, produzindo um furo na memória, na ideologia dominante, ao se inscrever como discurso de resistência. Abre-se “[...] uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória se esburaca, perfura-se, antes de desdobrar-se em paráfrase” (Pêcheux [1983a]1999, p.53).

Ainda pensando nos aspectos relacionados à memória, partimos do princípio defendido por Pêcheux de que as condições de produção e interpretação de qualquer formulação discursiva estão ancoradas “na existência de um corpo sócio-histórico de traços que constituem o espaço de memória da sequência” ([1990] 2011, p. 145).

Percebemos, assim, que o *Nelle, não* funciona como um traço de memória que se atualizou no movimento *#EleNão*. Porém, há um apagamento da “corrente” (termo utilizado pelo usuário do Twitter que posta a foto do carro com o adesivo) *Nelle, não* para os brasileiros, o que nos faz supor que o acontecimento de 1989, conforme aponta Pêcheux ([1983a] 1999, p.50), “foi absorvido pela memória como se não tivesse ocorrido”. Vale ressaltar que a própria memória histórica construída pelas instituições detentoras do poder se encarrega de produzir o apagamento desse acontecimento, para assim manipular os sentidos que dele são/seriam gerados, promovendo uma espécie de esquecimento para uma coletividade que, durante o período, se identificou com essa luta.

No intento de ampliar as questões relacionadas à memória e à história, trazemos a tradução de um fragmento do livro *Entre memória e história: a problemática dos lugares*, de Pierre Nora, (1984), proposta por Indursky (2011):

Memória, História: longe de serem sinônimos... tudo as opõe. A memória é a vida... ela está em evolução permanente, aberta à dialética da lembrança e da amnésia, inconsciente de suas deformações sucessivas...susceptível de longas latências e repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que já não existe mais. A história é uma representação do passado... A memória se enraíza no espaço, no gesto, na imagem, e no objeto. A história se apega tão somente às continuidades temporais. (Nora *apud* Indursky, 2011).

Essa divergência entre memória e história, proposta por Nora, é indubitavelmente relevante para a compreensão do lugar da memória nos estudos da Análise de Discurso, pois possibilita uma separação entre aquilo que está ligado à reconstrução do passado e às continuidades temporais (história) e aquilo que está ligado à lembrança e ao esquecimento, susceptível de latência e ressurgimento, aquilo que está enraizado no gesto, na imagem, no objeto (memória).

Conforme Dias (2018, p. 63): “A lembrança e o esquecimento são corporeidades significantes, fragmentos de formulações da memória, vestígios da inscrição histórica do sujeito”.

Indursky (2011) suscita uma reflexão acerca do papel da memória no quadro da teoria da Análise de Discurso. Essa reflexão aponta para o modo como a memória foi trazida nos estudos discursivos, bem como sua relevância, mesmo antes de ser nomeada como tal em seus textos fundadores. A memória sempre assumiu um papel importante nos estudos discursivos, porém, nos

momentos iniciais, assumiu outras designações, tais como: repetição, pré-construído, discurso transversal, interdiscurso.

Tais conceitos concentram-se nos estudos relacionados à Teoria do Discurso e encontram-se na obra *Semântica e Discurso* (Pêcheux [1975[1988]]). Esses conceitos remetem a diferentes funcionamentos discursivos através dos quais a memória se materializa no discurso.

Importante salientar que a memória de que se ocupa a Análise de Discurso não é de natureza cognitiva, nem tampouco psicologizante. A memória, nos preâmbulos da Análise de Discurso, é de cunho social, está ligada à ideia de repetição retomada/regularização de sentidos que vão construir essa memória social, mesmo que se apresente para o sujeito como da ordem do não sabido.

Conclui-se, desse modo, que são os discursos em circulação, enredados em linguagem, engendrados pelo tecido sócio-histórico que são tomados, repetidos, regularizados. Porém é importante ressaltar que repetir, para a análise de discurso, não significa, necessariamente, repetir palavra por palavra, algum dizer, embora possa assim ocorrer. Há ainda a possibilidade desta mesma repetição conduzir a um deslizamento, a uma ressignificação, a uma ruptura do regime de regularização dos sentidos. Esse episódio é possível em razão da possibilidade de o sujeito do discurso contraidentificar-se com algum sentido regularizado ou desidentificar-se de algum saber e identificar-se com outro. Essa movência dos sentidos pode ser captada pelo viés dos processos semânticos que se instauram no discurso. Com Pêcheux podemos entender essa movimentação dos sentidos: “um enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar-se discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (Pêcheux 1983[1990, p.53]).

Os deslizamentos são da ordem do discurso, o que implica na compreensão de que não há o sentido, há **um** sentido com traços definidos de seu suposto significado. Os sentidos podem confrontar os saberes da Forma-Sujeito, ultrapassar os limites da Formação discursiva, através do processo de subjetivação do sujeito, inscrevendo-se em outra matriz de sentido. A partir dessa movimentação, os sentidos vão assumindo outros formatos que serão definidos a partir da relação estabelecida com a ideologia.

Todos esses conceitos contribuem para a compreensão de memória em Análise de Discurso. Indursky (2011) cita Courtine (1981) para aprofundar as questões relacionadas à memória, e, para tanto, apresenta a afirmação dele de que “a noção de memória discursiva diz respeito à existência

histórica do enunciado no seio de práticas discursivas reguladas pelos aparelhos ideológicos”. Courtine questiona como o trabalho da memória, no âmbito de uma Formação Discursiva, permite a lembrança, a repetição, a refutação, mas também o esquecimento desses elementos quando de sua formulação pelo sujeito em seu discurso. Ou seja, ainda nas palavras de Indursky (2011): “como certos sentidos cristalizados podem se transformar e tornarem-se outros”.

No cenário atual, em razão do avanço tecnológico, nascem outras textualidades, novas formas de o sujeito se relacionar com essas textualidades, e que provocam outras questões que permeiam as discussões envolvendo a memória em Análise de Discurso.

Vivemos o tempo em que máquina e homem estão ligados e por vezes se confundem. Orlandi (2011, pp. 180-182) apresenta a noção de memória metálica definindo-a como “uma repetição sem memória”, e produzida por uma “linguagem que apaga a memória histórica e a substitui por uma memória metálica. Para a autora, a linguagem produzida pela televisão e pelas tecnologias de informação permanecia somente no nível da formulação, portanto não atingiria o nível da constituição dos discursos. Seria definida, então, a memória metálica como a memória da máquina. Porém, Gallo e Neckel (2012) propõem uma reflexão em que consideram que, nos diferentes modos de produção dos discursos, inclusive os oriundos de bancos de dados, que são constituídos por uma memória metálica, não poderiam ser considerados como uma repetição sem memória, posto que esses dados são submetidos à interpretação dos sujeitos quando da postagem nas redes, constituindo-se num “já buscado”, como apontam as autoras.

Dando continuidade a estas reflexões acerca da memória, Dias (2018) contribui para a discussão, propondo a ideia de *memória do futuro*, definida pela autora como armazenamento, espaço capaz de produzir e estabilizar acontecimentos.

Tomaremos como base teórica deste trabalho, no que tange as questões relacionadas à memória e à rede, a interação do sujeito com a máquina como constitutiva da interlocução, adotando o posicionamento de Grigoletto (2011, p.59), que nos propõe a pensar: “o movimento do sujeito com a máquina, já que ele exige mesmo do sujeito uma ação, que já é pré-programada”, o que permite determinadas ações em detrimento de outras. Desse modo, compreende-se que a inscrição do sujeito no processo discursivo se dá pela/na máquina, e isso já se constitui em historicidade, já que “não existe memória metálica em uso por sujeitos, que não seja desde sempre memória discursiva” (Galo; Neckel, 2012, p. 21).

3.1 Quem falou primeiro fui eu: o Twitter e suas diferentes dimensões discursivas

Sites de redes sociais (SRS), como o Twitter, segundo Recuero (2009, p. 102), surgiram como consequência da apropriação, pelos atores sociais, das ferramentas de comunicação mediada pelo computador. Desse modo, a autora define os *sites* de redes sociais como “sistemas que permitem a construção de uma persona através de perfil ou página pessoal, a interação através de comentários e a exposição pública da rede social de cada ator”.

No Twitter há a disseminação imediata de várias informações, mantendo larga escala de notícias. No âmbito das discussões políticas, percebe-se nesse cenário a presença de sujeitos internautas comuns (pessoas desconhecidas pela mídia), sujeitos midiáticos (imprensa, artistas, pessoas famosas) e sujeitos políticos (e partidos).

Em sua página oficial, o Twitter aparece como ferramenta de comunicação designada a estabelecer uma conexão mundial através de uma conversa global. Nessa conexão, a princípio, qualquer cidadão que assim desejar poderá abrir uma conta na referida rede social e publicar (tuitar) o que desejar, respeitando o limite de 280 caracteres.

A propagação de que o Twitter possibilita a entrada de “qualquer um” no fluxo das conversas mundiais cria um efeito de evidência no modo como hoje nos relacionamos com e nos espaços políticos midiáticos.

Muitas pesquisas atuam no sentido de materializar a dimensão de uma sociedade “interconectada e em rede”, considerando a grande profusão do arquivo de trocas de dados e documentos. Essas pesquisas desembocam na necessidade de dar ênfase aos processos de interação – estes, cada vez mais quantificados/quantificáveis, mapeados/mapeáveis em razão das práticas tecnocientíficas que se proliferam na atualidade.

A criação do *Tweetping*, um aplicativo que exhibe imagens em tempo real das atividades do Twitter de acordo com a localização geográfica dos perfis ativos no *site*, é um exemplo dessa quantificação e do mapeamento desse processo de interação.

Figura 21 – Quantificação e mapeamento dos processos de interação no Twitter



Fonte: Perfil @tweetpingGlobal no Twitter.

Figura 22 – Quantificação e mapeamento dos processos de interação no Twitter (II)



Fonte: Tela do aplicativo Tweetping¹¹.

Essa imagem foi capturada de uma tela em movimento; nela percebe-se a presença de minúsculos pontinhos azuis, claros e brilhantes que piscam como indicadores da publicação de um novo tuíte nas diferentes regiões do mundo. Essas ferramentas auxiliam no mapeamento, na quantificação e localização dos sujeitos-usuários e suas publicações.

Esses meios, cada vez mais acessíveis àqueles que não são especialistas em programação e comunicação, intensificam a chamada conversa global do Twitter. Esse processo não se limita

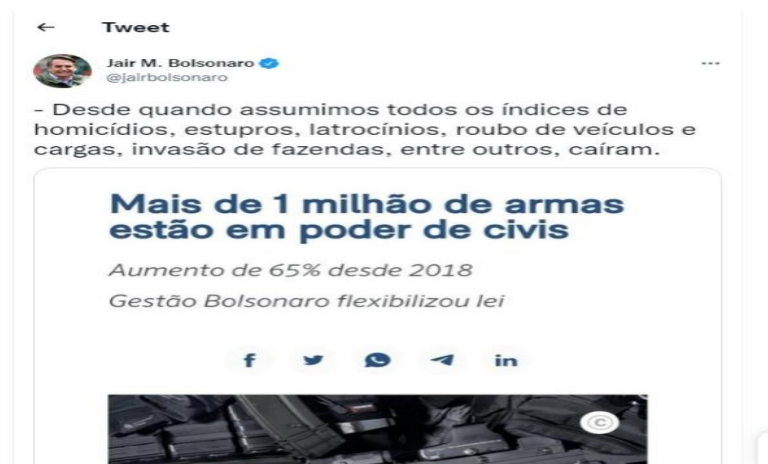
¹¹ [Bitcoin Era - Official Website \(tweetping.net\)](http://BitcoinEra-OfficialWebsite(tweetping.net)).

a trocas de mensagens, mas também abrange troca de visualização, causando, assim, um sentido de que, de fato, estaríamos inseridos nesse espaço de conversação mundial.

Desse modo, criar um perfil no Twitter é realizar um gesto social que traz em si significações políticas e discursivas que têm como base essa capacidade comunicacional dos sujeitos que se define por seu caráter gigantesco e mensurável.

Considerando o cenário característico das redes sociais, ambientes como o Twitter ganham um importante espaço no cenário das relações político-eleitorais, já que se instituem como um meio técnico que possibilitaria um contato direto entre os profissionais da mídia e da política e os cidadãos de modo geral. Esse contato seria uma possibilidade singular em relação ao discurso político-midiático, posto que o ambiente oferta aos sujeitos um espaço de fala e, com essa oferta, a produção do efeito de que dispomos de uma interlocução direta entre representantes e representados.

Figura 23 – *Print* da imagem de tuite na página oficial de Jair Bolsonaro



Fonte: Captura de tela do perfil @jairbolsonaro no Twitter.

Figura 24 – *Print* da interação de um sujeito usuário comum com a postagem oficial de Bolsonaro



Fonte: Captura de tela do perfil @jairbolsonaro no Twitter.

Como pode ser percebido nas figuras 18 e 19, embora pareça haver o diálogo entre o perfil oficial do presidente Jair Bolsonaro e o perfil de seu apoiador, o que é inovador no âmbito do campo político tradicional, esse contato tido como direto entre representantes e representados parece não configurar, de fato, um tipo de comunicação efetivamente direta entre os interlocutores.

Considerando que não há mudanças significativas nesse tipo de comunicação, é preciso ressaltar o que se destaca nesse processo, que é o que diz respeito ao protagonismo dos usuários comuns, já que não há essa interação direta entre políticos, a mídia tradicional e cidadãos.

Destacamos, portanto, que, mais que estabelecer uma conexão entre representantes e representados em busca desse ideal democrático e universal, há uma eminente mudança do paradigma informacional, que é a emergência de um protagonismo dos usuários comuns.

Essa constatação caminha em direção ao atendimento das emergências dos militantes, daqueles/daquelas que travam suas batalhas, que transitam entre as ruas e as telas. Portanto, não é a interação o elemento mais importante, mas, sim, a relação dos sujeitos com as informações.

Compreendemos o caráter político do Twitter em razão de sua composição discursiva, dos sentidos em circulação na rede, posto que para a AD todo sentido é político, já que há uma divisão “entre sentidos permitidos e sentido proibidos” (Orlandi, 2007, p.93), o que ocorre a partir de um efeito ideológico. E é nesse jogo entre interdição e excesso, presença e ausência, resistência e assujeitamento, memória e esquecimento que os discursos são tomados num ponto de tensão entre descrição e interpretação e entre os modos de circulação, visto que, conforme Dias (2018, p.35), “o modo de circulação também tem um retorno sobre a constituição dos sentidos”. Assim, percebemos como essa rede contribui de forma significativa para pensar as relações de poder que

são estabelecidas entre os discursos políticos, midiáticos e os discursos dos sujeitos-usuários comuns referentes às questões políticas atuais.

A mídia tradicional representada pelos veículos de radiofusão e a chamada grande imprensa sempre foram os responsáveis pela distribuição das informações, notícias e pronunciamentos políticos. São as chamadas mídias convencionais, cujo sistema hierárquico de produção e distribuição da informação segue um modelo mais rígido, baseado no modelo *um-para-todos*. Essa mídia sempre se apresentou como dotada de objetividade, transparência, informatividade e neutralidade, ou seja, há a construção de um efeito de verdade, efeito de evidência daquilo que é divulgado por ela.

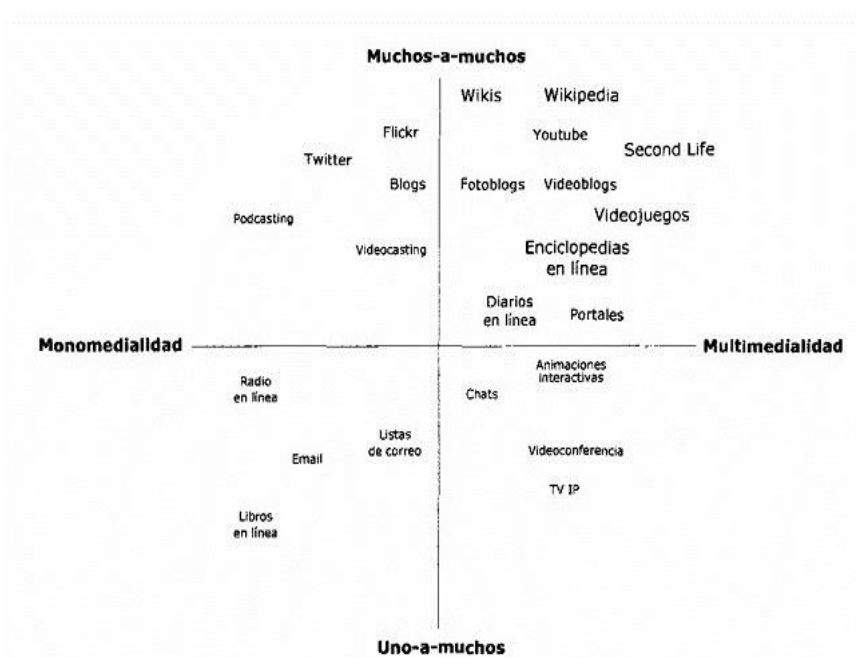
O consumo de informação se alterou nas últimas décadas como resultado das novas possibilidades tecnológicas e dos fluxos de conteúdo no ambiente digital. É percebido nesse contexto um declínio no acesso aos impressos em detrimento a um crescimento expressivo no uso de redes sociais, já que a cultura digital possibilita um espaço de comunicação mais flexível que o produzido pelas mídias tradicionais. A mídia social é hoje um dos canais mais utilizados para o consumo de informação, e o avanço das tecnologias digitais causou efeitos de proporções mundiais nas estruturas da comunicação.

Scolari (2008) propõe uma discussão acerca da oposição no que concerne às mídias convencionais e as mídias digitais e assim as distingue:

Para terminar de redondear esta primera contraposición entre lo nuevo y lo viejo, podemos construir una rápida oposición entre las formas digital y la tradicional comunicación de masas. Por um lado las tecnologías analógicas, en el otro las digitales. A la lógica uno-a-muchos de la difusión masiva tradicional se oponen las tramas reticulares, y a las textualidades lineales se enfrenta el hipertexto. Si la vieja industria cultural constituía un sistema donde cada medio y lenguaje ocupaba su lugar, em la nueva mediaesfera todo tiende a combinarse em entornos multimedia. Además, las prácticas interactivas rompen con el consumo passivo de los medios massivos (Scolari, 2008 p. 79).

O autor, no intento de apresentar uma melhor visualização das diferentes práticas da comunicação digital interativa, traz em sua obra um gráfico cartesiano, por meio do qual o eixo vertical parte do modelo de difusão e atinge a lógica muitos-para-muitos, e o eixo horizontal vai da monomediaalidade à multimídiaalidade.

Figura 25 – Visualização das diferentes práticas da comunicação digital interativa



Fonte: Scolare, 2008, p.111.

Com os exemplos trazidos no gráfico, o que se pretende, conforme o autor, é mostrar a variedade de experiências possíveis relacionadas às novas práticas de comunicação a partir das disputas com as práticas anteriores.

Uma das características das redes sociais na internet com base nessas novas práticas de comunicação interativa é sua capacidade de difundir informações através das conexões existentes entre os usuários, o que alterou de forma significativa os fluxos de informação dentro da própria rede. Compreender essa rede é essencial para compreender também a apropriação da internet como ferramenta da organização social e informação na contemporaneidade e, ainda, para compreender os novos valores construídos, os fluxos de informação e as mobilizações que emergem no ciberespaço. É com base nesse campo de vasta circulação de informações e conhecimentos em que os sujeitos contemporâneos estão inseridos e anseiam por este acesso que Orlandi (2008, p. 144) afirma que “precisam se informar sobre tudo”.

Contamos, na atualidade, com muitos veículos de comunicação, mídias tradicionais, mídias alternativas que veiculam diversas informações nas redes sociais. Há, desse modo, uma quebra do monopólio da imprensa tradicional na difusão das notícias e mesmo na interpretação dos fatos.

O que pode ser observado é que, com o surgimento das novas tecnologias da comunicação e informação, passaram a fazer parte do cenário midiático os sujeitos-usuários que têm acesso a essas redes.

Assim, esses sujeitos passaram a divulgar também sua versão dos acontecimentos, o que contribuiu para a circulação de muitos sentidos sobre os fatos. Essa nova configuração desemboca numa questão que diz respeito a dois pontos que emergem a partir desse contexto: o primeiro culmina na presença da pluralidade de vozes e olhares para os acontecimentos, e o segundo está relacionado ao uso político, feito para espalhar boatos, mentiras deliberadas.

Nessa estrutura de conversações e discussões políticas são reproduzidos os fenômenos de polarização, cada vez mais recorrentes nas mídias sociais. O espaço cada vez maior das chamadas notícias falsas – *fake news* – e a capacidade de influenciar na formação da opinião pública têm sido ponto nodal em relação ao impacto no âmbito da comunicação política através das mídias e redes sociais. Embora não haja ainda uma conclusão sobre a vulnerabilidade dos indivíduos em relação à manipulação arquitetada para favorecer determinados atores políticos e seus interesses, sabe-se que as mídias e redes são constituídas como fontes de informação de forte atuação para construção do sentido sobre a realidade, especialmente entre os mais jovens. As narrativas difundidas neste espaço fortalecem discursos que podem favorecer determinadas forças políticas, especialmente nos processos eleitorais.

Pensar esse processo de informação é conceber que esta é regida pela tensão entre o excesso e a falta, e passa assim a ser estruturante da relação que se dá entre os discursos políticos-midiáticos e os sujeitos, uma vez que em nossa sociedade a noção de informação funciona como efeito de verdade. Essa aparência dada à informação que a toma como lógica e estável ganha ainda mais força quando assentada no ambiente das mídias digitais, sobretudo no contexto político-midiático e eleitoral, em que os sujeitos são interpelados a se informar sobre os políticos e sobre a política.

Os sentidos compartilhados por sujeitos que são interpelados pela mesma ideologia político-partidária são dados como estáveis, são postos como verdadeiros e inquestionáveis. Esse efeito atinge também as *fake news*, que se revestem de um tom de verdade absoluta, dissimulando para os sujeitos a carga polissêmica, a partir do controle do que é ou não verdadeiro. Nunes (2012) apresenta uma reflexão acerca desse efeito de estabilidade presente na ideia de informação.

[...] pensar a noção de informação a partir de uma posição discursiva permite que problematizemos sua aparência lógica e estável. Tal gesto permite visualizar a abrangência

dessa noção como sempre-já significada numa relação circular entre o excesso e a falta. Num enunciado como “temos que nos informar!” ressoa o discurso do excesso materializado na diversidade de domínios a ela relacionados, tais como: era da informação, história da informação, ciência da informação, teoria da informação, sociedade da informação e nas diversas formas que a caracterizam, como: redes de informação, medidas de informação, recuperação de informação, capacidade de informação, escassez de informação, economia de informação, excesso de informação, desinformação etc. O excesso de determinativos para a noção de informação instaura a sua forma mutante, ou seja, o excesso irrompe no discurso da falta, num funcionamento equívoco. Como dissemos, esse funcionamento equívoco é constituído na relação excesso-falta e sustenta-se na circularidade, pois o excesso de informações para todos os sujeitos seria necessário visto que a informação faltaria a ele. Pensado de outra forma, sendo a falta (de informações) constitutiva do sujeito seria necessária a produção de informação em larga escala, de diferentes maneiras para “suturar” a falta que constitui o sujeito (Nunes, 2012, p. 32).

É nessa construção da informação como elemento sempre já estável, negando sua carga polissêmica de estabilidade, através do controle dos sentidos, que é potencializada nos sujeitos a ideia de uma suposta liberdade diante das relações de poder entre mídia e política. Os sujeitos são, assim, movidos pelo desejo de buscar a construída verdade sobre um fato, (o que é variável diante da posição discursiva que ocupa) de “descobrir” ou “desvendar os segredos”, levantar a ponta do véu, que movimentam as ações políticas, em razão da crença em um sujeito livre, já que, conforme aponta Althusser (1980), a ideologia dissimula sua própria existência.

3.2 O Twitter e seus elementos comunicacionais e discursivos

O Twitter, desde sua criação, passou – e certamente ainda passará – por diversas transformações em seus aspectos visual e técnico, o que implica em modificações em suas formas e funcionalidades. Importante destacar que o Twitter mudou de nome e agora se chama X. O anúncio da mudança foi feito pelo bilionário e dono da rede social, Elon Musk, em 23 de julho de 2023, portanto, a nova logo é a letra X, que substitui o pássaro azul. No entanto, optamos por manter o uso do nome Twitter, considerando todo o período da pesquisa que se ancorou nessa nomenclatura.

Inicialmente, o Twitter oferecia espaço para publicação de pequenos textos de, no máximo, 140 caracteres. Em 2017, após mais de 10 anos do lançamento, o limite foi aumentado para 280. Foi ganhando mais corpo e mais funções, adquirindo espaço para publicação de fotos, transmissão de vídeo ao vivo e, mais recentemente, o envio de áudio. O espaço do Twitter se tornou tão importante que passou a ser usado como termômetro político. Atualmente, está disponível em

cerca de 49 idiomas, e até abril de 2022 contava com 229 milhões de usuários ativos e diários em todo o mundo. Apresenta um algoritmo complexo e suas ferramentas para leitura e escrita são representadas em forma de símbolos ícones¹² assim descritos:

Imagem de perfil – No canto superior esquerdo do aplicativo do Twitter, você encontrará o ícone da foto de perfil. Ao ser tocado, abrirá uma gaveta de navegação que contém Favoritos, Tópicos, Listas, Configurações.

Ícone de pássaro – No meio da barra superior, é o logotipo do Twitter. Atrás desse logotipo há algumas funcionalidades interessantes. Ao rolar pelo *feed* e clicar nele, chegará rapidamente ao topo.

Ícone de faísca – O ícone *sparkle* ou *star* no canto superior direito permite alternar entre as duas visualizações da linha do tempo. Poderá selecionar na visualização superior/inicial e nos *tweets* mais recentes.

Ícone flutuante + ou caneta – No canto inferior direito, encontrará um ícone azul flutuante. Pode ter um ícone + ou uma pena. Esse símbolo permite criar novos *tweets* e espaços.

Início – O ícone Início leva à tela inicial ou *feed* do Twitter.

Pesquisar – O ícone Pesquisar é utilizado para a realização de pesquisas no Twitter, para descobrir o que está em alta e ter acesso à leitura das últimas notícias. É como uma guia Explorar, onde encontrará coisas que podem ser importantes para o usuário, além de sua fonte principal.

Quatro pontos – Este novo ícone foi adicionado recentemente ao aplicativo do Twitter e leva o usuário para a seção Twitter Spaces, que são as salas de áudio. Eles são semelhantes aos quartos do clube.

Sino – O ícone de Sino abre a seção de notificações, onde poderão ser visualizadas novas notificações de curtidas, retuítes e menções. O ícone Configurações na parte superior da seção Notificações permite que o usuário modifique as configurações de notificação.

Ícone de envelope – O usuário poderá visualizar sua pasta de mensagens do Twitter pressionando o ícone de envelope.

Ícone do usuário – No canto superior direito da gaveta de navegação consta o ícone de contas de usuário. Ele permite adicionar várias contas do Twitter ao aplicativo.

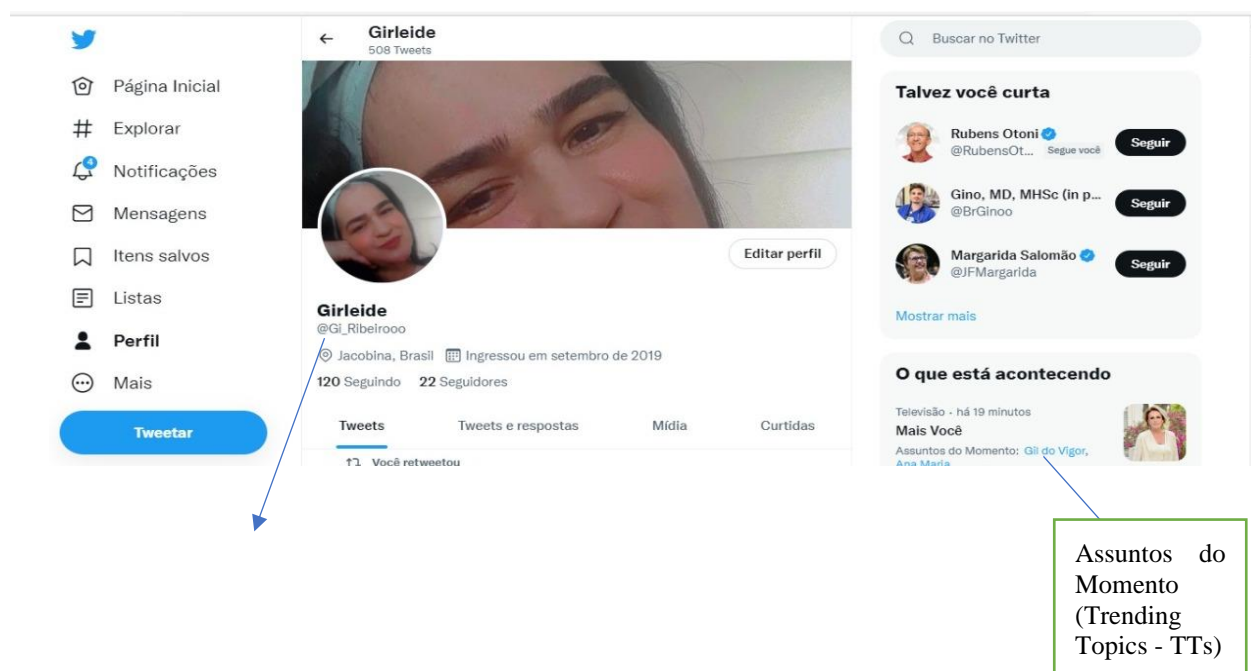
¹² [O que significam os símbolos e ícones no Twitter | CodePre.com](#). Acesso em: 23 mai. 2022.

Bombilla – O ícone da lâmpada na parte inferior permite ativar ou desativar o modo escuro e alternar entre os temas do modo escuro.

Cone QR – O ícone QR permite que o usuário gere um código QR para o seu perfil do Twitter. Ele também oferece um *scanner* de código QR embutido.

Abaixo, o significado dos ícones do perfil do Twitter.

Figura 26 – Print da página do perfil da autora no Twitter



Fonte: Captura de tela de página no Twitter.

Agora, o significado dos símbolos do *tweet*.

Figura 27 – Ícones do Twitter



Fonte: Captura de tela realizada pela autora.

- **Balão de fala** – permite que você responda a um tuíte.
- **Duas flechas** – permite retuitar a mensagem de outro usuário.
- **Coração** – indica que o usuário curtiu o tuíte.

- **Envie ou compartilhe** – permite o compartilhamento do tuíte com outras pessoas.

Conhecer os elementos que organizam o espaço do Twitter permite compreender o modo de funcionamento desse espaço. Porém, é preciso entender também o modo como funcionam os textos e os discursos que circulam nas mídias sociais digitais, considerando essas mídias como espaços enunciativos informatizados, submetidos a critérios de normatização que são próprios da materialidade digital (Galo e Silveira, 2017).

No Twitter, sujeitos e sentidos se (res)significam nos espaços enunciativos informatizados, cuja normatização sugere uma disputa pelos sentidos forjados pela digitalização do cotidiano e pela ênfase na mídiatização e espetacularização dos dizeres. Essa espetacularização é ainda mais marcada quando o enunciado presente numa *hashtag* diz respeito ao campo político, pois, como já dito, esses dizeres podem favorecer forças políticas, especialmente em período eleitoral. É preciso ainda elucidar a mídiatização que se define no modo como aquilo que é elencado nos *trending topics*, apagando, em certa medida, a heterogeneidade do arquivo, uma vez que o efeito produzido é o de que todos estão falando das mesmas coisas, ou que são os assuntos mais importantes para a maior parte dos sujeitos-usuários, conforme podemos observar na manchete da reportagem apresentada pelo *site* do UOL¹³.

¹³ Ver mais em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/29/politica-domina-trending-topics-do-twitter-nesta-segunda-feira-pos-eleicoes.htm> Acesso em: 29 out. 2018.

Figura 28 – Imagem recortada das notícias do UOL



Fonte: Captura de tela do *site* UOL.

Vimos que, dos sete assuntos mais comentados do Twitter no dia 29 de outubro de 2018, cinco estavam diretamente relacionados à eleição de 2018. Foram eles: *#EleNãoÉoMeuPresidente*, *#PoliticaEmPânico*, *#HipoglósNoPT*, *#NinguémSoltaAMãoDeninguém* e *#BrasileUA*.

Importante pontuar que temas políticos são comumente transformados em uma *hashtag* do Twitter, cujo objetivo é reunir/organizar os tuítes em torno de um tema, ou mesmo reunir os sujeitos em torno de uma conversa. A crença de que qualquer pessoa possa desencadear uma conversa política e de que esta seja seguida por vários perfis passa a funcionar sob o efeito de evidência para os sujeitos-usuários do Twitter, através do funcionamento da *hashtag* como prática política no contexto das mídias sociais digitais.

A compreensão da *hashtag* como instrumento de prática política e social está presente em diferentes campos institucionais e científicos:

Fico impressionado com o papel desempenhado pelas hashtags e o microblog. No passado, o ser humano se reunia em torno do fogo para relatar momentos especiais. Hoje, as pessoas usam o Twitter para compartilhar o que sabem e se informar. Para acompanhar esse relato, nossos usuários geralmente antepõem ao assunto o símbolo sustenido “#”. A hashtag virou a fogueira da era digital. As pessoas se reúnem digitalmente em sua volta e, de uma maneira tão simples, conseguem se aproximar de pessoas de um mesmo interesse. O Twitter é só um intermediário. (Bain apud Sbarai, 2013).

É preciso salientar que o uso da *hashtag* extrapola o Twitter e até mesmo os ambientes digitais. Esta, enquanto mecanismo produtor de sentidos, não está, desse modo, sitiada, condicionada a uma única forma de utilização, já que ocupa, na atualidade, outros espaços, desde revistas, jornais, camisetas, e até mesmo os corpos dos sujeitos. Porém, mesmo circulando em outros espaços, tomando uma forma impressa, pode, ainda assim, estabelecer uma ligação interdiscursiva com as formulações e proposições baseadas em sua circulação no digital. A *hashtag* é aqui compreendida como elemento discursivo, posto que percebemos seu funcionamento no jogo que se estabelece entre os sentidos já estabilizados e a tentativa constante de desestabilização dos sentidos.

3.3 O feminino entre o *online* e o *off-line* a partir da *hashtag* #Elenão: corpos discursivizados em movimento

Com o constante avanço das tecnologias, ocorre cada vez mais e de forma mais efetiva a participação dos sujeitos nesse cenário tecnológico. Surge, então, nos espaços das redes, maior participação social dos sujeitos no cenário político que, através de seus perfis/corpos, deslizam entre os âmbitos real/virtual. Esse deslizar entre tais âmbitos se retroalimenta através dos movimentos do sujeito que se manifesta na discursivização de seus corpos, corpos que bailam entre o *online* e o *offline* na relação entre o feminino e a tecnologia.

Com um cenário cada vez mais ocupado pelo advento da tecnologia, percebe-se uma eclosão de tentativas de compreender uma sociedade tecnologicamente avançada e as implicações desse avanço em relação ao aparato técnico e às estruturas sociais elaboradas pela ação humana. Embora haja aspectos que caracterizem os universos *online* e *offline* ou real e virtual, é preciso pensar esses elementos não como uma sobreposição, mas como espaços em que corpos transitam, pois o corpo do sujeito está atado ao corpo social e ao virtual; há nessa relação entre o corpo do sujeito, o corpo social e o corpo virtual um processo de corporificação, conforme aponta Pelúcio (2015). A partir dessa relação entre o movimento que conduz o sujeito do real para o virtual e deste para aquele é que nos propomos a discutir como esses perfis/corpos são constituídos, aqui não relacionados aos perfis psicológicos, mas a perfis digitais nos quais se constituem as subjetividades *online*. No âmbito real, fora do digital, não nos referimos aos corpos físicos, pois se assim o fossem estariam presos à carne, mas a corpos discursivizados, que são construídos entre o real e o virtual e deslizam através da *hashtag* #EleNãO, já que, como define Orlandi (2012), o

sujeito interpelado pela ideologia traz seu corpo também interpelado. Assim, esses sujeitos internautas, produtores de tuítes que funcionam no virtual, mas também militantes de causas políticas que transitam fora do virtual, deslizam entre o real e o digital, a partir da manifestação política com o uso da *hashtag* #EleNão e suas variações. No caso dessa *hashtag*, destaca-se o protagonismo feminino, tanto no âmbito real, quanto no digital, pois são perfis/corpos femininos que se mobilizam na militância. Assim, o movimento #EleNão revela o feminino a partir de uma prática social que ganha as ruas e retorna para os espaços virtuais, quebrando o silêncio, resistindo, retomando e reelaborando espaços de memória, de já-ditos que se constituem na construção dos sentidos.

3.3.1 Corpo-sujeito ou corpo do sujeito em circulação nas redes?

Para falar em corpo, propomos um deslocamento dos sentidos que são propostos a ele no campo das ciências biológicas. Estas têm ocupado um lugar privilegiado em relação à produção de conhecimento sobre o corpo, visto neste campo como “empiricamente mensurável”. Em razão disso, propomos uma discussão, uma problematização a partir da Análise de Discurso que desloca o corpo de seu lugar empírico e biológico, observando-o em sua discursivização, ou seja, tomamos o corpo como discurso.

Novos sentidos são produzidos para o corpo, quando numa outra lógica, a da circulação, da virtualidade, do simulacro, da simulação, este corpo ocupa outros espaços a partir do desenvolvimento das novas tecnologias. Partimos, então, da compreensão do corpo considerando o modo como ele é constituído no deslizamento entre o real e o digital. O corpo digital toma forma, se constitui através da tecnologia, se materializa nas postagens fotográficas, nas lentes das máquinas através de cliques de celulares. Ao mesmo tempo em que se constitui no digital pelo viés tecnológico, desloca-se no real da manifestação política nas ruas. Assim, no digital ele pode ser constituído através de *prints*, *selfies*, filtros, recortes, enquanto, no real, é constituído através do movimento que produz nas ruas, nas bandeiras, nas ideologias que o atravessam.

Partindo da compreensão da linguagem e do real da história como elemento de equivocidade, os efeitos de sentido relacionados à ideia de corpo real e corpo digital podem ser tomados, conforme análise de discurso, como efeito de um processo metafórico que abre sempre para a possibilidade do deslocamento, que reproduz e ao mesmo tempo transforma os sentidos de corpo biológico.

Considerando esse deslocamento dos corpos do campo biológico para o campo discursivo, portanto, entendido como materialidade que produz sentidos, nos pautamos nas palavras de Orlandi (2016, p.87), assim descritas: “como, em sua materialidade, os sujeitos textualizam seu corpo pela maneira como estão nele significados, e se deslocam na sociedade e na história [...]”.

Importante pensar como são produzidos sentidos para os corpos por intermédio da imagem postada digitalmente. Esta, como operadora da memória, é também produtora de sentidos. Há uma lente que capta o corpo digital na imagem postada no Twitter, há um filtro que o atravessa, há uma exposição desse corpo nas redes a partir do compartilhamento, das curtidas etc. Há um atravessamento de sentidos que se constituem na e pela tecnologia da postagem, através da circulação de imagens. Assim, refletir como língua e imagem funcionam em conjunto e, ainda, como são ressignificados os corpos pelas ferramentas digitais em diferentes espaços virtuais é importante para este trabalho. Como o visível atravessa ou é atravessado pelo dizível? Estas são algumas indagações que permeiam as discussões relacionadas ao *corpo-sujeito* ou corpo do sujeito que circula nas redes. Ou seja, nos interessa compreender como o corpo é discursivizado, significado, como funciona, considerando-se que, como “corpo simbólico, corpo de um sujeito, ele é produzido em um processo de significação, onde trabalha a ideologia, cuja materialidade específica é o discurso” (Orlandi, 2012, p.85), portanto, ainda segundo a autora, “o corpo aparece como transparente, mas não é”. Ao refletir sobre o corpo discursivamente, Dias (2011) contribui com a discussão ao acentuar que esse corpo é afetado pelos sentidos engendrados tanto pela tecnologia quanto pela sociedade.

Isso porque, com o advento das novas tecnologias, a questão da imagem e da captação e projeção de uma realidade modifica os modelos de representação do mundo e, conseqüentemente, a ilusão de realidade. Porém, ressaltamos que nossa compreensão em relação à impressão da realidade, relação entre imagem e mundo, estará sempre constituída pela ideologia.

Para a sustentar a ideia de que corpo e sujeito estão enlaçados tomamos o conceito de discurso como prática sustentado por Courtine (2011, p. 150), que aponta o imbricamento entre verbo, imagem, corpo, gestos e expressões. Lemos, digitamos, navegamos na internet, nos fazemos personagens de nossas próprias fotos e vídeos, e assim o corpo se torna textualizado para as leituras na rede.

Importante ressaltar que corpo e sujeito são constituídos pela linguagem. Conforme Baldini (2017), “temos um corpo e esse corpo é atravessado pela linguagem”. A partir de sua inscrição no

simbólico, o indivíduo se constitui sujeito e corpo-sujeito a partir do funcionamento da ideologia que se institui a partir da falha, do fracasso, da falta. Ferreira (2013) corrobora com essa premissa quando afirma que:

Assim como a língua não é um ritual sem falhas (como nos lembra Pêcheux), a ideologia também não o é e tampouco o corpo. Se os equívocos da língua irrompem na língua, na zona do impossível, e a ideologia marca os equívocos historicizados, podemos nos arriscar a dizer que o corpo seria o lugar de simbolização onde se marcariam os sintomas sociais e culturais desses equívocos (Ferreira, 2013, p. 104-105).

Embora haja aspectos que caracterizem os universos *online* e *offline* ou real e virtual, é preciso pensar esses elementos não como uma sobreposição, mas como diferentes espaços em que corpos transitam, pois o corpo do sujeito está atado ao corpo social, e mesmo no virtual há um processo de corporificação, como apontado por Pelúcio (2015, p. 92):

Imprimir nesse mundo digital marcas da cultura na qual estamos imersos, valores de classe, acentuar marcas de raça/etnia, ou borrá-las. [...] O fato de estarmos imersos em ambiente online não nos isenta de ter um corpo, ao contrário. A criação de um avatar, nossa identidade iconográfica, passa por corporificar-se.

Como apontam os estudos materialistas do discurso, o indivíduo passa a ser sujeito quando fisgado, tomado pela ideologia, interpelado. De igual modo, tem seu corpo também interpelado.

A ideologia se materializa em práticas, e estas afetam diretamente o processo de significação do sujeito. Ao considerar a relação corpo/sujeito/ linguagem e sociedade desembocamos na questão de como esse corpo, partindo do princípio da materialidade do sujeito, sua historicidade, é significado nas redes, já que esses espaços também fazem circular sentidos. Orlandi (2012, p. 87) aponta questões relacionadas ao modo como, em sua materialidade, os corpos são textualizados pelo sujeito e se deslocam se movimentam na sociedade e na história: “[...] corpos segregados, corpos legítimos, corpos tatuados. Corpos integrados. Corpos fora do lugar. O comum, o normatizado, o hegemônico. O corpo do rico e o do pobre”. Acrescentaria, ainda, corpos silenciados, corpos interditados. Assim, temos várias possibilidades de textualização dos corpos em circulação com formas distintas de significar e ser significado.

Assim como a linguagem, o corpo do sujeito não é transparente, pois é atravessado por discursividades e efeitos de sentidos que são constituídos pelo confronto do simbólico com o político que funciona ideologicamente. Assim, nossos corpos já vêm carregados de significados

mesmo antes de serem nossos corpos. Como defende Orlandi (2012), o corpo do sujeito está inevitavelmente ligado ao corpo social. Essa ligação é silenciada pelos discursos das instituições que mantêm a ilusão de transparência nessa relação, mostrando-se como uma forma social individualizada de existência. Isso nos leva a refletir quais são os corpos legitimados a estarem nas ruas, nas manifestações, no cenário político, na política.

Não há, apesar do desejo de completude, sentido unidirecional. A todo tempo somos convidados a interpretar, já que as palavras, os gestos, os corpos reclamam sentidos, e nossa interpretação é realizada junto à ideologia, pois corpo, sentido e ideologia são inseparáveis e, nas palavras de Orlandi, é no trabalho da interpretação que podemos apreciar os efeitos da ideologia funcionando. E acrescenta:

A interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação. Mais interessante ainda é pensar os diferentes gestos de interpretação, uma vez que linguagens, ou as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos (Orlandi, 1996, p.9).

Ainda trazendo para a discussão as questões relacionadas a interpretação e ideologia, Dias (2011) propõe uma aproximação da ideia de “amnésia histórica” apresentada por Lafontaine (2004), à do esquecimento n.1 proposto por Pêcheux, afirmando que a ilusão de ser a origem dos sentidos sugere os sentidos de onipotência, completude e a onnipresença do discurso da tecnologia que trazem corpo, sujeito e ciência como aqueles que podem tudo.

Desse modo, é importante compreender o papel do corpo na sociedade, posto que este não se revela como indiferente aos sentidos produzidos pela tecnologia e pela sociedade, já que corpo, tecnologia e sociedade estão inevitavelmente imbricados (Dias, 2018).

Com base nessa relação, vale salientar que a tecnologia modifica a forma de existência do corpo, visto que, através dela, o modo de apresentação desse corpo assumiu outros lugares, outros espaços, o que sugeriu/sugere uma outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social desses corpos. Isso porque o corpo do sujeito situa-se entre o mundo, a máquina e a imagem, o corpo projetado na tela, constituído como efeito de sentido que resulta de uma relação entre homem e máquina, entre imagem e tecnologia, como discursividade. Essa nova forma de existência através da tecnologia propõe um corpo mediado entre um espaço e outro, entre um sentido e outro, entre um corpo e outro.

Contamos hoje com grande disponibilização e circulação de conteúdos e tipos diversos em diferentes plataformas digitais midiáticas que permitem a participação ativa de seus usuários. Mesmo em meio às regulações institucionais, informações e conteúdos circulam e são produzidos através de cooperação e auto-organização de diferentes grupos, a partir de seus interesses e através das possibilidades tecnológicas.

Isso não significa, porém, que não haja uma forma de regularização desses corpos, numa tentativa de uma dessimbolização¹⁴, como se houvesse essa possibilidade de desvincular os corpos do social, do histórico, da linguagem, através da cristalização dos sentidos gerados no universo tecnológico.

3.3.2 Corpos violados: o feminino e a tecnologia

É imprescindível refletir acerca da relação entre a tecnologia e a mudança social, levando em consideração que as tecnologias não se constituem como um processo interno e impenetrável. Não há como pensar o processo de transformação social a partir tão somente dos avanços tecnológicos, distantes da subjetivação humana. Vale, então, considerar um processo mútuo, uma construção recíproca. Pensar o real e o virtual como elementos que não estabelecem relação mútua quando se trata de pesquisas no âmbito das relações sociais é desconsiderar que a tecnologia constitui a sociedade e demarca caminhos e mudanças nas práticas sociais.

Orlandi (2012) propõe uma reflexão acerca da relação entre a tecnologia e o corpo social. Considerando como o avanço tecnológico propicia mudanças no modo como o corpo circula no âmbito social, ela aponta para o surgimento da luz elétrica para exemplificar tal mudança que possibilitou a circulação dos corpos, também durante a noite. Porém, é importante analisar quais eram os corpos a quem era dado o direito à circulação, quais corpos eram legitimados a transitar à noite pela cidade? Essa indagação, dentre outras que poderiam ser elencadas, denotam a relação entre o tecnológico e o social, entre o sujeito e a tecnologia. Estendemos nossa reflexão entre o *online* e o *offline*. O espaço das redes permite a circulação de corpos, estes estritamente ligados ao sujeito, que por sua vez estão atados à linguagem, à história e à ideologia. Com o advento da

¹⁴ O termo dessimbolização diz respeito ao domínio da lógica capitalista em nortear tudo e todas as coisas tomando como base o lucro, negando tudo que esteja fora do valor comercial. Ver mais em: [A dessimbolização do mundo \(geledes.org.br\)](http://geledes.org.br) Acesso em: 12 jun. 2024.

internet, a circulação destes corpos ocorre, seja pela captura de imagens destes por câmeras, seja pela circulação destes corpos através de vídeos nas diferentes plataformas *online*.

Retomando Pelúcio (2015), coadunamos com a afirmação de que estarmos *online*, revestidos com avatares diversos, não nos isenta de termos um corpo, pois na criação de um avatar há a corporificação de uma identidade, e, portanto, a constituição de uma subjetividade digital. Porém, é importante lembrar que, para a análise de discurso materialista, o sujeito não pode ser pensado sem a ideologia que o constitui, sem a história e os processos da vida social e política. Partindo disso, não se pode dizer que a relação do sujeito com o corpo seja transparente, embora apareça como tal, pois sujeito e corpo estão assujeitados pela ideologia.

Compreende-se, desse modo, que o corpo do sujeito está atado ao corpo social, isso é constitutivo da subjetividade, pois é parte do processo de significação, não se constitui como algo que lhe é exterior. O corpo não pode ser “[...] tomado simplesmente como uma embalagem, um invólucro”, conforme apontado por Orlandi (2012, p. 86).

Nos propomos, assim, a refletir sobre como ocorre a circulação dos corpos no universo digital. Leonel (2010) corrobora com as discussões relacionadas à ideia de corpo e discurso e nos apresenta o processo de junção entre carne, corpo e discurso. Desse modo, podemos pensar como ocorre essa movimentação do sujeito no que se refere ao universo digital: “A carne passa a corpo por um processo, que chamei, naquele texto, discursivização da carne, trabalho realizado ciosamente pelos agentes ideológicos que cuidam de imaginá-la, esperá-la, erguê-la, educá-la, administrá-la, alocá-la em *corpodiscorso*” (Leonel, 2010). A seguir, trazemos algumas postagens que apresentam o corpo no meio digital, a partir da retomada da *hashtag* #EleNão.

Figura 29 – *Print* da imagem do tuíte baseado na hashtag #EleNão: Bolsonaro, as mulheres vão te derrubar!



Fonte: Perfil @MídiaNINJA no Twitter, em 08 de outubro de 2021.

Esta imagem foi uma postagem feita no Twitter na página do Mídia Ninja datada do dia 08 de outubro de 2021. O discurso do movimento de mulheres em oposição a Bolsonaro dá voz a um movimento social de resistência que possibilita a percepção da dissimulação do efeito de evidência de uma ideologia dominante, posto que se configura como discurso de oposição que representa uma classe social historicamente submetida ao patriarcado, ou seja, uma classe representativa da ideologia dominada que contraria a classe dominante. Na postagem no Twitter, o discurso de luta e resistência das mulheres materializa-se na linguagem e no corpo, posto que este corpo, assim como a linguagem, comporta a falta, o equívoco, portanto é capaz de resistir e mostrar a contradição do sujeito.

A mulher vivenciou o período do patriarcado sob intensa dominação masculina, sendo seu corpo submetido ao prazer e aos desejos do homem. A relação do sujeito com o corpo, historicamente, assumiu várias determinações. Na ideologia cristã, vivenciou a separação corpo e alma, constituindo, assim, um imaginário de dominação desse corpo. Hoje, sob a égide capitalista, a relação com o corpo assume outras determinações que perpassam os discursos científicos, aparece na arte, na religião, e passa a compor movimentos de resistência no campo social.

Há, desse modo, a constituição de um novo olhar sobre o corpo, que, nas palavras de Courtine (2009, p. 8), referindo-se ao final da década de 1960, “se pôs a desempenhar os primeiros papéis nos movimentos individualistas e igualitaristas de protesto contra o peso das hierarquias

culturais, políticas e sociais, herdadas do passado”. Como pode ser percebido, o corpo ocupou lugar nos atos de resistência nas classes marginalizadas da sociedade e que, ainda segundo Courtine (Op.cit. p. 9), “pensavam ter apenas o próprio corpo para opor ao discurso do poder, à linguagem como instrumento para impor o silêncio dos corpos”.

Tal postagem culminou em 92 republicações, 10 comentários e 1010 curtidas no Twitter. Circulou em outras redes sociais, a exemplo do Facebook, e foi alvo de muitos comentários. Tais comentários estiveram muito mais voltados para o fato de a mulher utilizar seu corpo como suporte para realização do protesto contra o governo de Jair Bolsonaro do que para o movimento de protesto em si.

Dentre os comentários feitos no Twitter relacionado à postagem, destacamos dois:

Figura 30 – *Print* da interação de um sujeito usuário comum com a postagem da página @MidiaNINJA



Fonte: Captura de tela da página @MidiaNINJA no Twitter.

Figura 31 – *Print* da interação de um sujeito usuário comum com a postagem da página @MidiaNINJA (II)



Fonte: Captura de tela da página @MidiaNINJA no Twitter.

Na postagem, motivadora dos comentários, há a exposição de um cartaz, bem como a exposição do corpo da militante onde são mobilizados enunciados que desestabilizam o efeito de

evidência de sentido oriundo de uma formação discursiva machista que ganha força no imaginário social e político com a candidatura de Bolsonaro em 2018.

Nos dois comentários selecionados percebemos o embate ideológico em relação à postagem – esta, inscrita numa formação discursiva feminista em que o sujeito adere para negar o discurso do outro e, aqueles, inscritos numa formação discursiva machista.

O primeiro comentário – “*Pela escolha da foto tenho certeza que foi um homem que escreveu esse tuite*” – nos chama atenção para o modo como o corpo, especificamente o corpo da mulher, é subjetivado; há um efeito de evidência em relação ao pertencimento desse corpo ao homem. Esse efeito de evidência está marcado pelo uso linguístico da oração “tenho certeza” seguido de “foi um homem”, que remete a algo do que não se pode duvidar, ou seja, de que o corpo da mulher não pertence a ela, mas, sim, ao outro. Portanto, há uma disputa pelos sentidos de pertencimento desse corpo que ousa através de sua exposição lutar contra esse domínio – “NA LUTA PELA VIDA”. Desse modo, instaura-se um caráter antagonico a partir dessa disputa que produz um conflito nas fronteiras sociais.

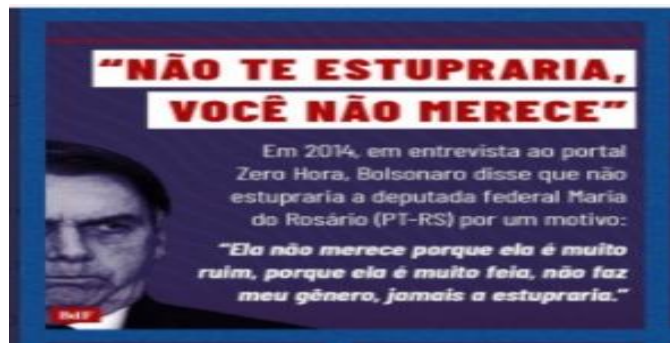
Apesar das várias possibilidades do dizer, possíveis porque há formulação de discursos que nos permitem ressignificar a memória de violência e emergir um novo acontecimento de linguagem, através de uma reatualização da memória que ocorre a partir das novas produções discursivizadas no material digital e que deslocam estigmas sociais, há uma tentativa de cristalização de sentidos ligados a uma memória que silencia o corpo feminino, que o reduz às amarras do patriarcado, como pode ser percebido no segundo comentário – “Essa puta é quem vai derrubar um presidente da República”. Conforme Indursky (2011, p. 71), “o sujeito produz discurso pelo processo de repetibilidade, por mais que seja afetado pela ilusão de se tratar de um discurso novo”.

O enunciado em questão sugere uma incredibilidade de uma ação, a de derrubar o presidente, já que o sujeito da ação – “Essa puta” – é um corpo que não condiz com sua condição feminina idealizada historicamente. Contrariamente, esse corpo feminino rompe com a violência mantida nos discursos patriarcais, resiste a certos imaginários machistas, cristalizados na sociedade contemporânea que tentam definir o lugar e o papel da mulher na sociedade.

A postagem a seguir, retirada do Twitter, traz o eco de uma entrevista de Jair Bolsonaro em 2014 concedida ao *Portal Zero Hora*, quando ocupava a posição de deputado. Nela, o trecho em

destaque traz à tona o episódio em que o coronel reformado, em discussão com a deputada federal Maria do Rosário, diz que não a estupraria porque a deputada não merecia.

Figura 32 – Print da imagem do tuíte com trecho da entrevista concedida ao *Portal Zero Hora*



Fonte: Captura de tela do Twitter.

É importante salientar que, numa sociedade marcada pela naturalização da misoginia, a cultura do estupro será legitimada pelo patriarcado como forma de controle e subjugação dos corpos femininos. Essa tentativa de subjugação desses corpos ocorre em meio a muitas lutas que materializam conflitos em razão da impossibilidade de aceitação e naturalização de tais práticas pela classe dominada. Nesse processo político de estabilização/desestabilização de sentidos, posto que o sentido é determinado a partir das posições ideológicas dos sujeitos que enunciam, o movimento de mulheres nas redes manifesta um posicionamento marcado pela resistência ao pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro que, por sua vez, retoma a memória da formação discursiva patriarcal que nega às mulheres o direito a seus corpos.

Tomando o enunciado para análise, propomos uma reflexão inicial acerca dos efeitos de sentido a partir do uso do verbo “merecer”. Este está relacionado ao direito de obter algo. O que fica sugerido no enunciado em questão é que a deputada federal Maria do Rosário perdera o benefício de “ser estuprada” por não atender aos critérios para ser “beneficiada” por tal ação, ou seja, o sentido de merecer ou não ser estuprada. Tais efeitos se ligam à memória histórica em relação à sexualidade feminina e sua submissão ao sexo masculino. O enunciado tem em seu início o uso de um advérbio de negação, “não”, que, de fato, estaria remetendo à ideia de impossibilidade, de recusa de oferta. Tomando como base o enunciado em questão, podemos estabelecer relações do dizer com o não dizer, através da família parafrástica, assim posta: “Não te estupraria, você não merece” / “Te estupraria, você merece” / “A mulher merece ser estuprada” / “Há mulheres que

merecem ser estupradas” / “Há mulheres que não merecem ser estupradas”. Vislumbramos, desse modo, a configuração das formações discursivas que estão dominando a prática discursiva em questão: merecer ser estuprada seria, segundo o sentido que se constitui nesse enunciado, um processo ligado à beleza feminina. As bonitas mereceriam e as feias não mereceriam. Este sentido objetifica o corpo feminino, coisificando-o de maneira violenta, ao mesmo tempo em que silencia o fato de que o estupro é uma violação do corpo feminino, sendo crime previsto em lei, minimizando o ato violento. Elucidamos uma relação do que foi dito, do que não foi dito e do que poderia ter sido dito. Importante ressaltar que o processo de produção de sentidos está inevitavelmente sujeito ao deslize, havendo sempre a possibilidade de um outro para constituí-lo. Sentido e sujeito são determinados pelo lugar social de onde emanam. Essa constatação culmina na afirmação de que, assim como sentido e sujeito não são fixos, os enunciados também não são, pois ambos são invadidos pela história e pela ideologia.

O estupro é uma grave violação do corpo feminino, uma vez que se trata de uma relação sexual não consentida e, em grande parte das vezes, marcada pelo uso da violência física ou psicológica. O enunciado em questão retoma na memória discursiva a ideia de que há mulheres que são estupradas porque merecem, seja por serem bonitas, seja por qualquer outra justificativa.

Ainda tomando o enunciado em análise, temos a construção de uma resposta, motivo, expostos por Jair Bolsonaro, para não realizar o estupro: “Ela não merece ser estuprada porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria”. Os motivos são elencados a partir da conjunção explicativa “porque”, seguida das justificativas assim descritas: “ela é muito ruim; ela é muito feia; não faz meu gênero”. O enunciado é finalizado com o advérbio “jamais”, seguido de “jamais a estupraria”. Nos propomos mais uma vez a realizar paráfrases a partir do dito, o que teríamos assim designado, se x mas y , desse modo descrito: *se ela fosse boa, a estupraria; se ela fosse bonita, a estupraria; se ela fizesse meu gênero, a estupraria*. A partir dessas constatações se x , mas y , há um suposto fechamento do enunciado – digo suposto por considerar as várias possibilidades de significação do que está posto, através da intensidade tomada pelo advérbio de negação. Gostaria de refletir, numa escala de gradação, o uso dos advérbios de negação, no intento de materializar a sua intensidade dada à utilização do jamais na construção: *não, nunca, jamais*. A relevância em trazer à tona essa gradação diz respeito à sua presença também nos movimentos contra Bolsonaro nas redes sociais e nas ruas: *#EleNão, #Elenunca, #Elejamais*, pois, de igual modo, essa negação parecia ganhar mais intensidade.

Os enunciados retirados da fala do então deputado Jair Bolsonaro em 2014, a partir do modo como estão inscritos na língua e na história, indicam discursos pautados na interpelação ideológica em relação ao modo como a mulher é tomada na sociedade, e um movimento que se opõe a tal modo de significação dessa mulher, o que propõe um desentendimento, a partir de movimentos antagônicos, mesmo quando existem forças trabalhando para que o político não funcione, numa tentativa de que sentidos homogêneos se estabilizem, o que favoreceria alguns interesses em detrimento de outros. Seria como o apagamento do “dano”, para o estabelecimento da igualdade, conforme concebe Rancière (1996).

Segundo o enunciado, a referida deputada não merecia ser estuprada porque era feia. Há aí uma subversão da ideia de estupro como violência, pois pelo não dito recupera-se o funcionamento da ideologia patriarcal que indica que as mulheres merecem ser estupradas (como se a violação do corpo feminino fosse algo natural), e que o corpo da mulher não lhe pertence, é público e pode ser violado caso ela “mereça”.

É preciso ainda considerar os discursos machistas em circulação na sociedade que culpabilizam as mulheres pela ação sofrida de serem estupradas, o que estaria sustentado nos dizeres presentes no enunciado relacionado à ideia de merecer ou não ser estuprada. Em oposição/resistência a tais discursos surgem movimentos de militantes feministas, a exemplo da Marcha das Vadias, motivado em 2011 pela declaração feita por um policial de que as mulheres deveriam evitar se vestirem como vadias para não serem estupradas. Desde então, o movimento ganhou o cenário mundial nessa luta contra a cultura do estupro e a culpabilização das vítimas de violência sexual. Além disso, na década de 1940, ano em que se promulgou por meio de decreto Lei, nosso atual Código Penal, em seu Art. 107, enumerou o casamento como Causa Extintiva de Punibilidade para os Crimes de Estupro¹⁵, proposição que vigorou até 2005.

O post colocado no Twitter gerou uma série de críticas e compartilhamentos que extrapolam a cena política, pois circulam, retomam, acionam outros dizeres, já que a circulação que se refere ao aqui e agora no digital não se separa da circunstância da enunciação e é o que sustenta a formulação dos dizeres. Compreendemos que o modo de circulação tem um retorno sobre a constituição dos sentidos, assim, a quantidade de curtidas, de compartilhamentos, comentários significam no processo de luta, de embate ideológico, de construção de coletivos e movimentos sociais, sobretudo no modo como os sujeitos são significados a partir de sua

¹⁵ Ver mais em: www.jusbrasil.com.br.

participação no campo político através do enfrentamento entre forças constituintes de uma formação social, possibilitado pela tecnologia. Essa atuação de cidadãos através da tecnologia, nas palavras Mittmann (2011, p. 119), constitui-se como abertura de espaços para o “inconcebível” em meio ao saturado e, então, “novos preenchimentos”.

A possibilidade de fazer parte dessa grande rede de significantes que fazem circular outras vozes além daquelas que parafraseiam o discurso da ideologia dominante tem se instituído como espaço de divulgação de discursos de denúncias, de militância através de convocações aos usuários da rede, ultrapassando fronteiras geográficas e econômicas. Importante salientar que muitas dessas vozes que ecoam são de sujeitos que ocupam lugares à margem do poder político e econômico na sociedade, portanto, em se referindo ao ciberespaço, ocuparão também lugares à margem daqueles das grandes corporações. Porém, embora ocupando espaços marginais, o movimento dos grupos sociais que fazem circular no ciberespaço discursos de denúncia e contestação não são definidos, a partir de suas práticas, como secundários em relação às grandes corporações e seus discursos tradicionais. Em se tratando dessa relação entre ideologia dominante e dominada, Pêcheux afirma:

[...] parece ser crucial afastar a ideia, tanto sedutora quanto falsa, de que as ideologias dominadas, por não serem o simples reflexo inverso da ideologia dominante, constituiriam espécies de grandes germes independentes: elas nascem no lugar mesmo da dominação ideológica na forma dessas múltiplas falhas e resistências (Pêcheux, 2009, p.26).

Nesse lugar relacionado à dominação ideológica a partir das falhas e resistências em que define Pêcheux é que os movimentos sociais se constituem na rede, nem subordinados, nem independentes.

Conforme Dias (2011a, p. 271), somos todos sujeitos afetados pelo tecnológico, não apenas em relação aos objetos a que hoje temos acesso, mas também “no processo histórico e ideológico da sociedade contemporânea”. O que significa esclarecer que não apenas os aparelhos dos quais dispomos, como celulares, computadores, televisão abarcam o tecnológico, mas – e principalmente –, já que é o que nos interessa neste trabalho, os efeitos de sentidos que eles produzem sobre o modo de vida dos sujeitos.

Durante o período de julgamento de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff em 2016, ela declarou, em uma de suas falas destinadas a 48 senadores: “Tem sempre um componente de misoginia e de preconceito contra as mulheres nas ações que ocorreram contra mim”. Percebe-se, em seu pronunciamento, marcas de algo que repete, indicando um espaço de memória

que embasa, no discurso político, o pronunciamento do exemplo anterior. Há no enunciado uma marca linguística que remete a essa ideia de retomada de uma memória que não se cansa de aparecer – “sempre”. Identificamos no discurso as marcas de uma memória que insiste em lembrar os lugares estabelecidos para homens e mulheres na sociedade, sustentadas pelas palavras “sempre”, “misoginia”, “preconceito” contra as mulheres que trazem à tona que o lugar da mulher, marcado por uma sociedade falocêntrica, definitivamente não é na política.

Para refletir a respeito da noção do político, tomamos como base Rancière, que considera a relação da noção de político com situações de estabilização/desestabilização de sentidos e de litígio em sociedade. Pelo funcionamento do político nos deparamos com a implantação fictícia da igualdade, mas o que se é percebido é que essa suposta igualdade camufla ou tenta silenciar as situações de conflito. A prática política, numa concepção rancieriana, se sustenta enquanto deslocamento e interrupção dos efeitos de uma dominação (Rancière, 1996).

É nessa questão que se propõe a divisão de sentidos conflitantes, que fogem das tentativas de estabilização, e que fazem com que, concomitantemente, haja comunicação e não comunicação:

Encontramos essa divisão nas relações de produção capitalistas, e sob uma forma jurídica, que deve tirar os equívocos nos contratos, trocas comerciais etc. (igualdade linguístico-jurídica entre as partes contratantes), e, simultaneamente, manter o equívoco fundamental do ‘contrato de trabalho’, o que se pode resumir dizendo que, no direito burguês, “todos os homens são iguais, mas há alguns que são mais que outros!” (Pêcheux, 1997[1975], p.27).

Há uma tentativa de universalização das relações marcadas pelo capital, pela burguesia, o que de alguma forma se propõe a camuflar os conflitos – “todos os homens são iguais, mas há alguns que são mais que outros!”. Existe, então, um movimento de forças contrárias que direcionam para a ideia de unificação, e uma forma individualizada proposta pelo Estado para que os sujeitos sejam juridicamente capturáveis.

O que ocorre é que, pela luta de classes e pelas relações entre dominantes e dominados, forças trabalham para que o político não funcione pela resistência para que sentidos homogêneos estabilizem, impedindo o sentido outro de se manifestar, favorecendo alguns interesses em detrimento de outros, aquilo que, nas palavras de Orlandi (2012, p.122), a “Arte de anestesiá-los as resistências, de absorver as revoltas no consenso e de fazer abortar as revoluções”. Há, desse modo, uma tentativa de apagamento do problema para que a igualdade pareça se restabelecer.

Segundo Rancière, há uma dificuldade em admitir o desentendimento em uma sociedade que prega a igualdade, já que admitir tal desajuste seria o reconhecimento de que há um

desequilíbrio, um dano. Seria como relacionar a classe burguesa que se desloca de seu papel revolucionário e entrar em defesa dos lugares conquistados e buscas de ampliação de sua “base econômica” para assim atuar num processo de absorção contínua dos membros das “classes inferiores” (Gramsci apud Frosine, 2013, p. 33). Fonseca e Sobrinho (2014, p.342) defendem que “essa absorção se dá, ideológica e discursivamente, através do apagamento das contradições e da luta de classes, através da sua transformação em meros dados de variação, diferença e mutação, e a produção do *non-sens* dos antagonismos”.

Assim, a fala de Dilma Rousseff apresenta uma espécie de denúncia desse apagamento, dessa tentativa de neutralizar, engessar, impedir o movimento representado por uma mulher. Nessa luta, o dominador prevaleceu. No entanto, a opressão enseja resistência, e é nesse espaço que o movimento *#EleNão* se constitui.

O que pode ser observado no discurso materializado no enunciado são os sentidos da contradição, da diferença, do múltiplo funcionando, do diverso. A presença do político que remete à possibilidade de divisão e de negociação de sentidos entre sujeitos, posto que, ao serem instauradas as relações de poder, as desigualdades são evidenciadas.

Importante ressaltar ainda o lugar da incompletude na Análise de Discurso como espaço de intersubjetividade, o que possibilita a circulação de diferentes sujeitos produzindo sentidos a partir de um lugar social e sob determinadas condições de produção.

A partir destas discussões, relacionadas ao político e às relações estabelecidas no campo social, retomamos o lugar do digital para refletirmos sobre tais relações. Especificamente no que se refere ao movimento do feminino nesses espaços e o modo de circulação dos corpos femininos nesse lugar.

Recentes mobilizações realizadas por mulheres ocuparam o espaço das redes, tais como: *#NiUnaMenos*, *#AbortoLegal*, assim como as campanhas *#MeuAmigoSecreto*, *#MeToo* e *#PrimeiroAssédio* e, mais recentemente, *#EleNão* – esta, seguida de outras que assumem o mesmo teor de luta contra o governo de Jair Messias Bolsonaro. Todos esses movimentos rompem as fronteiras geográficas através do virtual.

O avanço das manifestações femininas/feministas trouxe também, atuando como numa arena de forças contrárias, a violência patriarcal para o campo virtual, travestida de outras roupagens que apontam para novas formas de subordinação e disciplinamento, o que significa dizer que a violência de gênero tem mudado de cenário e método, mas não de intensidade.

Tomamos para discussão a respeito da violência de gênero, além da fala do presidente Bolsonaro em relação ao estupro, uma imagem que circulou nas redes sociais em 2015, quando do aumento da gasolina. Trata-se de uma montagem da imagem de carros com adesivos colados na entrada do tanque de gasolina, onde a então presidente Dilma Rousseff aparece com as pernas abertas, com a bomba de gasolina entre as pernas, simulando uma penetração.

Figura 33 – *Print* da montagem feita com a imagem da presidente Dilma Rousseff



Fonte: *Site Terra*, acesso em: 02 jul. 2015.

Fruto de uma montagem, manipulado através de programas de computador, o corpo feminino é atravessado pela memória metálica e se transforma em arquivos de bases de dados. Como pensar esse corpo cada vez mais exposto, desnudado, digitalizado, viralizado, posto em circulação? Qual o funcionamento discursivo que toma o corpo da mulher como objeto dessa montagem? Nesse caso, é o corpo da ex-presidente Dilma que é alvo dessa construção. Esse corpo, além de ser atravessado pela memória da máquina, um corpo modificado pela montagem, é um corpo cuja memória histórica o atravessa, pois a memória em relação ao corpo da mulher, ao modo como este é constituído a partir de uma sexualidade estereotipada, a fim de desqualificar a posição exercida por esta mulher na sociedade, se destaca. Essa ação tem se constituído numa sistemática naturalização da violência que se relaciona com o enunciado proveniente da fala de Jair Bolsonaro sobre merecer ser estuprada.

Importante salientar o corpo feminino ligado à sua historicidade, posto que a imagem atual que temos deste está ligada a uma memória que sustenta, diz ou silencia seu modo de existência. Conforme Perrot (2015, p. 41): “Não o corpo imóvel com suas propriedades eternas, mas o corpo

na história, em confronto com as mudanças do tempo, pois o corpo tem uma história física, estética, política, ideal e material”.

Todo o processo de construção da imagem do corpo feminino, assim como de qualquer outro corpo, é fruto de uma construção ideológica que aparece como efeito de evidência e leva os homens a viverem espontânea e naturalmente em meio aos rituais ideológicos. Conforme Althusser:

Como todas as evidências, incluindo as que fazem com que uma palavra “designa uma coisa” ou “possua uma significação” (portanto, incluindo as evidências da “transparência” da linguagem), essa evidência de que você e eu somos sujeitos- e que isso não levante qualquer problema – é um efeito ideológico elementar (Althusser, 2008 [1970], p. 211).

Retomando a ideia de historicidade, mais uma vez, propomos para análise desse processo histórico o modo como a Bíblia Sagrada narra o surgimento da mulher em Gênesis 2:21-23:

Então o Senhor Deus fez o homem cair em profundo sono e, enquanto este dormia, tirou-lhe uma das costelas, fechando o lugar com carne. Com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a levou até ele. Disse então o homem: “Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada”.

Diante do que está apontado até aqui podemos estabelecer uma análise através de uma concepção metonímica em que o homem, a partir do qual foi concebida a mulher, é constituído do todo, e a mulher, constituída a partir desse homem, é parte desse todo, não tendo, portanto, uma origem autônoma, mas sendo, desde o início da criação, uma parte do homem, a ele ligada.

Embora não haja neste trabalho a pretensão de analisar os discursos sobre a mulher presentes na Bíblia, nos utilizamos de algumas passagens que se constituem enquanto elementos histórico-ideológicos para construção da imagem do feminino a fim de recuperar alguns já-ditos que constituem tal representação. Poderíamos, então, trazer à tona dois modos específicos e distintos, modos antagônicos de concepção da figura da mulher. Dois modos de apresentação dos corpos femininos. Ora seus corpos são tomados como introdutórios do pecado, como em Eva e o pecado original no Antigo Testamento e Maria Madalena no Novo Testamento; ora esse corpo é tomado como sagrado, imaculado, como o da Virgem Maria no Novo Testamento. Disso se pode compreender que essas imagens refletem na concepção do que é ser mulher.

No intento de aprofundar mais as questões relacionadas ao modo de existência do corpo do sujeito feminino, trazemos à tona o destaque de Perrot (2015, p. 63): “Para Aristóteles, a mulher é

um homem mal-acabado, um ser incompleto, uma forma mal-cozida. Freud faz da ‘inveja do pênis’ o núcleo obsedante da sexualidade. A mulher é um ser em concavidade, esburacado, marcado pela possessão”.

Embebecidos por esses conceitos, por essas memórias, pela historicidade é que os corpos da mulher são construídos, significados. Corpos frágeis, que demandam cuidado, mas, ao mesmo tempo, são corpos possuídos, tomados, em caso de violências sexuais, sem consentimento.

Corpos tomados, violados, corpos em circulação nas redes, corpos midiaticizados. É esse corpo, enquanto materialidade discursiva, que se configura a partir de uma inscrição que dá a ver o que é da ordem do sujeito e o que é da ordem dos atravessamentos do exterior que o constitui. Aponta-se para a relevância de considerar os efeitos das condições de produção contemporâneas nos discursos do/sobre o corpo, bem como sobre o lugar da imagem do corpo e ao que ela comumente se encarrega.

4. PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DAS *HASHTAGS* POLÍTICAS NO CONTEXTO ELEITORAL DE 2018

Com base no crescimento das mídias sociais digitais, percebe-se que cada vez mais sujeitos dos mais variados lugares e das mais variadas classes sociais passam a compor uma discursividade da/sobre a política nos ambientes digitais. A ampliação dessas relações vem tomando cada vez mais espaço, se fortalecendo no Brasil desde as eleições de 2010, dos protestos ocorridos em 2013, alinhados de forma massiva pelas mídias sociais e digitais, as eleições de 2014, até as eleições de 2018.

Neste palco, muitos atores entram em cena, dentre eles, os sujeitos anônimos, que, compondo a discursividade da política através dos ambientes digitais, ganham, também, os espaços das ruas, ultrapassando, de alguma forma, os limites de uma ordem social que destina aos sujeitos anônimos o silêncio e a manutenção de seus corpos.

Assistimos nos últimos tempos uma narrativa de ódio proliferado com muita intensidade no Brasil e no mundo e que teve na rede um instrumento privilegiado de difusão. Essa narrativa tem instaurado medo e insegurança para os grupos sociais compostos por mulheres, pessoas trans, negras, indígenas etc.

Para Pêcheux, no terreno da linguagem “a luta ideológica de classes é uma luta pelo sentido das palavras, expressões e frases, uma luta vital para cada uma das classes que se confrontam ao longo da história” (Pêcheux, 1977/2011, p. 273). Tomando como base essa definição de Pêcheux, concluímos que as lutas de classe apontam para as lutas ideológicas, o que intervém na reprodução/transformação das relações de classe. Essas constatações corroboram com as possibilidades do sempre poder vir-a-ser-outro do discurso, as práticas de resistência que aí se inscrevem e a prática política militante.

Pêcheux (1979/2011) salienta, no seu texto “Foi ‘Propaganda’ Mesmo que Você Disse?”, que faz falta escutar politicamente o assujeitamento em suas diferentes formas históricas, buscando compreender não só o seu modo de domínio e eficácia, mas também as suas falhas, o que consideramos um ponto crucial para o analista de discurso em relação ao discurso militante, a resistência. Pensar em discurso de militância, em movimento de resistência é trazer à tona questões relacionadas às noções de acontecimentos, conforme, Zoppi-Fontana (2009), para quem:

[...] reconhecer o contingente no acontecimento de discurso, suas diversas possibilidades de vir-a-ser-outro, abre um espaço produtivo para as práticas de resistência. É justamente nesses possíveis contingentes que constituem o próprio do real sócio-histórico (hoje e sempre) que “está la matéria real de la toma de partido, la chance de um militante” [De Ípola, 2007, p. 204], enfim, a prática política (Zoppi_Fontana, 2009, p. 143).

Partimos da compreensão dos sentidos em disputa como o contingente no acontecimento discursivo, emergindo sempre para a possibilidade da prática da resistência (coletiva, de massas), um convite à ação política. Essa disputa está sempre em movimento e ocorre subordinada às relações de força.

Tomando como base o espaço político com as disputas, os movimentos durante as eleições para presidência da República em 2018, considerando as novas tecnologias da linguagem como esse espaço diferenciado onde ocorrem as interlocuções, os relacionamentos, podemos afirmar que a utilização massiva das redes sociais, bem como dos diversos aplicativos de comunicação, afeta constitutivamente as práticas discursivas que se caracterizam com formas e funcionamentos próprios do discurso digital.

As *hashtags* políticas relacionadas aos movimentos feministas no período eleitoral de 2018 – *#EleNão* *#EleNuncaMais* *#MulherescontraBolsonaro* – tomam o espaço das redes, seguem para as ruas, retornam para as redes num movimento circular. E, tanto nas ruas como nas redes, o grito dos insurgentes transgride os saberes da ideologia dominante.

4.1 Observações sobre o discurso político feminino no Twitter

A Análise de Discurso trouxe um caráter revolucionário ao papel da linguagem, antes pensada em termos categórico e formal pela visão estruturalista, possibilitando a esta linguagem um traço fundacional na constituição do sujeito e do sentido. Portanto, a Análise de Discurso, distinguindo-se da Linguística imanente que se centra na língua pela língua, visa tematizar o objeto discursivo constituído de uma materialidade linguística e de uma materialidade histórica simultaneamente. Distancia-se da tradição em linguística que explicava o sentido recorrendo ao conceito de sistema autônomo, sobretudo na imanência das relações entre suas formas, a Análise de Discurso toma a exterioridade como elemento constitutivo dos sentidos. Assim, o discurso surge como elemento teórico em que pode ser percebida a relação constitutiva entre o dizer e suas condições de produção. Com base nestas últimas é possível analisar a relação entre o linguístico e o histórico. Conforme afirma Pêcheux: “É impossível analisar um discurso como um texto [...] é

necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis, a partir de um estado definido das condições de produção” (texto I) (Pêcheux *apud* Malidier, 2003, p. 22).

Pêcheux propõe a Análise de Discurso como espaço de conhecimento e força de intervenção na história, assim, os primeiros estudos tomarão como primeiro interesse a análise do discurso político. Desde seu início, a Análise de Discurso experimentou, conforme escreve Pêcheux em seu texto “O estranho espelho da Análise do Discurso”, uma tendência em definir como objeto de estudo os “discursos políticos”, mais especificamente os de esquerda para “auscultar suas especificidades, alianças e demarcações”.

Pêcheux, desde os primeiros escritos, quando da discussão a respeito das Ciências Sociais e seus instrumentos, já deixava marcas de uma teoria que estava vinculada a uma prática política, ou seja, propunha o discurso como instrumento dessa prática. Assim defende: “o instrumento da prática política é o discurso, ou mais precisamente, que a prática política tem como função pelo discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social” (Henry, 2014, p.24).

Percebe-se, desse modo, uma forte relação entre a teoria proposta por Pêcheux e a política. Desse modo, rejeita-se a concepção de linguagem que a reduz a instrumento de comunicação, que seria, dentre outras coisas, uma forma de mascarar sua relação com a prática política.

No entanto, Pêcheux ressalta a relevância em reconhecer a contradição que é constitutiva de toda formação discursiva. Courtine (2014) propõe a noção de enunciado dividido para caracterizar o fato de que uma formação discursiva é constitutivamente frequentada pelo seu outro, através da apresentação, no interior de uma artificial homogeneidade do discurso comunista, a existência de enunciados políticos que afrontam o estado de coisas existentes.

Pêcheux foi fortemente influenciado pelas leituras de Althusser, portanto a Análise de Discurso incorpora a teoria althusseriana relacionada à ideologia e aos Aparelhos Ideológicos do Estado, propondo-se a analisar a relação do linguístico com o ideológico. Contamos, então, com um discurso que se inscreve como objeto de investigação no materialismo histórico, assimilado por uma prática determinada por relações de forças e realizada por meio de um aparelho

É no terreno incerto amparado pela Análise de Discurso que a língua e a história se confrontam, se enfrentam mutuamente. Poderíamos pensar esse terreno incerto como a ligação da Análise de Discurso a objetos atravessados pela luta de classes, sendo, desse modo, o discurso político uma posição determinada nessa luta ideológica. Desse modo, e com base no confronto, é preciso pensar na contradição como um princípio teórico na representação do real histórico.

Vale salientar que, como cientistas da linguagem, afirmamos ser impossível ignorar a dimensão política e histórica da linguagem. E, conforme define Orlandi (2010), em se tratando da relação do político com a linguagem:

O político está no fato de que os sentidos são divididos, não são os mesmos para todo mundo, embora “pareçam” os mesmos. Esta divisão tem a ver com o fato de que vivemos em uma sociedade que é estruturada pela divisão e por relações de poder que significam estas divisões (Orlandi, 2010, p.12).

Importante considerar a relevância desse conceito para o trabalho realizado em Análise de Discurso, como já discutido nesta seção, pois, desde sua fundação, o campo teórico analítico dessa teoria está ligado ao político. Ressaltamos, porém que esse campo não se limita ao discurso político, mas, e sobretudo, ao político no discurso. Entendemos, dessa forma, que o discurso político se refere à materialidade discursiva que faz laço com a história, com a memória e com os processos discursivos produzidos pela prática discursiva dos sujeitos afetados por afetos e por determinadas formações ideológicas e discursivas enquanto inscritos na vida social e política.

A partir de uma compreensão da política como confronto entre classes sociais em relação de antagonismo, propomos, nesta seção, trazer à tona nuances das disputas políticas em torno de movimento de mulheres nas redes, tendo como base a investigação dos sentidos relacionados ao feminino/feminismos e à política, partindo do princípio de coletividade como vetor de resistência.

Como já dito ao longo do percurso desta pesquisa, em se tratando das redes sociais optamos pelo Twitter, em razão de seu caráter agregador de postagens políticas. E, nessa luta pelos sentidos do feminino, pelos sentidos de ser mulher numa sociedade patriarcal, o espaço do Twitter tem ancorado esse sentido hegemônico, sim, mas também outros dizeres proferidos por mulheres através de discursos que antagonizam o discurso dominante do patriarcado, apontando para desconstruções e subversões da ordem através de uma tomada de posição que transgride os saberes organizados pela forma-sujeito da formação discursiva dominante.

Portanto, traremos aqui formulações imagético-discursivas que circulam no digital, tomando como base a *hashtag* #EleNão, que enuncia uma oposição ao candidato Jair Messias Bolsonaro em 2018 para Presidente da República, em que o corpo grita por sentidos (não) calados através do coletivo de mulheres que apontam para a construção de novos sentidos de ser mulher, tomando como base os já ditos sobre seu lugar social, político.

Podemos observar tais movimentos presentes numa postagem feita no Twitter no dia 9 de março de 2022, cujo título já remete a uma forma de embate: “Um recado das empoderadas”, seguido da *hashtag* #EleNão. A postagem consta de um vídeo que reúne várias mulheres em um ambiente de festa, em que, comandadas por uma mulher ao microfone, cantam uma música que parafraseia a música lançada pelo cantor Martinho da Vila em 1995, cujo título é “Mulheres”.

Na imagem, capturada, fizemos o recorte do momento em que as mulheres levantam o braço direito e o erguem com os punhos cerrados, trazendo à memória o símbolo de luta contra o racismo. Percebemos o caráter discursivo da imagem, bem como a relação entre imagem e memória, ou seja, segundo Courtine (2011), temos um processo de intericonicidade; esta supõe, assim, “a relação entre imagens externas, mas também entre imagens internas, as imagens da lembrança, as imagens de rememoração, as imagens das impressões visuais armazenadas pelo indivíduo” (Courtine, 2011, p. 160). Assim, constatamos que as imagens dialogam entre si, numa espécie de rede intertextual, e que estabelecem novos sentidos, a depender da formação discursiva em que se inscrevem, conforme pode ser percebido também na imagem que segue.

Figura 34 – *Print* da imagem capturada do Twitter: Recado das empoderadas



Fonte: Captura de tela do Twitter em 09 de março de 2022.

O vídeo publicado no Twitter apresenta uma versão feminista da música “Mulheres”, com letra das autoras Doralyce e Silvia Dufffrayer, anteriormente já conhecida por ser sucesso na voz de Martinho da Vila. Essa versão, com o mesmo título, na postagem se apresenta como um recado

das empoderadas – recado para quem? Antes de pensar o lugar social ocupado por esse sujeito enunciatário, a quem se destina esse recado, nos propomos a refletir acerca do termo empoderamento, proposto neste contexto como instrumento de luta social, posto que opera para restaurar a agentividade social de grupos oprimidos. Angela Davis (2017), em seu livro *Mulheres, cultura e política*, conta a história de mulheres negras que viviam em condição de escravização, mas possuíam uma condição instintiva do letramento, o que possibilitava a aplicação desses conhecimentos para os grupos encarcerados nas senzalas, e tal ação possibilitava o resgate destes sujeitos.

O empoderamento objetiva, assim, devolver a esses grupos minoritários seu poder social, trazendo-os para o centro do debate. E é importante, sobretudo, enquanto instrumento de luta social por conduzir os sujeitos a uma luta mais consciente e efetiva rumo à emancipação frente às estruturas de opressão marcadas pelo racismo, machismo, pela luta de classes etc., que se instituem enquanto mecanismos limitadores da mobilidade social dos grupos marginalizados. Todos esses elementos justificam a autodenominação *Empoderadas* como título da postagem feita no Twitter e trazida para análise.

A nova versão da música traz em sua construção a partir do mesmo, do repetível, do já dito, a proposição de um novo sentido para a imagem da mulher que vai se construindo a partir da relação entre o mesmo e o diferente, entre a paráfrase e a polissemia. Para Pêcheux e Fuchs ([1975] 2014):

A produção do sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica destas sequências constitui o que se poderia chamar a “matriz do sentido”. Isso equivale a dizer que é a partir da relação no interior desta família que se constitui o efeito de sentido, assim como a relação a um referente que implique esse efeito (Pêcheux & Fuchs [1975] 2014, p. 166-167).

Desse modo, o sentido de uma palavra não existe em si mesmo, numa relação de transparência; diferentemente, é determinado pelas posições ideológicas presentes no processo sócio-histórico, o que significa que as palavras ou proposições que são produzidas/reproduzidas mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, segundo as formações discursivas nas quais estão inscritos os sujeitos.

Pensar a linguagem discursivamente é considerar o terreno arenoso para o estabelecimento dos limites entre o mesmo e o diferente marcados entre a paráfrase e a polissemia. Em razão disso, o funcionamento da linguagem é considerado na tensão entre a paráfrase e a polissemia, isso

porque, segundo Orlandi (2015, p. 35). “[...] a incompletude é a condição da linguagem: nem sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados”.

Nessa tensão entre o mesmo e o diferente, entre aquilo que se repete, que estabiliza (paráfrase) e aquilo que desestabiliza, que provoca a ruptura dos processos de significação (polissemia), recortamos a postagem feita no Twitter por provocar essa tensão através de um posicionamento político que toma a imagem da mulher construída com base no mesmo, naquilo que se repete e a desconstrói, provocando uma ruptura dessa imagem. Na nova versão a música deixa a mulher, através desse funcionamento da linguagem, dizer de si mesma, como forma também de gritar “#EleNão me define enquanto mulher”, haja vista que a postagem está ligada à *hashtag* #EleNão. Veja-se a letra a seguir.

Quadro 2 – Quadro comparativo de duas versões da música Mulheres

Mulheres	Mulheres
Já tive mulheres de todas as cores, De várias idades, de muitos amores. Com umas até certo tempo fiquei. Prá outras apenas um pouco me dei. Já tive mulheres do tipo atrevida, Do tipo acanhada, do tipo vivida. Casada carente, solteira feliz. Já tive donzela e até meretriz. Mulheres cabeça e desequilibradas. Mulheres confusas, de guerra e de paz, Mas nenhuma delas me fez tão feliz Como você me faz. Procurei em todas as mulheres a felicidade, Mas eu não encontrei e fiquei na saudade. Foi começando bem, mas tudo teve um fim.	Nós somos mulheres de todas as cores De várias idades, de muitos amores Lembro de Dandara, mulher foda que eu sei De Elza Soares, mulher fora da lei Lembro de Anastácia, valente, guerreira De Chica da Silva, toda mulher brasileira Crescendo oprimida pelo patriarcado, meu corpo Minhas regras Agora, mudou o quadro Mulheres cabeça e muito equilibradas Ninguém tá confusa, não te perguntei nada. São elas por Elas por Elas Escuta esse samba que eu vou te cantar Eu não sei porque tenho que ser a sua felicidade Não sou sua projeção Você é que se baste

<p>Você é o sol da minha vida, a minha vontade. Você não é mentira, você é verdade. É tudo o que um dia eu sonhei pra mim.</p> <p>Compositores: Nelson Rufino De Santana, Antonio Eustáquio Trindade Ribeiro, Carlos Henrique Rufino Da Cruz Santana.</p>	<p>Meu bem, amor assim quero longe de mim Sou mulher, sou dona do meu corpo E da minha vontade Fui eu quem descobri prazer e liberdade Sou tudo que um dia eu sonhei pra mim.</p> <p>Fonte: LyricFind.</p>
---	--

A versão cantada por Martinho da Vila pode fazer circular elementos que definem a mulher a partir de um olhar do patriarcado – a expressão “ter mulheres” no trecho “tive mulheres de todas as cores” podem acionar a partir da memória discursiva, por exemplo, o sentido de posse. Esse é um dos possíveis sentidos que fazem retomar a ideia de subjugação feminina proveniente do patriarcado. Ademais, o uso do verbo ter nesse contexto também pode ensejar a objetificação feminina, uma vez que a referida letra cita as mulheres através de características gerais, como se estivesse descrevendo objetos, cores, amores, idades etc. Desse modo, as mulheres são classificadas em vários tipos, dentre eles: cabeças, desequilibradas, confusas, de guerra e de paz, atrevida, acanhada, casada carente, solteira feliz, donzela, meretriz. Assim, a letra vai traçando um contínuo para designar as extremidades desse espaço destinado à mulher, em que, embora sugiram oposição entre uma coisa e outra (“donzela/meretriz”) e assim por diante, não há a possibilidade de ocupar outro lugar que não seja para propiciar a felicidade do homem. Mulheres de várias cores, idades e lugares, que sugere uma exposição e o experimento desses tipos para seu prazer, como numa degustação.

Portanto, o verbo ter presente na música poderia ser substituído por possuir, já que sugere a posse – nesse caso, a posse de vários tipos de mulheres, demandando poder sobre elas. O poder de escolher, dentre as mulheres, aquela que lhe faça feliz (“mas nenhuma delas me fez tão feliz como você me faz”); a mulher destinada ao prazer do homem (“você é o sol da minha vida, a minha vontade” / “é tudo que um dia eu sonhei pra mim”).

Os discursos presentes na materialidade linguística da letra da música vão delineando as formações ideológicas que comportam, como um de seus componentes, as formações discursivas, definidas a partir da construção parafrástica, ou seja, daquilo que se repete, em relação ao lugar ocupado – ou que deve ser ocupado – pelo homem e pela mulher na sociedade. As formações discursivas são constituídas através dos saberes definidos pela Forma-Sujeito que organiza tais saberes e, assim, delimitam as fronteiras do que pode e deve ser dito e do que não pode e não deve ser dito em uma determinada conjuntura. Importante salientar que, embora haja fronteiras que delimitam as formações discursivas, estas são porosas, o que permite a circulação de outras formações discursivas, posto que formação discursiva, sujeito e sentido são constitutivamente heterogêneos.

Partindo desse princípio discursivo, compreende-se a existência do mesmo e do outro na discursividade, já que a produção discursiva do sentido se estabelece entre dois polos opostos, quais sejam: aquele do mesmo, da identidade, da estabilidade, da repetição, e aquele da alteridade, da diferença discursiva, da alteração do sentido, da deriva.

Com base nessa deriva, na esquiwa do efeito sujeito dominante, que, a partir de e motivadas pelo movimento *#EleNão*, como forma de protesto, representou a luta contra a candidatura do presidenciável Jair Messias Bolsonaro, é feita a postagem da nova versão da música Mulheres. Assim, a música trazida no vídeo da postagem intitulada “Um recado das empoderadas” seguida da *hashtag* *#EleNão* apresenta, em forma de vídeo, mulheres reunidas, celebrando, protestando, como forma de ocupar um espaço, para elas, impedido de circulação.

Num processo de desestabilização dos sentidos sobre mulher, pautado no patriarcado e regulado pela memória discursiva que o sustenta, através da nova versão, são desenhados, com base na oposição, no conflito, marcado por ações que designam luta, novos sentidos de ser mulher.

O discurso vai se estabelecendo, inicialmente, a partir da construção da coletividade marcada por “Nós somos mulheres ...”. Em seguida, são trazidos para o cenário nomes de mulheres que se destacaram como protagonistas na luta política pela liberdade das mulheres. Assim definidas: “Dandara, mulher foda”, “Elza Soares, mulher fora da lei”, “Anastácia, valente” “Chica da Silva, guerreira”. Acrescenta, na sequência, a opressão sofrida por todas as mulheres brasileiras pelo patriarcado.

O enunciado “meu corpo, minhas regras”, usado tanto na luta pelos direitos reprodutivos das mulheres como pelo direito a não ter seu corpo violado por ninguém, aparece na letra da música

nesse processo de busca da construção de outros sentidos. Todas essas (des) construções e as demais presentes na música – “mulheres equilibradas”, “são elas por elas” “não são sua projeção” “sou dona de meu corpo e da minha vontade”, além de “Poder e Liberdade” – surgem como resposta aos já ditos, com base na retomada de uma memória que remete aos discursos em circulação, numa sociedade que define a mulher a partir de uma conjuntura marcada pelo patriarcalismo. Conforme afirma Pêcheux (1969):

[...] o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando *evoca* tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as deformações que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido (Pêcheux, 2014 [1963] p.76).

Percebemos, desse modo, o funcionamento do discurso e sua intervenção nas práticas de dominação e de resistência que (res)significam as relações sociais. Percebemos, sobretudo, como o movimento da *hashtag* #EleNão impulsionou esse movimento de esquivas contra a forma sujeito dominante do patriarcado, gerando, assim, várias formas de manifestação desses sujeitos que podem ser aqui materializados pela resposta das empoderadas aos discursos hegemônicos, discursos machistas dominantes.

A *hashtag* #EleNão circulou nas mídias sociais e digitais como parte de um fenômeno discursivo militante digital. Tal enunciação nos faz pensar nos modos de constituição dos sentidos que ocorrem no interior da disputa de coletivos de mulheres, instaurada nas conjunturas midiáticas atuais, que tem seu funcionamento em rede.

Campanhas feministas em circulação nas mídias sociais digitais têm se intensificado, sobretudo em questões relacionadas à violência, “à cultura do estupro”, ao feminicídio, dentre outras questões de gênero. Essas campanhas se tornam ainda mais robustas quando de sua disputa através de um movimento coletivo de militância digital no espaço político de campanha à presidência da República através da *hashtag* #EleNão, em oposição à candidatura do presidente Jair Messias Bolsonaro em 2018.

Partindo da análise dos movimentos de embates, disputas, organização dos coletivos, observamos que as campanhas que se iniciam nas ruas, escoam para o universo digital, para os perfis digitais, porém o contrário, nem sempre ocorre, o que significa dizer que muitas campanhas e movimentos políticos ocorrem somente digitalmente, não ganhando, assim, o espaço das ruas, através de eventos. Podemos, então, afirmar, a partir de nossas considerações, que os movimentos

digitais têm sua singularidade e que não há uma dependência de que, para se tornar legítimo, eles precisem acontecer fora do espaço digital, sobretudo porque o digital já faz parte de nosso cotidiano como um lócus de ação social de igual modo, capaz de produzir efeitos na sociedade. Ou seja, vivemos uma intensificação cada vez maior de atividades em mídias sociais digitais como parte do nosso cotidiano, tornando-se cada vez mais difícil pensar o dentro e o fora do digital.

Observamos que muitas campanhas feministas circularam exclusivamente no digital a partir de *hashtags* militantes, serviram como instrumento de denúncia, de luta, de protesto, como é o caso das *hashtags* **#PrimeiroAssédio** (2015), **#meuamigosecreto** (2015), **#BelaRecatadaeDoLar** (2016), que tratam de protestos que utilizam também o humor como instrumento de desestabilização dos discursos dominantes. Tais *hashtags* serviram tanto como forma de reunir relatos de mulheres que sofreram ou sofrem assédio sexual, como veículo de visibilidade dos abusos rotineiramente cometidos contra as mulheres.

Ressaltamos que não há como postularmos a ideia de ineficiência e improdutividade das manifestações que ocorrem apenas no virtual, por supostamente não produzirem efeitos reais, pois estaríamos acometidos de uma visão simplista do digital, uma vez que, seja no espaço do digital ou das ruas, os movimentos têm adquirido vitórias e fracassos no campo das disputas políticas, o que equivale a dizer que, apesar de possuírem características próprias, um não se sobrepõe ao outro.

Defendemos a existência de um espaço híbrido, nos modos como interpreta Lourenço (2021, p. 369): este espaço “criado a partir da interação recíproca e intensa entre a internet e a rua, é preciso compreender primeiramente que ele não contribui apenas para a construção dos sentidos, mas também dos sujeitos que nele habitam e transitam”.

O que temos são diálogos estabelecidos pelos espaços de discursividade com base numa relação que ocorre entre as redes sociais digitais e as manifestações de rua. Importante salientar que nesse imbricamento entre máquina, mundo, sujeito e linguagem, o digital exerce um relevante papel na reestruturação tanto das subjetividades e dos sentidos, quanto das relações sociais.

No processo de disputa pelos sentidos através dos militanismos sociais digitais, a *hashtag*, enquanto elemento linguístico, é vastamente mobilizada pelos sujeitos, sobretudo por ser capaz de compendiar em uma palavra, ou em uma sequência curta de palavras, temas relevantes e polêmicos de determinado acontecimento. As *hashtags* criadas nas redes também fazem parte do cenário da cidade.

Na conjuntura política das eleições de 2018 a *hashtag* política *#EleNão* se consolidou como movimento protagonizado por mulheres militantes que lutaram durante todo o processo de campanha eleitoral contra discursos que circularam e promoveram racismo, homofobia, sexismo, e que tiveram em tais discursos uma representação do ex-presidente Bolsonaro. Essa luta se estendeu por todo o período do governo Bolsonaro e se mantém como negação ao chamado bolsonarismo, que replica, reproduz os mesmos discursos. O bolsonarismo se caracteriza por:

Uma visão de mundo ultraconservadora, que prega em torno dos “valores tradicionais” e assume uma retórica nacionalista e “patriótica”, sendo profundamente crítica a tudo aquilo que esteja minimamente identificado com a esquerda e o progressismo (Pinheiro-Machado; Freixo, 2019, p.39).

Boaventura de Sousa Santos apresenta uma discussão relacionada ao novo cenário de atuação da extrema-direita que ganha um novo fôlego com a chegada de Donald Trump ao poder. Na esteira dessa discussão, afirma: “A característica que mais distingue os novos movimentos de extrema-direita é a sua articulação global, que antes não existia ou não era visível, e que tem nas redes sociais um instrumento privilegiado de difusão” (Santos, 2021, p. 31).

Desse modo, a *#Elenão* significa, em oposição aos discursos ofensivos, aos ataques contra as coletividades minorizadas no Brasil, a imensa maioria aviltada da humanidade, demarcando, desse modo, negação a essa conduta política, ideológica e econômica, tendo esta última um modelo socioeconômico do “neoliberalismo seletivo”¹⁶.

Salientamos o papel relevante do digital no processo de reestruturação das subjetividades e dos sentidos e das relações sociais, e tomamos como exemplo o modo como a *hashtag* *#EleNão* ganhou espaço na rede, no virtual, “espaço não localizável”, conforme Dias (2012). Foi a partir do digital que o movimento Ele Não, a partir da *hashtag*, mobilizou coletivos de mulheres a assumirem lugar de luta contra os discursos patriarcais que pareciam ganhar mais robustez naquele cenário político.

Essa *hashtag* ainda ecoa nas redes, nas ruas, nas máscaras de proteção facial que eram usadas durante a pandemia do coronavírus, estampadas em fachadas de prédios, compondo grafites

¹⁶ O neoliberalismo seletivo consiste em canetadas pontuais aleatórias, sem uma política ou coerência gestora que as justifique, poupando um ou outro segmento da devassa liberal conforme o humor das redes sociais e da opinião pública que as move.... Leia mais em <https://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-socio/o-neoliberalismo-seletivo-de-bolsonaro/>.

[O neoliberalismo seletivo de Bolsonaro – Blog do Sócio – CartaCapital](#). Acesso em: 21 jan. 2022.

e pichações. Portanto, *#Elenão* pode ser considerada um verdadeiro emblema das coletividades. Mesmo com a derrota sofrida pelo ex-presidente Bolsonaro durante as eleições de 2022, o movimento segue numa luta contra os discursos ligados ao bolsonarismo que circulam na sociedade.

As figuras que seguem são compostas por grafos que demonstram o processo de evolução do movimento da *hashtag* *#EleNão* no período que precedeu as eleições de 2018, mostrando a gradação do movimento num espaço de 10 dias.

Figura 35 – Demonstrativos da evolução do movimento da *hashtag* *#EleNão*



Fonte: FGV DAPP.

A partir da leitura do primeiro grafo, vimos que o ápice das menções desencadeadas pelo movimento *#EleNão* chega a 283,9, em oposição ao movimento *#elesim*, que atinge em seu maior pico 61.300 menções.

Figura 36 – Menções às *hashtags* contra Bolsonaro

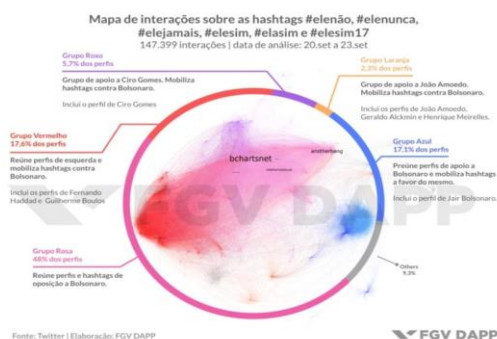


Fonte: FGV DAPP.

Em relação à menção às *hashtags* contra Bolsonaro durante o mesmo período que corresponde a 12 a 24 de setembro de 2018, podemos observar a força que ganhou o movimento *#Elenão* a partir do uso das *hashtags*, assumindo a liderança com 1.013.000 menções, seguida pelas *hashtags* *#Elenunca*, com 390.000 menções; *#Elejamais*, com 20.200 menções; *#Nothim*, com 5.400 menções; *#Elenãoelenunca*, com 5.000 menções; e, por fim, *#Elemente*, com 2.700 menções. As *hashtags* se instituem como espaços de ancoragem dos posicionamentos ideológicos dos sujeitos cada vez mais participativos nas textualidades digitais através dos elementos midiáticos que contribuem para a construção de uma narrativização do mundo. Percebemos nesses quantitativos a participação desses sujeitos e o modo como a linguagem é mobilizada pelos variados militanismos digitais, bem como o alcance do militanismo relacionado à *hashtag* *#Elenão*.

Figura 37 – Grafo demonstrativo de batalha de *hashtags* políticas

Leia também: Discussões sobre voto útil ganham espaço no debate sobre candidatos



Fonte: FGV DAPP.

Contamos no último grafo com um mapeamento das interações relacionadas às *hashtags*, quais sejam: #elenão, #elenunca, #elejamais, #elesim, #elasim e #elesim17. Neste cenário de disputa, aparecem cinco grupos designados por cores para representá-los. Assim temos, então: o grupo roxo, composto por 5,7% dos perfis, apoiadores ao candidato Ciro Gomes, incluindo o perfil do Ciro Gomes – o grupo mobiliza *hashtags* contra Bolsonaro; o grupo vermelho conta com 17,6% dos perfis, reúne perfis do movimento de esquerda e mobilizam *hashtags* contra Bolsonaro, incluindo os perfis de Fernando Haddad e Guilherme Boulos; o grupo rosa compõe 48% dos perfis e nele reúnem-se perfis e *hashtags* de oposição a Bolsonaro; o grupo cinza é denominado neste grafo como *Others*, ou seja, sem definição, contando com 9,2% dos perfis, incluindo o de Bolsonaro; o grupo azul compõe 17,1% dos perfis reunidos em apoio a Bolsonaro, conseqüentemente, mobilizam *hashtags* a seu favor; por fim, o grupo laranja, em apoio a João Amoedo, com 2,3% dos perfis, incluindo os perfis de Geraldo Alckmin, Henrique Meirelles e do próprio João Amoedo, mobilizando *hashtags* contra Bolsonaro.

Com base na leitura deste grafo podemos vislumbrar o papel da *hashtag* como esse elemento discursivo curto no qual estão concretizados os diversos posicionamentos políticos. Contemplamos uma batalha de *hashtags* que se constitui como um gênero de discurso nativo do Twitter e da *web* participativa em geral. Essa guerra de *hashtag* ocorre com o lançamento de uma primeira *hashtag* e o início da batalha a partir da elucidação de uma *contra-hashtag* ou o hackeamento da primeira. Como exemplo da batalha com o surgimento de uma *contra-hashtag*

temos *#Elesim*, que surge como embate à *#Elenão*. Outro exemplo foi o hackeamento da *hashtag* *#MulheresContraBolsonaro* através do uso da *hashtag* *#MulheresComBolsonaro*.

5. INTERVALO TEÓRICO-METODOLÓGICO E ANALÍTICO: ANÁLISE DE HASHTAGS POLÍTICAS EM CIRCULAÇÃO NAS ELEIÇÕES DE 2018 E SUA RELAÇÃO COM MOVIMENTO ELE NÃO

Tomando como base o meu interesse na circulação das *hashtags* políticas no arquivo político do Twitter, durante o período eleitoral de 2018 na disputa pela presidência da República, passei a acompanhar diariamente nas redes os movimentos sociais em circulação. A imersão diária no ambiente me permitiu compreender a dinâmica do “ao vivo” no Twitter, uma vez que participar da leitura/escrita de uma *hashtag* quando ela circula com maior intensidade é um processo singular de participação coletiva na formulação de enunciados sobre um tema ou acontecimento específicos.

A partir desse monitoramento, fui percebendo a proporção que estava ganhando o movimento de mulheres com o levantamento da *hashtag* #EleNão no Twitter, o que despertou em mim grande interesse em acompanhar o trajeto dessas mulheres nessa empreitada, e fui construindo um arquivo através de *prints* que eram realizados a partir de minha *timeline*.

Como procedimento padrão para essa observação e coleta diária, buscava: 1) dar *prints* da *timeline* para registrar os tuítes relacionados à *hashtag* #EleNão à medida em que surgiam na *timeline*; 2) observar se esses mesmos tuítes indicavam ou ligavam para outras *hashtags* políticas em circulação no Twitter; 3) observar a relação do movimento da *hashtag* #EleNão na rede e na rua.

Desse arquivo construído durante o período eleitoral e alimentado durante o governo Bolsonaro, selecionamos também algumas páginas do Twitter que estavam relacionadas ao movimento de oposição ao governo. A observação constante, assim como anotações que eram feitas no momento da coleta, permitiu uma seleção mais apurada de recortes produzidos para a escolha de tuítes e de *hashtags* que fariam parte do *corpus*, tendo em vista tanto a relevância de cada um no contexto eleitoral brasileiro quanto os efeitos de relevância que eles ganhavam no interior mesmo do arquivo político do Twitter.

Na esteira do que nos diz Lagazzi (1988, p. 59) em relação à noção de *corpus* tal como é compreendida a partir da teoria discursiva: “só podemos falar em *corpus*, a partir de um recorte de dados, determinado pelas condições de produção, considerando-se um certo objetivo e os princípios teóricos e metodológicos que, orientando toda a análise, possibilitarão uma leitura não subjetiva dos dados”.

Os recortes realizados nesse arquivo foram definidos a partir da consideração de que quando uma *hashtag* política se mantém em circulação tanto *online* como *offline* com intensidade, ela permite ao pesquisador ao mesmo tempo tanto construir seu próprio arquivo como selecionar os diferentes arquivos que estão sendo construídos pelos sujeitos usuários em dado momento.

O arquivo construído para as nossas análises é constituído pelo arquivo feito pelos usuários comuns no uso da *hashtag*, assim como no conjunto de algumas *hashtags* relacionadas à *hashtag* #Elenão, selecionadas em função de sua relação com o campo político e relacionadas/articuladas a partir de noções e conceitos próprios da Análise de Discurso.

Na organização desse *corpus*, fui realizando novos recortes e gestos de leitura mais focados nos objetivos propostos desta pesquisa. Nesse sentido, o primeiro gesto de leitura realizado partiu da constatação de que as *hashtags* políticas desse período eram inicialmente movimentadas por sujeitos militantes (dos dois lados da disputa), mas também com sujeitos que não se identificavam com a polarização política daquele período eleitoral. Dito de outro modo, o efeito de que só havia dois partidos políticos em disputa era questionado por tuítes e *hashtags* que embasavam a ideia de bipolaridade partidária.

O trabalho de análise e discussão teórica foram baseados na relação estabelecida entre esses perfis conduzidos pelas *hashtags* políticas. O foco da pesquisa esteve relacionado ao perfil dos sujeitos colocados no lugar de mulher, já que atuam na esfera da produção, reprodução/esquiva, comentário e circulação de tais *hashtags*. Salientamos que, quando nos referimos ao sujeito, estamos tomando-o com base na Análise de Discurso materialista; não se trata, portanto, do sujeito empírico, mas, sim, de uma posição ideológica marcada no discurso. Assim, todo perfil foi preservado, já que nos interessamos pelos discursos em circulação nas redes através da linguagem, posto que é na linguagem que o sujeito se constitui enquanto tal e é nela que ele deixa as marcas desse processo ideológico. Desse modo, foi se constituindo o campo de análise, estabelecido pelos discursos presentes no cenário construído pelas *hashtags* no Twitter e sua extrapolação para o espaço das ruas, onde as *hashtags* também ocupam lugar através de cartazes e até mesmo através dos corpos. Consideramos neste espaço discursivo a resistência/reprodução nessa esfera de tensão com base nos aspectos relacionados à memória e ao silenciamento.

Assim, a partir da análise da *hashtag* #Elenão fui selecionando outras que indicavam uma relação interdiscursiva que nos pareceram uma observação importante. Essas *hashtags* foram definidas por possuírem uma relação com o movimento de mulheres #EleNão, mote principal dessa

pesquisa, e que perduraram durante o período eleitoral, bem como em toda a era do governo Bolsonaro. Observamos que nessas *hashtags* havia alterações no enunciado constituinte da *#EleNão*, porém e apesar das alterações que mantiveram o sentido de negação ao governo.

Desse modo, selecionamos também as *hashtags* *#Elejamais*, *#Nothim*, *#Elenãoenunca*, *#EleNuncaMais* e *#MulherescontraBolsonaro*. Tomamos o elemento linguístico da *hashtag* que parece atualizar o movimento a partir do momento histórico em que ela circula e se define, desde a negação da candidatura de Jair Bolsonaro, até o percurso na luta, mesmo depois de sua vitória para a presidência em 2018, seguindo de *hashtags* que mantêm o movimento vivo, presente, sempre ativo, como o exemplo do uso da *hashtag* *#Elenuncamais*, em que o sujeito a quem se nega está no poder, venceu as eleições. Isso justifica a atualização da *hashtag* *#EleNão* para *#Elenuncamais*, que agora vem seguida do advérbio de negação nunca, e o mais, um advérbio de tempo que remete a uma luta que não estava terminada apesar da vitória do candidato nas referidas eleições. Em outras palavras, consideramos relevante permanecer nessa observação, com acompanhamento durante o período de atuação do mandatário até a efervescência das campanhas políticas de 2022, fazendo alguns recortes de tuítes com enunciados e imagens relacionados a essas *hashtags*.

Selecionamos ainda uma página do Twitter denominada Mulheres unidas contra Bolsonaro (MUCB), conforme imagem que segue.

Figura 38 – Print da página oficial Mulheres Unidas Contra Bolsonaro – MUCB, no Twitter



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Como pode ser visto na imagem de abertura da página oficial do MUCB, na bio da página que se apresenta como conta oficial @mucb_oficial há, paralelo ao primeiro enunciado de nome da página, uma associação a outro enunciado: Mulheres Unidas Com o Brasil. Como consta na descrição, o movimento foi criado no dia 30 de agosto de 2018 e se intitula como o grupo de mulheres que criou o movimento #EleNão. No site do MUCB assim se definem: “somos mulheres, somos plurais, somos resistência e democracia”. Em se tratando do movimento #EleNão, afirmam:

Fizemos história nessas eleições presidenciais e seremos oposição e resistência a este governo fascista e opressor. A voz de quase 4 milhões de mulheres saiu das redes sociais e tomou as ruas, os guetos, os quilombos, os assentamentos e as terras indígenas. É tempo de união! Seguindo sob o lema #EleNão porque este presidente não nos representa e juntas não largaremos as mãos de ninguém. (Transcrição de informação da página oficial).

Esse modo de constituição do grupo muito nos interessou, pois traziam questões relacionadas ao movimento de mulheres que não estavam vinculadas a um segmento partidário, com posicionamento marcado pela resistência, pelo antagonismo ao sistema político patriarcal dominante a partir de um coletivo de mulheres engajadas com a causa.

Acompanhamos movimentos que tentaram desestabilizar o coletivo de mulheres através de hackeamento da página e das contas das administradoras. Vimos que essa tentativa culminou numa ação contrária ao que se pretendia nessa luta pelos sentidos das *hashtags* e que, como num engodo tecnológico (Grigoletto, 2021), contribuíram para que a *hashtag* #MulheresContraBolsonaro ocupasse a lista de Trending Topics mundial, conforme consta na figura abaixo, datada de 16 de setembro de 2018.

Figura 39 – *Hashtag #MulheresContra Bolsonaro ocupa lista de Trending Topics*

[Página Inicial](#) » [Cidadania](#) »

Hashtag contra Bolsonaro vira um dos principais assuntos do mundo

Atualizado em 5 de maio de 2020 às 11:53

16 de setembro de 2018 às 14:45

Por: Redação



Fonte: Captura de tela da Página inicial – Cidadania.

Figura 40 – Demonstrativo *Trending Topics* mundial

ANÚNCIO		
Os BolsoHackers conseguiram involuntariamente uma façanha internacional: fizeram a hashtag #MulheresContraBolsonaro virar um dos assuntos mais comentados do mundo no Twitter. Basta ver a lista de Trending Topics mundial.		
28 minutes ago	1 hour ago	2 hours ago
#PopStar	Douglas Costa	Douglas Costa
Douglas Costa	#ArsYoungjaeDay	#SingaporeGP
من اجمل سعودي ولا مغربيه	#JuveSassuolo	#JuveSassuolo
#ArsYoungjaeDay	#PopStar	#FelizDomingo
West Ham	#MulheresContraOBolsonaro	#MulheresContraOBolsonaro
#MulheresContraOBolsonaro	#SingaporeGP	مرات تكون السعادة
مرات تكون السعادة	계연하실분	樹木希林さん
자캐자캐	Victor Jara	Eliud Kipchoge
Kevin Mayer	Eliud Kipchoge	Victor Jara
계연하실분	아가리계	دوغلاس كوستا

Fonte: Captura de tela do Catraca Livre.

Figura 41 – Demonstrativo do *Trending Topics* no Brasil (II)

1 hour ago	2 hours ago	3 hours ago
#PopStar	#PopStar	#MulheresContraOBolsonaro
#MulheresContraOBolsonaro	#MulheresContraOBolsonaro	#CalaBocaCiro
#CalaBocaCiroDeNovo	#ArsYoungjaeDay	#SingaporeGP
#TeamLuaBlanco	#TeamLuaBlanco	Juve
#ArsYoungjaeDay	#SingaporeGP	#DomingoDetremuraSDV
West Ham	Cristiano Ronaldo	Rodrigo Lindoso
Cristiano Ronaldo	Rodrigo Lindoso	Grosjean
Romero Jucá	West Ham	#EleMente
Lindoso	Romero Jucá	Nilton Santos
Esporte Espetacular	Esporte Espetacular	Bird

Fonte: Captura de tela do Catraca Livre.

Tomamos também para a pesquisa a veiculação de matérias sobre o movimento *#EleNão* ocorridas em 29 de setembro de 2018 pela imprensa brasileira a partir de veículos tradicionais, assim como mídias alternativas, a exemplo da Mídia Ninja, jornalistas livres, Brasil de Fato.

A mídia alternativa alcançou grande espaço nessa pesquisa, especialmente por ser um meio de comunicação que funciona como uma alternativa discursiva aos jornalistas independentes, presentes na sociedade como uma terceira voz. Estes não possuem vinculação ao Estado e às grandes empresas de comunicação e por isso podem apresentar abordagens diferentes sobre os mesmos assuntos, ou mesmo viabilizar assuntos que não têm espaço nas mídias dominantes.

Tendo em vista a compreensão da circulação da *hashtag #EleNão* e as que com ela se relacionaram, compreendemos que ali estava um complexo jogo de relações entre elas naquele período eleitoral, e que mantinha também uma relação com uma memória política e eleitoral de períodos anteriores (a exemplo do movimento *Nelle não*, ocorrido durante as eleições presidenciais de 1989), mas que também é fortemente construída na relação com uma memória recente que nasce da relação de uma *hashtag* com outra.

A partir do arquivo construído num primeiro momento de observação, considerando os primeiros gestos de leitura feitas durante essa construção, seguida de outros gestos de leitura realizados a partir de pesquisas de buscas realizadas no próprio sistema de buscas do Twitter e através das mídias tradicionais e alternativas, construímos um quadro constante das principais declarações sobre a mulher feitas por Jair Bolsonaro desde o período que era deputado até seu posto de Presidente da República e que circularam nas redes.

Figura 42 – Principais declarações sobre a mulher feitas por Jair Bolsonaro que circularam nas redes

2011	EM ENTREVISTA FEITA POR PRETA GIL, QUANDO É PERGUNTADO SOBRE COMO REAGIRIA SE ALGUM DE SEUS FILHOS SE ENVOLVESSE COM UMA MULHER NEGRA, BOLSONARO RESPONDE:	“Eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco. Meus filhos foram muito bem educados e não viveram em um ambiente que lamentavelmente é o seu”.
2014	EM ENTREVISTA AO PORTAL ZERO HORA DISSE QUE NÃO ESTUPRARI A DEPUTADA FEDERAL MARIA DO ROSARIO PORQUE ELA NÃO MERECEIA.	“Ela não merece porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar, porque não merece”.
2014	DURANTE ENTREVISTA AO PORTAL ZERO HORA, BOLSONARO AFIRMOU QUE É DIFÍCIL SER PATRÃO NO BRASIL COM “TANTOS DIREITOS TRABALHISTAS”.	“Quando um cara vai empregar, entre um homem e uma mulher jovem, o que que o empregador pensa? “Poxa essa mulher aqui tá com aliança no dedo, não sei o quê, ela vai casar, é casada, daqui a pouco engravida, seis meses de licença maternidade, bonito para c*, para c* “. Quem que vai pagar a conta? É o empregador”. Em relação às mulheres que decidem ser mães, Bolsonaro afirma que deveriam ganhar menos.
2017	DURANTE UMA PALESTRA AO SE REFERIR AO GÊNERO DE SEUS FILHOS, DISSE:	“Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, aí no quinto eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”.
2019	NA CONDIÇÃO DE PRESIDENTE DA REPÚBLICA, EM DISCURSO FEITO NO DIA INTERNACIONAL DA MULHER EM UM CENÁRIO MINISTERIAL DO EXECUTIVO COMPOSTO POR 20 HOMENS E DUAS MULHERES, AFIRMOU:	“Pela primeira vez na vida, o número de ministros e ministras está equilibrado em nosso governo. Temos 22 ministérios, 20 homens e duas mulheres. Somente um pequeno detalhe: cada uma dessas mulheres que está aqui equivale a dez homens. A garra dessas duas transmite energia para os demais”.
2019	JAIR BOLSONARO AFIRMA QUE O BRASIL NÃO PODERIA SER UM PAÍS DE TURISMO GAY, E AFIRMA:	“quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher fique à vontade”.
2020	FALA DE BOLSONARO AO SE REFERIR A JORNALISTA PATRÍCIA CAMPOS MELLO:	“Ela [Patrícia] queria um furo. Ela queria dar um furo a qualquer preço contra mim”.

Fonte: *Brasil de Fato*, disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/08>.

Embora a figura apresente uma linha cronológica dos enunciados, a análise dos enunciados não se pautou em fatores cronológicos nem tampouco pretende-se esgotar neste quadro os vários momentos de pronunciamento sobre a figura feminina feitos por Jair Bolsonaro, mas sim na leitura dos tuítes em manifestação a tais enunciados. Assim, o quadro serviu para visibilizar as relações construídas a partir da *hashtag* #EleNão com base nos enunciados presentes no quadro.

Os percursos analíticos de cada *hashtag* isolada demonstraram que todas elas surgem inicialmente coladas a um episódio político-midiático, mas que permanecem sendo significadas ao longo do processo eleitoral relacionando os diversos episódios políticos, sobretudo os mais espetaculares. Percebemos que grande parte das *hashtags* listadas aqui continuam sendo utilizadas, indicando que fazem parte da memória discursiva e de arquivo e que poderão ser recuperadas e ressignificadas de acordo com as condições de produção de cada novo episódio.

A análise de um conjunto de tuítes referente à *hashtag* #EleNão e similares permitiu o acionamento de dispositivos analíticos para o recorte do *corpus*: o de antagonismo e resistência. Esses dispositivos analíticos, no entanto, não se confundem com o dispositivo teórico, pois servem aqui como forma de visibilizar um funcionamento discursivo específico de nosso objeto de análise. Conforme Gallo (2008, p.210):

o que permanece em todas as análises discursivas é o dispositivo teórico, que é composto das noções todas da Análise de Discurso. Porém cada corpus exigirá um recorte próprio e uma categorização particular. Normalmente essa categorização é feita através de novas noções que ainda não estavam propostas na teoria. Nesse caso, trata-se do dispositivo analítico, que é sempre resultado da análise de um determinado corpus. Ou seja, o analista poderá criar categorias teóricas novas para recortar o corpus, além das categorias do dispositivo teórico. A análise tem por objetivo dar visibilidade à historicidade do sentido, silenciada pelo modo de funcionamento da ideologia na língua. Dessa forma, importa que se atinjam, por meio da análise, os processos discursivos determinantes.

Desse modo, destacamos que o objeto analítico ora representado em forma de dispositivo não apresenta a finalidade de definir um método para a análise do movimento da *hashtag* #EleNão, posto que, como afirma Guilhamou (2009, p.45), ao se referir a *Análise de Discurso do lado da história*, o método discursivo estabelece:

[...] uma boa lógica de descoberta para fenômenos linguageiros próprios, [mas] nada prova que ele tenha vocação para ser reprodutível, portanto, de encarnar um método geral aplicável a outros contextos. Método interpretativo por excelência, ela não produz, verdadeiramente, um acúmulo de resultados, mas, sobretudo, uma cadeia discursiva que torna visível os procedimentos de descoberta de cada um dos encadeamentos.

A partir dessas considerações metodológicas e tendo em vista as discussões apresentadas nas seções anteriores, os dispositivos mobilizados nessa análise dizem respeito ao funcionamento discursivo do antagonismo e da resistência. Esses dispositivos remetem a uma permanente disputa pelo sentido na sua relação com o silêncio e a memória que atravessa a relação dos sujeitos comuns com os discursos políticos-midiáticos. Consideramos, desse modo, a mobilização de *hashtags* em apoio a Jair Messias Bolsonaro que se apresentam como embate às *hashtags* #EleNão e #MulheresContraBolsonaro a partir das *hashtags* #Elesim e #MulheresCom Bolsonaro, no intento de elucidar esse movimento antagônico.

Tendo em vista o acionamento destes dispositivos, as análises aqui apresentadas têm por objetivo demonstrar como se dão esses processos discursivos na construção e leitura no processo político-eleitoral no Twitter a partir da militância das mulheres contra o governo Bolsonaro.

5.1 O antagonismo como dispositivo de análise das *hashtags* políticas

Percebemos que, a partir da *hashtag* *#EleNão*, outras surgiram e fizeram circular discursos de denúncia e resistência ao discurso machista dominante, o que sugere um desejo de uma ação coletiva marcada por uma narrativa de oposição ao que está posto para e sobre a mulher. Ao dizer, ao partilhar, a *hashtag* produz uma injunção que marca um lugar de denúncia dos discursos machistas que são naturalizados pelos mais variados veículos midiáticos.

Compreendemos, portanto, que as *hashtags* de denúncia dos atos, dos discursos machistas, nascem de uma relação interdiscursiva no contexto das mídias sociais digitais e tomam um corpo formado por discursos e forças que se organizam em rede, em oposição ao discurso machista dominante, tecendo, assim, a *hashtag* feminista. Temos, então, uma textualização de dizeres abafados sobre os quais, historicamente, houve uma recusa dessa escuta, uma tentativa de silenciamento. Contudo, percebemos também o movimento de força que se instaura numa tentativa de manutenção do poder emanado da direita conservadora, em oposição ao movimento feminista, marcado pelas *hashtags* *#EleSim*, em oposição à *#EleNão*, e *#MulherescomBolsonaro* em oposição à *#MulherescontraBolsonaro*.

Para pensar nessas relações tomadas por discursos em disputa, importa considerar as questões relacionadas ao lugar de enunciação proposta por Zoppi-Fontana (2017) e sua inscrição no quadro teórico da Análise de Discurso. A autora assim define o lugar da enunciação:

Trata-se de pensar a articulação entre os processos de subjetivação e as formas históricas de enunciação política, para melhor compreender a relação entre o discurso, a prática política e a constituição de novos sujeitos/movimentos sociais. Esta reflexão convoca a um diálogo com outros campos de conhecimento, dado que toca na espinhosa questão da representação / mediação tanto na prática política quanto na produção de conhecimento. Enunciados como: “Eu sou X”; “somos todos X”; “X não me representa”; “X me representa”, que circulam amplamente nas redes sociais e nas ruas, trazem na sua materialidade linguística as marcas de uma contradição que afeta a (im)possibilidade de uma enunciação política que não esteja ancorada nas determinações subjetivas que constituem um eu/nós que forneceria o fundamento último da legitimidade ética e epistemológica de um dizer (Zoppi-Fontana, 2017, p.66).

Tal afirmação aponta para uma reflexão: se a posição sujeito determina o sentido dos enunciados a partir do funcionamento da memória discursiva, é na enunciação de um sujeito inserido numa condição de produção que esse dizer poderá ser reconhecido como legítimo relativamente a um determinado lugar enunciativo. O trabalho aqui proposto toma como base os

princípios da análise de discurso materialista que considera a determinação histórica e ideológica dos processos de produção de sentido.

A partir desses lugares de enunciação, considerados como uma dimensão das posições-sujeito e, portanto, do processo de constituição do sujeito do discurso, é que são encenadas, como o lugar onde se instauram as demandas políticas por reconhecimento através de práticas discursivas de resistência.

Pêcheux, em sua obra *Delimitações, inversões, deslocamentos*, propõe um trabalho contundente da resistência a partir da categoria de contradição. Na obra, Pêcheux aponta uma série de resistências que estão sob a dominação ideológica, mas que necessitam emergir contra essa dominação nos furos e nas falhas do ritual de interpelação, posto que essa é a única forma possível de desconstruir os sentidos que reproduzem os discursos da dominação, de forma que o “irrealizado advenha formando sentido no interior do sem-sentido” (Pêcheux, 1990, p.17).

Dentre as formas de resistência que Pêcheux defende, está a que se realiza ao “falar quando se exige silêncio” (ibid.). O que poderia significar a ousadia da palavra que se irrompe no momento no qual quem fala coloca sua vida em risco sob o jugo de quem tem meios coercitivos para exigir o silêncio; momentos em que a fala culmina no grito que escapa mesmo quando os desalentos sociais, políticos e até mesmo jurídicos trabalham para abafar determinadas vozes e discursividades. Neste cenário, luta-se contra um silêncio que significa não lembrar, esquecer, arquivar, não falar mais sobre, sobretudo porque a violência produz dor, medo, silêncio, mas, de algum modo, também produz denúncia e resistência: “não vão mais nos calar”; “basta de machismo”.

Importa compreender a força demandada para irromper o silêncio “quando se exige silêncio” (Modesto, 2018). Essa quebra do silêncio, especificamente no que trazemos nesta pesquisa, feita pelo movimento de mulheres, traz à tona questões relacionadas ao já sabido, à denúncia de ações praticadas contra a mulher, mas que são constantemente silenciadas, embora todos saibam, pois se trata daquilo cuja textualização produz conflito.

Nos pautamos, desse modo, no movimento antagônico, no embate, no confronto a partir das vozes que fazem circular nas redes e nas ruas, nos cartazes e nos corpos, entre o sujeito, mulher feminista, e os movimentos de manutenção da ordem patriarcal, ocorridos a partir da candidatura à presidência de Jair Bolsonaro em 2018.

O adjetivo antagônico procede da forma substantiva antagonismo, subscrivendo a forma do latim tardio *antagon-*, de antagonista, no sentido de ‘rival’, ‘oponente’, em relação ao grego *ἀνταγωνιστής* (*antagōnistḗs*), sobre o verbo *ἀνταγωνίζεσθαι* (*antagōnízesthai*), enquanto confrontar, opor, competir. O sufixo grego *-ισμός* (*-ismós*) é conjugado, conforme corrente, para formar a palavra antagonismo; e o sufixo *-ικός* (*-ikós*), para antagônico, em função da adjetivação com propriedade derivada¹⁷.

Para Laclau e Mouffe, um discurso nunca emerge sem que haja outro que o negue, ou seja, para as práticas machistas, as práticas feministas. Isso porque, ainda segundo os autores, o antagonismo é “o limite de toda a objetividade” (Laclau, Mouffe, 2015, p.198). Com Pêcheux ([1978] 2011, p. 272) sabemos que as contradições “atravessam e organizam o discurso, marcando-se nas palavras, expressões e enunciados” (idem, p.273).

Partindo desses pressupostos, propomos a análise dos discursos antagônicos que permearam a cena política do movimento Ele Não que implicou no movimento Ele Sim, visando, ainda, analisar o modo de interpelação ideológica dos sujeitos dentro de ambas as mobilizações, através dos enunciados das *hashtags* “#EleNão”, “#EleSim e suas variações, identificar o lugar de onde falam ou “o lugar de fala”, “lugar de enunciação” (ZOPPI-FONTANA,2020) dos que gritam “Ele Não” e o daqueles que respondem “Ele Sim”.

Análise de dados

Após as observações feitas nas seções anteriores, apresentaremos nesta seção a análise de dados. Para tanto, procuramos observar postagens que revelassem o antagonismo entre a ideia da participação política da mulher nas eleições de 2018 a partir das *hashtags*. Assim, a busca pelas materialidades linguísticas foi feita através das *hashtags*, que figuraram como impulsionador discursivo da cena política de movimentos antagônicos como #MulherescomBolsonaro e #MulheresUnidasContraBolsonaro.

Antes de procedermos à análise propriamente dita, faremos uma explanação das duas páginas do Twitter onde circularam as postagens que serão objeto de análise, com vistas a situar o leitor a respeito das condições de produção das páginas em que se inscreveram esses discursos.

¹⁷ Ver mais em: [https://Conceito de Antagônico/Antagonismo «Definição e o que é» \(conceitos.com\)](https://Conceito de Antagônico/Antagonismo «Definição e o que é» (conceitos.com))

As páginas em análise merecem uma distinção em termos do funcionamento dos discursos que nelas circulam, já que não apresentam as mesmas regularidades em relação às temáticas tratadas, bem como em relação à identificação ideológica dos sujeitos que as seguem. Trata-se de duas páginas que surgiram na campanha eleitoral de 2018, com o objetivo de reunir mulheres que se posicionaram respectivamente a favor e contra a eleição de Jair Messias Bolsonaro. Vale ressaltar que o surgimento dessas páginas emergiu com base no movimento ocorrido nas redes e nas ruas, impulsionados, sobretudo, pela *hashtag* #EleNão.

As postagens a serem analisadas contemplam momentos sócio-históricos distintos na cena política brasileira, relacionados às eleições presidenciais em 2018 num momento de muita efervescência. Importante analisar o processo de inscrição dos sujeitos associados a esse funcionamento discursivo que tomam as *hashtags* #EleSim e #MulherescomBolsonaro em oposição ao movimento das *hashtags* #EleNão e MulheresUnidasContraBolsonaro como elemento de identificação com os discursos ancorados nessas *hashtags*. Compreendemos que a mídia social digital apresenta função determinante no endereçamento do sujeito, agenciando-o e levando-o a ocupar, mesmo que de forma imaginária, determinadas posições, e que pode ocorrer através dos processos de identificação e de desidentificação, pela via do **curtir**, do **comentar**, do **compartilhar** (Galli, 2019, grifos da autora) discursividades.

Ao se inscrever nesse ambiente midiático e se posicionar por meio da publicação das *hashtags*, o sujeito-usuário o faz a partir de uma identificação com uma formação discursiva para que assim possa ser sujeito do que diz, de maneira que a circulação das *tags*, no campo de comentário das postagens no Twitter, produz efeitos de sentido que se dão no “movimento em que está sempre presente o político-ideológico”, o que “implica colocar em questão os lugares sociais dos que falam [curtem, comentam, publicam *hashtags*] , os modos de inscrição da luta pelo (não) poder dizer e a forma como a ideologia funciona produzindo algumas evidências” (Romão; Galli, 2013, p.111). A análise levará em conta também o esquema de formações imaginárias, o que poderíamos relacionar ao processo de subjetivação no qual estão em atuação as formações imaginárias proposto por Pêcheux (2014), que pressupõe a observação da imagem que o sujeito-usuário faz de si e do outro que fez a postagem; da imagem daquele para quem a postagem é compartilhada e, ainda, da imagem daqueles que curtem, comentam, publicam as *hashtags* aqui selecionadas.

Com base na construção dessas imagens como funcionamento dessa tomada de posição nos propomos a analisar postagens a partir das *hashtags* selecionadas no intento de elucidar práticas de antagonismo e resistência a partir dos lugares sociais ocupados pelos sujeitos do discurso. Para tanto, apresentamos três tópicos com postagens que se delineiam de forma a constituírem um embate de sentidos. São eles: sou mulher feminina *#EleSim*, *#MulheresComBolsonaro* e Sou mulher feminista *#EleNão*, *#MulheresUnidasContraBolsonaro* e, por fim, Cotejando discursos: **a constituição da feminilidade entre o *#EleNão* e o *#EleSim***, que por sua vez constituem em três blocos em que as postagens escolhidas são analisadas.

5.1.2 Sou mulher feminina *#EleSim*, *#mulherescombolsonaro*

Figura 43 – Imagem da página oficial Mulheres com Bolsonaro no Twitter



Fonte: Captura de tela do Twitter.

A imagem colocada anteriormente, com a qual iniciaremos efetivamente o processo de análise de dados desta tese, foi retirada da página Mulheres COM Bolsonaro, criada em setembro de 2018 e que, em junho de 2024, contava com 9.239 seguidoras. No perfil da página encontramos o *slogan* da campanha do candidato – “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” –, seguido do enunciado “Somos todas Bolsonaro *#Bolsonaro* Mulheres unidas A favor do BOLSONARO Por um Brasil melhor”.

Na imagem de capa da página percebemos que há o funcionamento de efeitos de sentidos de patriotismo caracterizado pelo levantamento da bandeira do Brasil sobre a cabeça do então candidato Bolsonaro, que, aliados ao efeito de sentido de segurança e tranquilidade postos num rosto que traz um sorriso, constituem a abertura da página. Na referida imagem, a ideia de

empoderamento feminino funciona de forma antagônica ao que propõe o movimento feminista, a partir da preposição com que reivindica a possibilidade de a mulher apoiar o referido candidato, o que se pode ver através do enunciado “Mulheres com Bolsonaro”. O rosa como cor de fundo simboliza o feminino, trazendo, no entanto, ao invés da crítica do lugar da mulher na sociedade, uma reafirmação desse lugar, uma vez que reivindica-se o direito de apoiar um candidato cujas falas foram consideradas, inúmeras vezes, ofensivas com as mulheres, definidores de um certo lugar para o feminino. Esses sentidos que atravessam a imagem em análise interpelam as eleitoras a se identificarem com o discurso de patriotismo, daquele que vai libertar o Brasil da corrupção, e do discurso do empoderamento das mulheres. Importante ressaltar que o enunciado não consta de homens ou eleitores com Bolsonaro, mas mulheres com Bolsonaro, o que remete ao movimento de mulheres que se opunham ao candidato, assim, podemos considerar o antagonismo e o embate: *Mulheres Com Bolsonaro* em oposição a *Mulheres Contra Bolsonaro*.

Cabe ressaltar também a posição-sujeito que delinea na postagem dessa imagem de capa. Tal posição-sujeito se conecta com a formação imaginária do sujeito enunciador: as mulheres apoiadoras do então candidato, a despeito das críticas feitas a ele em relação ao que dizia sobre as mulheres.

Como já posto anteriormente neste trabalho, Bolsonaro teve um alto índice de rejeição das mulheres que culminou numa forte luta contra sua candidatura e posterior governo, já que venceu as eleições em 2018. Esse movimento em oposição à representação do candidato motivou, por outro lado, uma ação de apoio a Bolsonaro, o que trouxe para as redes e para as ruas um embate político-ideológico que marcou posições fortemente divergentes. Nessa tensão entre controle e dispersão movida pelo compartilhamento dessas *hashtags* percebemos a produção do efeito de antagonismo e resistência e o efeito de legitimidade ao dizer, a partir das diferentes posições-sujeito.

Vejamos nos recortes que seguem o efeito de evidência que se estabelece a partir da imagem construída do candidato Bolsonaro e a de seus eleitores.

Figura 44 – Recorte da postagem de um usuário comum no Twitter a partir da *hashtag* #EleSim



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Figura 45 – Recorte da postagem de um usuário comum no Twitter a partir da *hashtag* #EleSim (II)



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Nas duas postagens temos a construção de um homem representado pelo pronome ele e dotado das seguintes características: “luta pelo povo, pela pátria, pela família, pela liberdade e pelo direito de podermos ajoelhar e agradecer”. É ainda tomado como o enviado para salvar a humanidade, fazendo alusão à narrativa religiosa cristã que apresenta a vinda de Jesus – o Messias

– para salvar o mundo, já que Ele significa a “liberdade e o direito de ajoelhar e agradecer”. Na segunda postagem, na mesma representação de Deus, pátria e família, vimos as marcas do dualismo realacionado ao bem e o mal, tendo o bem representado pelo candidato de direita, Jair Bolsonaro, o que é sugerido que tudo que se opõe a essa “verdade” representa o mal, ou seja, o candidato de esquerda que representa, neste caso, o mal. O enunciado tem sua conclusão com uma indagação que sugere àqueles que se identificam com o funcionamento ideológico do enunciado da *hashtag* #EleSim que não teriam outro lado a escolher que não fosse o que está sendo proposto, funcionando, desse modo, como efeito de evidência.

No próximo recorte, com a postagem feita na página oficial Mulheres com Bolsonaro, no dia 08 de setembro de 2019, temos a exposição de um *meme* criado com a imagem de Márcia Angelita Tiburi, filósofa, professora, escritora e política brasileira. Tiburi sempre esteve envolvida nas causas relacionadas às lutas pelas minorias, na defesa do feminismo, na luta contra a desigualdade social e tendências totalitárias. Foi candidata ao governo do estado do Rio de Janeiro em 2018 pelo Partido dos Trabalhadores (PT), porém, não logrou êxito. Passou a sofrer ameaças de massacre por grupos da extrema-direita durante evento de lançamento de seus livros na cidade de Maringá – Paraná em novembro daquele mesmo ano, e resolveu deixar o país.¹⁸

Figura 46 – Recorte da postagem feita por um usuário comum na página oficial Mulheres com Bolsonaro

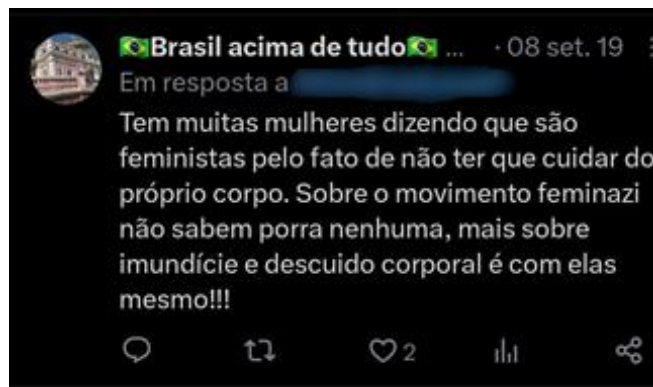


Fonte: Captura de tela do Twitter.

¹⁸ - Ver mais em [Marcia Tiburi: uma filósofa engajada \(geledes.org.br\)](http://geledes.org.br) e "[O Brasil foi um laboratório para o fascismo](http://correiobrasiliense.com.br)", diz Marcia Tiburi (correiobrasiliense.com.br) Acesso em: 12 jun. 2024.

A publicação feita na página em apoio a Bolsonaro rendeu muitos comentários, especificamente de seus seguidores, conforme pode ser visto:

Figura 47 – Interação dos usuários comuns na página de apoio a Bolsonaro



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Esse comentário é seguido de tantos outros que endossam os sentidos de ser mulher feminista criado a partir desse imaginário que define a mulher feminista como suja, feia, descuidada, atrelando a essas mulheres sentidos negativos. Segundo Mariane (2018), essas discursividades – por ela denominadas de *prêt-à-porter* – são repassadas, (re) produzidas nas mídias sociais digitais e “têm sua eficácia ao colocar em circulação determinados sentidos que podem produzir aderência, ou seja, um colamento a determinados sentidos já sob o efeito de evidência” (Mariane, 2018, pp. 6-7). A seguir, destacamos mais comentários relacionados à referida postagem:

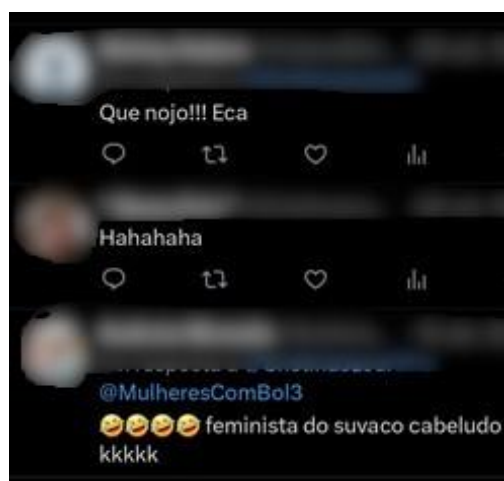
Figura 48 – Recorte da postagem feita por um usuário comum na página oficial Mulheres com Bolsonaro



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Figura 49 – Recorte da postagem feita por um usuário comum na página oficial Mulheres com Bolsonaro

(II)



Fonte: Captura de tela do Twitter.

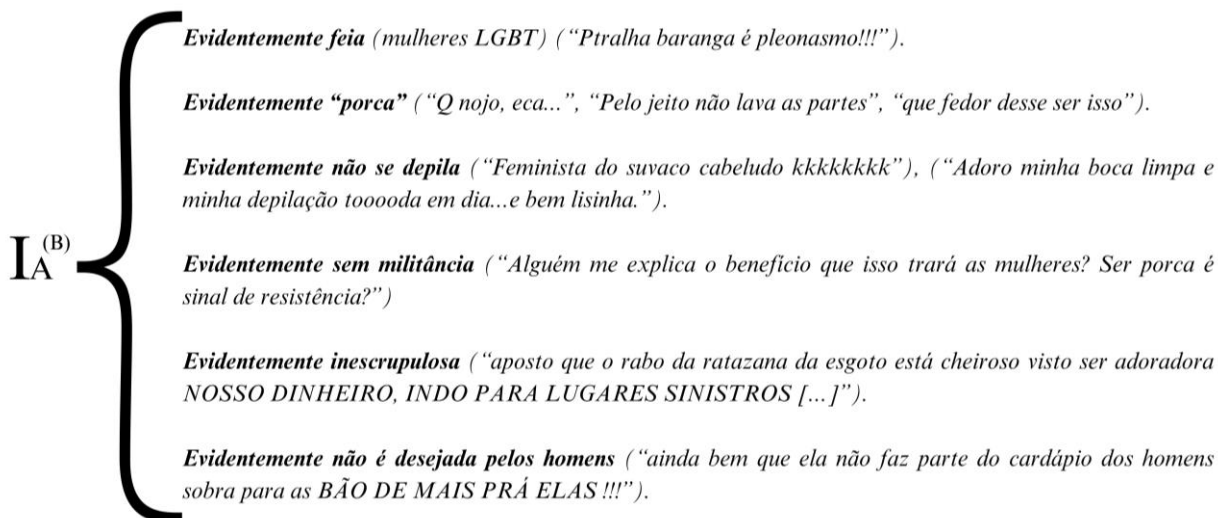
Figura 50 – Recorte da postagem feita por um usuário comum na página oficial Mulheres com Bolsonaro
(III)



Fonte: Captura de tela do Twitter.

antifeminista. Teríamos A para representação da posição-sujeito antifeminista e B para representação da posição-sujeito feminista:

Figura 52 – Análise de enunciados entre posição-sujeito antifeminista e feminista



Fonte: Elaborado pela autora.

Observamos nos enunciados, postos nos comentários dos sujeitos-internautas, a tentativa de manutenção do tido como óbvio a partir do efeito de evidência que define a mulher feminista, sobretudo durante o governo Bolsonaro, quando se encontrou espaço para expansão e manutenção de discursos antifeministas. Tomamos como exemplo o pronunciamento da então ministra da mulher, da família e dos direitos humanos, Damares Alves, durante um evento da igreja. Em vídeo exibido pelo *Fantástico*, programa da Rede Globo de Televisão, no dia 14 de janeiro de 2019, a ministra afirma: “Sabe por que elas [as feministas] não gostam de homens? Porque são feias e nós somos lindas”. Ao falar sobre o Dia Internacional da Mulher, no dia 8 de março de 2020, a então ministra afirma: “Eu não sou feminista, sou feminina”. Percebemos nos enunciados o embate político-ideológico marcado pelos pronomes Elas/Nós, feminina/Feminista trazendo para cena o confronto, a relação antagônica que marcou o cenário político em 2018.

No dia 07 de setembro de 2022, durante o acompanhamento do desfile cívico-militar na Esplanada dos Ministérios, o então presidente Jair Bolsonaro fez menção ao ano de 1964, período em que ocorreu o golpe militar e foi dado início à ditadura que perdurou por 21 anos. Fez ainda menção ao ano de 2016, quando do episódio do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff,

para defender o que considerou como vitória do “bem contra o mal”. Vale trazer à memória que, neste mesmo cenário de votação pelo impeachment em 2016, quando ocupava o cargo de deputado, Bolsonaro, ao declarar seu voto a favor da saída de Dilma, o faz em homenagem ao torturador durante a ditadura militar Coronel Brilhante Ustra, nos seguintes termos: “Pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim”. Tal declaração foi recebida ao som de vaias e aplausos.

O golpe militar e o impeachment de Dilma Rousseff são simbolizados como um bem para aqueles a quem o poder deve permanecer em suas mãos para a garantia da ordem. Gostaríamos de destacar o espaço ocupado por uma mulher que assumiu um lugar até então legitimado para o gozo masculino – a presidência da República. Bolsonaro representou, em diferentes momentos de sua trajetória, o desconforto do patriarcado em relação à ocupação da mulher nos espaços sociais e políticos. A saída de Dilma Rousseff da presidência do país é fruto dessa ação do patriarcado que insiste em sustentar e fazer circular dizeres que indicam o que as mulheres podem ou não fazer, sentir, ser.

Desse modo, há sempre uma tentativa de desqualificação da luta feminista e do sujeito feminista, através de uma construção de dizeres que reduzem a luta desses sujeitos, e um esforço pela construção de uma imagem de impureza, leviandade, sujeira e covardia.

Na imagem que segue, constante da página Mulheres com Bolsonaro, temos a figura de Bolsonaro refletida no espelho, supostamente em um banheiro, em sua mão direita segurando um aparelho de barbear próximo à região do buço. A postagem segue do seguinte enunciado: “os dois maiores terrores de uma feminista”, conforme podemos observar:

Figura 53 – Recorte da postagem feita por um usuário comum na página oficial Mulheres com Bolsonaro (V)



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Inicialmente, surge a pergunta: quem são os dois terrores presentes na figura 40?, quando, de imediato, nos deparamos apenas com a imagem de Jair Bolsonaro refletida no espelho? Seriam os dois dele mesmo? Segundo Orlandi (2008, p. 15): “saber como se elabora um texto é saber como elaborar teoricamente as novas formulações que hoje se produzem. Novas formas de textualidade. Em novos contextos de realização, ou seja, como se diz em análise do discurso, novas condições de produção”. O uso do substantivo terrores pode ser definido como aqueles que causam pavor, medo extremo; assim definido, poderíamos associar esse dizer ao que foi proferido por Bolsonaro na votação para o impeachment de Dilma, “terror de Dilma Rousseff”, relacionando ao torturador Coronel Brilhante Ustra. Desse modo, Bolsonaro estaria associado a essa figura de quem representa o pavor – o torturador, o que, nesse contexto, significaria para os seguidores da página, possíveis eleitores dele, símbolo de poder e dominação, em se tratando dos saberes organizados pela forma-sujeito de uma formação discursiva antifeminista, conservadora, com a qual tais sujeitos se identificam. Neste caso, a memória é convocada para perturbar, desmanchar o acontecimento político de 1964, para fazer lembrar, fazer ecoar sentidos supostamente positivos da ditadura. Quem seria esse outro pavor das feministas? Trazendo para análise o modo como a representação da posição-sujeito antifeminista representa a posição-sujeito feminista, construída a partir do quadro apresentado nesta subseção, poderíamos atrelar esse segundo pavor ao próprio aparelho de barbear,

já que, para a posição-sujeito antifeminista, o sujeito feminista não possui o hábito de realizar depilação, e essa foi uma das imagens que marcou os discursos antifeministas e circulou com intensidade nas redes. Na construção da imagem e do enunciado há o atravessamento do humor que nessa postagem se apresenta como forma de manutenção do processo de dominação do discurso antifeminista. Elementos da ordem do impensável, do indizível, como o que fora banido e recalcado no interdiscurso, e que se constituíam como produção de sentidos autorizados na formação social brasileira no período da ditadura militar, parecem, a partir das postagens em análise, trazer para o cenário sentidos que estavam adormecidos no interdiscurso e, por certo tempo, culturalmente interdito. Vimos, sobretudo, o jogo das contradições históricas por que passa a formação social brasileira na atualidade. Como explica Althusser ([1962] 1967, p. 102, destaques do autor):

Uma revolução na estrutura não modifica repentinamente ...as superestruturas existentes e, em particular, *as ideologias*, porque elas têm [...] uma consistência suficiente para sobreviver por si, fora do contexto imediato [...]. A nova sociedade [...] pode [...] por circunstâncias específicas [...] *provocar ela própria a sobrevivência, isto é, a reativação dos elementos antigos.*

Trata-se, dessa forma, de uma atualização da memória discursiva da ditadura militar brasileira e do nazismo, apresentando-se na forma de um discurso transversal que materializa um discurso de oposição à figura das feministas, fazendo ecoar no discurso político brasileiro contemporâneo a contradição.

5.1.3 Sou mulher feminista #EleNão, #MulheresUnidasContraBolsonaro

*“Pai, afasta de mim esse cálice, pai
Afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue
Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor, engolir a labuta
Mesmo calada a boca, resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta [...]”*

(Francisco Buarque De Hollanda, Gilberto Passos Gil Moreira)

Iniciamos nossa discussão nesta subseção com fragmentos da música “Cálice”, de Chico Buarque e Gilberto Gil, sobretudo porque a música traz diretamente uma crítica que se ancora através do discurso de resistência – portanto antagônico – à ditadura, através de um dizer que falava *x* para dizer *y*. Falar quando a ordem é calar – essa ordem está ligada ao silenciamento político, numa tentativa de apagamento do outro, através de um gesto contraditório de intolerância, em relação àqueles que representam a tolerância.

Percebemos em muitas postagens nas redes a incidência de uma proclamação das mulheres que retomam uma memória ligada a um movimento histórico de silenciamento das suas vozes, principalmente. Nas duas postagens que seguem encontramos discursos de resistência, confrontando-se com valores tradicionais dominantes.

Nas figuras 41 e 42, temos respectivamente as assertivas: “as mulheres mais uma vez não se calam” e “não vou me calar para você ficar confortável”. Ambas trazem o verbo calar como tema principal das declarações ligado ao advérbio de negação não.

Figura 54 – Recorte da postagem feita por um usuário comum na página oficial Mulheres Unidas contra Bolsonaro



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Figura 55 – Recorte da postagem feita por um usuário comum tomando a *hashtag* #EleNão



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Na primeira figura, tomando todo o enunciado “*Eu só queria agradecer ...Eu não tenho nem palavras, com toda certeza dia 29/09/2018 marcou como o dia em que as mulheres mais uma vez não se calaram e provaram que não somos a minuria [sic] e podemos falar por uma nação. OBRIGADA*”. Na figura, aparecem várias imagens do movimento Ele Não protagonizado por mulheres ocorrido no dia 29 de setembro 2018. Dentre as imagens postas, gostaríamos de destacar a que aparece com o rosto desenhado a partir da formulação do “Ele não” que traz a figura de Hitler, posto que, de alguma forma, as outras imagens foram contempladas em momentos anteriores neste trabalho. A memória é convocada para fazer lembrar, fazer ecoar os sentidos do holocausto. Percebemos na figura a ausência da imagem do Bolsonaro e, no lugar dela, a silhueta do Hitler composta pelo “Ele Não”. A imagem surge como fazendo parte de um jogo entre presença e ausência, entre aquilo que não faz sentido e o sentido de evidência que culmina na produção da resistência. Observamos, através da imagem, que, inicialmente, pode não parecer óbvia como esta materialidade recupera a memória do nazismo, implantado por Hitler na Alemanha. A relação estabelecida entre a figura de Bolsonaro e de Hitler, através do movimento Ele não, toma como base o repúdio às declarações/ações do então candidato à presidência da República Jair Bolsonaro, consideradas misóginas, racistas, homofóbicas e pró-ditadura. Compreendemos, desse modo, que a associação estabelecida entre o enunciado “Ele não” e a imagem de Hitler remete ao que a imagem do ditador, ainda hoje, representa para a humanidade: a defesa do racismo, da perseguição eliminacionista. Tal relação sugere ainda que, caso eleito, Bolsonaro poderia representar uma versão de Hitler para o Brasil. Essa associação imaginária é tecida a partir da consideração de que

haveria uma semelhança de conduta entre Hitler e Bolsonaro. Portanto, constata-se, a partir dessas representações, que Bolsonaro, assim como Hitler, deveria ser repudiado. A partir do conjunto dessas representações, para o movimento *#EleNão*: Bolsonaro encarna os preceitos nazistas; não representa as mulheres; não representa os milhões de brasileiros que fizeram adesão ao movimento *#EleNão* e que estiveram nas redes e nas ruas marcando esse posicionamento. Assim, percebemos que, a partir de várias formulações parafrásticas, muitos sentidos ecoaram, produziram resistência aos discursos hegemônicos que insistiam em repetir: *#EleSim*.

Através do enunciado podemos identificar o processo histórico da luta das mulheres por seu espaço político, social, pois o enunciado sugere que outras tentativas de silenciamento ocorreram – “mais uma vez não se calaram” –, o que remete a uma memória de luta contra o silenciamento das mulheres.

Compreendemos, desse modo, a negação, marcada nos enunciados das duas figuras, significando como a audácia da contradição que busca a superação do irrealizado. O que nos faz concluir que há espaços para o desconcerto/falha/quebra do ritual: “Não vou me calar para você ficar confortável”.

Nas palavras de Pêcheux:

Tomar até o final a interpelação ideológica como um ritual, supõe reconhecer que não é um ritual sem falha, falta e rachadura: “uma palavra por outra” é a definição da metáfora, mas é também o ponto onde um ritual ideológico vem se quebrar no lapso [...] (Pêcheux, [1984], 2014, pp. 15-16)¹⁹.

A partir do excerto, percebemos que a resistência vai de encontro à ordem por meio do confronto, do antagonismo. Esse movimento de embate ocorre a partir de contrapontos nevrálgicos erigidos como cernes de uma ideologia dominante, de uma mentalidade hegemônica, de um conjunto de valores cristalizados. Assim, a resistência se faz por meio de ataques contra este ou aquele princípio da couraça que busca neutralizar outros dizeres; ela é da ordem do discurso e, frente às coerções, ela se corporifica a partir de ações que provocam fissuras e brechas nas leituras instituídas; ela é, assim, constitutiva dos sujeitos e dos sentidos; o sujeito resiste, o corpo resiste, o sentido se desestabiliza, desliza, torna-se outro.

¹⁹ PÊCHEUX, M. *Ousar pensar e ousar se revoltar*. Ideologia, marxismo, luta de classes. Trad. Guilherme Adorno e Gracinda Ferreira. Décalages, vol. 1, [1984] 2014. Disponível em: <http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss4/15>. Acesso em: 16 ago. 2018.

Por um lado, há uma ideologia dominante, estruturada como um conjunto de princípios que se constituem como uma armadura; por outro lado, erigem-se ataques que a fazem se movimentar, provocando fissuras, que, mesmo que em muitas situações pareçam insignificantes, podem constituir outros acontecimentos discursivos, a exemplo da negação que neste trabalho se estabelece a partir da *hashtag* #EleNão.

Com base nesta *hashtag* #EleNão, o Não da dissensão da manifestação das mulheres tem uma relação interdiscursiva com um discurso que foi se revelando preconceituoso e misógino e foi mostrando a face discriminadora e machista de Jair Bolsonaro. No enunciando “Vocês verão com quantas fraquejadas se faz uma revolução”, cujo enunciado motivador consta analisado nesta pesquisa, há uma refacção do termo fraquejada, deslocando-o da insignificância e da irrelevância que se viu em Jair Bolsonaro para a força decisória da resistência e da contraposição à constituição de uma determinada conjuntura social.

A força do movimento #EleNão, o confronto estabelecido, provocou impacto e incômodo, o que manifesta a força atingida pelo movimento. A partir das manifestações ocorridas em 29 de setembro de 2018, movimento de mulheres, houve também a negação derrisória e, na toada do movimento, as manifestantes foram taxadas de: “comunistas”, “lésbicas”, “mal-amadas”, “sem-ter-o-que-fazer”, “exploradoras da lei Rouanet”, dentre outras qualificações.

O movimento de mulheres materializado na *hashtag* #EleNão se afirma como uma bandeira de luta que não aceita a estabilização dos sentidos dominantes, sentidos esses que subjagam as mulheres, que pretendem aprisionar seus corpos, que as colocam numa condição de vulnerabilidade, quando não as protegem, ao privá-las de apoio estatal sobretudo quando vítimas de abuso e violência.

Em 05 de fevereiro de 2020, o então presidente Bolsonaro, após reduzir verbas do principal programa do governo federal de combate à violência contra a mulher, faz a seguinte afirmação: “Não é dinheiro, é postura”, como mostra reportagem do @estado²⁰. Tal afirmação se mantém em consonância com o posicionamento sustentado por discursos baseados nos sentidos dominantes de subjugação da mulher, pois há uma tentativa de manutenção do lugar da mulher restrito ao que é estabelecido pelo homem, ou seja, seus corpos não lhes pertencem, estão à serviço do dominador, portanto precisam assumir uma postura considerada adequada para o homem, e o contrário justificaria a violação desses corpos.

²⁰ Versão online do jornal *O Estado de São Paulo*. Acesso em 10 fev. 2020.

Compreendemos a *hashtag* #EleNão como fenômeno de politização das mulheres. E, consoante com o que nos diz Pêcheux ([1982] 1990, p. 17), para produzir formas de resistências é preciso “começar a se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido no interior do sem-sentido”. É a resistência, então, que produz furo na ideologia dominante, desestabilizando sentidos já estabilizados socialmente, através do jogo na/sobre a língua. O movimento iniciado nas redes sociais com a formulação da #EleNão vem, conforme Pêcheux, quebrar o ritual ideológico dominante, “o ponto sempre já-lá, a origem imaginária da resistência e da revolta” (Pêcheux, [1984] 2013, pp. 15-17). A partir da formulação da *hashtag* #EleNão paráfrases vão se constituindo, possibilitando o surgimento de outras formas de resistência.

Importante salientar que durante as análises foram trazidos para a cena vários símbolos de enfrentamento e resistência, e muitos desses símbolos se estabilizaram por serem usados principalmente por movimentos de esquerda. Propomos, a partir da imagem que segue, a realização de gestos de leitura que tragam à tona a análise desses símbolos, conforme já indicado anteriormente, enquanto elementos dessa luta, aqui protagonizada por mulheres.

Figura 56 – *Print* da imagem da postagem de um usuário comum a partir da *hashtag* #EleNão



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Vimos em todo o processo de análise que o enunciado #EleNão, a partir do processo que percorre nas redes, ao se repetir, se associa a outras materialidades e, com essas novas associações vai se desdobrando, dando espaço para a possibilidade do surgimento de novos sentidos.

Na figura em questão, temos ao fundo a imagem de Jair Bolsonaro, cujos olhos estão cobertos por uma tarja vermelha que sugere uma forma de interdição. O referente do pronome Ele é recuperado a partir de partes do rosto que estão à vista: cabelo, sobrancelha, parte das orelhas, boca e dentes. O próprio enunciado *#EleNão* serviria como elemento caracterizador do referente. Para tanto, é importante compreender as condições de produção dos discursos que circulam com base no que está posto na imagem.

A imagem circula a partir do movimento de mulheres que se opõem ao governo Bolsonaro, portanto, os sentidos evidenciam discursos de oposição a ele: *#EleNão*. No universo jurídico, a tarja atende ao anonimato e é utilizada nos aplicativos de fotografia para cobrir aquilo que é considerado impróprio na imagem e/ou sensurável. Em se tratando do lugar de circulação dessa imagem de Bolsonaro, o encobrimento parcial de seu rosto se institui como um movimento simbólico da resistência de um discurso que se apresenta contrário ao discurso representado por Bolsonaro, pois ele é considerado impróprio, devendo assim ser interditado, já que oferece riscos à sociedade brasileira, principalmente às minorias sociais, e apresentaria “riscos de efeitos adversos”, assim como a tarja vermelha de uma medicação. Cabendo, dessa forma, um movimento que resiste ao que Bolsonaro representa, partindo desse modo do postulado de Pêcheux de que “não há dominação sem resistência: primado prático da luta de classes, que significa que é preciso ‘ousar se revoltar’” (Pêcheux, [1978] 1995, p. 304).

Foi nessa ousadia e revolta que o movimento de mulheres através do funcionamento da *hashtag #EleNão* produziu resistência no interior da dominação e que conquistou outras vozes que aderiram ao movimento. Importante salientar que em todas as postagens analisadas foi considerada a materialidade a partir da fusão entre imagem e texto para interpretação e produção de sentidos a partir de objetos simbólicos.

Na postagem que segue há uma forma de simbolização dessa ação de resistir, um ato antagônico frente à força esmagadora do dominador, conforme pode ser visto:

Figura 57 – Print da imagem da postagem de um usuário comum a partir da hashtag #EleNão (II)



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Vimos na postagem a presença do enunciado #EleNão seguido da imagem de um pé posicionado para uma ação de esmagamento de um grupo de mulheres representado em sua diversidade de existência. A ação de esmagamento seria óbvia, dada a proporção do tamanho do sapato frente ao tamanho do grupo de mulheres, não fosse o movimento de oposição, de antagonismo, de resistência dessas mulheres que lutam para existir.

Convocamos Pêcheux mais uma vez para reiterar que a resistência é o que produz o furo na ideologia dominante. Em suas palavras:

Aquilo que marca uma quebra no ritual ideológico dominante é justamente “o ponto sempre já-lá, a origem imaginária da resistência e da revolta” [...] “não há um mundo da ideologia dominante, unificado sob a forma de um “fato consumado”, nem dois universos ideológicos opostos com o sinal + e o sinal -, mas um único mundo que não cessa jamais de se dividir em dois. (Pêcheux [1984], 2013, p. 15; p. 17, grifos do autor).

Compreendemos, portanto, que é entre a ideologia dominante e as ideologias dominadas, entre os processos de identificação e desidentificação do sujeito, entre a interpelação e as falhas do ritual ideológico que surge a resistência. Compreendemos ainda que a falha no ritual se dá através do jogo na/da língua. Segundo Pêcheux ([1982a], 1990a, p. 17), para produzirmos resistência é preciso “começar a se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o

irrealizado advenha formando sentido no interior do sem-sentido”. Estas são algumas formas de resistência citadas pelo autor:

Não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras [...] (Pêcheux [1982a], 1990a, p. 17).

Portanto, a imagem figura a despedida do sentido de reprodução da dominação através de uma ação que exala resistência através de uma ação coletiva, quando o que se espera é a submissão, é a subalternidade, a representação de um lugar destinado à mulher que é sob o domínio do homem, debaixo de seu pé. Essa ação está marcada na postagem por movimentos que se fazem contrários à tentativa de esmagamento do sujeito mulher. Há na imagem ações que promovem movimentos antagônicos, a força do dominador representada pelo sapato masculino e a luta feminina representada pela ação de recusa do esmagamento com um dos braços e a imposição do outro braço com punhos cerrados que, somado ao enunciado *#EleNão*, produz um furo na estrutura, abrindo a possibilidade de deriva, de se instalarem aí novos dizeres que necessariamente se contrapõem aos que se pretendem estáveis, hegemônicos naquela dada conjuntura. O punho cerrado se repete, coloca-se como o eco de outras revoluções.

Resistência, em termos discursivos, é a possibilidade de, ao dizer outras palavras no lugar daquelas prováveis ou previsíveis, deslocar os sentidos esperados. Na imagem que segue contamos com esse deslocamento de sentidos a partir da relação entre palavras e símbolos.

Figura 58 – Print da imagem da postagem de um usuário comum a partir da hashtag #EleNãO (III)



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Na figura em análise temos a imagem de Bolsonaro trajado com uniforme padronizado pelo nazismo, ou seja, parte superior composta por uma gandola marrom com quatro bolsos; em seu bolso superior esquerdo uma medalha – cruz de ferro –, condecoração criada no século XIX que era concedida pelo exército alemão para quem demonstrava honra ou bravura nas batalhas; no braço esquerdo, a braçadeira com o símbolo da suástica; em seu rosto, o bigode característico do próprio Hitler. Sustentada pela sobreposição de uma mão sobre a outra, encontra-se uma *Bíblia Sagrada*; ao fundo e à direita temos a imagem da bandeira do Brasil, que traz em seu centro a figura de um rosto em forma de caveira. Abaixo da bandeira consta o enunciado “Pátria Armada BraZil”. Associar o governo Bolsonaro a Hitler foi alvo de análise anterior, então gostaríamos de destacar outros elementos que simbolizam nessa materialidade e que escancaram as contradições presentes nos enunciados em sua relação com as imagens. Ao vincular a figura de Bolsonaro à memória do nazismo e trazer a Bíblia como um dos elementos presentes na postagem, percebemos um funcionamento que se estabelece pela contradição entre nazismo e cristianismo que poderia caracterizar a própria conduta presente na postura de Bolsonaro, já que se apropriou do discurso

religioso durante a campanha e seu governo, em relação ao modo como lidou com as minorias sociais. A figura da caveira que surge no centro da bandeira do Brasil remete à ideia de morte, de guardião da morte, fazendo referência à pandemia de covid-19 que toma de assalto uma nação que, sob o governo de Bolsonaro, não financiaria pesquisas para produção de soluções científicas para a crise sanitária de proporções catastróficas, o que resultaria em milhares de mortos. No enunciado abaixo da bandeira, “Pátria Armada braZil”, vimos um jogo metafórico da substituição de uma palavra por outra, um ponto de deriva, onde o sentido de amada em **Pátria Amada Brasil**, lema da bandeira brasileira, desliza para **Armada braZil** em **Pátria Armada braZil**. O efeito metafórico é definido por Pêcheux ([1969] 2014) como:

[um] fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse deslizamento de sentido entre x e y é constitutivo do ‘sentido’ designado por x e y, esse efeito é característico dos sistemas linguísticos naturais por oposição aos códigos e às línguas artificiais, em que o sentido é fixado de antemão.

No deslizamento de sentidos entre diferentes formações discursivas, constitutivo também dos sujeitos, há a possibilidade de uma outra formulação que intenta ranger os sentidos estabilizados pelo funcionamento de uma memória. Ao fazer uso de uma palavra por outra, em virtude de suas relações de similitude (sinonímia, paráfrase), possibilita-se que outros sentidos surjam e produzam rupturas ao estabilizado.

É na possibilidade do surgimento desse outro que são constituídos os sentidos que emergem da postagem e transitam nas redes. A partir desses deslizamentos percebemos o modo como a imagem de Bolsonaro é construída com base no movimento da *hashtag* #EleNão, numa tentativa de evidenciar a contradição como marca do perfil do então presidente. Desse modo, “armada” em lugar de “amada” remete ao discurso armamentista do representante da pátria, que atua, em seu período de governo, com ações para aumentar o consumo de armas no país, argumentando que é preciso armar as pessoas para que estas não sejam escravizadas. Ele o faz em contexto de medidas de isolamento em razão da pandemia do coronavírus, por considerar autoritárias tais medidas de isolamento defendidas por governadores. O uso de “braZil” em lugar de “Brasil” aponta para os sentidos que deslocam de patriotismo para antipatriotismo, já que em **braZil** temos a letra minúscula descaracterizando o Brasil como próprio do nome de um país, e estranhamente o uso do **Z** maiúsculo em lugar do s que compõe a palavra em português, o que pode designar a

desvalorização do país em detrimento da supremacia americana, posto que Jair Bolsonaro prestou continência à bandeira dos Estados Unidos.

Consideramos relevante salientar que durante o percurso da pesquisa percebemos o grande espaço conquistado pela religião cristã nas campanhas políticas, tornando-se lugar de disputa entre as forças partidárias. Importante destacar a responsabilidade da comunidade cristã na vitória de Jair Bolsonaro em 2018, por apresentar pautas que estavam vinculadas às pautas religiosas. O próprio tema da campanha – “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” – tem em seu segundo enunciado um aceno para o crescente poder e influência dos evangélicos no Brasil. Em relação ao primeiro enunciado – “Brasil acima de tudo” – há ainda a possibilidade de um acionamento da memória que remete ao brado nazista “Alemanha acima de tudo”.

As lideranças evangélicas viram em Bolsonaro uma oportunidade de ter uma posição mais ativa no campo político. Importante sublinhar que muitas dessas lideranças se apoiaram na retórica das guerras espirituais contra feministas, LGBTs, seguidores de religiões afro-brasileiras, que são taxados como feiticeiros, inimigos da família, ameaças à sociedade e aos bons cidadãos. Essas guerras espirituais foram sustentadas na lógica antagônica de nós (povo de Deus) contra eles, em que o significado de eles foi recentemente ampliado para incluir esquerdistas, pensadores livres, marxistas e ideólogos de gênero (Moura; Corbellini, 2019). Esse maniqueísmo, com seu apelo populista, serviu para fortalecer as perspectivas conservadoras no Brasil.

O silêncio é necessário para a existência da religião. Segundo Orlandi (2007, p.41), é no discurso religioso que Deus representa a onipotência do silêncio, ou seja, no silêncio de Deus revela-se o dizer da religião. O silêncio de Deus, portanto, é fundador dessa prática. No entanto, não é apenas o silêncio de Deus que se faz necessário para o discurso religioso, é preciso silenciar os sentidos que se opõem à “verdade religiosa”, os sentidos que geram dúvidas e questionam a fé. Diante deste cenário de apelo religioso, o movimento de mulheres, através da *hashtag* #EleNão, apropriou-se desse aceno religioso que foi usado para fins de silenciamento das minorias sociais com base nos discursos ligados à direita, numa tentativa de desconstruir as colunas estabelecidas pelo movimento de apoio a Jair Bolsonaro. A postagem que segue é um exemplo desse movimento a partir da *hashtag* #EleNão, que se utiliza do discurso religioso para questionar as práticas religiosas.

Figura 59 – *Print* da imagem da postagem de um usuário comum a partir da *hashtag* #EleNãO (IV)



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Temos na postagem uma figura que remete à imagem de Jesus numa figuração de pregação que nos possibilita inferir, a partir dos elementos que constam no quadro da postagem – tais como indumentária, o modo de se posicionar, o gesto corporal, as pessoas ao redor – o enunciado do primeiro quadro da postagem que diz respeito ao versículo da Bíblia cristã.

A Bíblia relata a trajetória de Jesus, sua andarilhagem para disseminar o evangelho. Simbolizando essa prática de pregação, há no primeiro quadro a figura que representa Jesus, sentado, com o braço direito estendido para o alto, realizando um gesto que sugere a doutrinação, a exortação. Esse gesto de interpretação é sustentado tomando como base o enunciado que segue a imagem do quadro, assim proposto: “Amai-vos uns aos outros”. No segundo quadro surge uma indagação de uma das pessoas que fazem parte dos ouvintes de Jesus: “Até o Bolsonaro?”. Nos deparamos, então, com um silêncio que se estabelece no terceiro quadro, como que sugerindo uma reflexão antes de se proferir uma resposta. No quarto e último quadro da imagem, o personagem que figura Jesus responde: “#EleNãO”.

A resposta no último quadro causa estranhamento na medida em que traz para o discurso religioso os sentidos contrários ao que se considera como princípios desse discurso. Há, nesse contraditório ao discurso da religião, a construção de um espaço para proposição de uma questão relacionada às contradições demandadas, sobretudo da junção da religião com as demandas das

pautas políticas defendidas por Jair Bolsonaro que continham discursos que se opunham às demandas de inclusão das minorias sociais.

Importante considerar a indagação feita através do enunciado no segundo quadro com o uso da preposição “até”, seguida de “o Bolsonaro”. O uso dessa preposição associada ao sentido do enunciado proposto no primeiro quadro – “Amai-vos uns aos outros” – nos faz inferir que a figura do Bolsonaro não é compatível com o restante da humanidade, portanto não estaria no rol daqueles que podem/devem ser amados. No último quadro, através do uso da cerquilha, podemos compreender como forma de convocação de coletivos para fazer parte do movimento da *hashtag* *#EleNão* – nesse caso, convocação feita até mesmo por Jesus.

Vimos na materialidade analisada a inscrição numa ordem oposta daquela que remete à moral religiosa, o que significa dizer que essa postagem vem perturbar a memória social para acomodar novos sentidos que passam a se inscrever no interdiscurso e a circular em práticas discursivas que mobilizam essa memória social.

Na postagem houve uma ressignificação, um deslizamento, uma forma antagônica à FD religiosa; sobretudo é salutar compreender que, para que esta ressignificação ou deslizamento de sentido aconteça e possa ser assim interpretada, é preciso que o sentido primeiro ressoe junto com os novos sentidos, funcionando o primeiro como uma presença-ausente. Conforme Pêcheux, a ruptura que está por trás desse deslizamento se dá “no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (Pêcheux, 1983/1990, p.17). Ou seja: não dá para interpretar essa atualidade que faz acepção de uma pessoa (Bolsonaro) na ação de amar, através do enunciado *#EleNão*, sem mobilizar a memória primeira, relacionada aos saberes da formação discursiva religiosa e relacioná-la ao movimento de oposição das mulheres aos pronunciamentos do então presidente, considerados preconceituosos, homofóbicos, racistas, misóginos etc.

5.1.4 Cotejando discursos: a constituição da feminilidade entre o *#EleNão* e o *#EleSim*

A *hashtag* *#EleNão* produziu uma movimentação intensa dos sujeitos usuários. Nessa movimentação, a resistência e o antagonismo estiveram muito presentes, atravessando o processo político eleitoral de 2018 trazendo várias nuances para o mesmo fato político porque são sempre tomadas em “rede de memórias dando lugar a filiações identificadoras e não a aprendizagens por interação: a transferência não é uma ‘interação’, e as filiações históricas nas quais se inscrevem os

indivíduos não são máquinas de aprender” (Pêcheux, 2006, p. 54). Desse modo, percebemos que a *hashtag* #EleNão carrega consigo movimentos de aderência e de contradição. De um lado, os sujeitos que se mobilizam e mobilizam os coletivos na luta contra a candidatura de Bolsonaro e, de outro lado, sujeitos que se mobilizam e acionam seus coletivos para defender o candidato.

Partindo desse princípio de afronta e confronto é que trouxemos outros recortes para elucidar esse lugar de disputa pelos sentidos, lugar de antagonismo. No primeiro recorte constam duas imagens, uma ao lado da outra, que trazem uma cena de manifestação realizada nas ruas e que ganhou o espaço das redes. A postagem foi feita na página Mulheres com Bolsonaro no Twitter no dia 01 de outubro de 2018.

Figura 60 – Recorte a partir de imagens que cotejam discursos entre #EleNão e #EleSim



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Para a análise de discurso materialista à qual nos filiamos é a interpelação ideológica que nos permite compreender os processos de identificação que constituem o sujeito do discurso, a partir de sua inscrição no simbólico e na história. Tais processos de identificação se caracterizam como um movimento contraditório de reconhecimento/desconhecimento do sujeito em relação às determinações do inconsciente e da ideologia que o constitui. Conforme define Orlandi (2001), a forma de interpelação ideológica do indivíduo em sujeito do discurso se realiza em dois movimentos simultâneos e igualmente constitutivos:

Em um primeiro momento temos a interpelação do indivíduo em sujeito pela Ideologia. Essa é a forma de assujeitamento que, em qualquer época, mesmo que modulada de maneiras diferentes, é o passo para que o indivíduo, afetado pelo simbólico, na história, seja sujeito, se subjetive. [...] um segundo momento teórico, o estabelecimento (e o deslocamento) do estatuto do sujeito corresponde ao estabelecimento (e o deslocamento) das formas de individualização do sujeito em relação ao Estado [...]. Em um novo movimento em relação aos processos identitários e de subjetivação, é agora o Estado, com suas instituições e as relações materializadas pela formação social que lhe corresponde, que individualiza a forma sujeito histórica, produzindo diferentes efeitos nos processos de identificação, leia-se de individualização do sujeito na produção dos sentidos.[...] Uma vez interpelado pela ideologia em sujeito, em um processo simbólico, o indivíduo, agora enquanto sujeito, determina-se pelo modo como, na história, terá sua forma individualizada concreta (Orlandi, 2001, p.105-107).

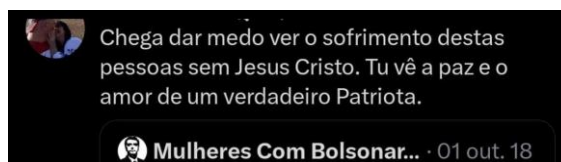
O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia; embora acredite ser dono daquilo que diz, é atravessado pelo simbólico, e é através da história que terá sua forma individualizada. Pela ideologia há a produção de um sujeito crente em sua teórica liberdade, pois a ideologia apaga sua própria existência. É o engodo ideológico que mascara as determinações e contradições às quais estão submetidos os sujeitos, que reduplica sentidos dominantes da nossa formação social.

Voltando à figura 47, importante destacar que esta foi uma postagem feita na página em apoio a Bolsonaro e remete às manifestações ocorridas no período que precedeu as eleições em 2018. Não coincidentemente, do lado direito da postagem temos uma imagem em apoio a Bolsonaro, e do lado esquerdo uma imagem em oposição ao candidato. A imagem de apoio é composta por pessoas trajadas de verde e amarelo, segurando bandeiras do Brasil. À frente, a figura de uma mulher com uma tiara de flores verde e amarela, blusa amarela com detalhe verde nas mangas, o braço direito estendido e, em sua mão, a bandeira presa entre os dedos, com o outro braço, sustenta uma criança, uma menina, também vestida com roupa verde e amarela. A mulher que aparece na postagem apresenta um rosto tranquilo, uso de óculos, os olhos fechados, sugerindo um momento de oração, uma expressão de sorriso suave nos lábios, caracterizando serenidade. Do lado esquerdo da postagem, temos imagem de mulheres durante a manifestação, duas delas em destaque, ambas com parte dos corpos expostos, com adesivos em forma de x nas auréolas dos seios – corpos utilizados como suporte, sustentação de enunciados contra Bolsonaro, em um deles escrito “MULHERES CONTRA BOLSONARO”, e no outro, aparentemente, “EU TE MOSTRO”, que nos leva a pensar num complemento relacionado a respostas aos pronunciamentos feitos por Jair Bolsonaro que foram motivação para as ações de protesto. Uma delas com o braço direito estendido e punho cerrado trazendo à memória as histórias de luta pela liberdade, e ainda uma máscara de gás no rosto sugerindo uma demonstração de estarem prontas para os ataques que

possam tirar-lhes o direito à respiração, à vida. Na outra, pudemos visualizar uma marca na boca em forma de *x* na cor vermelha que pode sugerir um retrato das tentativas de silenciamento das mulheres, numa investida para sucumbir essa voz que decidiu gritar. No cenário, surgem cores diversas que trazem à tona a ideia da diversidade. Nas duas imagens, o braço estendido em forma de luta é destacado. No entanto, ele significa de forma diferente. Como já foi dito, o corpo é discurso, e assim sendo ele significa e é atravessado pela história, pela ideologia e pela memória. No caso das imagens aí colocadas, o mesmo gesto de estender as mãos em forma de luta tem significados diferentes. Para as apoiadoras do movimento *#EleNão* tal gesto retoma a memória histórica da luta contra o machismo, a favor dos direitos das mulheres, a favor da igualdade de direitos, a favor do respeito aos homossexuais e às novas constituições familiares. Do outro lado, o gesto empunhado por uma mulher apoiadora do *#EleSim* significa de forma contrária, como luta pela família tradicional, pelos valores conservadores, contra o movimento feminista, contra a igualdade de direitos e a liberdade feminina. Assim, os gestos simbólicos indicam que o corpo é discurso e que este também está atravessado pela ideologia, marcado pela historicidade, constituído pela memória, indicando sentidos que podem sempre ser outros.

No entanto, considerando que esta foi uma publicação numa página do movimento de apoio a Bolsonaro, os discursos que sustentam o modo de articulação da postagem remetem a questões que propõem um dualismo entre o bem e o mal, em que o bem está para a direita, assim como o mal está para sua oposição. Além disso, reforça-se um discurso conservador e moralista em que a mulher feminina (mãe, bem-vestida, bem-comportada, seguidora da moral e dos bons costumes) deve se inscrever, rechaçando movimentos feministas como a Marcha das Vadias, em que parte das manifestantes vestem roupas consideradas provocantes pela nossa sociedade patriarcal, como forma de deboche e contestação. Destacamos o comentário feito por um sujeito usuário em relação à postagem:

Figura 61 – Recorte da postagem feita por um usuário comum na página oficial Mulheres com Bolsonaro (V)



Fonte: Captura de tela da página Mulheres com Bolsonaro no Twitter.

Percebemos neste comentário a identificação com o discurso relacionado ao patriotismo e à fé religiosa, discursos que ganharam muita força durante a campanha eleitoral em 2018 e durante todo o período de governo de Jair Bolsonaro. O modo de construção do enunciado traz a ideia de dor, medo e sofrimento para as pessoas que se manifestam contra o candidato Jair Messias Bolsonaro como quem se manifesta contra o próprio Jesus Cristo. “*Chega dar medo ver o sofrimento destas pessoas sem Jesus Cristo*”, ou seja, negar a Bolsonaro é negar ao cristianismo, o que silencia o fato de o Brasil ser um país laico. Características como paz e amor são atribuídas a um “verdadeiro patriota”, que tem seu maior exemplo no capitão reformado e na época candidato da direita. Muitas foram as postagens durante o período de eleição e depois dela em defesa do capitão que salvaria o Brasil da corrupção, livraria o país da ideologia de gênero pregada pelo PT, protegeria a família, as mulheres e pessoas de bem, entre outras que produziram efeitos de sentido dominantes, tais como o ódio ao PT e negação do feminismo, e traziam Bolsonaro como o “Mito” que acordou uma nação que estava desacreditada em meio à corrupção e ao sofrimento.

Durante todo o percurso da pesquisa identificamos formas de lutas, de resistência das mulheres aos discursos que aprisionam, controlam, cerceiam seus corpos, sustentados por aparelhos ideológicos que acreditam ditar o que é ser mulher. Dessa forma, compreendemos o discurso feminista como a falha que produz rupturas com o discurso estabilizado que a define sob o olhar patriarcal, promovendo mudanças, ressignificações, capazes de perturbar a memória, produzindo novas redes de sentidos através da resistência e do antagonismo.

A postagem que segue diz respeito a uma publicação feita na página do Twitter em apoio a Bolsonaro, que traz em seu conteúdo duas imagens de artistas. Na parte superior da primeira imagem consta do enunciado escrito em vermelho: “ARTISTAS CONTRA BOLSONARO”; a imagem que acompanha o enunciado diz respeito ao funkeiro conhecido no universo artístico como MC Zaac e à cantora de música pop Anitta. Esta aparece de biquíni, quase deitada de bruços sobre algo que, inicialmente, lembra uma bóia, portanto, estão na água, e a imagem de fundo remete à favela. O MC aparece com uma mão sobre sua nádega e a outra suspensa, como se fizesse da nádega um instrumento musical. A expressão facial de ambos remete à ideia de prazer, satisfação. De modo oposto, temos a imagem da parte inferior da postagem introduzida pelo enunciado em cor verde-água: “ARTISTAS A FAVOR DE BOLSONARO”. A imagem que acompanha o enunciado traz a figura do cantor brasileiro Augusto Lima ao lado de sua esposa e seus dois filhos, um segurado pelo pai e o outro nos braços da mãe. Na imagem em questão são apresentados rostos

suaves, sorridentes, porém com um sorriso contido; essa suavidade é composta por um cenário que remete à sala de uma casa, com móveis claros que se confundem com as roupas brancas usadas pelos pais e uma das crianças que corrobora com a construção de sentido de paz.

Ao tomarmos essa postagem como objeto discursivo, buscamos observar o modo como nela se produzem efeitos de sentidos. Conforme nos adverte Pêcheux ([1969] 1997, p. 79), “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção”. Entendemos que todo processo discursivo, desse modo, pressupõe o funcionamento de formações imaginárias, conceito proposto por Pêcheux ([1969] 1997) para designar as imagens projetadas no discurso dos lugares ocupados pelos sujeitos em suas posições, bem como das imagens a respeito daquilo que dizem. Dito isso, passemos para um gesto de análise da postagem que segue:

Figura 62 – Recorte a partir de imagens que cotejam discursos entre *#EleNão* e *#EleSim*



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Tomando ainda a análise da parte inferior da postagem designada por “ARTISTA A FAVOR DE BOLSONARO”, e partindo do princípio defendido por Pêcheux de que para analisar

um discurso é preciso referi-lo a outros discursos possíveis a partir de suas condições de produção, salientamos que os sentidos produzidos através da postagem em questão parafraseiam os discursos sustentados durante a campanha do governo Bolsonaro e, posteriormente, no seu governo, relacionados às pautas defendidas pela extrema-direita. Temos, então, a defesa da família heteronormativa, branca, definição do lugar que pode/deve ser ocupado pela mulher, já que seu corpo deve atender aos anseios sociais de uma sociedade patriarcal que espera desse corpo o pertencimento ao homem e à reprodução de filhos. O lugar posto para a mulher, nesta postagem, remete a outros dizeres sobre ela que sustentam o que está sendo dito, a exemplo da matéria publicada pela revista *Veja*²¹ em 18 de abril de 2016 sobre a mulher do ex-presidente Michel Temer, intitulada “Marcela Temer: bela, recatada e do lar”, que elucida a representação social de um modelo de mulher que se tenta manter, que define o que ela pode/deve ser: bela, recatada e do lar. Retomando o enunciado, percebe-se o sentido de evidência de que os que são a favor de Bolsonaro, a exemplo do artista representado na postagem, é a favor da família, do bem, da paz e, conforme o verde presente na cor do enunciado, é a favor da pátria, ou seja, é patriota, já que o verde foi usado como símbolo da campanha do candidato.

Importa salientar que o sentido de evidência ou a evidência do sentido é determinado pela ideologia, nas palavras de Pêcheux:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamamos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados (1975 [2009] p. 146, grifos do autor).

Portanto, os sentidos são definidos a partir do modo como são inscritos na ideologia, assim, palavras e enunciados vão significar como evidentes ou absurdos com base nessa inscrição ideológica sob a ilusão da transparência da linguagem.

Seguindo na análise, retomamos a imagem superior da postagem cujo enunciado que a precede é “ARTISTA CONTRA BOLSONARO”. Considerando que esta foi uma postagem feita na página do Twitter declarada a favor de Bolsonaro, há um sentido de evidência que toma o enunciado “CONTRA Bolsonaro”, tudo que se opõe à moral e aos bons costumes de uma sociedade que preza por Deus, pela pátria e pela família.

²¹ Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> > Acesso em: 12 jun. 2024.

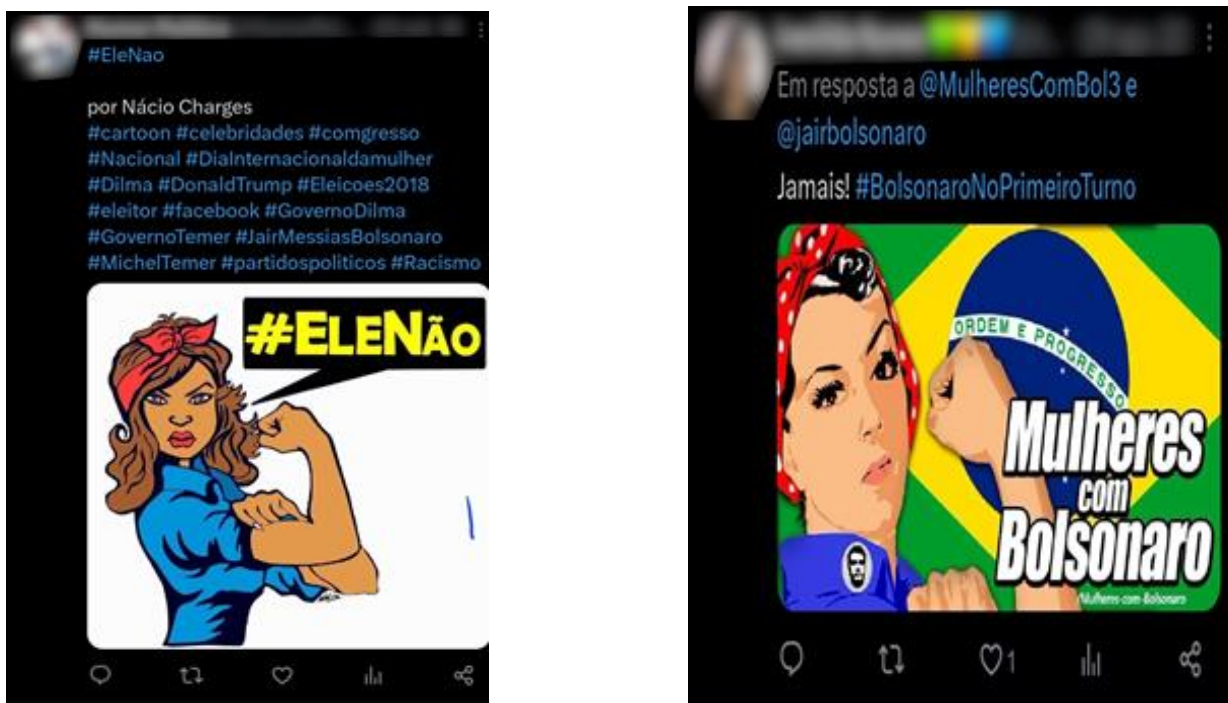
Partindo do pressuposto pecheutiano de que não há como analisar um discurso como se fosse uma sequência fechada em si mesma, pois é preciso considerar as relações com outros discursos, com as condições de produção, realizamos uma pesquisa para compreender a imagem que define “ARTISTAS CONTRA BOLSONARO”. A partir da investigação, encontramos o contexto de onde foi extraída a imagem, congelada em um momento específico, através do clique de uma máquina fotográfica ou do *print* capturado através do computador ou do celular, desde o modo como foi feita esta captura – o ângulo, o *zoom* são elementos que dizem do lugar de quem enuncia, das imagens construídas dos sujeitos do discurso. Vimos, então, que a imagem é um recorte de um clipe que foi gravado no Morro do Vidigal, no Rio de Janeiro, para o lançamento da música intitulada “Vai, malandra”, onde aparecem várias mulheres e homens em traje de banho, pois há um cenário, típico da favela, de tomar sol na laje, com banhos em piscinas de plástico, como a que aparece com a artista em uma boia. Salientamos que não é foco desta pesquisa o debruçar sobre a música ou o clipe em termos de análise, mas sim refletir acerca dos sentidos de evidência propostos a partir de uma tentativa de estabilização desses sentidos. O sentido de evidência dos discursos defendidos pela extrema-direita nesta postagem vai se materializando, sobretudo, a partir da divisão entre o bem e o mal numa construção em que o bem está para os que estão com Bolsonaro – representante do bem –, assim como o mal está para seus opositores. A artista Anitta aparece com um biquíni vermelho, cobrindo, portanto, poucas partes de seu corpo; e, tocando seu corpo, no sentido mesmo de tocar como se faz num instrumento musical, aparece o artista MC Zaac, que o faz ao ritmo da música que não pode ser captada na imagem. É nesse ponto de encontro/desencontro das imagens superior e inferior, contra e a favor de Bolsonaro, que o sentido de ser mulher, de se posicionar vai se delineando. A quem pertence o corpo da mulher que está exposto? É relevante pensar no modo como o corpo feminino é subjetivado, há um efeito de evidência relacionado ao pertencimento do corpo da mulher que se constrói a partir de um ponto nodal entre um corpo destinado à família, pertencente ao marido, e um corpo sem destino, portanto, pertencente a qualquer um – menos à sua própria dona, a mulher. Desse modo, ocorre uma tentativa de cristalização de sentidos ligados a uma memória que silencia o corpo feminino que o reduz às amarras do patriarcado. O artista MC Zaac representa o sujeito favelado, preto, que desaparece quando comparado à representação do sujeito dito de bem, branco e da elite. Por fim, e não menos importante, é preciso elucidar a cor vermelha presente no enunciado que aparece para caracterizar os opositores de Bolsonaro. A cor vermelha está associada à luta em diversos segmentos da

sociedade, como sindicatos, organizações sociais, movimento dos sem-terra, além de significar movimentos de esquerda no âmbito político, portanto, considerada como ameaça para os apoiadores de Bolsonaro. Apesar da tentativa de deslegitimar a luta das mulheres por igualdade de direitos na ocupação de espaços sociais, os recortes analisados trouxeram à tona o ecoar constante da voz dessas mulheres.

A todo instante, vimos, durante as análises, o discurso feminista tomado como esse lugar de fissura que promove a ruptura com os discursos estabilizados que aviltam a figura feminina. Propomos a análise de mais dois recortes que foram postos lado a lado, embora tenham propósitos divergentes em suas postagens. O fizemos no intuito de trazer mais uma vez o lugar antagônico marcado nesse cenário de luta pelos sentidos. Dessa vez, marcamos o lado de cada uma das postagens, definido não aleatoriamente. As duas imagens resgatam a história de Rosalind P. Walter – Rosie, a rebitadora, como ficou conhecida. O detalhamento dessa história foi feito em outra seção desta pesquisa. A análise aqui tomará como direção a imagem de mulher trazida para representar a luta nas duas formas de utilização da postagem.

Considerando que a imagem se tornou ícone do movimento feminista a partir da década de 1970, sugerindo empoderamento feminino e hoje com sentido ligado socialmente à luta do movimento feminista, convoca uma memória – não a que a associa diretamente à imagem da mulher presente no cartaz, mas a memória da luta do movimento feminista, já que essa imagem ficou conhecida mundialmente associada ao feminismo. Passemos, então, à análise das imagens presentes nas figuras 50 e 51.

Figuras 63 e 64 – Recortes a partir de imagens que cotejam discursos entre #EleNão e #EleSim (II)



Fonte: Captura de tela do Twitter.

Na figura 50, localizada à esquerda, a imagem assume características que a diferem da imagem oriunda do cartaz original. Apresenta-se uma imagem de mulher pautada no estereótipo da mulher brasileira, porém, mantém-se a memória ligada ao movimento feminista, apresentando-se como uma atualização a partir da sua introdução no cenário de luta das mulheres em 2018 em oposição a Bolsonaro, uma adesão ao movimento da *hashtag* #EleNão, conforme consta na imagem. O rosto da personagem, em razão de seu posicionamento, mais voltado para a frente, diferente da imagem original que aparece um pouco mais na diagonal, nos permite interpretá-la como alguém com mais disposição para o enfrentamento, sobretudo na luta relacionada ao movimento de mulheres impulsionado pela *hashtag* #EleNão.

Na imagem localizada à direita, figura 51, temos elementos que remetem ao patriotismo, a exemplo da bandeira do Brasil como imagem de fundo. Inicialmente, o uso da imagem de Rosie, que se tornou símbolo do feminismo, carregando a imagem do rosto de Bolsonaro estampada no macacão, nos causou estranhamento, em razão dos pronunciamentos feitos pelo próprio Bolsonaro marcados por discursos filiados a uma formação discursiva machista, patriarcal. Então, cabe uma

indagação: o que faria uma imagem que é símbolo de luta feminista circulando no Twitter numa página cujas postagens e comentários se instituem como antifeministas?

Num gesto de interpretação, poderíamos considerar que a memória retomada não diz respeito à luta feminista, mas ao próprio *slogan* do cartaz original – Nós podemos fazer isso –, que, associado à imagem de Bolsonaro na gola do macacão de Rosie, poderia sugerir efeitos de sentidos relacionados ao poder votar em Bolsonaro, tomá-lo como ídolo, como mito, já que com ele teriam a defesa da pátria, da família, e poderiam “fazer isso”. Poderíamos, ainda, considerar um resgate de um sentido ligado ao cartaz original que não estava vinculado ao feminismo; pelo contrário, supunha um espaço utilizado pelas mulheres, somente em razão da ausência dos homens em sua saída para a guerra, o que significaria o retorno delas para o espaço a elas determinado – o doméstico – quando do retorno deles. Teríamos, então, mulheres em defesa do patriotismo, do sentido dos lugares legítimos para homens e mulheres.

Em se tratando de interpretação consideramos importante destinar uma breve reflexão a respeito desse dispositivo retomando posteriormente as questões relacionadas à memória. Conforme Orlandi (1996, p. 64): “A interpretação é uma injunção. Face a qualquer objeto simbólico, o sujeito se encontra na necessidade de ‘dar’ sentido”. A autora afirma ainda que a identificação do sujeito do discurso é constituída pela interpretação: “A interpretação faz sujeito” (Orlandi, 1996, p.83). Ou seja, o sujeito do discurso está condenado a interpretar. Importante salientar que o sujeito interpreta a partir de lugar social, do modo como é interpelado pela ideologia, afetado pela história, pela língua e pela memória.

A memória discursiva é fruto dessa relação da língua com a história, portanto, afetada pelas falhas que atravessam a língua e as contradições que estruturam a história, o que vai desembocar em seu caráter necessariamente lacunar e equívoco. Importante ressaltar, sobretudo, que a memória é estruturada pelo esquecimento que funciona como numa espécie de constituição vertical que, por sua vez, é ao mesmo tempo presente e ausente. Ausente porque funciona no modo de um não sabido, não reconhecido e que se desloca, e, presente, com seu efeito de retorno, com o já-dito, efeito de pré-construído, produzindo desse modo a estabilidade do discurso.

Ao evocarmos o conceito proposto por Pêcheux de memória discursiva, para estudos da construção do sentido, admitimos, conforme definido pela Análise de Discurso, que os eventos históricos se materializam no discurso por meio de retomadas de elementos pré-construídos: paráfrases, deslocamentos ou desdobramentos do real histórico. A memória “é necessariamente um

espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização [...]. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos” (Pêcheux, 1999, p. 56).

O ideal de mulher proposto no modo como a imagem de Rosie é trazida na página de apoio a Bolsonaro se opõe ao modo como a imagem de Rosie é trazida na página de oposição a Bolsonaro através do movimento da *hashtag* *#EleNão*. Isso porque há uma ruptura produzida pelas discursividades feministas, que buscam desconstruir imagens cristalizadas sobre a mulher a partir do olhar patriarcal e uma tentativa de ressignificação dessas imagens, através do modo de uso do pôster de Rosie com a imagem de Bolsonaro na gola do macacão. Pêcheux afirma que é por meio da relação entre metáfora e metonímia (relação interdiscursiva) que termos existentes em uma formação discursiva migram para outra, produzindo efeitos de sentidos distintos:

Nesta perspectiva, o interdiscurso, longe de ser efeito integrador da discursividade torna-se desde então seu princípio de funcionamento: é porque os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (metaforizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente (Pêcheux, 2012, p.158, grifos do autor).

O que temos, segundo o autor, é a construção e o deslocamento histórico das referências discursivas. Tendo como exemplos os dois tópicos desta seção – Sou mulher feminina *#EleSim*, *#MulheresComBolsonaro* e Sou mulher feminista *#EleNão*, *#MulheresUnidasContraBolsonaro* – percebe-se que há uma relação interdiscursiva (de confronto) entre duas formações discursivas, na qual os termos feminina e feminista produzem efeitos de antagonismo, assumindo o primeiro termo (feminina) o lugar de mulher recatada, do lar, da família, cidadã de bem, conservadora, patriota, e o segundo termo (feminista) como resistência, luta, antagonismo ao poder patriarcal que atravessa a sociedade numa tentativa de continuar a cercear os corpos femininos.

Tomando como efeito de conclusão desta discussão relacionada aos movimentos antagônicos, cabe somente enfatizar que há uma relevância linguístico-discursiva da negação para movimentos de resistência e para a construção de posicionamentos ideológicos que não se alinham a determinadas produções de efeitos de sentido sobre os objetos discursivos, rebelando-se contra a tentativa de petrificação do discurso e contra a vontade de contornar o mundo em limites fixos e não mais submetidos a controvérsias ou a outras vontades de verdade.

Como já trazido nesta pesquisa, mas considerando o caráter urgente e necessário, para Pêcheux (1995, p. 304): “não há dominação sem resistência [...], é preciso ‘ousar se revoltar’ [...] e ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso ‘ousar pensar por si mesmo’”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assumir a conclusão, trazer para a cena as considerações finais quando, durante as seções desta pesquisa, em meio à compreensão da existência de vários caminhos possíveis para pensar o funcionamento discursivo da *hashtag* #EleNão e similares no Twitter, não deixa de caracterizar um momento de pesar, pois esta finalização, esta obrigação de concluir constitui-se no sentido da evidência de que se sabe o que diz.

No entanto, esse efeito de conclusão remete ao abandono do desejo de completude que marca a posição-sujeito pesquisador, que a partir desse lugar ocupado anseia sanar as incompletudes de sua pesquisa, mas que, em contradição a esse desejo, precisa submeter-se à conclusão, à apresentação dos resultados, já que está sujeito ao cumprimento de prazos. Simultaneamente, é tomado pelo desejo, pela necessidade de se liberar, libertar, de um compromisso para assumir outros, ou mesmo se dedicar àquilo que ficou em suspenso para que esse momento de conclusão acontecesse. Partindo de outra perspectiva, concluir significa, de outro modo, considerar que o percurso permitiu a “explicitação da análise para interpretar os resultados de seu processo de compreensão do discurso que analisou” (Orlandi, 2009, p.64); significa ainda, “detectar os momentos de interpretação enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados” (Pêcheux, 2006, p.57).

O primeiro desses momentos de interpretação pautou-se em pensar discursivamente o movimento protagonizado por mulheres, responsável pela movimentação coletiva da *hashtag* política #EleNão durante a campanha eleitoral para presidência da República em 2018, em razão da proporção tomada pelo movimento. No intento de marcar esse funcionamento como efeito de conclusão, defendemos a tese de que a participação dos sujeitos internautas comuns na produção e circulação da *hashtag* política no Twitter produz deslocamento nos modos de funcionamento do discurso político na atualidade que, a nosso ver, foi atestada pelas análises realizadas durante o intervalo analítico que organizou este trabalho, sobretudo porque permitiram visibilizar a tensão que se estabelece entre os discursos produzidos pelos sujeitos usuários comuns (sujeito mulher) e os discursos políticos-midiáticos. Tal tensão é instituída também pela dupla face dos tuítes que contestam o efeito de univocidade reforçado pela mídia tradicional e, no mesmo gesto, apresentando novas tentativas de contenção, sob a ilusão de univocidade.

No segundo episódio de interpretação, tomada por “uma relação de nunca acabar”, a partir da filiação teórica da Análise de Discurso, tomando as reflexões teóricas de base materialista de Michel Pêcheux e o desenvolvimento de suas discussões no contexto brasileiro, pude pensar o objeto de pesquisa, considerado em sua dimensão discursiva, determinando, desde o início, a forma de construção da materialidade e o modo como ela foi construída. Ter como base essa filiação permitiu estabelecer as condições teóricas nos processos de leitura, nos procedimentos analíticos que conduziram a determinados recortes na construção de um arquivo, e, posteriormente, a outros recortes na delimitação do *corpus*, direcionando para a formulação de uma das principais questões que motivaram este trabalho: a de que a produção e circulação dos discursos políticos-midiáticos e dos discursos dos sujeitos mulheres enquanto usuários comuns no Twitter, em um espaço técnico e social como essa rede social, por meio da *hashtag* #EleNão, permitiam a construção de movimentos antagônicos, que por circularem em tal com sua possibilidade de discursivização, produzem deslocamentos significativos no discurso político.

Importante destacar que a pesquisa não se resumiu a uma simples confirmação dessa questão, mas, e acima de tudo, trata-se de compreender como se estabelece a relação entre o sujeito usuário comum, agora também presente nas telas a partir da midiatização de seus discursos, com os discursos de dominação relacionados à representação da mulher na política construída pelo candidato à Presidência, Jair Messias Bolsonaro. Compreender ainda como esta relação que se estabelece promove um discurso de antagonismo e resistência ou de reprodução dos discursos de dominação.

Tendo em vista estas condições e filiações pude apresentar na seção 1 deste trabalho as várias possibilidades promovidas pelos espaços disponibilizados pela internet que trouxeram para o cenário político várias formas de organização de coletivos nesta rede de enunciação, conforme ocorrido com o movimento de mulheres com a *hashtag* #EleNão no Twitter. Esse ativismo digital constituído a partir da relação do sujeito com o social, o ciberfeminismo, promoveu deslocamentos nas ações feministas através do alinhamento de elementos das tecnologias digitais às pautas de manifestações feministas, pois ganharam significativa adesão ao movimento a partir dessa relação com o digital. Segundo Dias (2018), o digital se formula, se constitui através da circulação, do compartilhamento, de comentários, postagens, *hashtags*, ou seja, o discurso digital é formulado na circulação e uso da língua nos diferentes contextos digitais. Apresentamos a noção de *hashtag* a partir de seu caráter técnico e linguístico sem perder de vista a noção de materialidade

discursiva desenvolvida por Pêcheux (2010). Concluindo, assim, que a *hashtag* deve ser compreendida sempre a partir do encontro da técnica e do discurso e, ainda, que ela funciona como elemento de resistência, provocando deslizamento de sentido em relação à ideologia dominante, e também como tomada de posição do sujeito do discurso. Afirmamos sobretudo que a circulação das *hashtags* políticas, especificamente a *#EleNão*, levantada pelo movimento de mulheres, produz deslocamentos no interior de sua relação com outros sujeitos e no modo como estes se relacionam com o discurso político-midiático, (re)organizando assim o jogo de forças político-partidário na sua relação com uma sociedade hipermidiática. Defendemos que a função da *hashtag* ultrapassa o lugar da polêmica, pois esse segmento age como valoroso argumento nos discursos digitais militantes.

Outro movimento que encaminha para efeito de conclusão, realizado na seção 2, permitiu apresentarmos a noção de *hashtag* a partir de seu caráter técnico e linguístico sem perder de vista a noção de materialidade discursiva desenvolvida por Pêcheux (2010). Concluindo, assim, que a *hashtag* deve ser compreendida sempre a partir do encontro da técnica e do discurso e, ainda, que ela funciona como elemento de resistência, provocando deslizamento de sentido em relação à ideologia dominante, e também como tomada de posição do sujeito do discurso.

Trouxemos a interlocução entre o movimento de antagonismo e resistência das mulheres através da *hashtag* *#EleNão* e a II Marcha das Mulheres Indígenas. Nos pautamos nos processos históricos de luta das mulheres em busca da igualdade na ocupação de espaços sociais e políticos para elucidar as diversas formas de enfrentamento das mulheres na luta contra o patriarcado, estabelecendo essa trajetória de luta a partir dos conceitos de memória e atualidade pautados na Análise de Discurso, e assim salientamos as ações de antagonismo que marcaram a trajetória percorrida pelas mulheres que causaram ebulição nas fronteiras relacionadas à forma-sujeito dominante. Alguns gestos de análise realizados nas seções auxiliaram na construção das ideias propostas para cada uma delas. Assim, apresentamos o efeito de evidência para as ideias presentes em cada seção construída.

Foi possível mostrar através do percurso da pesquisa as relações que se estabeleceram entre as redes sociais digitais e o espaço das ruas num movimento circular através de encontros entre perfis e pessoas, entre a rua e as telas. Esse movimento, especialmente o que ocorre através das redes, conforme visto durante toda a trajetória da pesquisa, acionou a participação dos sujeitos comuns para a cena das lutas políticas, antes, para muitos, reduzida ao espaço de discussões

familiares, ou a pequenos grupos. A possibilidade de cada vez mais sujeitos estarem presentes no cenário de disputas políticas por meio das redes sociais, que amplia também a captação de coletivos, promove mudanças no cenário político-midiático, conforme já afirmado nesta pesquisa. O surgimento da *hashtag* #EleSim, as tentativas na construção de um discurso de reparação dos pronunciamentos feitos por Jair Bolsonaro sobre a mulher, promoveram deslocamentos nos modos de funcionamento do discurso político, produzindo um acirramento ainda maior no espaço de disputas pelos sentidos, fiando, sobretudo, relações entre o óbvio e o absurdo a partir dos lugares sociais ocupados pelos sujeitos.

A partir dos gestos de leitura, percebemos que os movimentos sociais ocorridos nas ruas sempre refletiam no espaço das redes sociais, porém, o contrário nem sempre ocorria, já que muitos movimentos sociais ocorriam somente nas redes, o que não significa dizer que uma forma de movimento se sobrepõe a outra.

Discutimos, a partir dos corpos em circulação no espaço digital e das ruas, partindo da compreensão da linguagem e do real da história como elemento de equivocidade, os efeitos de sentido relacionados à ideia de corpo real e corpo digital, tomados, a partir dos fundamentos teóricos da Análise de Discurso, como efeito de um processo metafórico que abre sempre para a possibilidade do deslocamento, que reproduz e ao mesmo tempo transforma os sentidos de corpo biológico.

Foi possível mostrar a partir da relação corpo/sujeito/ linguagem e sociedade como o corpo é significado nas redes, tomando como base o princípio da materialidade do sujeito, sua historicidade, já que esses espaços também fazem circular sentidos. Dialogamos com Orlandi (2012, p. 87) por trazer questões relacionadas ao modo como, em sua materialidade, os corpos são textualizados pelo sujeito e se deslocam se movimentam na sociedade e na história. Assim, trouxemos nas análises várias possibilidades de textualização dos corpos em circulação com formas distintas de significar e ser significado.

Foi possível mostrar que a (re)apropriação do espetáculo político pelos sujeitos usuários comuns, visibilizada a partir do dispositivo analítico, que, ao ser mobilizado no momento das análises, se mostrou como instrumento teórico-analítico produtivo para pensar o político a partir do efeito de antagonismo. Importante ressaltar que Pêcheux, desde os primeiros escritos, já deixava marcas de uma teoria que estava vinculada a uma prática política, ou seja, propunha o discurso como instrumento dessa prática. Assim defende: “o instrumento da prática política é o discurso, ou

mais precisamente, que a prática política tem como função pelo discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social” (Henry, 2014, p.24). Percebe-se, desse modo, uma forte relação entre a teoria proposta por Pêcheux e a política. Assim, rejeita-se a concepção de linguagem que a reduz a instrumento de comunicação, que seria, dentre outras coisas, uma forma de mascarar sua relação com a prática política. Compreendemos, portanto, a política como o confronto entre classes sociais em relação de antagonismo.

Embora a pesquisa tenha se concentrado nos discursos políticos a partir do movimento de mulheres baseado na *hashtag* #EleNão, as análises permitiram falar do Twitter²² de um modo geral, como possibilidade de discursivização dos discursos dos sujeitos usuários comuns. É possível afirmar que o Twitter não se constitui como um simples espaço de circulação de informação, o que seria improdutivo e redutor, considerá-lo como um espaço de produção de desinformação, ou, ainda, tratá-lo como espaço produtor de *zoeira*. Nem tampouco há de se considerar o Twitter como limitado a dar voz a uma multidão de supostos imbecis, pois, de forma oposta, propicia a ascensão de sujeitos que não tinham como fazer ecoar sua voz, estavam limitados, fora dos espaços midiáticos. O Twitter é, antes de tudo, um espaço que possibilita a produção e circulação de discursos de sujeitos usuários comuns heterogêneos, compostos por diferentes campos, ocupantes de diferentes posições e que, a partir da rede, podem ocupar lugar no universo midiático.

Nesse cenário, as análises aqui realizadas permitiram mostrar os deslocamentos que os movimentos dos sujeitos tomados pela *hashtag* política #EleNão produziram a partir dos efeitos de antagonismo, na luta pelos sentidos de ser mulher num cenário político marcado por tentativas de estabilização dos sentidos postos pelo modelo conservador, conforme visto nas declarações feitas por Jair Messias Bolsonaro durante sua trajetória política.

Consideramos nesta pesquisa que as *hashtags* políticas, mesmo que sob a evidência de um espaço democrático que apaga o caráter privado e institucional do ambiente, que apaga o aspecto técnico da estrutura, com os gestos antecipadores de programadores, dos *rankings* e concorrências entre palavras-chave, dos robôs, permitem, até o momento, que os sujeitos usuários comuns participem do cenário político que se constitui como espaço polêmico na relação das posições-sujeito.

²² Importa dizer que, embora a rede hoje ter outro nome, X, desde 24 de junho de 2023, optamos por continuar a utilizar a nomenclatura Twitter, em razão da mudança ter ocorrido quase no final da pesquisa.

A conclusão das reflexões teórico-analíticas que apresentamos é a de que esta pesquisa permitiu afirmar que o Twitter, no contexto das análises empreendidas, mais especificamente no funcionamento discursivo da *hashtag* #EleNão e similares, pode ser compreendido como espaço de conflito quando da relação daqueles que detêm o poder e daqueles que lutam pelo poder. É, assim, espaço de possibilidades de deslocamentos na relação com discursos dominantes. Concluimos que é dessa forma que os sujeitos usuários comuns do Twitter se inserem na prática cotidiana de taggear, tuitar, e seguem amarrando discursos em torno de palavras-chave, que se constituem de forma contraditória, mostrando que os sentidos sempre podem ser outros.

Concluir esta pesquisa, nesses termos, é compreender esse lugar como um espaço que me permite, como nas palavras de Pêcheux, “ousar”, defender que rompe com os universos logicamente estabilizados de discursos políticos dominantes nas atuais conjunturas. Concluimos, ainda, que se isso não impede a manutenção do discurso político dominante, é inegável que o força a se reinventar, se reconstituir para continuar a circular nesses espaços; concomitantemente, os sujeitos usuários comuns vão, igualmente, se (re)construindo em suas novas versões, tecendo, costurando discursos, (re)escrevendo, disputando sentidos e se inscrevendo no cenário de disputa no espaço midiático. #fim.

REFERÊNCIAS

- ADORNO DE OLIVEIRA, G. **Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs**. 2015. 1 recurso online (170 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.
- ALTHUSSER, L. (1962). **Análise crítica da teoria marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- ALTHUSSER, L. **Ideologias e aparelhos ideológicos do Estado**. São Paulo: Editorial Presença, Martins Fontes, 1980.
- BALDINI, L. **Discurso e cinismo**. In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V. Discurso e... Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, 2012, p. 103-112.
- BECK, M.; MARCEL DA S. ESTEVES, P. O sujeito e seus modos - identificação, contraidentificação, desidentificação e superidentificação. **Leitura**, v. 2, n. 50, p. 135-162, 2014. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/1152>. Acesso em: 8 nov. 2021.
- BECK, Mauricio. **Sonhos de um futuro esquecido ou do inferno político brasileiro**. In: GALLI, F. C. S.; BIZIAK, J. S.; ZOPPI-FONTANA, M. G. (Orgs.). O não-sentido como espaço de (re)existências: processos de subjetivação na pandemia. São Paulo: Pedro&João, 2020, p. 341-352.
- BERNARDO, J. **Revolta/Revolução. PassaPalavra**, 2013. Disponível em: <https://passapalavra.info/2013/07/81647/>. Acesso em: 8 nov. 2021.
- BIROLI, F. **Uma mulher foi deposta: sexismo, misoginia e violência política**. In: RUBIM, L.; ARGOLO, F. [Orgs.] O golpe na perspectiva de gênero. Salvador: EDUFBA, 2018.
- BORROSA, J. **Histeria**. Trad. Carlos Mendes Rosa. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Ediouro: Segmento-Duetto, 2005. (Conceitos da Psicanálise v. 17).
- COURTINE, J. J. **O Chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político**. In: INDURKY, F. (Org.). Os múltiplos territórios da análise do discurso. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999.
- COURTINE, J. J. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- COURTINE, J. J. **Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário**. In: PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. (Orgs.). Discurso, semiologia e história. São Carlos: Claraluz, 2011, p. 145-162.
- COURTINE, J-J. **As mutações do olhar: o século XX**. In: CORBIN, A. *et al.* História do Corpo. 3ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

DIAS, C. **Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

FERREIRA, M. C. L. **O corpo enquanto objeto discursivo**. In: PETRI, V.; DIAS, C. *Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013, p. 99-108.

FROSINI, F. A “história integral” desde a perspectiva dos subalternos: contribuição para uma teoria marxista da história. In: **Crítica Marxista**, n. 37, p. 27-46, 2013.

FONSECA, R.; SOBRINHO, F. S. **O impossível de ser esquecido – sujeito do discurso, classes sociais e processos enunciativos**. In: SILVA, A. R.; TUTIKIAN, J. F.; KARIM, T. M.; NUNES, S. R. *Linguagem e cultura: viagem pela literatura, arte e discursos*. Porto Alegre: Instituto de Letras - UFRGS, 2014, pp. 337-357.

GALLO, S. **Autoria: função do sujeito e efeito de discurso**. In: TASSO, I. (Org.). *Estudos do Texto e do Discurso: interfaces entre Língua(gens), Identidade e Memória*. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 205-214.

GALLO, S. M. L.; NECKEL, N.R.M. (2012). **As clivagens subterrâneas /contemporâneas da rede e o efeito Narciso**. In: GALLO, S.M. L.; NECKEL, N. M. e FLORES, G. B. (Org.) *Discurso, ciência e cultura: conhecimento em rede*, vol. 1, Palhoça: Ed. da Unisul,2012 p. 11-24.

GALLO, S.; SILVEIRA, J. da. Forma-discurso de escritorialidade: processos de normatização e legitimação. In: GALLO, S.; NECKEL, N. R. M.; FLORES, G. B. **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia**. 194. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017, v.3, p. 171-171.

GRIGOLETTO, E. (2011). **O discurso nos ambientes virtuais de aprendizagem: entre a interação e a interlocução**. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SCHONS, C.R. (Orgs.) *Discursos em rede: práticas de (re) produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, p. 47-78.

GRIGOLETTO, E. **Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito**. In: *Seminário de Estudos em Análise do Discurso. 2. 2005*, Porto Alegre. Anais eletrônicos. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigoletto .pdf](http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigoletto.pdf). Acesso em: 29 ago. 2021.

GUILHAMOU, J. **Linguística e História: percursos analíticos de acontecimentos discursivos**. Trad. Roberto Leiser Baronas. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da Análise Automática do Discurso de Michael Pêcheux (1969). In GADET, F.; HAK., T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução Bethania S. Mariane – 5ª ed. – Campinas, SP, Editora da Unicamp,2014.

INDURSKY, F. **O entrelaçamento entre o político, o jurídico e a ética no discurso do/sobre o MST**: uma questão de lugar-fronteira. Revista da ANPOLL, n.12, p.111-131, Humanitas, São Paulo, jan/jun, 2002.

INDURSKY, F. **A memória na cena do discurso**. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.) Memória e história na/da análise do discurso. Campinas, Mercado de Letras, 2011.

KARNAL, Leandro. **O medo à liberdade e a servidão voluntária**. Café Filosófico, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zR8QzE_goCs&t=1s Acesso em: 8 nov. 2021.

LEONEL, L. **O corpo encarnado**. In: Entremeios. Univás, jul. n.1. Pouso Alegre.

MALDIDER, D. **A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux hoje**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MENICUCCI, E. **O golpe e as perdas de direitos para as mulheres**. In: RUBIM, L.; ARGOLO, F. [Orgs.] O golpe na perspectiva de gênero. Salvador: EDUFBA, 2018.

MOURA, M.; CORBELLINI, J. **A eleição disruptiva: por que Bolsonaro venceu**. São Paulo: Record, 2019.

NUNES, S. R. **A geometrização do dizer no discurso do infográfico**. 2012. 190 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos da Linguagem, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.

ORLANDI, E. P. (Org.). **Análise de discurso: Michel Pêcheux**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.

ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2015.

ORLANDI, E. P. **Discurso em Análise. Sujeito, sentido, ideologia**. 2ª Edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, E. P. (org.) **Discurso e políticas públicas urbanas: a fabricação do consenso**. Campinas, Editora RG, 2010.

ORLANDI, E.P. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2008.

ORLANDI, E. P. **Do sujeito na história e no simbólico**. In: ORLANDI, E. **Discurso e texto. Formulação e circulação dos sentidos**. 1ª. ed. Campinas: Editora Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura, efeitos do trabalho simbólico**. 1ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

PAVEAU, M. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. (Org.) Julia Lourenço Costa/Roberto Leiser Baronas. 1 ed. Campinas -SP: Pontes Editores, 2021.

PÊCHEUX, M. **Análise Automática do Discurso (AAD-69)**. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethania Mariani *et al.* 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1969] 1997. p. 61-161

PÊCHEUX, M. “**Análise de discurso e informática**”, In: PÊCHEUX, M. **Análise de discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Pulcinelli Orlandi**. 2 ed. Campinas: Pontes, [1982] 2011, p. 275-282.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cad. Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 19, p. 6-24, jun.-dez. 1990a [1982a].

PÊCHEUX, M. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. 2 ed. Campinas: Pontes, [1983b] 1997.

PÊCHEUX, M. **O Discurso: Estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, [1983] 2006.

PÊCHEUX, M. **O estranho espelho da Análise do Discurso**. In: COURTINE, J. J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009. p.21-26. (Original de 1981).

PÊCHEUX, M. **Leitura e memória: projeto de pesquisa**. In: **Análise de discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni P. Orlandi**. 2 ed. Campinas: Pontes Editores, [1990] 2011, p. 141-161.

PÊCHEUX, M. (1977) **As Massas Populares são um Objeto Inanimado?** Trad. Suzy Lagazzi. In: Orlandi, E. (org.) **Análise de Discurso – Michel Pêcheux**. Campinas: Pontes, pp. 251-273, 2011.

PÊCHEUX, M. [1984]. **Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes**. *Décalages*, v. 1, n. 4, p. 1-22. 2013.

PÊCHEUX, M. **Papel da memória**. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, [1983a] 1999, p. 49-57.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et al.*. 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995 [1988].

PELÚCIO, L. **O amor em tempo de aplicativos: notas afetivas e metodológicas sobre pesquisas com mídias digitais**. In: PELÚCIO, L.; PAIT, H.; SABATINE, T. **No emaranhado da rede: gênero, sexualidade e mídia; desafios teóricos e metodológicos do presente**. São Paulo: Annablume, 2015.

PINHEIRO MACHADO, R.; FREIXO, A. **Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização**. São Paulo: Editora Oficina, 2019.

RANCIÈRE, J. **O desentendimento: política e filosofia**. Trad. Angela Leite Lopes. São Paulo: 34, 1996.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SAFATLE, V. **Cinismo e a falência da crítica**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

SBARAI, Rafael. “Hashtag é a fogueira da era digital”, diz executivo do Twitter. **Veja.com: Vida Digital**. São Paulo, 10 maio 2013. p. 1-1. Disponível em: [“Hashtag é a fogueira da era digital”, diz executivo do Twitter | VEJA \(abril.com.br\)](#). Acesso em: dez. 2019.

SILVEIRA, J. (2020). Hashtags e trending topics: a luta pelo(s) sentido(s) nos espaços enunciativos informatizado. **InterLetras**. v. 8, n. 31, abril/setembro 2020 – p. 01-17.

SOUZA, J.; AVELINO, R.; SILVEIRA, S. A. da (Org.). **A sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes digitais**. São Paulo: Hedra, 2018.

ZOPPI-FONTANA, M. G. **O acontecimento do discurso na contingência da História**. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C.; MITTMANN, S. (Orgs.) O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009. pp. 133-144.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Lugares de enunciação e discurso. **Revista Leitura**. Maceió, AL, nº 23, p. 15-24, 1999.

ZOPPI-FONTANA, M. G. “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. **Conexão Letras**. Porto Alegre, RS, v. 12, n. 18, p. 63 - 71, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/79457>. Acesso em: 27 jul. 2020.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Discurso, Gênero e Resistência: processos de subjetivação contemporâneo. **Revista Leitura**, Maceió, AL Nº. 69, p. 3-11, 2021.

ZUBOFF, S. **Big Other: Capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação**. In: BRUNO, F. *et al.* Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem. Trad. Heloísa Cardoso Mourão. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.